



Memórias à Beira- Mar

José Américo Paiva Moreira

Memórias à Beira-Mar

José Américo Paiva Moreira

Table of Contents

1	Chegada à casa de praia	4
	A saudade da avó de Sarah	6
	Chegada à cidade costeira	7
	A descoberta da casa vizinha em reforma	9
	Memórias na casa de praia	11
	Caminhando pela praia	13
	Primeiras interações com os moradores locais	16
	Recordações nostálgicas dos verões passados com a avó	17
	Entrando na casa de praia e se reconectando com suas memórias	19
	Enfrentando a solidão e o silêncio da casa de praia	21
	O inesperado encontro com Ethan	23
2	Primeiro encontro de Sarah e Ethan	26
	O inesperado encontro na praia	28
	A curiosidade de Sarah e Ethan um pelo outro	30
	Encarando a vizinhança - as visitas de Ethan à loja de Joaquim Pereira	32
	Uma agradável coincidência: a casa de Ethan estava ligada ao passado de Sarah	34
	A primeira conversa sobre os respectivos passados	36
	A conexão através da reconstrução	38
	O oferecimento inesperado de ajuda à reforma	40
	A amizade crescente e as histórias compartilhadas	42
	O significado dos objetos encontrados nas casas	43
	O primeiro passeio juntos pela costa	46
3	A amizade inesperada	48
	Primeira aproximação entre Sarah e Ethan	50
	Conversas casuais durante os encontros na praia	51
	Ethan oferece ajuda a Sarah com reparos na casa de sua avó	53
	As coincidências que fortalecem a conexão entre os dois	55
	Noites agradáveis compartilhando histórias e risadas	57
	Apoio mútuo em momentos de tristeza e angústia	59

A inegável química entre Sarah e Ethan	60
Descobrimos interesses e hobbies em comum	62
A amizade se solidifica, criando a base para um vínculo mais profundo	64
4 Compartilhando memórias dolorosas	67
Aproximação Inicial	69
Primeira troca de histórias	70
A perda de Sarah	72
O passado traumático de Ethan	74
Lidando com a dor	76
A importância da empatia	78
Encontrando conforto um no outro	80
Desabafos e confissões	82
Lidando com a culpa e o arrependimento	84
Aprendendo com o passado	85
Compartilhando esperanças e sonhos	88
A força do perdão e da compreensão	90
5 Descobrimos sentimentos em comum	92
Primeira conversa mais profunda	94
Descobrimos histórias familiares	96
Lembrando episódios de infância	98
Revelando momentos difíceis	101
Confrontando medos e inseguranças	102
Percebendo similaridades	104
Conectando - se através de gostos e interesses	106
Confortando - se nas tristezas compartilhadas	107
Fortalecendo a amizade através da empatia	109
Aceitando as coincidências surpreendentes	111
Valores e sonhos em comum	113
6 Tentativas de superação	115
Desafios do passado	116
Encontrando força na amizade	118
Buscando apoio na comunidade costeira	120
Lidando com emoções inesperadas	122
Aprendendo a perdoar a si mesmos	124
Novas atividades para aliviar a dor	125
Sarah e Ethan encaram suas inseguranças	127
Pequenas vitórias na busca pela cura	129
7 Explorando a beleza da costa	132
A primeira caminhada juntos na praia	134
Descoberta das falésias e do farol	136
Coleção de conchas e criação de memórias	137
Apreciando o pôr do sol e o magnetismo do mar	139

Observação de golfinhos e baleias	140
Passeios de barco e exploração de ilhas próximas	142
Piqueniques e pescaria na praia	144
Natação e mergulho em águas cristalinas	146
Noites estreladas e conversas sob a luz do luar	148
Lições aprendidas com a natureza e o ambiente costeiro	149
A cura encontrada na beleza e na tranquilidade da costa	151
8 Conforto e cura mútua	154
Descoberta do apoio emocional um no outro	155
Atividades conjuntas para a cura e a conexão emocional	157
Conversas mais profundas sobre traumas passados e enfrentamento	160
Ajudando um ao outro a lidar com as emoções e a solidão	161
O papel da natureza e do ambiente costeiro na cura de ambos	162
Criando momentos únicos e especiais juntos	164
O sentimento crescente de segurança e confiança ao compartilhar a jornada de recuperação	167
9 O início do romance	170
Um novo encontro na praia	172
Compreensão dos sentimentos que surgem	174
Aproximação emocional	175
O primeiro beijo	177
Jantar romântico à luz das estrelas	179
Conversas mais íntimas e esperanças compartilhadas	181
Um passeio de barco pela costa	183
Bailando juntos na praça da cidade	184
Emma, a irmã de Sarah, incentivando o relacionamento	186
Demonstração de confiança e apoio mútuo	188
Abertura para um futuro juntos	189
10 Enfrentando o passado juntos	191
A lembrança de um passado doloroso	193
Confrontando a dor da perda	194
Os fantasmas de Ethan	196
Revelações inesperadas	198
Retomando histórias antigas	199
Percepções de Sarah sobre a dor de Ethan	201
Um ombro amigo para a cura emocional	203
As memórias de Isabela Costa como guia	204
Superando medos e inseguranças	206
Aprender com os erros e as experiências	208
Caminhos cruzados: o início de uma nova vida juntos	210

11 Praticando perdão e aceitação	212
Revelações sobre o passado	214
Enfrentando a dor juntos	216
Aprendendo a perdoar a si mesmos	218
Aceitando o passado e acolhendo o presente	220
Uma conversa com Isabela	222
Praticando a empatia	224
O poder da compreensão	227
Fortalecimento do relacionamento de Sarah e Ethan	228
Novas promessas e compromissos	230
Um passado reconciliado	232
Um momento de paz e união	234
12 Um futuro possível	237
Um passeio pelo farol	239
Revelações sobre o futuro de Sarah	241
Decisões de Ethan quanto ao seu projeto e vida pessoal	243
Conversa profunda sobre as escolhas de Sarah na praça	245
Uma visita à loja de Joaquim	247
Continuação da conversa na praia	248
Aceitação das incertezas e medos sobre o futuro	250
Visualizando uma vida juntos	252
O compromisso de enfrentar o futuro lado a lado	254
13 Abraçando a mudança	256
O despertar para a importância da mudança	258
Aceitação do passado e foco no presente	260
Integrando lições aprendidas em suas vidas	261
Reconstrução de suas rotinas após o verão	264
Sarah e Ethan tomando decisões juntos	266
Fortalecendo laços com a comunidade local	267
Os personagens lidando com suas emoções de forma saudável	269
Sarah e Ethan enfrentando desafios juntos	271
As transformações em suas casas refletindo mudanças internas	273
Flexibilidade frente às incertezas da vida	274
Fechando o verão com uma celebração da mudança e amadurecimento	276
14 Amor e redenção à beira - mar	279
Retorno ao farol	281
Compartilhando as conquistas da jornada de cura	283
Declaração de amor entre Sarah e Ethan	284
A celebração de uma nova vida na praça central	286
Homenagem à avó Isabela	288
Descobrimdo a história do farol reconstruído	290
Compromisso com a superação e o perdão	292

A proposta de construir um futuro juntos	294
O por do sol simbolizando o renascimento e a redenção	296

Chapter 1

Chegada à casa de praia

A luz da manhã refratou-se nas janelas embaçadas do carro de Sarah assim que ela adentrou a pequena cidade que costumava chamar de lar. Era o lugar da sua avó, da sua infância, um lugar de memórias e desejos, e de uma saudade jamais revivida. Lá fora, o mar e o céu se fundiam em um azul prateado, e as palmeiras balançavam ao vento, como se estivessem cantando uma música antiga, preguiçosa e terna. Enquanto dirigia pelas ruas sonolentas, Sarah não conseguia evitar a frustração pela indiferença daquele lugar para com a sua dor.

Ao estacionar em frente à casa de praia, a melodia dos pássaros saudou seu retorno, o vento soprando o cabelo em seu rosto. Sarah soltou um suspiro, fechando os olhos por um momento antes de sair do carro e enfrentar o abandono arrebatador da casa da avó.

A casa parecia como se estivesse segurando a respiração, esperando o retorno de Sarah. O jardim estava tomado pelo mato e as portas e janelas fechadas haviam acumulado poeira e teias de aranha, um testemunho silencioso do tempo que se passara desde que ela estivera ali pela última vez.

Hesitante, Sarah caminhou em direção à porta da entrada, arrastando sua mala atrás de si. Seu coração martelava contra sua caixa torácica, causando-lhe um desconforto quase insuportável. Ela sabia que cruzar o limiar daquela casa seria enfrentar tudo que deixara para trás com a morte da avó. Com os olhos mareados, ela pegou a chave de bronze com a concha desgastada, a chave que Isabela escondia no vaso de margaridas, e a inseriu na fechadura. A porta rangeu, protestando contra o movimento e a oxidação

da chave.

Logo que entrou na casa, sentiu o cheiro da avó impregnado nas paredes, nos móveis, em cada canto. Uma mistura de salitre do mar, musgo e orquídeas selvagens. O coração de Sarah apertou-se ainda mais.

”Ela não está mais aqui, e nunca mais estará”, pensou Sarah, enquanto um soluço a interrompeu.

No entanto, a casa continuava silenciosa, talvez em respeito à sua dor. Sarah sentia que a presença da avó Isabela ainda a acompanhava, como um fantasma reconfortante, sussurrando palavras de amor nos cantos de cada cômodo e nas batidas suaves do relógio de parede.

Após um tempo que pareceu uma eternidade, Sarah começou a se mover, desempacotando suas roupas e objetos pessoais, tentando incutir em si mesma um senso de propósito. Enquanto acomodava suas roupas no guarda-roupa antigo, ela encontrou o vestido favorito de Isabela, um vestido de linho azul claro com florzinhas brancas bordadas.

”Ah, avó”, ela sussurrou, enquanto segurava o tecido um pouco desbotado junto ao peito. ”Eu vim aqui tentar me reconectar com você, tentar preencher esse vazio que você deixou Mas não sei por onde começar.”

A resposta veio na forma de um rascunho suave que entrou pela janela aberta, acariciando o rosto de Sarah e tremulando o vestido em suas mãos. Ela sentiu a presença da avó mais uma vez, e uma sensação de paz a inundou brevemente.

Mas ao mesmo tempo, ouviu o som de marteladas vindas da casa ao lado - um som irritante que lhe tirou daquele momento de introspecção. Sarah olhou pela janela e viu um homem trabalhando na reforma da casa vizinha, a casa na qual Isabela contara diversas histórias.

Com relutância e inquietação, Sarah sabia que era hora de deixar a casa da avó por instantes e explorar aquela linda e amarga cidade costeira. Era hora de enfrentar o passado, permitindo-se, de alguma maneira, abraçar o presente e dar o primeiro passo rumo à cura. Um detalhe, no entanto, lhe chamou a atenção: quem seria aquele homem na casa reformada, e o que o destino cruzado tinha planejado para esses dois corações rancorosos e doloridos à beira-mar?

A saudade da avó de Sarah

O sol descia pelo horizonte e trazia consigo uma melancolia morna, tingindo as nuvens de um laranja calmo enquanto Sarah encarava o mar. As ondas lambeavam doce e maciamente a costa, criando um som que lembrava o arfar de Isabela nos últimos momentos de sua vida. Ela observava o mar para tentar vislumbrar, talvez, um pouco da sabedoria da avó. Em vez disso, tudo o que encontrou foi a saudade que o permeava; a saudade que se espalhava pelos cantos da casa, pelo teto, pelas paredes, pelos móveis, como as digitais da sua avó Isabela.

Ela caminhou até o penhasco onde sabia que o farol ali perto deixaria seu feixe de luz cruzar o céu já escurecido. O vento sacudia seus cachos escuros contra o rosto, enquanto suas roupas tinham vida própria e dançavam ao ritmo invisível do vento. Naquele momento, ela sentiu que estava sendo embalada pelas mãos de sua avó mais uma vez, como quando era criança e encontrava refúgio em seus abraços após os pesadelos noturnos.

As lágrimas brotaram de seus olhos e correram, um riacho incessante, seguindo a curva da bochecha e encontrando o refúgio do lábio inferior. Seu choro era seu; um choro livre do peso da saudade, mas amarrado à dor excruciante de uma ausência que gritava em silêncio. O vento parecia sussurrar sua dor, açoitando-a com suavidade e extraíndo dela as lágrimas que teimavam em cair.

”Avó, como pudeste deixar - me, sem um aviso, sem uma despedida? Será que o mar vos levou? O mar que tanto amastes e respeitastes”, refletia Sarah, entre soluços.

Na caminhada de volta à casa, as sombras do penhasco e das árvores que balançavam ao vento pareciam confabular, articulando uma resposta que sua mente enlutada não conseguia discernir. Uma voz soprava em seus ouvidos, as palavras de Isabela impregnadas de ternura e amor.

”Minha menina, o mar me levou, sim. Mas não antes de eu preparar - te. Sempre deixei - te com os meus conselhos, minhas histórias, minha memória. Aprendeste comigo, agora é teu momento de ser minha voz. Eu continuo viva em ti; em teus pensamentos, em tua essência. Não é preciso segurar minha mão, pois ela está gravada em teu peito. A saudade é amor que não se cansa de ficar. Guarda - me em tua saudade, assim estarei contigo sempre. Dá voz ao que escutaste, ao que me leste, ao que aprendeste. O mar me

levou, mas o mar reconhece tua dor e a compreende. É um consolo que não pode ser roubado, pois suas ondas carregam resiliência e a força persistente do amor.”

Sarah suspirou mais uma vez, sentindo o peito se acalmar, a dor amenizando - se lentamente. As palavras pareciam tão verdadeiras, tão autênticas, que ela se permitiu acreditar que Isabela vivia em sua saudade e seria sua guia mesmo após a morte. Naquele instante, prometeu honrar a memória da avó e seu legado, permitindo que a saudade perene daquela mulher incrível que fora Isabela colorisse seus pensamentos e guiasse suas ações, agindo como um bálsamo e um constante lembrete do valor inestimável do amor que compartilharam.

Porém, seu coração ainda estava fragilizado e aflito como um pássaro batendo as asas desesperadamente contra as barras da gaiola. Ethan ainda não fazia parte dessa história, mas sentia, em sua alma em preto e branco, que Sarah trazia em si a esperança de cores pertinentes e vivas. Sarah enfrentaria as sombras do passado, no entanto, as palavras de Isabela se tornariam um farol, oferecendo sabedoria e suporte emocional na reconexão com o seu presente e a redescoberta de si mesma.

”A saudade, minha menina, é tudo o que nos une ao que, de perto e de longe, está sempre ligado a nós”, ecoava em sua mente, lembrando o poema preferido de Isabela. Sarah sorriu enquanto olhava para o caminho à frente, agora iluminado pela lua cheia e seu feixe de luz brilhante, sabendo que, no fim, a saudade da avó lhe ensinaria a amar a vida e a si mesma novamente.

Chegada à cidade costeira

A luz da tarde tinha um efeito metálico na costa ao capturar a brisa. Com cada nova brilhantina da água, as ondas arrastavam para o céu e de volta para a terra seus reflexos trêmulos. Sarah olhou para aquela estranha dança da luz enquanto dirigia, sentindo - se aos poucos projetada para dentro de um passado que julgava ter deixado definitivamente para trás. Ela mal podia acreditar que estava de volta àquela cidade: ”tão larga, tão vasta, algarvia paris”, como sua avó Isabela recitava jocosamente, nos tempos de sua infância e adolescência. Tão larga, tão vasta, e agora tão morta. Era um retorno inevitável e negligente, como o recair do sujeito à doença crônica que o consome aos poucos.

As casas se avizinham à sua direita, exuberantemente encravadas na costa com cores que contrastavam com a paisagem marítima. Cada uma confrontava o mar como visões edênicas de ternura e saudade, e cada uma parecia guardar secretamente a memória dos que ali viveram andares de lembranças, flores crescidas a partir de sementes secas e externas. Sarah sentiu um aperto no peito quando a filha de Joaquim, Helena, entrou em sua linha de visão.

Helena era uma mulher amável, com uma voz serena e cautelosa que cortava seus sons como uma elegante faca de prata. Sarah a viu na porta do mercadinho, seu sorriso e seus olhos castanhos levemente tristes. Ela não poderia dizer se a mulher que os donos do mercadinho chamavam de filha se lembraria dela, mas sentiu uma urgência inesperada por essa conexão. Helena tinha sido muito importante para ela antigamente, e mesmo a lembrança de dona Esther no balcão do mercado, com seu amável sorriso maternal, fazia com que o coração de Sarah amolecesse.

O som metálico de panelas ecoava pela tarde, e dos arbustos à frente, ondulava o aroma de café fresco para os lábios adocicados de mulher. Seus olhos estavam tristes e cansados, mas sua face brilhava como a luz prateada que filtrava sobre os telhados de cerâmica. "Vidros côncavos e convexos pelo caminho, olhos sorridentes e sorrisos oblíquos compartilhados sobre a descrição mal dissimulada. Deixe o inerte passado enterrar-se em suas camadas sedimentadas de lembrança, mas não permita que o solo atole o progresso", pensou Sarah, olhando para Helena e sua mãe trocando olhares à distância.

Sarah estacionou o carro do lado de fora da modesta casa de praia de sua avó e ficou ali por um momento, coração na garganta e olhos fixos no pó acumulado no vidro. As casas adjacentes pareciam querer se aproximar, em uma tentativa de oferecer conforto a uma estrutura que sobrevivera à alma animada de sua proprietária.

Finalmente, após algum tempo, Sarah saiu do carro, fechando a porta atrás de si e ouvindo o som viajar silenciosamente pelo espaço vazio entre as casas. Ela andou em direção à entrada da casa, mas hesitou em entrar. Era como se, ao fazê-lo, ela finalmente admitisse a ausência de sua avó, fechasse sobre si a porta do passado e abrisse a janela para um mundo onde o amor e a ternura de Isabela eram memórias fantasmagóricas.

Isso a levou de volta para a realidade atual na cidade costeira, que

parecia adormecida nos últimos raios de sol da tarde. Ela olhou levemente para onde as casas se estendiam e se erguiam: sólidas, mas descoloridas, presentes, mas de alguma forma ausentes. Um vento suave acariciava-lhe o rosto, como se a presença de Isabela pudesse tocá-la uma última vez.

Em frente à casa de Sarah, havia outra construção em pedra esbranquiçada, semelhante às demais daquela cidade de sonhos estilhaçados. Seria lá um lugar onde corações partidos pudessem ser consertados pelos dedos habilidosos da saudade e do tempo que lentamente os cicatriza? Era onde o coração aflito de um homem chamado Ethan, tão solitário quanto o seu próprio, batia em tempos calados de dor e redenção.

Sarah sabia que tinha de encarar esse lugar e tudo que representava, de alguma forma, abraçar a vida que parecia deslizar por entre os dedos como a areia que esfarela ao vento. Assim como Helena e dona Esther, ela também tinha uma dívida com essa cidade que havia contribuído com o crescimento do amor e formulação de memórias. Era hora de voltar à cidade e embarcar no árduo caminho para a renovação e a cura. Sarah olhou para todos os cantos da cidade gasto pelo tempo enquanto a tarde mergulhava lentamente no crepúsculo. Lá estava o mar infinito de memórias, espectros, e sonhos intangíveis.

A descoberta da casa vizinha em reforma

Palavras como confetes estrangeiramente arrancadas de lábios cansados dominavam a atmosfera parada, preenchendo os vazios e silêncios que se alojavam no coração de Sarah. As pessoas iam e viam como ondas na maré do tempo, levando consigo yo-yos, bicicletas, romances e copos de vidro rachado. A cidade costeira parecia palpitar com o silêncio dos seus habitantes, coletando os pensamentos e as memórias daqueles que tinham partido, deixando apenas o mar - como um antigo sonhador - a contemplar uma cena de sonambulismo humano.

Sarah levava seu olhar fatigado e triste de uma extremidade a outra da cidade, como se estivesse procurando por algo ou alguém que pudesse lhe proporcionar, talvez, algum remédio de cura e consolo - para a enfermidade pungente que se alastrava como uma praga em seu coração desde que perdera a avó. Porém, nada do que ela via conseguia aplacar essa ânsia crescente. A vida ali tinha - se tornado opaca, como uma aquarela desbotada pelos

séculos e pelas gentis mãos do tempo.

Ela caminhava vagarosamente pelas ruas sinuosas da cidade como uma partícula dispersa ao sabor do vento, sentindo-se esvaír em vida à medida que enveredava pelas tortuosas vielas. Contudo, foi num desses caminhos tortuosos e galerias de memórias - que ela desejaria transpor e criar ao mesmo tempo - que lhe chamou a atenção o rebuliço, ora distante, ora próximo, de uma casa em reforma.

De fato, a casa não chamaria a atenção por sua arquitetura ou ornamentação, mas sim pelos sons que reverberavam de seu interior; o cantarolar do martelo, o atropelar das tábuas, e o ladrar de cães que antecipavam os intrusos - ruidosos elementos que ali pareciam tão indispensáveis quanto o próprio ar. Os ecos do trabalho se chocaram nas paredes vizinhas, assentadas no passado com o mesmo desespero das lágrimas de Sarah.

Curiosa, ela se aproximou da casa e, ao espiar cautelosamente pela fresta aberta da porta entreaberta, conseguiu vislumbrar a figura de um homem alto e magro, balançando-se sobre uma precária escada de madeira. Ethan não tinha sequer notado a presença de Sarah. Afinal, estava ele trabalhando com determinação em uma viga exposta, tentando consertar o que estava quebrado e criar algo novo e belo a partir dos restos em ruínas.

A descoberta dessa casa vizinha em reforma intrigou Sarah e deu a ela uma rara razão para sorrir. Aquele homem, Ethan, parecia debater-se com esforços titânicos para transformar os vestígios do passado em cacos do novo - para fabricar o presente com os restos do destruído e do esquecido.

Havia algo profundamente marcante no modo como Ethan se entregava ao trabalho. Ele trabalhava com um desespero quase cego, como se soubesse que o curso de sua vida dependia do êxito naquele ato de resgatar a edificação das garras destruidoras do tempo e da morte. As expressões cruas de frustração e esperança, gravadas no rosto de Ethan, revelavam uma saga que Sarah desejava desvendar e compartilhar.

Embora estranhamente curiosa, Sarah decidiu dar as costas à casa em reforma e desaparecer na bruma da cidade, que, a cada passo, parecia absorver suas próprias esperanças em gotas suadas de névoa.

Naquele momento, Sarah não sabia que a história que estava prestes a se descortinar à sua frente seria a mais emocionante e intensa de toda a sua existência. Ela estava prestes a ser conduzida a um mergulho no abismo de uma emocionalidade que jamais havia experimentado, navegando por

mares turbulentos de conflitos, agonias e tormentas, com a penumbra do desconhecido constantemente rondando - a e a esperança tremeluzente do amor e da reconciliação como um fogo - fátuo a chamá - la.

A descoberta da casa em reforma marcou o começo de uma jornada de autoconhecimento e redenção para Sarah e, talvez, também para Ethan. Naquele momento, Sarah também desconhecia o fato de que aquela casa reformada e o homem que nela trabalhava haveriam de ser a chave para a cura de suas feridas emocionais mais profundas, libertando - a das correntes e das amarras do passado sufocante que a aprisionavam. E, em tudo isso, o fantasma de Isabela - sua avó falecida - haveria de permanecer como a sombra misteriosa e eterna que lhe guiava pelos caminhos inacessíveis de memórias e anseios, prontos a serem desvendados e vivenciados em toda a sua plenitude+.

No entanto, estas descobertas ainda estavam distantes, perdidas no horizonte. Por ora, Sarah buscou um conforto passageiro nas asas do vento crepuscular, aquele vento que também lhe trazia de volta um sussurro do seu mundo perdido, envolvendo - a em uma teia de emoções de uma época que já não era mais sua, mas que ainda lhe provocava a mais intensa e profunda das saudades. E, no fundo do seu coração, ela sabia que ainda precisava enfrentar o furacão que a aguardava em sua alma, encarando desafios, intranquilidades e paixões que estavam prestes a desabrochar em seus manhãs esquecidos.

Memórias na casa de praia

Capítulo 4: Memórias na Casa de Praia

Tão logo atravessou a soleira da porta da casa de sua querida avó Isabela, Sarah sentiu uma inundação de memórias - doces e pungentes - preenchendo cada poeirento cômodo daquela residência que permanecia suspensa entre o passado e o presente. Com cada passo hesitante, a imagem da avó ganhava nitidez nas paredes que continham os raios solares do entardecer e o cheiro do sal que invadia pelas janelas. No reflexo do espelho pendurado na sala, avistou o fantasma efêmero de Isabela - seu sorriso enrugado e olhos profundos e amorosos - sentada na poltrona de vime, abraçando - a no colo e sussurrando histórias sobre o mar e as estrelas.

Pisando sobre tábuas rangentes, Sarah caminhou lentamente pelos

aposentos, arrastando os dedos pelas superfícies ásperas das quinquilharias e fotografias, e sentindo o coração chorar saudade, onde as lembranças firmadas no encaicho do tempo ferviam em dor debaixo da pele.

O riso cristalino de Isabela parecia ecoar pelas paredes, agora manchadas por bolhas de umidade e poeira. As ondas do mar podiam ser ouvidas batendo contra a costa, como memórias que voltam à tona e recuam novamente em um ciclo eterno. Embora a casa estivesse em silêncio, para Sarah, cada objeto, cada canto, cada fresta contava uma história - e todas elas eram permeadas pela essência de Isabela.

Moveu-se até a cozinha e lembrou-se do aroma do café quente no ar e das manhãs apressadas antes do nascer do sol. Abriu a porta da geladeira, esperando ver fileiras de geleias e manteiga, mas encontrou apenas um espaço vazio e sombrio. Acontecia o mesmo com os armários que, outrora cheios dos temperos e segredos culinários milagrosos de Isabela, agora estavam igualmente vazios. Tudo que restava era a lembrança de uma infância repleta de sabor e alegria, que agora parecia evanescer diante do inexorável avanço do tempo.

Sob a luz fraca da perolada lua crescente, pousou os olhos em um triste e mudo piano na sala de estar, coberto por uma fina camada de pó. Sentindo um nó na garganta, Sarah tocou uma tecla e escutou o baixo som desafinar de uma nota velada, como o vibrato de escuridão no coração de uma estrela cadente. Os fantasmas de sinfonias ensurdecedoras de Isabela dançavam em suas mentes, enquanto as lembranças das horas sentadas ao lado de sua avó, tentando decifrar as complexidades das linhas musicais, inundavam o silêncio estagnado da casa.

Não podia evitar. Tinha de enfrentar o quarto da avó, farto de memórias tão sagradas quanto as vírgulas da Bíblia. Homérico era o passo que tardava na pesada soleira, a onde de memórias afluindo em seu peito de águas turvas e adensadas, rios no desaguamento de um mar já de si vasto e incoaxável.

Sarah esticou o braço para abrir a porta do quarto da avó, e foi ali que seus olhos captaram um reflexo familiar na moldura de um retrato na parede do corredor. Como um farol, a imagem de Helena acenou por trás do vidro, insistindo em acessar seu coração. Foi nesse momento que percebeu que, talvez, não estivesse enfrentando apenas a dor da perda de sua avó. Por um instante, pensou no vizinho solitário, Ethan, trabalhando na casa à beira-mar, perguntou-se se também não estava ali tentando navegar as águas

tempestuosas das memórias encalhadas no coração.

Estava tão imersa em suas reflexões que demorou a notar o objeto encostado no canto do quarto de seu avó. Tratava - se de uma caixa de veludo azul, com o interior aveludado e o exterior coberto por camadas empoeiradas de história. Nele se guardava o diário secreto da avó Isabela, cujas páginas amareladas pelo tempo escondiam confidências e sussurros do passado que nunca foram revelados a ninguém.

A cada palavra escrita nas páginas do diário, Sarah sentiu - se cada vez mais próxima da avó - como se estivesse dentro de sua cabeça, ouvindo seus pensamentos fluírem, sentindo suas emoções vibrarem em cada letra empoeirada. Lentamente, Sarah começou a ler a história entrelaçada da vida de Isabela com a daquele lugar à beira - mar, e descobriu que o farol, a praia e as casas construídas naquele pedaço de paraíso eram, de diversas maneiras, ecos do mundo interior e dos sonhos da própria avó.

As palavras finalizadas no lugar onde Isabela tinha deixado, no último momento em que sua caneta dançou sobre o papel, fazendo com que Sarah se perguntasse quantas outras histórias haviam esmaecido no instante em que Isabela, com suas mãos postas sobre o peito, fechou os olhos para sempre.

Ali, naquela casa de praia, enredada no suave abraço das lembranças e fantasmas, Sarah jurou a si mesma que não deixaria aquele livro inacabado. Aprenderia as lições que Isabela lhe ensinara e encontraria a coragem para continuar. Escreveria sua própria história juntamente com aquelas que ainda estavam por vir, para que mais uma vez a luz do sol inundasse aquele canto da terra onde a saudade de um amor jamais esquecido enchia de cores o horizonte infinito.

Caminhando pela praia

Capítulo 5: Caminhando pela Praia

Naquela tarde, o horizonte da praia parecia ter sido costurado pelos dedos de um pintor impressionista - traços de laranja e rosa misturavam - se ao azul no céu, enquanto os raios de sol mais fracos, prestes a se renderem ao anoitecer, lançavam um manto dourado sobre a areia. A brisa sussurrava uma melodia familiar e agradável, sinalizando sua entrada no reino dos recifes e das brumas.

Sarah estava caminhando sozinha pela praia, os pés descalços afundando

-se na areia morna, deixando para trás pegadas lentas, quase relutantes. O mar, como um amante que não consegue decidir se se aproxima ou se afasta, tocava a areia com seus beijos efêmeros, oferecendo-se em ondas mansas, que acolhiam e depois rejeitavam os detritos e sonhos abandonados pela humanidade.

A cadência do oceano já se tornara um ritual de meditação para Sarah, o suspiro das ondas como o bater de asas de uma memória, fazendo - a lembrar das palavras da avó, de seus textos gravados nas fibras do coração: "Lamente as marés em sua partida, mas celebre-as em seu retorno, pois o mar leva consigo nossas mágoas e nos devolve esperanças."

Prendendo o cabelo em um coque improvisado, ela deixou os olhos vaguearem pelo horizonte infinito, os pensamentos se desfazendo em brumas oníricas de solidão e lembranças antigas. O vestido branco flutuando ao sabor do vento, Sarah navegava, como uma nau à deriva, pelas ondas de saudade e desejo que inundavam a praia de seu ser.

Não havia notado, até aquele momento, a silhueta solitária de Ethan, a poucos passos de distância, o corpo magro, quase desarticulado, perdido em meio às sombras e aos contornos do sol poente. Foi a voz dele, como um fantasma em seu ouvido, que a despertou de seu devaneio:

- Bela tarde, não é?

Sarah assentiu, surpresa pela presença tão próxima, e respondeu com um tom suave:

- Sim, é uma tarde maravilhosa. Sempre me senti em paz na praia, especialmente durante o pôr do sol.

Ethan olhou para o horizonte, os olhos parecendo buscar algo que não se permitia encontrar, e murmurou:

- O mar tem uma linguagem própria. Ele nos fala, se soubermos ouvir.
- Havia algo em sua voz que parecia se estender além das palavras, como uma corda de violino, tocada com um arco brando por mãos invisíveis.

Sem perceber, os dois passaram a caminhar juntos, lado a lado, pelo rebuliço borbulhante da praia.

- Você sabia que há uma lenda neste lugar? - perguntou Ethan, casualmente, como se naquelas palavras o destino se desenhasse, traçado a lápis sobre o papel de arroz do cerimonial cotidiano. - Dizem que nossos antepassados acreditavam que as almas dos mortos moravam no mar e que, quando o pôr do sol tingia a água de dourado, era possível ouvir seus

murmúrios de saudade e amor, chamando - nos para a eternidade.

- Minha avó me contou algo parecido - respondeu Sarah, a melancolia enrubescente, como um rubor, na sua voz. - Ela acreditava que o mar não era apenas o destino final das almas, mas também um lugar de redenção e purificação, onde as dores flutuavam como plumas, desprendendo - se dos corações quebrados e se transformando em espuma de ondas.

Ethan e Sarah pararam, por um instante, observando uma gaivota alçar voo, as asas rasgando o ar como uma flecha transpassando um coração, e algo se rompeu entre eles, como a película doce e amarga de uma fruta no limiar entre a amadurecida e a podre.

Estranhamente constrangidos, lançaram olhares fugidios um ao outro, como se temessem que seus olhos lhes traíssem o que o coração ainda lutava por fazer florescer. O silêncio e o vasto mar pareciam conjurar uma alquimia secreta dentro deles, transformando hesitações em conexões, incertezas em curiosidades inevitáveis.

- Você já pensou em como é estar do outro lado? - Sarah perguntou, a voz embargada pelas expectativas. - Como é deixar tudo para trás e simplesmente se perder na imensidão do que poderia ser?

Ethan sorriu, as rugas de seu rosto fundindo - se em um mapa de um mundo que Sarah desejava explorar, e respondeu:

- Há momentos em que desejo me entregar às ondas e fragmentar - me nos mistérios do profundo. Mas eu sei que há um propósito - nas coisas que enfrentamos e nas lições que aprendemos. Afinal, a maré sempre retorna, trazendo o que uma vez perdemos, mesmo que transformado pelo tempo e pela distância.

Mesmo antes de se dar conta, os dois ficaram ali ao entardecer, caminhando de mãos dadas sob os céus que a eternidade e a memória pintaram no prelúdio de um luar cálido, que os abraçava como um cobertor, costurado com as linhas do destino e da esperança, perdido entre os recortes do passado e os suspiros do futuro.

No reboço da água e do vento, Sarah e Ethan encontraram na companhia um do outro - como águas - vivas atraídas pelo brilho das lanternas dos navegadores - um pedaço de suas almas que acreditavam ter desaparecido ao longo do tempo, afogadas nas sombras de um oceano de lágrimas e partidas.

Primeiras interações com os moradores locais

Na manhã seguinte, o sol erguia - se no horizonte como uma promessa tímida, e Sarah decidiu explorar a cidade - um emaranhado de ruas estreitas, encimadas por edificações antigas, tranquilas e sombrias. Passava pelas casinhas enfileiradas, com janelas de vidro ondulado, enquanto os moradores daquele lugar, como pérolas ocultas numa concha só agora entreaberta, despontavam de suas habitações, espiando a recém - chegada com olhos cintilantes de curiosidade.

Como quem é acolhido no seio de um abraço amoroso, Sarah foi envolvendo - se em conversas com os locais, enfim permitindo - se mergulhar nas águas lentas e tranquilas do cotidiano daquele velho porto. Ao cruzar a rua, foi surpreendida pela chegada de uma senhora de cabelos grisalhos, mechas rebelando - se contra o coque remanescente, e sorriso largo como o convite para um baile.

- Pracinha tá boa hoje, não tá, moça? - a voz rouca entrelaçava - se em seus dentes, como uma cigana envolvendo o pescocinho das palavras em fitas e colares.

- Sim, Dona - titubeou Sarah, hesitante.

- Benta. - esclareceu a senhora, estendendo um braço ávido por amizades. - Moro aqui desde um século atrás, e não me lembro de ver uma neta ou bisneto de algum dos antigos visitando a cidade. Ouvi que a filha do Sr. Pereira, aquele da venda, comentou que a netinha da Dona Isabela apareceu por aqui. Você é a neta daquela chitornado, não é?

Sarah riu ante a sinceridade da mulher.

- Sim, sou eu. Sou Sarah, neta da Isabela. E já faz muito tempo desde a última vez que estive por aqui - sua voz desfaleceu um pouco, como se o peso das lembranças lhe coubesse no coração, impossíveis de suportar.

- Deve estar sentindo a falta dela - com um olhar perscrutador, como se pudesse ler o passado e os anseios de Sarah, Dona Benta continuou: - Hoje o mar tá mais calmo que o costume, é o dia perfeito pra visitar aquele calçadão que costeia os irracionais penhascos, sabe onde fica?

Sorrindo com os olhos úmidos, Sarah assentiu. Dona Benta afastou - se, deixando para trás a lua - crescente de seu sorriso e a sobra do sol ampliado em seu olhar. Um sabor doce invadiu a atmosfera, misturado ao perfume do café fresco e das panelas de sopa fervilhando pelas cozinhas do bairro.

Mais adiante, ao parar para comprar pão na pequena padaria gerenciada por um casal de idosos, Sarah sentiu-se encorajada a compartilhar seu nome e propósito ali. O ancião, com mãos calejadas pela labuta e uma simpatia nos olhos, sugeriu que visitasse o farol munido de um olhar mais imbuído de poesia e pensamento.

E foi assim que Sarah, entre sorrisos e rostos enrugados, desfez - se do manto de estranheza e permitiu - se humana, acolhida na tapeçaria constituída por aqueles moradores locais, tão intocados pelos ventos e tempestades quanto o mar.

Ao retornar à casa de praia, encontrou Ethan sentado no quiosque de flores na sua frente, uma expressão intensa e preocupada cravada no rosto. Aproximou-se com a leveza de quem pisa sobre o orvalho das madrugadas, indagando:

- Está tudo bem?

Ethan ergueu os olhos e sorriu levemente, como se emergisse de um oceano de distração. Sua voz soou hesitante e, ao mesmo tempo, reconfortante.

- Sim eu apenas desejei fazer algo bonito. Para marcar a ocasião, sabe? Como um presente. Para você e para a memória de sua avó.

Juntos, olharam a sacola cheia de flores silvestres e, naquele instante, alvoroçados pela possibilidade de encontrarem paz e um oásis de compreensão mútua, traçaram um caminho diagonal de alegrias cotidianas e desafios compartilhados, envolvendo toda a sua cidadezinha em um carrossel de cores e promessas. Afinal, eram dois tripulantes à deriva no oceano do esquecimento, e assim, desafiando as sombras do passado, buscavam aportar no coração dourado do presente, ali, onde as memórias se encontram com a esperança que se vislumbra no horizonte.

Recordações nostálgicas dos verões passados com a avó

Capítulo 9: O farol das memórias

As vozes das crianças brincando na praça ressoavam na casca do silêncio que cobria a vila como a camada suave de poeira nas prateleiras de livros esquecidos. A casa de praia, localizada a algumas ruas de distância, guarda em suas paredes ranhuras de causos velhos e fotografias dos verões que Sarah passou com sua avó.

Lá dentro, Sarah sentou-se em frente à janela do quarto, que se abria

como um olho espiando secretamente o passado. O quarto, há muito tempo fechado e sem uso, parecia acordar com a presença de Sarah, como um coração entorpecido pela anestesia do tempo. Sarah pousou a mão na cama e sentiu as fibras da colcha de retalhos que tantas vezes tinha aconchegado seu corpo trêmulo e ansioso enquanto a avó lhe contava histórias tremulantes e prenhes de nostalgia. O ar que circundava o quarto carregava com ele um perfume doce e ácido, reminiscências de perfume de rosas e saudade.

Na parede em frente à cama, havia uma prateleira de madeira desbotada que abrigava os tesouros do tempo. A avó de Sarah sempre apresentou cada concha ou pedra como um troféu valioso, um fragmento daquela natureza a qual sempre lhe devolveu amor e compreensão, quando todas as vozes e mãos humanas pareciam ignorar seu clamor. Sarah exibia suas próprias descobertas, lado a lado com os achados da avó. A prateleira se transformava assim em uma tapeçaria de histórias e afetos - o refúgio das duas almas buscam aconchego na sobra esquecida do tempo e do amanhã.

Os olhos de Sarah se inundavam com saudade enquanto encarava com melancolia os tesouros da prateleira, uma gota de orvalho amargo a beijar sua pele tesa e a brotar memórias em seu peito. Ela vagou pelo quarto, deixando cair suas palmas nas paredes, um gesto tocado de uma ânsia de relembrar, de voltar ao tempo em que o riso e as mãos calejadas da avó serviam de bálsamo e luz.

No chão, próximo à janela, repousava um álbum de fotografias. As capas de couro pareciam desgastadas pelo tempo, manchadas pelo toque de dedos e de olhos que já não mais circulavam pela sala. Sarah abriu a capa, como quem desvela um segredo há muito abandonado nas páginas empoeiradas do esquecimento, e se perdeu nas imagens e sorrisos ali eternizados.

"Isabela!", gritou a voz de Sarah ao vento - lá fora, nada se movia, nem o vento que agora, como língua paralisada, preferia guardar silêncio e abrigar-se na moita repleta de sombras. "Avó, por que você me deixou aqui?", ela sussurrou, como uma prece inaudível em meio às ondas que ecoavam atrás de sua cabeça.

- Eu nunca fui capaz de compreender a brevidade, a efemeridade de nosso tempo neste mundo. Sempre ansiei por mais, por estender o que uma vez me foi dado como intervalo, como pausa na eternidade. Mas agora, aqui nesta caverna de tristezas e folhas murchas, eu sinto que talvez tenha sido esse o maior erro de minha vida - agarrar - me ao que passou como se

pudesse retê-lo num abraço apertado.

A voz de Sarah borbulhava diante das imagens, como se suas palavras fossem pequenas pérolas recolhidas do fundo escuro do mar, em cujas profundezas se escondia a substância esquecida de sua alma. Nas fotografias, sua avó sorria, os olhos brilhantes e favos de luz, como se pudesse, à distância de um fio de memória, sussurrar em seu ouvido que tudo ficaria bem, que todas as lágrimas e dores se desfariam nas ondas, como espuma se desmanchando ao vento.

Entrando na casa de praia e se reconectando com suas memórias

Era uma manhã submersa em águas de turquesa, a cor do sol tingindo as nuvens de um dourado desfocado no horizonte. Sarah tinha se despedido de Ethan na calçada pontilhada de pequenos musgos e, aos poucos, caminhou em direção à casa de sua avó com passos à mercê da nostalgia que enchia sua cabeça como bolhas no fundo do mar.

A última vez que visitara aquelas paredes fora numa manhã sumida no tempo, os contornos da memória se desfazendo como pergaminhos queimados, deixando apenas um vislumbre dos sorrisos, das mãos unidas, da voz grave e terna da avó, seu coração. A avó tinha sido seu porto seguro, seu refúgio no caos das marés e no turbilhão da vida. E agora, dois anos após sua morte, Sarah estava ali, prestes a enfrentar o vazio que ela deixara, os espaços silenciosos preenchidos pela saudade e pela dor de um coração quebrado pela inclemência de um destino adverso.

Era o começo de um novo capítulo em sua vida, um desafio que a assustava a cada respiração, a cada vez que sentia seu olhar voltar-se para a moldura branca e envelhecida dos vidros que se projetavam além dos degraus onde os gatos tomavam sol. Sarah hesitou diante da porta, a solidão correndo por suas veias como rios que se precipitavam em abismos inexplorados, um receio de que ao cruzar a soleira de seu passado, se confrontaria com uma amarga realidade - a de que sua vida não mais pertencia à doçura dos braços que outrora a acolhiam, das frases impregnadas pelo aroma do conforto e da gentileza de sua avó.

Com as mãos tremulas, Sarah virou a chave para entrar no santuário que abrigava em suas paredes e assoalho de madeira a memória de uma mulher

que tinha nascido à beira da praia e ali, na casa que seu pai construíra com as próprias mãos, havia encontrado um par, um companheiro com quem compartilhar o fluxo de suas marés e o farol que a guiava, o amor seguro e estável de um casamento pacífico e fecundo em lembranças.

O crepitar dos pisos sob os pés de Sarah soava como notas de uma antiga melodia - a música dos momentos simples de felicidade que ardeu como brasa em seu coração e se transformou em cinzas com o passar do tempo. A casa ondulava diante de seus olhos como um espelho tremeluzente, as lembranças do passado se desfazendo como ondas que se chocam contra as pedras do cotidiano agitado.

As janelas dos quartos eram aberturas para a ventura esquecida, os raios de sol atravessando as frestas e compondo uma pintura de luz sombreada nas quinas gretadas e nas roupas já desgastadas. Sarah sentiu como se estivesse se afogando em uma piscina de memórias, cada gota lhe arrancando lágrimas inconsoláveis e, ao mesmo tempo, afagando a ferida que lhe restava, a fragilidade de sua alma destroçada.

De repente, um som hesitante rompeu o silêncio, como o guincho de uma gaivota recém-nascida, como uma folha que dança no vento, leve e frágil. Através de suas lágrimas, Sarah virou-se para encontrar a origem do barulho e lá estava, à sua frente, o piano encaixado na parede da sala de estar, o instrumento que, em seus dedos, e mais tarde nas mãos de sua avó, havia se transformado em música e encantamento quando sua avó lhe segredava histórias de um passado embrulhado em laços de cetim e saudade.

Com a melancolia crescendo em seus olhos cor de fuligem e areia, Sarah se aproximou do piano como quem se aproxima de um velho conhecido - aquele ao qual se entrega um abraço terno, pois apesar do tempo e da distância, ainda pulsa como uma lava apaixonada e eterna no coração. Ao sentar-se diante dele, sentiu o piano respirar de volta, um sopro suave que parecia lhe dizer que, ali, no eco da música e das notas perdidas na memória das tábuas envelhecidas, Sarah encontraria o que tanto ansiava - uma conexão com a avó, um toque de esperança, um pedaço da felicidade que parecia fugir de sua história como uma água que desliza pelos dedos e se esvai no ar.

Juntas, Sarah e a avó tocavam duetos e canções de ninar que confortavam a menina em noites de tempestade e dor, uma conexão especial que Sarah compartilhava com a avó, um fio invisível que ligava seus corações e lhes

permitia dançar e sorrir sob a luz enluarada das noites de verão ao som das marés e do vento que morria no espelho do tempo. Devagar, suas mãos emplumadas de saudade e ansiedade pousaram sobre as teclas de marfim e cantaram uma canção suave, uma melodia que se perdia na distância e buscava no ar a sombra de uma época distante, a beleza do silêncio e do amor.

Das sombras de sua memória, Sarah debuxava a sonata de amor que sua avó lhe ensinara, uma canção nascida do coração e cintilante como estrelas no céu. E naquele momento, Sarah sentiu em todo o seu ser a presença de sua avó, seu braço envolto como um xale caloroso sobre seus ombros, seu sorriso bordado em fios de estrelas e o brilho de seus olhos derramado como ouro sobre suas mãos. E então, naquele instante caído do céu e descansando entre as águas vivas de sua esperança, Sarah sentiu que estava pronta, pronta para enfrentar o que estivesse por vir e para abraçar seus sonhos e, sobretudo, para recuperar o amor que tanto havia buscado, aquele que, em meio a seu desespero e desolação, nunca abandonara o canto mais profundo de seu ser, aquele amor que sempre fora seu Porto Seguro, a única verdade imorredoura em sua vida.

Enfrentando a solidão e o silêncio da casa de praia

:

Lá fora, apenas o vento cantava uma canção em sussurros roucos, destemidos e impiedosos, como a própria solidão que ameaçava engolir Sarah em suas mandíbulas silenciosas. Dentro da casa de praia, abarrotada com memórias distantes e bolsões de esquecimento, os dias eram mais parecidos com sombras liquefeitas que escorriam pelo assoalho, como um tênue fio d'água tornando-se cada vez mais escasso em seu percurso solitário. Sarah lutava contra o avanço do tempo e o peso opressor do silêncio, enfurnada no quarto que uma vez pertencera a sua avó, como uma borboleta desesperada em busca de um pouco de luz.

Um dia, enquanto repassava velhas cartas e anotações da avó, encontrou uma que a fez erguer os olhos e prender a respiração involuntariamente. Na carta amarelada pelo tempo, Isabela Costa escrevera sobre seus receios e angústias em enfrentar a solidão após a morte do esposo, anos antes de Sarah ter memórias de sua existência. A casa de praia, naquela época, havia

sido um refúgio e uma prisão - um lugar onde suas noites passavam - se em vigília, os olhos pregados no teto escuro e o coração dilacerado pelos fantasmas de um passado insensível e verdadeiro.

O farol, aquele ponto solitário e ativo que marcava a fronteira entre o presente e o porvir, era em Isabela uma metáfora e um símbolo, uma força que a guiava em meio à tormenta em que sua vida havia se transformado. Sarah refletiu sobre as palavras da avó, aquelas linhas sinuosas e repletas de lamento que pareciam carcomer-lhe o coração. Levantou-se da cadeira onde passara os longos dias e noites, entregue aos livros e fotografias, e decidiu enfrentar a solidão de frente, como uma mulher a remar contracorrente.

Era um dia insipiente e enevoado, a neblina cobrindo a casa de praia como uma mortalha silenciosa. Sarah abriu as janelas e deixou o vento bater em seu rosto, suas mechas de cabelo rebeldes emoldurando seus olhos como correntes enevoadas de arrependimento. O cheiro do mar e das algas fluuava como um espectro em seu quarto, acentuando a ausência de risos e conversas, de mãos calejadas que consolavam e acariciavam.

Mas entre as marés, sentia também uma oportunidade, uma chance de criar algo novo a partir das migalhas do que restara. Observou os móveis e paredes, cada pequeno detalhe e objeto, sentindo-se como uma escultora diante de um bloco de mármore, pronto para ser cinzelado.

E foi assim que começou a transformar a casa de praia, sua fábrica de memórias e sombras, em um novo lar. Passo a passo, Sarah enfrentou seu medo da solidão, do silêncio que parecia querer engoli-la viva como um predador faminto e ardiloso. Percorreu os corredores, acordando as roupas há muito dobradas nos armários, as tapeçarias que cobriam as janelas e os livros que cochilavam nas prateleiras. Com o passar dos dias, seus movimentos tornaram-se mais ágeis, mais decididos e seguros, como se a casa de praia, outrora uma prisão árida e escarpada, aos poucos se transformasse em seu paraíso e refúgio.

Quando o silêncio parecia demasiadamente cru e frio, Sarah recordava-se das palavras da avó e permitia-se chorar e lamentar a perda de sua companheira de alma. Em seus momentos de maior angústia, voltava sua atenção para a rotina, concentrando-se nos detalhes e afazeres, como uma mulher a tecer lentamente o manto de sua redenção e renascimento em meio à escuridão.

Ethan, que frequentemente cruzava seu caminho e dividia com ela as

alegrias e os anseios do dia a dia na cidade costeira, tornou-se aos poucos um porto seguro, um cais onde suas esperanças e decepções podiam repousar enquanto ela explorava seu caminho no mar revolto da solidão. O sorriso dele, aquele rastro leve e singelo que cortava a pátina de tristeza perpetuada em seu rosto, iluminava seu caminho como um farol em meio à névoa.

No fim do verão, o lar que Sarah havia criado com suas mãos trêmulas e, às vezes, hesitantes começava a borbulhar e a tecer sorrisos e lembranças novas. Descobriu dentro de si uma força e uma sabedoria que os meses de solidão e desespero haviam encoberto, silenciando sua verdadeira essência e quase apagando a pequena fagulha de esperança que dançava, tímida e solitária, no coração de seu ser. E em cada empreitada que abraçava, cada sorriso e palavra trocada com Ethan e os moradores da cidade, Sarah compreendia que enfrentar a solidão não era sobre o silêncio, mas sim sobre o ressoar do bater de seu próprio coração, em contraponto às ondas que beijavam as praias e os rochedos, e teciam uma melodia dourada e eterna, marcando o tempo em que a vida provava sua força, seu vigor e sua capacidade infinita de renovação.

O inesperado encontro com Ethan

A manhã se arrastava, emoldurada pela luz hesitante do dia que despertava no horizonte. Um vento fresco varria o mar, levantando ondas efêmeras enquanto soprava por entre as palhas do telhado e das cortinas anoitecidas. O som do mar parecia dançar ao ritmo das batidas do coração de Sarah, conforme se afogava em seu próprio temor e angústia, isolada naquele castelo de reminiscências e névoa.

Embora estivesse a poucos passos da praia, o conforto que lhe traziam as águas não chegava a dissipar a nuvem que nascera em seu íntimo. A casa de praia era um consolo e um lembrete, um porto esquecido em meio ao oceano tormentoso do passado e um armazém de histórias trancadas, todas clamando por um céu estrelado, um sol carinhoso e palavras de redenção.

Com o semblante desconcertado pelas reminiscências, Sarah decidiu caminhar pela praia, deixar seus passos se perderem aos pés das dunas e do vento que corria com mãos de plumas encharcadas pelo sal e pelos abraços das ondas. Quem sabe, talvez ali encontrasse um pouco da paz que tanto ansiava, o silêncio quebrado apenas pelo sussurro das águas e dos seus

pensamentos solitários, um momento de descanso em meio à avalanche de lembranças melancólicas e melódicas que se sucediam ininterruptamente em seu espírito.

A areia compacta e úmida impregnou seus dedos dos pés enquanto a água salgada fazia cócegas em seu caminho, e a cada passo, suas preocupações pareciam se distanciar com o recuar da corrente. As ondas iam e vinham, como uma melodia que Sarah conhecera, como um canto que penetrava suas veias e tocava inexoravelmente seu coração, nascendo do santuário das águas turquesas e morrendo no vazio da areia e do vento ainda acorrentado às margens do dia.

Foi então que o viu. A princípio aparentava ser apenas um vulto, uma criatura diluída nas brumas do horizonte, uma sombra perdida entre o azul do mar e o cinza da tempestade que vislumbra no céu. Mas aos poucos, o homem foi-se tornando real, uma figura corpórea a se desenhar sobre a manta tênue das marés, um fantasma que em seus passos denotava a certeza de um ser que pisava a areia com a consciência de sua própria existência.

Observando-o de longe, seu semblante difuso e seus cabelos revoltos pela carícia do vento, Sarah sentiu uma curiosidade estranha e poderosa invadir sua alma, como um sol que se arrombava pela brecha das nuvens e preenchia o vazio com seu beijo terno e materno. Acomodara-se em um pedaço de rocha a meia distância - suficiente para admirar os movimentos dele, entrecortados pela água que causava um espelhado tremeluzente a cada toque da luz.

Não sabia seu nome, nem a razão que o levava a visitar a praia em uma manhã tão melancólica. E, no entanto, algo em seu olhar - um brilho que emanava das profundezas de seus olhos castanhos, tingidos pela dourada aurora - enfeitiçava-a e atraía-a como um ímã, como a vela de um barco que se perde na corrente e se encaminha ao desconhecido, ao infinito mundo da imaginação que penetrava em sua mente como o murmurar inquieto das ondas.

Dez passos de distância, cinco, um. Então, finalmente, a poucos passos da mulher solitária e mergulhada em seus sonhos, o homem percebeu sua presença e parou, como se a súbita consciência do outro, a descoberta de um universo paralelo a vibrar sob o mesmo chão, o mesmo sol, o tivesse petrificado ou, pelo menos, congelado naquele instante do tempo e no comando da maré.

A boca entreaberta, a respiração levemente acelerada - sinal de uma corrida acabada de terminar -, ele pigarreou e murmurou:

- Perdão, não percebi que estava invadindo seu espaço. Sou Ethan, aluguei a casa ao lado para passar as férias.

Havia um sincopado sotaque na voz dele, uma cadência que refletia os mistérios das terras onde pisava e as histórias ocultas naquele semblante branco e encoberto. Sarah sentiu-se atônita, como se vislumbrasse o nascer de uma janela desconhecida.

- Sarah - respondeu quase que insensivelmente, a voz bruscando como um instrumento desafinado que ansiava pelo toque da harmonia e da gratidão.

Os dois, então, se entreolharam, cada um mergulhado no oceano profundo dos olhos do outro, cômicos da súbita proximidade e da força que atraía o desconhecido e o vislumbre de um futuro indescritível e promissor.

A praia parecia recuar para o horizonte, as ondas tocam suas melodias embalando o ar e parecia suspirar ao ritmo de seus corações. Naquela manhã, ao encontro das águas, Nathan e Sarah descobriram juntos o sorriso da esperança.

Chapter 2

Primeiro encontro de Sarah e Ethan

No parapeito da janela, ainda molhado das últimas gotas da chuva do crepúsculo, um grão de areia se aninhava como um presente deixado pelo vento errante e no fundo azul do horizonte, sutil o suficiente para não ser notado e significativo o bastante para sussurrar que as ondas do destino estavam em ação. Lá fora, as águas da costa dobravam e se curvavam com o riso inaudível das sereias, suas melodias marinhas quase tão nostálgicas e melancólicas quanto as memórias que afligiam Sarah.

Dentro do casarão de madeira branca e paredes grossas, o silêncio era quase tangível - um lençol de saudade que envolvia Sarah, sufocando - a lentamente, privando-a do sentido e da razão. Em uma tentativa desesperada de recuperar sua sanidade e encontrar alívio para a dor opressiva que a assolava, Sarah se vestiu e saiu.

O sol se pôs e banhou o céu de um laranja ardente, tingindo as sombras com cores extravagantes que pareciam emanar das pinturas de algum mestre renascentista. Sarah andou ao longo da praia, os pés afundando na areia macia e úmida e se molhando com as águas que recuavam suavemente. Os últimos raios de sol iluminavam o horizonte, como pontos de uma constelação à espera de ser desvendada.

Em um lugar mais largo da praia, aonde as ondas apressadas raramente alcançavam em seu balé ondulante de encontro à areia, Sarah encontrou uma fileira de pedras lisas e cor de ferrugem, tão grandes quanto seu punho cerrado. Naquele momento, sem uma razão aparente, mas compelida por

uma força maior, ela se ajoelhou na areia e colocou suas pedras em um semicírculo, um altar temporário e improvável. De alguma forma, o ato de dispor as pedras de forma ritualística acalmava o aperto no peito de Sarah. Perturbada por pensamentos confusos, mas decidida a continuar, ela permaneceu na praia, acomodando os últimos fragmentos de sol no rosto e determinando, como um arqueólogo a catalogar uma descoberta extraordinária, cada pedaço escorregadio e frio com as pontas dos dedos.

Foi então que, de soslaio, seu olhar cruzou com um homem parado logo atrás dos rochedos que marcavam o início das dunas. Ele estava vestindo um suéter de lã bege que contrastava com a camisa branca por baixo, calça jeans azul dobrada na altura dos tornozelos e sapatos castanhos amarrados a esmo. Segurava nas mãos um maço amarelado de papéis antigos.

Ele olhou para ela como se quisesse dizer algo, mas se conteve, como se estivesse em um emaranhado de pensamentos e palavras articuladas dançassem dentro de sua mente. Sarah apertou os olhos, tentando discernir sua expressão, quando o homem se aproximou. Havia um ar de nervosismo em seus gestos, como se lutasse contra medos e esperanças que ainda não se permitia aceitar.

Sarah olhou para o mar e depois para o homem. O sol quase desapareceu no horizonte, deixando um rastro de luz ofuscante e confusa que se misturava à neblina insidiosa que começava a cobrir o mundo.

- Não te incomodo, espero - disse o homem, tentando suavizar sua abordagem com um sorriso tímido. - Eu estava andando pela praia e, bem. Achei estranha a maneira como as pedras estão posicionadas. Tome, isso é para você.

Sarah olhou atentamente para a mão estendida do homem, percebendo um retrato desbotado e amassado, no qual o tempo e a indiferença haviam arranhado e machucado as linhas que compunham aquele mundo há muito perdido e esquecido. Nele, uma mulher e sua amada avó Isabela.

- Eu sempre gostei de caminhar pela praia enquanto o mar embala a areia - disse Sarah lentamente. - Hoje encontrei essas pedras e comecei a arranjá-las. E aqui estou eu.

O homem apenas assentiu, como se a compreendesse de maneira que nunca esperaria encontrar em um estranho. Foi apenas então que Sarah notou a proximidade entre os dois, com suas mechas de cabelo se misturando como ondas frágeis dançando no crepúsculo.

Thomas Wolfe escreveu que “você não pode voltar para casa de novo”, pois onde quer que estejamos, nossa casa nos seio é aquilo que nunca deixa de nos acompanhar. Sarah, no entanto, apenas havia começado a vislumbrar a possibilidade de redescobrir em si mesma o lar que outrora conhecera, transformando as névoas cinzentas e inquietantes do passado em conchas a serem adornadas e apreciadas.

Ali, na praia, sob os últimos suspiros de um sol moribundo e o caos do vento que mergulhava corajosamente no mar, ela começara a entender a natureza fugaz e preciosa da vida. E prometeu a si mesma que nunca esqueceria aquela tarde, aquela névoa e aquele homem, Ethan, e o sorriso acolhedor como uma lareira, acendendo a chama dentro do coração dela que por tanto tempo estivera adormecida.

O inesperado encontro na praia

Era uma manhã de garoa na beira-mar, e Sarah Rodrigues percebia que a água salgada que pingava de seus cabelos não era apenas dos encontros com as ondas. Ela havia chorado. Não conseguia se lembrar de quantas lágrimas derramara desde o último verão com sua anunciante avó, a doce Isabela, mas algo naquele dia lhe causava uma opressão particular, como se a chuva fosse a voz de todos os seus desejos insatisfeitos, todas as memórias e saudades que a retornavam ao abismo da tristeza.

Estava prestes a se levantar e correr de volta à casa de praia, afundar no conforto amargo do silêncio e do choro, quando o viu: um homem com cabelos de neveiro e olhos cujo brilho se misturava à chuva e à areia molhada, avançando em sua direção com passos hesitantes, mas firmes e rápidos como o vento que soprava naquela manhã cinzenta.

A princípio, Sarah pensou que fosse apenas sua imaginação a pregar-lhe algum tipo de peça, mas à medida que o desconhecido se aproximava, compreendia que ele era, de fato, tão real quanto a chuva que caía e o som do mar que parecia estrebuchar com intervalos rasgantes entre seus pensamentos. Ela arregalou os olhos e lançou ao distante horizonte aquele olhar de suplício e desamparo que conhecera tão bem, enquanto o homem se materializava à sua frente como uma fênix, nascida da água e do vento e do desejo de uma vida que há muito lhe havia sido negado.

- Desculpe-me - sussurrou ele, a voz embargada pelo som da chuva e

alguma emoção incontida que parecia querer escapar com a dificuldade de um pássaro em meio a uma tempestade.

Sarah não respondeu imediatamente. Estava presa ao olhar dele, ao turbilhão de inquietude e angústia que jorrava de seus olhos escuros e silenciosos, como se o vislumbrasse sua alma encharcada e deslocada - como se ambos estivessem buscando refúgio, ao mesmo tempo, em meio à tormenta de suas próprias vidas.

- Sou Ethan - continuou o homem, agora com aquele sorriso inseguro que descansa nas mãos do tempo, ansioso pelo toque suave da confiança e da afeição.

- Me chamo Sarah - disse ela por fim, sentindo que seu nome se misturava à sinfonia das ondas e das gotas de chuva que despencavam do céu, como se também fosse um elemento da tormenta que se aproximava.

Quase sem querer, Sarah estendeu - lhe a mão e Ethan a segurou com firmeza, seus dedos entrelaçando - se como raízes de árvores diferentes que sei se encontram pela primeira vez no solo daquela praia solitária e amarga.

Era ali que tentariam afastar as sombras que os perseguia, onde apoiariam um ao outro em momentos de desespero e dor. Mas tudo estava por acontecer, e Sarah sabia, ali embaixo da chuva, olhando nos olhos de Ethan e segurando sua mão quente e encharcada, que aquele encontro inesperado na praia abriria as portas para um novo caminho, um mundo de esperanças e inquietudes ainda desconhecido para ambos.

- Gostaria de caminhar comigo pela praia? - perguntou Ethan com um misto de timidez e coragem.

Sarah olhou para o mar, depois para o homem ao seu lado e, finalmente, para a chuva que parecia cair ainda mais intensa sobre seus rostos e corações.

- Sim - ela respondeu com um suspiro, como se com aquela palavra lançasse ao vento e à água toda a dor e a apreensão de um passado esquecido e um futuro incerto.

Os dois caminharam pela praia, suas pegadas no arenoso chão molhado logo desaparecendo com o avanço das ondas, mas os corações e as mentes dos amantes permaneciam inexoravelmente presos àquele momento eterno quando o sol se rompia pela primeira vez através das nuvens, acenando para o nascimento de um mundo novo e esperançoso sob a chuva e a névoa.

A curiosidade de Sarah e Ethan um pelo outro

Sarah e Ethan estavam caminhando em direção ao deque vazio de um restaurante à beira-mar, perto do centro da vila, onde apenas as correntes do vento e o som das ondas pareciam manter um diálogo secreto. Havia uma espécie de silêncio reverencial no ar; uma quietude sussurrando a iminência de algo que ainda não ousava ser revelado.

Foi então que Ethan, sem olhar diretamente para Sarah, mas brincando com a ponta de um casaco desgastado que havia recolhido do fundo da bolsa enquanto caminhavam, perguntou, hesitante:

- Sarah, já alguma vez sentiste a necessidade de saber mais sobre alguém? Uma necessidade bizarra que te obriga a examinar cada pedaço do seu ser, cada palavra que sai da sua boca, apenas para tentar compreender o que se encontra por trás do disfarce, dos olhares e sorrisos inomináveis?

Sarah olhou para ele, os olhos estreitando-se em reflexão, um pouco surpreendida pela invasão repentina de privacidade que aquela pergunta parecia sugerir. Respondeu, por fim, com voz firme mas suave:

- Sim, Ethan. Já me senti assim a respeito de alguém. É um fardo difícil de carregar, sabes? Passamos o tempo olhando, admirando e esmiuçando, mas parte de nós tem medo de aproximar-se demais, de romper aquela distância que nos provê segurança. Não sei, talvez seja só curiosidade, ou talvez seja mais do que isso. Talvez seja a vontade de descobrir os abismos e desvendar as ternuras do coração de outra pessoa, com o intuito de prová-las, de aprender com elas

Sarah sentou-se sobre uma cadeira do deque, suas mãos apoiadas sobre os joelhos. Havia um ar pensativo e nostálgico em sua expressão, como se aquelas palavras evocassem lembranças nebulosas que estava tentando decifrar. Ethan aproximou-se dela com um olhar curioso e suave e, imitando-a, sentou-se à beira da cadeira.

Embora os dois parecessem próximos demais para conforto, dando margem aos devaneios mais ousados que a observação das sombras e fendas daquele misterioso coração humano pudesse permitir, havia uma realidade visceral, uma sombra inegável e persistente de dúvida e desespero que se intercalava entre eles como os pedaços de sombra e escuridão que a claridade do luar projetava sobre a praia.

Ethan pousou a mão no joelho de Sarah, mais como um gesto empático e

de apoio do que como um avanço romântico. Sua voz tinha a clareza calma e hipnótica das ondas em uma noite silenciosa.

- No meu caso, penso que é a necessidade de sentir estar vivo. A necessidade de ser amado e compreendido, mesmo que apenas por um momento - deixou o som das suas palavras ficarem suspensas no ar e completou. - Eu me sinto assim em relação a ti, Sarah. Confesso que é uma necessidade que talvez seja inadequada, até perturbador; mas cada vez que olho nos teus olhos, vejo um mundo onde o acaso, as coincidências e as forças insondáveis da sorte e da predestinação parecem se encontrar como se tecessem o nosso encontro, como um clamor por algo desconhecido que se aproxima dentro dos nossos corações.

Sarah olhou profundamente nos olhos de Ethan, vendo ali o estranho e belo reflexo de suas próprias dúvidas e devaneios, o mesmo anseio pelo infinito e a esperança por algo que transcendesse a dor e a angústia da existência. O silêncio entre os dois era agora cúmplice, orquestrando seu diálogo secreto com as ondas e o vento, o universo observando sua dádiva de humanidade.

Sorrindo com ternura e hesitação, Sarah finalmente falou, suas palavras tendo a força de uma confissão, mas também a doçura de um bálsamo redentor:

- Eu também sinto essa necessidade em relação a ti, Ethan. Não tenho todas as respostas, mal consigo entender o que sinto dentro do meu próprio coração. Mas sei que, de alguma forma inexplicável, o destino nos uniu aqui nesta praia; e cada dia que passa, sinto que estou desvendando uma parte do mistério que é conhecer e ser conhecida por outra alma.

Os dois se olharam, então, como se pela primeira vez vissem a própria verdade refletida nos olhos um do outro. E, embora muitas dúvidas e medos ainda os afligissem, avançando na penumbra de um futuro incerto, parecia haver algo incontestavelmente puro e poderoso na simplicidade daquele encontro: dois corações à deriva, buscando abrigo na curiosidade e na esperança de um amor inesperado.

Encarando a vizinhança - as visitas de Ethan à loja de Joaquim Pereira

Era uma tarde abafada de agosto e o vento parecia trazer consigo o peso das tristezas de todo o mundo enquanto Ethan Mendonça caminhava em direção à loja de materiais de construção de Joaquim Pereira. Estava a meio caminho de sua jornada de cura, e sabia que a reforma da casa, embora inaugurasse o início de um capítulo crucial para sua recuperação, era apenas uma das inúmeras batalhas que teria de enfrentar diante do mundo.

As folhas envelhecidas das árvores esvoaçavam ao seu redor, com a chuva que ameaçava cair, e ele não pôde deixar de pensar que seu coração estava, de certa forma, observando-o em sua jornada solitária. Não era somente o mormaço do vento que lhe pesava no peito - era a dor de incontáveis sonhos não realizados, de remorsos e arrependimentos que jamais poderiam ser apagados, mas ainda assim clamavam por algum tipo de reconhecimento e redenção.

Quando chegou à loja, Ethan se postou à porta por alguns instantes, limpando o pé no tapete como se quisesse também limpar a angústia que corroía seu espírito. Então, com a resolução de um homem que, no turbilhão das emoções, vislumbra alguma possibilidade de salvação, ele atravessou o limiar, avistando a figura familiar e confiável de Joaquim Pereira.

Joaquim era um senhor de meia - idade, alto e de porte magro, com cabelos grisalhos e olhos escuros que pareciam sempre contemplar o horizonte, escrutinando os desígnios e as inquietações das almas que habitavam o pequeno povoado costeiro. Ethan tinha muito apreço por Joaquim, um homem que, por meio de suas palavras e atitudes, lhe transmitia a confiança de uma amizade verdadeira e de um apoio inabalável, mesmo quando seus próprios pés pareciam falhar em sustentar seu peso sobre os ombros.

- Ah, Ethan! - exclamou Joaquim, agitando a mão em cumprimento ao encontrá-lo, mas sem que o sorriso que ditava seu habitual semblante conseguisse ocultar a preocupação latente em seu olhar. - Eu estava mesmo a pensar em ti. Será que podemos fazer uma pausa para conversar sobre essa reforma e, bem algumas outras coisas?

Ethan hesitou por um breve instante, encarando a fileira de parafusos e martelos à sua frente, na esperança de encontrar ali uma desculpa para adiar momentaneamente a inevitável conversa que se aproximava. Entretanto,

depois de alguns segundos, estendeu a mão ao homem em um aperto fraterno e sincero, admitindo os próprios medos e receios:

- Claro, Joaquim. Vamos conversar.

O silêncio que se seguiu era de uma solenidade quase sacra: ambos os homens se assentaram numa mesa de madeira nos fundos da loja, onde o único som que se ouvia era o sussurro das folhas das árvores e o arranhar dos passarinhos nos telhados inclinados.

- Eth', eu percebo que estás a passar por momentos difíceis - começou Joaquim, sua voz densa e volumosa preenchendo o espaço como uma chuva de verão que nunca se transforma em tempestade. - Todos passamos, é verdade. Mas eu percebo que estás a lutar de uma forma muito singular, como se a própria alma estivesse a ranger e a clamar por alguma solução, algum desfecho que seja capaz de trazer - te a paz que tanto procuras e mereces.

Ethan abaixou o olhar, como se suas emoções e tristezas pudessem ser lidas em seus olhos e na palidez de seu rosto. Tinha consciência de que Joaquim, como amigo e confidente, estava apenas tentando ajudá-lo em um momento crucial de sua vida; e uma parte dele desejava desesperadamente ouvir suas sábias palavras e encontrar consolo na força e na coragem que lhe eram tão necessárias.

- Eu sinto, Joaquim Sinto que estou preso a certas oportunidades que perdi, a certos momentos que deixei passar, e que estou fadado a ficar preso no limbo dessa amargura até que algum milagre se materialize aqui, no coração de todas as minhas lamentações e sonhos partidos - concluiu Ethan, a voz embargada de emoção e um nó se formando em sua garganta à medida que a realidade de suas palavras e dos seus sentimentos lhe penetrava a consciência.

Joaquim olhou fixamente para o homem que tinha diante de si, aquele homem que carregava em seus ombros o peso do mundo e a angústia de um coração partido, e se deu conta, com uma súbita e inquebrantável clareza, de que só havia uma maneira de ajudá-lo: trazendo à tona suas próprias dores e lutas, compartilhando com ele não apenas palavras de conforto e sabedoria, mas também a crua e dura verdade de suas experiências e vivências.

- Ethan - disse Joaquim, com uma solidez sacerdotal na voz que fazia com que as palavras ganhassem vida e peso nos ouvidos do interlocutor -, eu vou te contar uma história, uma história que poucas pessoas conhecem

e que ainda menos compreendem. É a história de minha própria vida, da maneira como enfrentei meus demônios e aprendi a curá-los, não através dos milagres que tanto ansiamos, mas através do perdão e da redenção que somente nós mesmos podemos nos oferecer.

Era como se o tempo desacelerasse naquele instante, enquanto Ethan e Joaquim se entregavam à profundidade e à importância de um diálogo que, a seu modo, forjaria e transformaria seus destinos, suavizando as selvagens tempestades da vida e permitindo-lhes vislumbrar, ainda que por um breve momento, a infinita e insondável promessa de um futuro repleto de esperança e de luz.

Uma agradável coincidência: a casa de Ethan estava ligada ao passado de Sarah

A luz da tarde desenhou sombras infinitas de ângulos e reflexos sobre o chão descascado da sala de jantar da casa abandonada. Sarah standing in the space, equal parts alive as it was dying, quase podia sentir o bater das asas de borboletas passadas, um toque fugaz de magia e inocência que se transformava cada vez mais em pó e silêncio. Seu olhar percorreu pela sala vazia e disparou torrentes de memórias luminosas: os copos de limonada gelada que sua avó havia lhe servido quando menina, nas tardes quentes de verão, quando estudavam as sombras nas paredes e falavam sobre amadurecer, sobre sonhos, sobre caminhos através do nevoeiro da vida.

Ainda assim, havia algo ali, no brilho amortecido daquelas lembranças, que parecia ecoar e se fundir com as coisas esquecidas e quebradas de outra história, algumas outras reminiscências que não pertenciam a ela, mas que pareciam ansiar pelo toque de uma mão compreensiva e amiga. Talvez fosse só sua imaginação, ou talvez fosse um presságio do que se desenrolaria a seguir.

Nenhuma dessas perguntas a atormentava mais do que a coincidência da casa adjacente estar sendo reformada exatamente no momento em que retornara, uma intervenção do destino ou um capricho da providência entre as muitas outras maravilhas e engraçadinhos que a vida oferecia. A reforma, liderada pelo gentil e enigmático Ethan, que lhe oferecera um olhar fugaz, mas intenso, em seu primeiro encontro.

A casa de Ethan, assim como a sua, havia sido desocupada por anos, as

marcas de uma cuidadosa vida passada ainda entrelaçadas nas fissuras e fendas esquecidas. Cada vez que os dois se encontravam, enquanto trabalhavam em suas respectivas casas, as palavras sobre histórias passadas e o passado surpreendente que unia suas vidas pendiam no ar como correntes invisíveis.

Foi no crepúsculo, quando as sombras se alongavam ainda mais, que Sarah se aproximou da casa de Ethan e encontrou - o no jardim olhando pensativo para o mar. Ele a viu e a recebeu com um sorriso, mas seus olhos pareciam carregar a sombra de algo inescrutável, um mistério tímido que ainda não ousara desvendar.

- Sarah, já alguma vez sentiste uma conexão com o passado, tão forte e vívida que quase parece que está chamando por ti mesmo através do abismo do tempo? Que os habitantes de outra época, os corações que bateram nessas velhas paredes, ainda estão presentes e respirando de alguma forma?

Sarah ficou pensativa, tentando encontrar palavras que fizessem justiça à intensidade daquela pergunta e aos sentimentos que a envolviam. Respondeu, por fim, com um sorriso suave e nostálgico:

- Sim, Ethan Sinto que sinto tanto a alma de minha avó que ainda habita meu próprio coração quanto a dos moradores anteriores da tua casa, como se suas histórias ecoassem na minha própria lembrança.

O silêncio se estendeu, denso e palpável, entre eles, uma cortina de emoções e segredos que esperavam ser compartilhados - ou até mesmo descobertos. Devagar, Ethan começou a falar, como se as palavras o dominassem:

- A minha casa, Sarah A minha casa tem uma conexão com a tua. Eu não creio que seja acaso ou coincidência, mas algo muito mais profundo, uma espécie de ligação inegável entre as nossas histórias individuais. Eu descobri, lá no sótão, um baú, esquecido e coberto de poeira, que guardava um segredo delicado e precioso: cartas, Sarah. Cartas escritas por alguém que cresceu nesta casa e foi amiga íntima da avó.

Sarah sentiu um arrepiro percorrer sua espinha, como se o próprio toque do passado a estivesse cercado com uma aura mística e inebriante. Ela olhou para o homem à sua frente, para os olhos escuros e profundos que falavam de abismos e constelações das quais ela ansiava saber mais, e compreendeu que a vida, em toda a sua complexidade e beleza, estava lançando, também sobre ela um véu de mistérios e coincidências.

- Levarás-me a ver essas cartas, Ethan? - pediu ela, a voz suave e calma, mas os olhos brilhando com um misto de curiosidade e fascinação.

Ethan acenou com um sorriso terno e um simples, porém significativo, "sim". E, juntos, desvelados pelo crepúsculo e pela sombra dos mistérios do passado, entraram na casa, onde as palavras e as almas dos que os precederam pareciam esperar silenciosamente pelos dois corações que buscavam compreender e se reconciliar com o peso e o milagre de suas vidas.

A primeira conversa sobre os respectivos passados

No crepúsculo de um dia quente e opressivo, as últimas luzes do sol mergulhavam de encontro às janelas da antiga casa de Etha, como uma chuva de lágrimas silenciosas ou os raios de uma aurora boreal enganadora. O ar estava pesado e melancólico, como se o próprio mundo estivesse suspirando desdobrando-se aos caprichos do destino e da memória.

Sarah estava parada ao lado de um arbusto florido, observando com um olhar quase materno as borboletas e abelhas que, como almas atormentadas e desgarradas, lutavam para encontrar suas casas e seus corações no labirinto sinuoso das flores e folhas. Ela se sentia como se estivesse navegando pelas correntezas frias e íntimas de algum rio noturno, onde as estrelas tremeluziam com sombras e sussurros e a voz distante e apaziguadora de sua amada avó ainda ressoava como um sonho cristalizado nos rincões internos de seu coração.

Ethan, por sua vez, esfregava as mãos freneticamente sobre os joelhos, como se quisesse apagar, com cada movimento, os vestígios das cicatrizes profundas e indeléveis que o passado impregnara em seu espírito - um passado que o perseguia e o assombrava como uma melodia distante, preenchendo cada fresta e esconderijo sombrio de sua existência com lembranças e arrependimentos que ameaçavam sufocá-lo a cada inspiração.

- Ethan - começou Sarah, sua voz doce e suave uma embriaguez sutil, como a promessa nua e insondável de uma vida melhor. - Tu queres me contar sobre o teu passado, sobre o que te trouxe até aqui, nesta casa, nesta cidade, neste momento, em que nossas vidas se mesclam e se tocam como duas correntes de águas mesquinhas e trêmulas?

Ethan hesitou, como se medisse as palavras na balança do coração antes de respondê-la, e a cor de seu olhar, de algum modo, tornou-se mais densa

e profunda, como se estivesse prestes a revelar uma história solene e sagrada.

- Sim, Sarah Sinto que devo contar a minha história - prosseguiu ele, o medo e a exaltação misturados em suas veias. - Só não sei por onde começar.

Sarah estendeu a mão para ele, um gesto simples, mas cheio de coragem e compreensão, um convite para atravessar as pontes invisíveis que separavam suas almas e partilhar, em igualdade e confiança, as angústias e esperanças que povoavam os corações de ambos.

Ele aceitou a mão dela e, juntos, sentaram - se na varanda da casa entre as sombras e os silêncios que lhes envolviam naquela hora mística e impenetrável do dia, quando as vozes dos mortos e dos vivos se confundem em uma única melodia apaixonada e inesquecível.

- Sabe, Sarah Eu cresci nesta cidade - começou Ethan, seus olhos fixos em um ponto distante no horizonte. - Vivia com minha família em uma casa modesta, mas repleta de amor e alegria. Era uma vida simples, porém cheia de beleza e risos, o sol e o mar se estendendo como um sonho indizível diante de nós a cada amanhecer.

Mas havia algo a mais - um segredo ou um fantasma que, mesmo então, começava a rondar as extremidades de minha consciência, empurrando - me para longe do conforto de minha casa e do carinho de minha família.

Ele fez uma pausa, como se tentasse recuperar o fôlego antes de continuar, e seu olhar se voltou para Sarah. A melancolia que a envolvia última vez parecia, agora, ter sido substituída por um coração agora oferecido, como se ela também estivesse prestes a partilhar as asperezas e os milagres de sua própria existência.

Sarah sorriu para ele, encorajadora e afetuosa, e, com um suspiro, ele prosseguiu:

- O passado às vezes pode ser algo poderoso e assustador, principalmente quando mexemos em coisas que estão enterradas sob camadas de singelezas e medos. Mas, acredito eu, que mesmo diante de um passado que inflige dor e cicatrizes, sempre há alento para curá - lo.

As palavras do homem soaram como um eco no coração de Sarah. Ela se viu transportada de volta ao tempo em que era uma menina correndo pelas ruas empoeiradas de sua aldeia natal, os cabelos negros e esvoaçantes tocando suavemente o vento e o sol e o mundo.

Ela pensou na vida que estava deixando para trás, no sofrimento e na saudade que a trouxera até aquele lugar, junto àquele homem, e pela

primeira vez, ela se permitiu sentir uma emoção que há muito tempo estava escondida no fundo de seu coração: a esperança.

- Também trago histórias tristes e sombrias em meu coração, Ethan. E talvez, acredito eu, este seja o momento para descortinar nossos passados, os quais ofuscados pela dor avistamos uma possibilidade de transformação e renascimento - murmurou ela, a voz preenchida de um calor e uma sinceridade que tocava a alma de cada palavra.

E, assim, naquele rincão de tempo mágico e solene, Sarah e Ethan começaram a compartilhar as histórias de suas vidas, a entrelaçar seus sonhos e suas dores, suas alegrias e seus arrependimentos, como um rio de duas correntes que convergem para o mar e, afinal, encontram uma única e interminável senda nas águas eternas do destino.

Enquanto a luz melancólica do crepúsculo se desvanecia lentamente no horizonte, e as estrelas começavam a despontar no céu como tochas acesas na vastidão do cosmos, Sarah e Ethan prosseguiram em sua jornada sagrada de revelações e redenções, deixando para trás as sombras e os fantasmas de um passado atormentado e, juntos, vislumbrando as luzes de um futuro incerto e, no entanto, deslumbrante.

A conexão através da reconstrução

Era uma manhã fresca e serena; os primeiros raios de sol riscavam o céu como uma mensagem divina, brincando na superfície das ondas reluzentes na areia. Sarah estava na varanda da casa de sua avó, contemplando o vasto e misterioso universo do mar e das nuvens que, como sentinelas eternas, equilibravam - se no horizonte, sussurrando segredos e canções de ninar à sombra fugidia das lembranças.

Do outro lado da cerca que dividia as duas casas, Ethan se ocupava em erguer um dos mastros de madeira que sustentaria a varanda recém construída - o sol escorrendo pelas suas costas nuas, realçando o arco das omoplatas e as veias pulsantes que irrigavam a estrutura de sua vida. Havia algo singularmente bonito e meditativo na forma como ele trabalhava naquela manhã; a determinação e a força sob o emaranhado das cicatrizes e das batalhas passadas.

Era ali, no limiar dessas duas casas e dessas duas almas, que Sarah e Ethan encontravam - se, como se a arquitetura de suas vidas estivesse

imbuída com uma forma inesperada de reconciliação e cura. E, no entanto, o instante que estava prestes a ser tecido entre eles era algo tão tão carregado de transparência e sutileza que exercia um magnetismo irresistível.

Assim que a viga estava centímetros acima do chão, Ethan parou para limpar o suor da testa, antes de inclinar - se para pegar a caixa com as ferramentas e começar, com um misto de paciência e confiança, a fixar os pregos no lugar apropriado. Quando o último pregão foi encaixado, Sarah aproximou - se, com pasos suaves que pareciam abraçar e ecoar o som das águas próximas.

- Vejo que teus esforços estão prestes a trazer - te frutos, Ethan - comentou ela, com um sorriso afetuoso e enigmático, o olhar direcionado ao mastro que ele estava prestes a içar. - O resultado desse trabalho será digno de um carpinteiro mestre.

Ethan, um sorriso relutante dançando em seus lábios e em seus olhos, ergueu - se, vertendo o suor da testa e observando, com um brilho fugaz de orgulho e humildade, a obra que estava prestes a completar.

A conexão entre eles ali, naquele instante, era como uma chama indômita que dançasse graciosamente às margens da noite e do dia, um ritual inesperado e sagrado que emergia das ferramentas e das mãos que as manuseavam.

- Sarah - começou Ethan, hesitante e, ao mesmo tempo, ansiando por quebrar as barreiras invisíveis que separavam o mundo de suas almas e de suas histórias - às vezes, sinto que a reconstrução de minha casa é como uma metáfora do próprio renascimento e da reconstrução de minha vida. Essas vigas e pregos são como a pele e os ossos de uma história que não só pertence a mim, mas também à existência indizível de outros seres que tocaram e transformaram a essência de meu coração.

Sarah respirou profundamente, o aroma único e inebriante das águas e do amanhecer a inundá - la por completo, como se quisesse transportar a memória daquele momento para o espaço etéreo e efêmero de seu ser.

- Ethan, acredito que cada esforço que investimos em erguer essas casas, e por extensão em moldar nossas próprias vidas, é como uma prece e uma promessa silenciosa que oferecemos a nós mesmos e aos outros que encontramos em nossa travessia pelo labirinto beira - mar. Meu quarto, teu jardim, até mesmo essa varanda - e tudo o que é inescapável e profundo - na alma dessas casas, transcende a matéria e transforma - se em solo fértil para a construção de pontes que nos conduzem à redenção e à reconciliação

com nossos passados.

Com essas palavras, uma quietude caiu sobre os dois, como um véu de sombras e luzes que descia suavemente da abóbada celeste, abraçando-os com a força e o milagre de sua união e, até mesmo, de seu destino.

Não disseram mais nada, apenas olharam um para o outro e para as casas que se erguiam diante deles, como alegorias do desdobramento de suas vidas e lembranças. E, no âmago daquele olhar encantado e transbordante de profundidade que unia seus olhares, um sonho invisível e inominável retesava-se e desabrochava como uma flor que nascia no limiar do nevoeiro e da claridade.

O oferecimento inesperado de ajuda à reforma

A manhã estava tão leve quanto o rumor das ondas em retirada, e o sol em ascensão ofuscava o céu, enquanto repousava nas margens da costa. Sarah havia tomado um café breve, antes de iniciar suas próprias tarefas na casa, quando avistou Ethan lutando com o porta-vidros próximo à varanda - o corte afiado e riscado de alguma nova moldura para as janelas, presas a um refúgio temporário, quando ele tentava montar a peça em seu lugar apropriado.

- Deixe-me te ajudar, Ethan - disse-lhe ela, ao aproximar-se com o cuidado e silêncio que o oceano tem ao acariciar as pedras da praia.

Ethan, surpreso e instintivamente reticente, embora também visivelmente agradecido, levantou os olhos para fitá-la, como se enxergasse na calma determinação de seu rosto a centelha de um farol a uma boa distância.

Os dois trabalharam juntos para posicionar o vidro, seus dedos tecendo intrincado e cuidadoso trajeto entre as delicadas bordas. A atenção deles era absoluta - e, ainda assim, naquele silêncio e naquele olhar subjacente de emoção com que cada músculo e veia de suas mãos se entrelaçava, havia uma espécie de intempérie que, no final, tomou vida e voz no coração de Ethan.

- Sarah - murmurou ele, com a hesitação peculiar de uma criança que aprendera a ler e escrever, mas que ainda tinha receio de integrar-se aos anéis sagrados e misteriosos do universo das letras e da linguagem. - Eu Eu queria agradecer-te.

Sarah, que ouvia a voz dele como se fossem notas isoladas de uma poesia

ainda não escrita, sentia a suscetível coreografia de emoções espelhada em seus olhos e na curvatura de seus lábios, disse, um sorriso suave e claro como o alvorecer repousando sobre suas palavras:

- Agradecer - me, Ethan? Não há de quê.

Ethan, cuja honestidade e admiração se mesclaram com a intensidade do sol - reflexo nas ondas calmas, acenou afirmativamente:

- Sim. Quero agradecer - te por entrar em minha vida. Não sei bem o motivo, mas tenho plena convicção que teu apoio tem sido fundamental nessa etapa árdua que estou passando.

Sarah percebia toda a energia que ele despendera para dizer aquelas palavras; esforçava - se para encontrar um mínimo de conforto no eco de sua voz, que agora se desvanecia rumo às sombras representadas pelas histórias que não ousavam contar um ao outro ainda. Ela estendeu a mão até aquele olhar vacilante e intocado de esperança, a sinceridade inabalável de seu aperto rompendo a barreira do toque e do silêncio naquele instante.

- Não há o que agradecer, Ethan. Tu também tens sido de grande importância para mim. A partir do momento em que nossos caminhos se cruzaram, eu senti que havia uma conexão entre nós.

Junto com aquela confissão inesperada e serena, os dois terminaram o trabalho com a moldura, o som da madeira e do vidro encaixando - se em perfeita sincronia na paisagem interna de suas vidas.

A peça estava em seu lugar e, com uma respiração tranquila, eles se afastaram um do outro, o olhar de Ethan repousando sobre o objeto de sua labuta, e então no porto infinito de gratidão e expectativa que brotava no rosto de Sarah.

Não disseram mais nada, apenas observaram juntos a síntese de seu esforço. Num instante mudo e pleno de revelações e entendimento, eles sabiam que o vínculo que os unia àquele trabalho na casa era apenas o começo - que, a cada martelada, a cada preço deste projeto, a amizade que florescia entre eles, cada vez mais inextrincável e forte, também permitiria que suas vidas se reajustassem, redimindo - se sob as estátuas de luz e sombra que lhes serviam como farol e porto neste mundo partilhado de sonhos, esperanças e memórias.

A amizade crescente e as histórias compartilhadas

Naquele entardecer, Sarah e Ethan sentaram-se à beira da praia, a maresia envolvendo-os como uma melodia perdida no vento. Com os dedos entrelaçados, repousando na areia molhada e encarando o horizonte onde a esperança parecia ninar-se entre as ondas acariciadas pela luz dourada, o silêncio era uma celebração, um prisma que refratava a poesia que dançava nas margens e margeava os corações dos protagonistas daquela copiosa história.

Sarah fechou os olhos, o ritmo sensual e terno do mar preenchendo-a de lembranças e de sonhos indizíveis; à medida que as águas retraíam-se e avançavam, acalentadoras de segredos e de encantamentos, sentiu-se transportada à infância e às noites em que a avó Isabela lhe contava histórias sobre marinheiros, faróis e luas esmaecidas na beleza abissal da costa.

- Sabe, Ethan - murmurou ela, a voz vibrante de sombras e de serenidade -, minha avó costumava acreditar que a cada pôr do sol, o mar levava consigo todas as dores, inseguranças e tristezas das pessoas que contemplavam suas águas e deixavam-se inebriar por suas canções. Ela acreditava que o oceano aliviava seus corações, purificando suas almas de mágoas passadas.

Ethan, um sorriso doce e acolhedor como o clarão da aurora, virou-se para ela e, com um olhar abismado e onírico, respondeu:

- Acho que como o mar, nós também somos capazes de levar nossas próprias dores e as dores dos outros, buscar uma redenção e purificação nas profundezas de nossa alma. Como a maré, nosso amor e amizade fluem e nos trazem paz.

Os olhos cor de âmbar de Sarah encontraram-se com os olhos escuros dele, e naquele momento mágico uma constelação de palavras e promessas silenciosas uniu-se em uma abóboda celeste invisível.

- Lembro-me de uma história que minha avó me contou - prosseguiu Sarah, um arco de memórias e saudades a guiar-lhe pela névoa impressionista de seu passado. - Era sobre um amor entre uma sereia e um pescador, um amor tão imenso e inefável que a própria espuma do mar transformou-se em estrelas a fim de narrar o encanto e o mistério que os envolvia.

Com um leve toque nos dedos de Sarah, Ethan sussurrou:

- Talvez possamos contar nossas próprias histórias e viver os sonhos

que outrora pareciam inacessíveis. À medida que compartilhamos nossas vidas e lembranças, sentimos a conexão que transcende o tempo e a matéria, tornando-se tão profunda quanto o oceano, tão luminosa quanto o céu.

Era como se os personagens das histórias de Sarah e do passado de Ethan, assim como as criaturas míticas que povoavam as histórias da avó de Sarah, ganhassem vida à medida que se aproximavam, trazendo consigo a força e a magia do amor e da amizade deles.

Naquele crepúsculo, onde os confins do céu e da terra pareciam fundir-se com as brumas plangentes e jubilosas que emergiam das profundezas do mar, Sarah e Ethan perceberam que cada uma das suas histórias, cada aventura e nuance de emoção que os modelava à semelhança das conchas, das águas e das estrelas, era como a beleza indizível de um caleidoscópio em que os fragmentos polidos e incandescentes fundiam-se, tecendo a tapeçaria luminosa e enigmática de suas próprias vidas e de seu amor.

O sussurro da água, a quietude do lusco-fusco, a nostalgia e alegria que vibravam na voz e no olhar de Sarah e Ethan, convergiram num sortilégio inalterável e indescritível, um poema em que as palavras e os silêncios cantavam a canção incomensurável do universo e das memórias que alinhavavam-se e desvelavam-se na vastidão daquelas praias, lúdico solo onde a história tornava-se um nome, um espelho e um abismo.

E, com a metamorfose dos corpos e das almas a despregarem-se do encanto daquela tarde como uma sinfonia que ascendia ao firmamento, num abraço e num sorriso que fundiam-se com as fibras de suas existências e amparavam-se na luz tênue e imorredoura das estrelas, a amizade de Sarah e Ethan iniciava uma nova história, a ser cantada e vivida nas margens eternas de seus corações e daquele oceano que, mudo e incolor, revelava-se através dos olhos febris e serenos de suas almas.

O significado dos objetos encontrados nas casas

Ao cair da tarde, com a luz do sol dissipando-se como o espectro de alguma químera evasiva, Sarah e Ethan encontravam-se na penumbra da casa de Sarah, os ângulos de luz e sombra refletindo e transformando-se como alguns desígnios desconhecidos. Os alicerces da edificação tremiam suavemente, como se os próprios muros e vigas estivessem sendo envolvidos por um abraço distante, carregado de nostalgia e esperança.

Pelas rachaduras das paredes e pelos traços das mãos que ali teciam suas próprias histórias, reinava um silêncio que, entretanto, parecia pulsar com o coração oculto das vidas que haviam se desenrolado por aqueles campos e praias insondáveis.

Ethan aproximou-se de um quadro na parede, os dedos acariciando o contorno da moldura, aquecidos pelo toque da madeira e pelas lembranças que nutriam aquele espaço. O olhar nostálgico de Sarah sobrevoava a cena familiar - desgastada pelo tempo, mas ainda vibrante com a energia daqueles que a tinham vivido.

- Sarah, quem são as pessoas nesse quadro? - perguntou ele suavemente, como se a mera menção da memória pudesse esvaír-se como o aroma fugaz das rosas e das laranjeiras que cresciam ao redor da casa.

Sarah hesitou, seus olhos retendo as lágrimas antes de enxugá-las com um sorriso doce e melancólico. - Ah, este quadro Este é o retrato de minha avó Isabela e meu avô Samuel, na época em que se casaram. - Apontando para um objeto no retrato, continuou: - Vê aquela caixa de joias? Isabela a adorava, tinha um valor sentimental para ela, e agora está guardada em uma gaveta no quarto de casal.

Ethan assentiu, envolto pela imagem daquela relação do passado, agora imortalizada pelos traços e pelas cores que se encontravam na tela de sua imaginação.

- Vamos ver essa caixa, Sarah? - sugeriu ele, com uma reverência e uma gravidade que remontavam a algum reino perdido e encantado.

Sarah tateou a maçaneta de uma porta antiga com um toque gentil e quase reverente. O quarto de casal estava mergulhado em sombras, os raios tênues do sol poente acrescentando um tom mais profundo e cálido aos móveis e objetos.

Aproximaram-se da pequena cômoda de madeira, seus olhos hesitantes e expectantes sobre a gaveta à espera. Sarah puxou-a devagar, enquanto Ethan, com as mãos trêmulas e ansiosas como um amante supersticioso, pegou cuidadosamente a caixa de joias.

O objeto possuía uma aparência rústica e encantadora, com marfim delicadamente entalhado e um pequeno cadeado em forma de coração para mantê-la fechada. Mesmo podendo preencher o espaço entre os dedos de Ethan, o minúsculo compartimento carregava segredos e lembranças de vidas antigas.

- Meu avô Samuel entalhou essa caixa para minha avó, e ela guardava todas as suas joias e amuletos dentro dela - os olhos de Sarah brilhando como brasas na luz incerta que dançava no quarto.

Ethan fitou Sarah, cuja emoção parecia se mesclar com as sombras e as cores, transformando-se em parte do ar que respiravam, angustiado e suave como uma valsa anoitecida.

- Sarah - disse ele, hesitante, a voz entrelaçando-se com a melodia solitária e indescritível que preenchia o quarto, - o que será que Isabela guardava aqui de tão importante que aquecia o coração dela?

Sarah contemplou a caixa, transportando-se através das memórias e dos segredos que cruzavam os abismos do tempo e do espaço, antes de responder, entrelaçando as palavras como se construísse um véu precioso e suave de renda e mármore:

- Lembro-me de quando Isabela me mostrou a caixa pela primeira vez - ela guardava ali os amuletos que simbolizavam os momentos mais preciosos de sua vida. Havia um pequeno pingente de ancorar que pertencera ao meu avô, que representava a solidez do amor deles E um grão de arroz, lembrança do primeiro jantar que prepararam juntos como marido e mulher

Ela fez uma pausa, pensativa. Ethan pressentiu a emoção de Sarah, e, em seus olhos, vislumbrou outras paisagens, outras músicas e histórias que bailavam nas sombras e na luz de seu coração.

- Isabela amava os amuletos e os tesouros que guardava nesta caixa - acrescentou Sarah, com uma suavidade e uma profundidade que traçavam o âmago das emoções que tangiam e suspendiam-se no quarto silencioso e crepuscular. - Tenho certeza de que, se pudéssemos abri-la novamente, encontraríamos pedaços de suas histórias e de suas emoções, conchas e pedras preciosas que refletissem o amor que ela dedicava a estas lembranças e às paisagens que alimentavam seu espírito e sua alma.

Neste instante, os olhos de Sarah e os olhos de Ethan encontraram-se, e, nos interstícios de seus olhares e do silêncio tênue e etéreo em que se perderam por um momento, souberam que aqueles amuletos e segredos, como as memórias e os sentimentos que surgiam no âmago deste quarto velho e sombreado, eram apenas os primeiros fragmentos de um arco-íris desconhecido de histórias, de esperanças e de redenção a se desvelar e a se tecer sobre seu horizonte.

O primeiro passeio juntos pela costa

Uma corrente de vento saltou sobre a areia cinzenta, dispersando um redemoinho de conchas e espuma de mar à beira da praia. Sarah, com os olhos semi-abertos em silêncio profundo, absorvia a melodia das ondas que se desenrolavam e quebravam - se na costa, como se cada ressoar delicado e rítmico das águas pudesse incutir - lhe alguma mensagem, algum suspiro no qual repousaria a chave do enigma que se desvelava naquelas margens inextricáveis, naquelas paisagens que se entrelaçavam e cicatrizavam - se como as memórias ocultas em seu coração.

Ainda podia sentir a sombra da presença de Ethan, como um eco da saudade que flutuava no ar, nas gotas de chuva, nos fragmentos de luz que palpitavam e desfaleciam entre as mãos vaporosas do crepúsculo. A angústia e a alegria que o contemplavam e envolviam arrancavam - lhe a respiração, entrelaçando - se em sua alma como as madeixas descoloridas e enigmáticas que enredavam - se na areia e nas algas da praia.

Em pé, fixava o olhar sombrio e ávido no horizonte onde se alinha o céu e o mar, como se quisesse devorar e registrar a beleza daquela cena efêmera e qlaustral. Sentia o coração pulsar desenfreado sob a túnica fina que a enternecia das intermitentes baladas do vento, e as lágrimas brotavam doloridas e catárticas através dos véus de uma neblina que avolumava - se no seu olhar, numa oferenda silenciosa e imaculada à imensidão que se escalonava nas abóbadas e nos abismos daquela costa.

Ethan aproximou - se, o rosto claro e triste como um poema esquecido na memória de algum rio, de algum esquivo e pálido crepúsculo. À medida que seus passos se perdiam nos soluços das águas, os olhos dele, de um verde abismático e sensual como alguma relva do éden, lançavam um brilho doloroso e perdido, uma líquida invocação carcomida pelo imo de suas lagrimações.

- Está tudo bem, Sarah? - perguntou ele, alumiado por um suspiro leve e tímido como as asas de alguma mariposa, flutuando no limiar de algum campo esquecido e inóspito.

Ela virou - se para encarar Ethan, o rosto alinhavado pela tristeza, a sombra e a paz que roçavam naquele instante húmido e desvanecente. Sorrindo delicadamente, como o primeiro acender de um sonho louvado pela madrugada, ela murmurou:

- Estava apenas a contemplar a beleza desta paisagem. É algo que sinto falta. Já fazia tanto tempo que não contemplava o mar e tudo que isso representa. Significa muito para mim, ainda mais agora compartilhando esse momento com alguém especial como você.

Os olhos de Ethan encontraram os dela e, envelados pela penumbra de um passado incógnito e sombrio, brilharam com uma chama intensa e reconfortante, um testemunho do amor, do temor e da redenção que se escondiam nas fissuras de suas almas.

- Bem, está um dia lindo e em boa companhia - respondeu. - Vamos aproveitar para passear mais pela praia?

E, nas mãos enristadas e nas vozes rendidas à maresia, às vagas ilusórias e aos prantos que circundavam a paisagem, a vida, a morte e a beleza que transpareciam naqueles olhares recônditos e lacrimosos, Sarah e Ethan compreenderam que aquele primeiro passeio juntos pela costa não consistiria apenas no testemunho silencioso e emotivo das águas e das areias que desfilavam e entranhavam-se ante aos seus olhos, numa procissão infinda e dolorosa de penitência e esperança.

Aquela jornada, que desabrochava como um fio de prata no seio das brumas e das saudades que se imiscuíam numa auréola luminosa e desconhecida sobre a terra e sobre o mar, seria um rascunho, uma arapuca e um santuário em cujo seio a solidão e a tempestade da existência transformavam-se, alumiadas por um amor sem limites e comovente, numa palavra ungida, numa invocação cicatricial e, sobretudo, numa humanidade que se ofertava redimida, obrigada pelas inteiras e pelo apelo de alguma sombra que se desvanecia nas abóbadas incoloridas e solitárias de alguma tarde transpassada pelo poente.

Chapter 3

A amizade inesperada

À medida que as ondas lamiam a areia, o sol dourado começava a retroceder, vestindo-se com um manto tênue de sombras e nuvens. Sentada à beira do cais, suas pernas penduradas sobre as profundezas verdejantes e lamuriosas do mar, Sarah Rodrigues soltava mais um suspiro - aliviado e dolorosamente triste. A brisa salgada acariciava seu rosto, entrelaçando-se em seus cabelos como os emaranhados de lembranças e sonhos que a trouxeram de volta àquela idílica cidade costeira.

Atrás dela, a casa de praia de sua avó parecia sussurrar suavemente, chamando - a para dentro de suas paredes, acolhendo - a no seu abraço reconfortante e nostálgico. Mas, por enquanto, Sarah sentia-se atraída pelas águas aprisionadoras e misteriosas que rodeavam a cidade, cedendo-se à tranquilidade momentânea que encontrava no empoeirado horizonte de sua infância. No entanto, em algum lugar nas profundezas de suas lembranças, um gemido de tristeza reverberava, um fio de dor negro e retorcido, puxando seu coração para um abismo insondável de memórias.

Enquanto a maré engolia e liberava as pedras arredondadas e fragmentos de conchas, Sarah via no canto de seu olhar uma figura aproximar-se - um homem esguio e sombrio que caminhava pela praia com passos cuidadosos e a solidão estampada em seu rosto. Ethan Mendonça, encontrando-se também em um mar de conflitos emocionais - perdido no passado e com seu coração esperando por redenção. Nada demais até então, seria mais um morador naquela cidade de belezas escondidas. No entanto, algo naquele encontro casual e inesperado ali na beira-mar faria com que ambos fossem transformados pela amizade que estava destinada a surgir.

Ethan aproximou - se em silêncio e cumprimentou - a com um sorriso hesitante, as rugas entrelaçadas ao redor de seus olhos - um turbilhão de histórias que, se fossem contadas, narrariam uma vida marcada pelo infortúnio e perseverança. Sentou-se a seu lado, e os dois ficaram em silêncio por um longo e solitário momento, apenas compartilhando a companhia mútua - dois seres solitários ligados por um fio invisível, uma corrente silenciosa e indescritível que pulsava entre eles e as águas sob o crepúsculo.

- Estava vendo como as águas daqui parecem guardar tantas memórias - disse Sarah, sua voz suave e medrosa como as ondas brincalhonas. - Como se cada grão de areia e concha carregassem uma história que clama por ser contada e compartilhada.

Ethan olhou para as mãos de Sarah e sorriu, como se enxergasse a transparência do ouro e das sombras que residiam por detrás das pálpebras fechadas dela.

- E é exatamente isso que fazem - respondeu ele, quase sussurrante, como se o som de sua voz pudesse perturbar o equilíbrio delicado e finito que abarcava o mundo natural e o coração humano. - Não só as conchas e a areia, mas também cada resto de coral no fundo do mar e cada pequeno barco de pesca que se esconde e balança nas correntes e nas marés. Não há nada que se perca, nada que possamos fazer para evitar que os ventos e as ondas guardem nossas histórias, nossos sonhos, nossos arrependimentos, e os transformem em algo tangível e infinitamente precioso.

Houve um silêncio frágil após a declaração de Ethan e Sarah franziu um pouco a testa, sorrindo ao perceber como a figura daquele homem, antes apenas mais um na multidão, tornou-se uma lufada de ar fresco em meio às suas angústias.

- Acho que é exatamente o que precisava ouvir - confidenciou Sarah, encarando a vastidão das águas. - De alguma forma, sinto que nossas histórias se mesclam com as do mar e, no fim das contas, fazem parte de um todo.

Ethan acenou com a cabeça em concordância e, com um olhar terno e cuidadoso, estendeu a mão para segurar a dela. Dessa vez, um calor desconhecido surgiu entre as ondas e as areias, acendendo uma chama fugitiva e nostálgica que engolfaria e uniria as duas almas perdidas que ali se encontravam.

Os ventos sopros, as águas batiam e uma amizade brotava ali, ines-

peradamente trazida pela mesma maré que testemunhava. O quão fundo aquele sentimento iria mergulhar, era desconhecido, mas ambos sabiam que firmavam um laço que começava ali, em meio às memórias e segredos que o vasto mar lhes proporcionou.

Primeira aproximação entre Sarah e Ethan

A última chuva da tarde suspirava ao vento, misturava - se à espuma do mar nas dunas e entre as folhas; um crepúsculo dourado e macio tecia - se nas margens outonais junto à praia e às rochas; e arfava na gola da capa de Sarah Rodrigues o perfume das camélias, acalentador como o olhar de Isabela Costa ensarlado na penumbra. A ondulação da atmosfera era como um insistente murmúrio de passado - os fragmentos do tempo que se amontoavam ao longo de uma costa onde ela sonhava ainda criança, e donde emergiam as histórias veladas de sua avó.

O sol, por fim a desvanecer - se, tingia de cor púrpura e de ouro líquido as grandes asas das procelárias e das gaivotas que planavam ao longe, transportando consigo os segredos velados e as memórias enlacradas no mar e no céu. O arvoredado, ligeiramente rasgado pelo crepúsculo oscilante, prendia na angústia das folhas a partitura magoada do vento; e Sarah, perdida naquele crepúsculo ocidental, querendo arrancar ao silêncio as palavras e os ecos de outrora, permitiu - se, mais uma vez, ser avassalada pela saudade.

Foi neste momento que Ethan surgiu na praia, como uma sombra que temporariamente esqueceu - se de dissolver - se no azul singelo e resplandecente do crepúsculo. Seus passos eram cautelosos, como a presença mareante dos corais e das algas que envolviam os troncos dos barcos ancorados e as estrelas do oceano; e, à medida que estes cadenciavam - se pelas ondas e pelo sussurro do vento, vislumbrou - se a tessitura da dor, a sombra e a solidão que entremeadas compunham sua fisionomia.

”Olá, Sarah”, disse ele, seu sorriso hesitante e triste, seus olhos em poços profundos de luminosidade magoada, na palidez do firmamento que contemplava - os silencioso e repleto de música.

”Ethan”, ela o saudou com igual hesitação, sabendo que nesse instante sua vida mudara irremediavelmente, como um fio azul e etéreo que as estrelas do céu e do mar por um momento descobriram, como uma palavra jamais

dita nas beiras das sombras adormecidas ao longe na paisagem.

Levemente hesitante, Ethan sentou - se ao lado de Sarah, o perfume adocicado e agriçoce das camélias como um contraponto à sonolenta e amarga penumbra das ondas. O vento, abismático e inspirador, acorrentava em suas asas a impressão lúdica e desconcertante dos pássaros, como se quisesa dizer a ambos o valor impermanente e cálido da vida: o amor, a tristeza, e sobre tudo isto a definitiva certeza da solidariedade que sobrepujava todas as inquietudes e anseios do coração humano.

”É um belo crepúsculo”, murmurou Ethan, como se todas as palavras do mundo e a sensação de arrepio e assombro que estremecia o ar pudessem ser traduzidas naquele segundo em que as nuvens eclodiam e se desvaneciam, em que a escuridão e a luz misturavam - se fervilhantes como os sonhos que surpreendiam Sarah todas as noites, desde que se maravilhou pela primeira vez com o bailado das gaivotas e a sinfonia das marés.

Sarah, enquanto contemplava a vastidão da praia e o infinito abismo do céu ali banhados pelo sol e pelo mistério, sentiu - se dolorosamente surpreendida pelos olhos de Ethan, que, erguendo - se como um peregrino perdido e abismático através da poeira que cercava o crepúsculo, pairavam em frente às ondas como os fragmentos luminosos de alguma relíquia noturna e angustiosamente misteriosa que se desvelava para maravilhamento e espanto.

”Sim, de fato”, respondeu Sarah, o tremor de suas palavras sobressaindo - se como o crepitar das chispas de uma fogueira, cujas chamas oscilavam e se perdiam ao som do vento e das folhas. ”Mas tudo neste mundo é belo, se soubermos olhar com os olhos bem abertos e com o coração em mãos.”

Ethan, percebendo a intensidade e profundidade na alma de Sarah, concordou com um leve aceno de cabeça, enquanto sua voz desvanecia - se e se perdia no som do abraçar das ondas. Ele sabia que tudo estava mudando e que o olhar de Sarah transportava consigo as sombras e os sonhos de outras vidas, de outros segredos que não podiam ser pronunciados ao sol poente.

Conversas casuais durante os encontros na praia

As ondas incessantemente acariciavam a areia, suspirando com a suave melodia do mar, sarapintando as praias já despedaçadas de verão com o torpor de ondas mornas e murmúrios azuis. A cidade costeira parecia

descansar sob o manto brumoso de um longo dia que em si mesmo poetizava; e os olhos de Sarah Rodrigues, perdidos em sonhos ardentes e sombrios, dançavam ao longo do crepúsculo incerto e peregrino como estrelas perdidas nas procelárias outonais.

Um leve som abraçava o silêncio de Sarah. Ethan Mendonça se aproximava à distância, caminhando pela orla marítima no que parecia ser um ritual diário. As pernas afundavam na areia úmida e seus olhos dançavam entre as ondas e os passos deixados para trás. O sol poente banhava seu rosto com a luz dourada de um dia terminando, fazendo seu cabelo castanho - escuro brilhar com nuances rubras.

Sarah percebeu uma hesitação em seus passos antes que ele a cumprimentasse com um sorriso e se juntasse a ela na beira da água, onde as ondas quase envolviam seus pés. Sem hesitar, ele tirou os sapatos e fincou os dedos dos pés na areia, como se buscasse uma conexão primitiva com aquele lugar que nutria um poder de cura.

- As águas parecem carregar um segredo, não é? - disse Ethan, seus olhos se voltando para o horizonte.

Sarah olhou para ele, as raias do sol abraçando seu rosto com um luminescente carinho, como se estivessem cientes do mistério intrínseco daquele momento. Ela sorriu, acompanhando o olhar de Ethan para a vastidão do oceano.

- Sim, um segredo que só ouvimos através do canto das ondas - respondeu Sarah. - E você, também escuta esse canto?

Ethan fechou os olhos por um momento, como se permitisse que as vozes distantes das marés penetrassem em seus pensamentos mais sombrios, libertando - os em um fluxo e refluxo de redenção e sofrimento. Então, ele respondeu:

- Ouço, mas às vezes me pergunto se o que ouvimos é realmente um segredo, ou apenas o eco dos nossos próprios anseios e medos.

Era neste momento que Sarah percebia a natureza compartilhada e transitória de seus medos e esperanças, entrelaçadas pelas correntes invisíveis e pelos cantos incessantes das ondas - como se cada grão de areia e cada suspiro do vento abraçassem suas almas feridas e conjurassem nelas um sussurro de harmonia e compreensão.

Um silêncio cálido os envolveu brevemente, antes de Sarah corajosamente iniciar outra conversa - ela sentia que era o momento de mergulhar naqueles

medos e esperanças, permitindo que a mágica da praia guiá-los em direção a um terreno emocional mais profundo.

- Qual foi a maior dor que você já sentiu, Ethan?

Sua voz oscilou ligeiramente, a trepidação do enfrentamento equilibrando-se com o pedido de cumplicidade. Ethan olhou-a intensamente, como se percebesse a natureza conflitante de seu próprio coração - tanto protetor quanto envolvido em uma dança de autorrevelação e redenção.

- A maior dor que já senti foi perder alguém que amava muito - admitiu Ethan, seu olhar abaixando-se para a areia molhada aos seus pés, como se procurasse o reflexo de um rosto perdido e amado na efemeridade das ondas e dos vestígios de conchas partidas.

Sarah sentiu um aperto em seu peito, a empatia e a tristeza compartilhada pulsando em suas veias como um presente inesperado e necessário.

- Também perdi alguém importante Minha avó Isabela - suas palavras saíram como uma sinfonia melancólica de reminiscências e lamentos inarticulados.

Ethan levantou os olhos para encontrar os de Sarah - um encontro de dor silenciosa e irreparável, uma cumplicidade fugaz, porém cativante, que se desdobrava naquele espaço compartilhado entre a terra e o mar.

- A dor nos une em uma corrente submersa e inescapável, Sarah - disse ele, segurando sua mão em um gesto de conforto e compreensão. - E é através dessa corrente que encontramos um porto seguro em um ao outro.

Com essas palavras, a conexão entre Sarah e Ethan aprofundou-se ainda mais, criando uma fina linha de prata entre seus corações atormentados, um farol de esperança e redenção à beira do imenso e sempre longínquo oceano.

Ethan oferece ajuda a Sarah com reparos na casa de sua avó

A solidão branda que reverberava na casa abandonada de Isabela Costa - a casa enclausurada em um passado de memórias e segredos - ainda zunia nos ouvidos de Sarah como um eco distante e arrastado de ondas em fúria. O murmúrio das gaivotas, as tênues notas apagadas do minúculo realejo abandonado no sótão, as pegadas de sal e areia sobre os ladrilhos disformes da sala de estar - eram como névoa evanescente pairando sobre as velhas paredes e os despojos inundados pelo sol, arquivos de um tempo que ela

jamais havia conhecido. Não havia no entanto, em cada ângulo daquela casa, a sensação pungente e paralisante de solidão e abandono que agora ardia no coração de Sarah.

De pé na porta do jardim, os cabelos dourados e lívidos como um esvoaçar de asas de pássaros esqueléticos ao anoitecer, Sarah Rodrigues parecia contemplar, em cada vestígio naquelas terras desertas, em cada seixo que salpicava o átrio e o regato, a imagem pálida e evanescente de sua avó - como se a sombra de Isabela houvesse se juntado às águas e às flores do jardim, como uma lembrança esquecida nos álbuns de fotografias.

De súbito, embalada pela melodia dos trovões que desabavam nas colinas ao longe, como o ribombar de uma prece dolorida e remota, Sarah ouviu os passos de algumas almas determinadas naquelas dunas ocultas entre o sal e o vazio. Ela voltou - se, a curiosidade e ansiedade denunciadas pela intensidade crispada de seu olhar; e logo vislumbrou - como um fantasma erguendo - se sobre os campos e a penumbra - o perfil nítido e luminoso de Ethan Mendonça.

"Olá, Sarah", a voz de Ethan era límpida e oscilante como uma flauta esculpida na bruma e no veio do vento. "Sendo a sífilis uma doença, você está trabalhando aqui sozinha nesta casa antiga?"

"Ethan", ela respondeu, meio hesitante, meio desvanecida em um sorriso frágil, o olhar aterrado e provocativo da maré alta a refletir - se em suas íris lânguidas e inexpressivas. "Achei que deveria começar a trabalhar na reforma o quanto antes. Minha avó, ela se foi, mas ela deixou um legado comigo. E eu não acho que posso ignorá - lo."

Ethan, olhando de relance para a varanda destruída e as gárgulas despedaçadas às margens do caminho, sentiu um nó gélido e impessoal instalar - se na garganta e nas mãos - como se o tempo e a sombra de Isabela houvessem, de certo modo, de tal maneira arrebatado seu espírito e sua essência, como o vento e as marés envolvendo - se nos arbustos e nas trepadeiras poéticas.

"Pois bem", murmurou ele, como se fitando com um olhar apocalíptico e profético o rosto de Sarah, "quero te ajudar."

As tênues sombras de seus lábios perderam - se na chuva e na angústia, como um misto de fogos crepusculares e incandescentes.

"Não te debes preocupar, Ethan", a voz de Sarah ecoou como um sininho de uma casa solitária, suspenso entre o sonho e a memória. "A casa, as

recordações de minha avó - elas são de minha responsabilidade. É meu fardo, meu ônus, minha dor.”

Ethan olhou-a fixamente, os olhos impassíveis como o trovão que brandia - se nas colinas e no céu ora tempestuoso, ora incandescente.

”Ofereço minha ajuda porque sei como a dor e a passagem do tempo podem criar um abismo irremediável entre nós, a casa e os vestígios desbotados do passado”, disse ele, tocando suavemente o braço de Sarah, como uma prece solitária e ardente. ”Acredito que duas almas unidas em um esforço compartilhado podem transformar a dor e a solidão em algo novo e redentor - talvez até um passo em direção a um futuro onde possamos encarar nossas lembranças sem medo ou tristeza.”

Sarah, fixando os olhos na vasta paisagem marinha e na pungente e despida imagem que as sombras desenhavam sobre as dunas e o sal, percebeu, por um momento, como os jogos ao cair do sol, as ondas e os aromas das rosas e dos manacás se mesclavam à fragilidade e à luz da alma e da memória de sua avó - como se uma paisagem infinita de ecos e de luzes encalacradas acalentasse no infinito espaço entre o céu e o mar o abismo dos sentimentos e das impressões que jamais se submetiam às distorções do tempo e da nebulosa acumulada na saudade.

Sorrindo, Sarah olhou diretamente para Ethan e balbuciou: ”Aceito sua ajuda, Ethan. Estou pronta para transformar esse lugar.”

E como uma partitura do voo dos pássaros e das profundezas ocultas e remotas do vento e da onda, a promessa de transformação, de emoções descobertas e abandonadas, de lembranças em um espaço distante e impenetrável transpirava nos sussurros de agoniados trovões e de bi luminosas estrelas do mar.

As coincidências que fortalecem a conexão entre os dois

Em uma tarde enfarruscada de um verão desprendido de luminosidades excessivas, em que o céu brandido à semelhança de uma tela aquarelada, de veios e laminados rubros e esmaecidos, espriava - se entre montes e colinas prementes e distantes, Sarah Rodrigues esgueirava - se com hesitação em meio aos sonhos e detritos que bamboleavam - se no litoral e às esquinas de suas próprias memórias. Ela caminhava, ora passageira, ora dançarina da leveza inconstante dos verdores e dos ventos, como se cada passo fosse um

suspiro meditativo, um vestígio de lamento e de possibilidade, ecoando no balé dos sussurros do mar e das algas encalacradas a seus pés.

A pouco e pouco, como o raio que arriba e transluz - se nos penhascos e nas cascatas errantes, irrompeu em sua face o rosto tremulante de Ethan Mendonça. Embora Sarah o visse apenas como uma silhueta inacabada e indecifrável à distância, ela podia adivinhar, pelas linhas que jaziam sobre suas faces, a história e a magia que com ele marchavam como solenes e sombrios nautas pelas franjas das eras e dos mariscos.

Foi nesse instante, entre o delinear das sombras cambiantes de Ethan e as reminiscências ocultas entre as gotículas de chuva que escorriam pelo corpo exausto e arquejante de Sarah, que emergiu como um pedido entre as lágrimas do céu e do oceano o encontro dos dois sob a pergola alvo e derruído das margens da praia.

”Puxa, também está chovendo no seu lado do paraíso?” - exclamou Sarah, o riso tênue e desaparecido, como um filamento de névoa sendo levado pelo vento.

Ethan, aconchegando - se no turbilhão sussurrante do chuvisco e da penumbra, lançou - lhe um olhar de afeição e oportunidade, como se tivesse à sua frente o espelho de suas próprias sombras e verdades esquecidas. ”Ninguém disse que o paraíso seria fácil, não é?”

As palavras de Ethan enredaram - se como uma uva - do - mar entre os cabelos ainda mareados de Sarah, acariciando docemente a pele em silêncio, como se reconhecesse o lamento e o ímpeto que habitava seus corações solitários, nos ecos do mar e do silêncio estival.

Sarah, fitando o azul arrebatador de seus olhos, lançou - lhe uma pergunta tão imprevista e intensa, que parecia fluir das entranhas da terra e do vento como um desesperado prenúncio da sorte e das revelações por vir. ”Você já sentiu que estava destinado a conhecer alguém?”

Ethan, como se por um momento desprendendo - se dos segredos e recordações que, como pupuras feridas e retratos desbotados, resplandeciam e esmoreciam em sua alma, suspirou:

”Sim, Sarah. Acredito que tudo, de alguma forma, está unido pelo desígnio do acaso e do mistério de nossa condição.”

Ela olhou para ele, em cada lágrima, cada sombra perdida e extraviada no veio do horizonte e nas ondas salpicadas de corais e farpas de conchas. ”Mas o que poderia unir duas pessoas como nós?”

Ethan, afastando - se do temporal e de seu próprio destino, como se quisesse esconder de si mesmo as barreiras e oceanos que o separavam de Sarah, murmurou com sofreguidão e ternura: "Talvez, se acaso contemplarmos com o olhar mais profundo, se os olhos soubessem desvendar os enigmas do acaso e da vida, encontraríamos, no âmago da alquimia e dos segredos do mundo, os laços invisíveis que nos prendem desde tempos imemoriais."

Sarah sorriu, como o calor de uma vela se apagando em um quarto solitário, vislumbrando naquelas palavras um íntimo e inextinguível oásis de verdade e predestinação.

Ali, naquele instante, entre os murmúrios do mar e os interstícios invisíveis e difusos das tormentas e das nuvens entrelaçadas em segredos e relâmpagos, os corações de Sarah e Ethan encontraram - se como dois barcos afastados do cais em um dia meditativo, beijando a rebentação com promessas e tormentas, nutrindo a esperança fingida de que o destino e a misericórdia desvendariam, aos poucos, os nós férreos e as sombras escondidas dos seus incríveis e transitórios encontros.

Noites agradáveis compartilhando histórias e risadas

As sombras da noite engoliam o último raio de sol que se esgueirava por trás das nuvens espessas. A escuridão vibrava em harmonia com as ondas suaves daquela noite em que Sarah e Ethan encontraram conforto no raio de luz tênue e solitário que emanava da casa de praia próxima. Sentados na areia, banhados pelo oceano que se estendia além do horizonte, eles riam alto, as melodias dos risos entrelaçados formando uma colcha de retalhos de alegria e esperança.

Sarah, com os cabelos dourados dançando ao vento, contou histórias engraçadas e divertidas de sua infância, da vez em que riscara secretamente o pára - lamas do carro de seu pai com giz de cera e só fora descoberta quando a chuva dissolvera a tinta temporária em uma miríade de cores manchadas e descascadas. Ethan, por sua vez, compartilhou suas aventuras em caminhadas desastradas, das quais se perdera não uma, mas duas vezes na floresta, antes que um bondoso lenhador o encontrasse e o levasse de volta para casa.

Os dois riram juntos, enxugando as lágrimas dos olhos enquanto o riso agudo de Sarah se fundia ao riso rouco de Ethan. E no processo, eles

descobriram que havia uma linguagem compartilhada, não apenas no rir, mas também no silêncio que se seguiu, iluminado pela lua que, por sua vez, lançava raios prateados sobre o oceano escuro.

Sentada ao lado de Ethan, os braços enrolados em seus joelhos, Sarah deixou sua cabeça pender lentamente até repousar no ombro de seu amigo. A respiração plácida de Ethan, enraizada no momento presente, trouxe a memória de uma paz há muito tempo esquecida. Naquele instante, despreocupados e sem pressa, Sarah e Ethan compreenderam que não estavam apenas compartilhando histórias de suas vidas, mas também criando novas memórias. Eram marcas nos corações que sozinhos pareciam tão vulneráveis, mas juntos, encontravam um equilíbrio harmonioso.

Com o riso lentamente se dissipando, Sarah levantou os olhos e viu o brilho da lua refletido nos olhos de Ethan. Além da superfície prateada de seu olhar, ela viu o homem que tinha enfrentado suas próprias batalhas e, desmascarando-se, permitido que ela visse as cicatrizes ocultas e as histórias de seu passado.

As risadas cessaram por completo agora, enquanto Sarah olhava para o perfil de Ethan, desenhado em sombras e intercalado com as ondulações da costa. A proximidade entre eles instilava uma nova intimidade forjada durante aquelas conversas nas noites agradáveis na praia.

Foi então que Sarah se lembrou do poder da vulnerabilidade, do quão corajoso era abrir as portas de seu coração e convidar alguém a entrar. Ethan, em sua quietude e sinceridade, deu-lhe a coragem de enfrentar e compartilhar os fragmentos sombrios de sua alma.

Na luz lunar através dos cabelos dourados de Sarah, Ethan sentiu-se abraçar a paz que há muito procurava. Ele viu a tela dos tempos em seus olhos, como uma exaltação de tudo que restara por trás da torrente de histórias e recordações.

Sem palavras, com apenas o bracelete suave das ondas sussurrante ao fundo, ambos perceberam que, ao longo daquelas noites na praia, eles haviam se tornando refúgio um do outro. E na medida que a lua se dirigia ao horizonte, como um fecho de luz encapsulando a esperança e redenção de suas vidas, Sarah e Ethan continuaram a compartilhar, em suas risadas e seus silêncios, a promessa de que o fio invisível do destino os havia tecido juntos, para criarem juntos uma tapeçaria resiliente de amor e amizade.

Apoio mútuo em momentos de tristeza e angústia

Em um daqueles entardeceres azuis e cobalto, emaranhados de sombras e ventos gelados, quando o perfume e a música das algas enovelavam-se com o arrastar melancólico das águas sobre a maresia, Sarah e Ethan encontraram-se na areia marcada pelos labirintos e desvios de suas trilhas solitárias, em um encontro marcado por um silêncio comovente e impermeável, como se despojassem de suas próprias máscaras e maneirismos para embrenharem-se no coração e na afição das trevas do oceano e de suas próprias almas.

Deitados frente a frente, com as pupilas inteiramente imersas nas águas enluaradas que se estendiam até a dimensão espectral dos confins e amarravam ao infinito a esperança e o desespero do homem, os dois desfiaram um diálogo de sutis e desamparadas confissões, como se quisessem dar vazão aos apontamentos e às afeições mais antigos e incorruptíveis de suas entranhas e vivências.

”Sarah, eu fico me perguntando se fui precipitado em tomar algumas decisões na minha vida. Minhas escolhas me trouxeram a esse lugar, e aqui encontrei você, o que é realmente precioso, mas ainda estou em um labirinto de incertezas”, confessou Ethan, seus olhos mergulhando em um córrego soluçante e cintilante de alento e abandono.

Para além do cenário e da simbiose da silhueta de Sarah compenetrada na profusão de recordações entrecortada pelos véus de neblina, um lampejo de semelhança aflorou no olhar de Ethan. Ela desembaraçou-se do embalço e do tumulto dos pensamentos, e, articulando-se como boa companheira naquele barco que tiritava e afundava-se nas algas e nas inocências da noite, declarou, como um círio alumbrejante e definitivo em suas mãos vacilantes:

”Ethan, acho que todos nós temos nossas dúvidas e inquietações. O que importa mesmo é como enfrentamos e aprendemos com eles. Por exemplo, sua presença aqui agora trouxe esperança para a minha vida, quando eu nem sabia que isso era possível”.

Nesse momento, os olhos de Ethan estremeçeram e reluziram entre lágrimas e desvelos, como um sol escarlate que estoura e fragmenta-se nos reinos de pedra e de escuridão do horizonte. Ele esquadrinhou a fisionomia enigmática de Sarah, submersa nas cavidades e ilhas de seus cabelos derramados sobre as caravias de cerração, e consignou aos ventos e aos abismos de tempestades um pedido penitenciarário e sincero:

”Mas será que não estou arrastando você para o casulo de meus pesares e dilaceramentos? Ao compartilhar meus sentimentos com você, eu temo que esteja obscurecendo a luz que reside dentro de nós”.

A resposta de Sarah emergiu do solo e das cóleras do mar como uma constelação de incertezas e esperanças, como uma pequena chama ardendo em meio ao reino das sombras e do caos.

”Ethan, sempre há riscos na verdadeira conexão Porém, os momentos de tristeza e angústia que compartilhamos nos permitem ver e compreender a resiliência que existe no âmago de nossos seres. Você me permitiu ver os cantos mais emotivos e sutis de sua essência e, ao fazer isso, abriu as fechaduras e portas do seu coração, trazendo luz para as sombras das nossas vidas”.

Ethan, com as pupilas mergulhadas no arcano daquelas palavras, como se encontrasse repouso no abraço e no hino das lágrimas, lançou-se na dádiva e na providência do entendimento mútuo que ambos haviam construído, agitando-se como um barco na tempestade em busca da luz que os guiaria para um lugar seguro.

”Sarah, eu sou grato por nossos corações terem se encontrado, mesmo em meio à tormenta de nossas vidas. Você me faz acreditar que, apesar das inseguranças, podemos nos elevar acima de nossas angústias e caminhar lado a lado, confrontando os mares agitados e sombrios do desconhecido”.

Ao declarar isto, Ethan estendeu sua mão e enlaçou suavemente os dedos arroxeados e exangues de Sarah, em uma acolhida e uma cumplicidade que mesclavam as marés e as luas encapeladas dos horizontes e das noites que cerceavam em seu espírito.

E, à semelhança de dois exploradores solitários e destemidos, encarando os abismos e as geleiras das trevas e das inexploradas paragens do mundo, os corações de Sarah e Ethan trocaram promessas de apoio e solidariedade, como faroletes e candeias a desfazer em epifanias de insondável beleza as angústias e vendavais que desabavam ao redor.

A inegável química entre Sarah e Ethan

Uma neblina melancólica pairava sobre o mar, e o cobertor de nuvens cinzentas no céu ameaçava desabar a qualquer momento. O farol além das ondas projetava um sentimento a um só tempo reconfortante e solitário. A

brisa fresca soprava, fazendo os cabelos de Sarah se arrepiarem e seus olhos se encherem de lágrimas acinzentadas. Ela se perdia diante da vastidão à sua frente e as lembranças de sua vida turbulenta a assombravam como fantasmas errantes.

Podia-se ouvir a mesma melodia que havia em seu coração, nas ondas que iam e vinham, um lamento suave, o eco de amores e perdas. Sarah abraçou-se enquanto o murmúrio do mar lhe sussurrava: todos nós sofremos, todos nós pagamos pelos nossos erros, nas ondas de tristeza e desespero.

De repente, uma bruma suave desponta entre os ventos e a tempestade amainada. A névoa ilumina-se em uma aura dourada, e um único feixe de luz brilha, cortando as nuvens escuras como uma faca prateada. E, à medida que os faróis da costa se misturam com a luz do sol emergente, Sarah vê a silhueta de Ethan caminhando em sua direção, como um chamado que sua alma não pode resistir.

As águas escuras pareciam retroceder quando os olhos de Sarah encontraram os de Ethan. O coração dela bateu mais forte ao reconhecer a tristeza que refletia como espelhos de água e sofrimento. Um piscar de olhos e uma súplica silenciosa.

Ethan aproximou-se de Sarah com passos cautelosos, hesitantes. A proximidade dele parecia desvanecer o frio que açoitava sua pele e a lembrança de dores e solidão. Puxado pela corrente invisível que unia suas almas, Ethan estendeu a mão, tocando o espaço entre eles como se quisesse acertar o próprio abismo que os separava.

”Sarah”, Ethan disse, sua voz rouca tremendo. ”Sinto muito pelo que nos aconteceu. Sua dor é minha dor e eu também sou responsável por isso.”

Demonstrava-se uma vulnerabilidade que atravessava a carne e o osso, partilhando um peso que nenhuma palavra poderia expressar o suficiente. Ethan, o homem cujas cicatrizes e confissões contavam a história de uma vida de lutas e redensões, oferecia a Sarah o que restava dele: um adversário derrotado, um amigo leal, um amante apaixonado.

O rosto de Sarah ficou em chamas quando suas bochechas coraram, inesperadamente. Poderia perceber na expressão dele o desejo de se aproximar mais, tanto física como emocionalmente. Presos em seus olhos, estava tudo o que eles mal haviam ousado admitir, as palavras que haviam apenas sussurrado nas fronteiras de seus pensamentos mais profundos.

Quando seus dedos se entrelaçaram com os de Ethan, a âncora que a

mantinha presa à tristeza pareceu se desprender, e a imensidão do oceano já não parecia mais um abismo a engoli-la, mas um caminho para navegar, tempestuoso e belo. E ela sabia que o brilho em seus próprios olhos era o eco exato, como se fossem espelhos emoldurados pela luz do sol e pelas sombras projetadas de cada farol nas proximidades.

”Ethan ”, murmurou, deixando sua mão pousar no peito dele. ”Não quero viver como prisioneira das minhas mágoas. Quero lutar, abater meus medos e encontrar a paz que nós dois merecemos. Por favor, fique comigo, vamos superar isso juntos.”

Os olhos de Ethan brilharam com uma luz azulada que rivalizava com o próprio oceano, e seus lábios se curvaram em um sorriso cauteloso. Ele estava pronto para enfrentar qualquer tormenta, qualquer tempestade que tentasse separá-los. Queria lutar contra seus fantasmas lado a lado, cada cicatriz e cada lágrima provando que suas almas eram muito mais fortes quando estavam juntas.

”Sarah, eu nunca vou deixar você novamente”, ele jurou, sua voz sólida como a terra sob seus pés. ”Não importa o que aconteça, estaremos juntos, lado a lado, enfrentando todos os desafios invisíveis que se ocultam além das ondas e dentro de nós.”

Com o pacto selado e os olhos unidos em um abraço eterno, Sarah e Ethan se inclinaram um na direção do outro, seus lábios se encontrando em um beijo com a força e a paixão do próprio oceano. E, conforme o sol brilhava no dia que dava à costa uma graça e um toque de alegria, duas almas provavam que o abismo do sofrimento e das agonias passadas podia ser superado com a fé na crença de que ninguém lhes poderia negar um amor redentor.

Descobrimo interesses e hobbies em comum

Naquela tarde em que o sol ajudava com seus lampejos onipresentes, a revelar-se a beleza da costa através de prismas oscilantes que se esparramavam pela areia e pela penumbra das algas, Sarah e Ethan pareciam-se livres de suas amarras e prisões submersas, e deixavam-se levar pelo vento e pela sedução das ondas, embalados no entrelaçar de suas risadas, de suas palavras e expressões de satisfação e entusiasmo.

Caminhando juntos à beira-mar, eles divertiam-se a procura de pequenos

tesouros - conchas de cores variadas e formas extravagantes, pedras - estrela e restos de corais e caranguejos desvelados pelas erupções e drenagens do mar. Levavam os achados em uma pequena sacola de juta que Sarah trazia consigo, recolhendo assim um acervo de histórias e de beleza, como um patrimônio de sonhos a ser compartilhado na mais perfeita intimidade e cumplicidade.

Enquanto exploravam a praia, Ethan compartilhou com Sarah sua paixão pela leitura e toda a imensidão que os livros o faziam sonhar. Descreveu-lhe a sensação de ser envolvido pela palavra escrita, como um navio movido pelas ondas do oceano, deslizando do desconhecido recanto das sombras para as nítidas paisagens de luz.

Sarah, ao perceber esse gesto puro de deleitar-se nas letras e na morada das histórias e dos segredos mais incontáveis, percebeu um abraço na alma de Ethan e permitiu-se sondar suas próprias paixões e aspirações, até então envergonhadas e reprimidas pelo peso das pressões e dos sofrimentos que lhe oprimiam o peito e o calavam as emoções.

Contou-lhe, então, que sempre desejara aprender a pintar, que a paleta de cores e a miríade de pincéis lhe enleavam e sempre os vira como um passaporte para a imortalidade e a transcêndetes aventuras pelos caminhos de Creta e da Romanidade. Em exposições e galerias, quedava-se imóvel a premiar o olhar e a consciência com o arremedo de paisagens e horizontes de imaterial beleza e desdém, com a quimeral fusão de tintas e lágrimas que desde o encantamento d'alma retorciam-se ao estilo das gárgulas medievais.

A cada história e paixão compartilhada pelos dois, um novo aspecto de suas almas se revelava, como se estivessem modelando um ao outro com mãos delicadas e atenciosas. Ethan foi tomado pela ideia de criar um projeto conjunto, onde explorariam seus interesses e habilidades, aprendendo e se desenvolvendo mutuamente nos caminhos mais variados.

A proposta, como uma ponte entre suas imaginações e corações, fez com que Sarah, de olhos reluzentes e gotejante de entusiasmo, consentisse e aceitasse a sugestão, como se um acordo de paz e de confraternidade fosse assinado pelos poderes e reinos de suas inseguranças e de seus terrores retumbantes.

Desse modo, decidiram que na próxima semana trariam materiais e ferramentas necessários para a iniciação nos seus respectivos ofícios poéticos. E assim, desceriam os muros e os penhascos das incertezas e das incomple-

tudes, envolver - se - iam na travessia das belas - artes e da literatura, abrindo fronteiras e baixando bandeiras, enquanto a brisa insana acolheria em seu seio suas vidas despojadas e desencarceradas.

Tendo isso estabelecido, as sombras e as brisas bem - querentes que vagueavam pelos ares erguiam - se e condensavam - se nas palavras, nos gestos, nos rastros de pérola e de sol que Sarah e Ethan concatenavam e enredavam em suas mãos agora juntas e conectadas, em um toque febril mas inalterável que soava como um hino à mudança e à prometida viagem pelos campos de púrpura e névoa da construção de si próprios.

A amizade se solidifica, criando a base para um vínculo mais profundo

Apesar da reconfortante presença do sol, que se refugiava no horizonte como um guerreiro exausto e esvaía - se em ondas de cores douradas e vermelhas, nem todo o seu deslumbramento e iluminação eram capazes de dissipar por completo as sombras e temores que assaltavam, com insistência sorrateira e mordaz, a alma de Sarah e de Ethan.

Palavras lhes eram incompletas e inúteis nesse solilóquio de seu coração, inacessível e refratário como uma muralha com altas arcadas. A verdade é que, apesar de suas almas perseguirem os caminhos tortuosos e nem sempre pavimentados da confissão e das máscaras que cediam ao toque de suas mãos trêmulas, ainda lhes restava muito por aprender e desvendar um sobre o outro, e talvez até mais ainda a respeito de si próprios.

Naquela derradeira tarde, Sarah caminhava com Ethan pelas veredas de areia e conchas que adornavam e tomavam forma pela praia a perder de vista, como um mural ilegível e encravado no coração da terra e do mar. Enquanto brincavam e entremeavam - se no espaço que os separava, um último fio de luz solar irrompeu por entre as brumas e delineou do horizonte para eles um caminho de fios dourados, como um arco - íris que houvesse espelhado e desdobrado - se diante do fulgor de novas promessas.

Ethan, vestido com uma camisa simples e larga do veludo do verão, trocou um olhar com Sarah e transmitiu a ela em silêncio como precisava compartilhar um aspecto de sua vida que ainda não fora revelado, como se as cordas do piano de seu peito estivessem prestes a romper - se pelos excessos e pelas pressões que ali martirizavam a emoção.

Olhou para o chão e, num gesto quase ritualístico, pôs-se a desenhar arabescos e formas gregárias na areia, qual um agônico Da Vinci a confeccionar geometrias de ressonância e grandeza descomunal.

”Sabe, ao longo da vida eu tive muitos sonhos e aspirações - parece que nunca encontrei um lugar de paz”, disse Ethan. ”Eu vi minha família implodir diante dos meus olhos e tive que lutar contra as marés revoltas dos meus próprios demônios, como as ondas que batem incessantemente nas pedras e arrebentam-se em espumas cinzentas. Depois daquela tempestade em que tive de me lançar, eu sinto que algo mudou dentro de mim e foi reconstruído, modificando a minha perspectiva em relação ao mundo, a mim mesmo e a todos esses momentos de lágrimas, fraturas e desencantos.”

Sarah o escutava atentamente, sentindo o coração apertar e uma lágrima equilibrar-se precariamente em seu olhar. Estendeu a mão até a dele, para cobrir e acariciar a alma renegada e maltrapilha que agora se expunha e se entregava como sacrário.

”E mesmo assim, Sarah, eu temo”, prosseguiu Ethan, com arquejos e sombras que turvavam sua alma. ”Há momentos em que olho para o futuro e tudo o que posso ver são tempestades e faróis sombrios, brumas e rostos que surgem e se perdem, chamam por mim e novamente desaparecem. Às vezes, o medo me pega como um salteador e eu temo estar fadado a percorrer um caminho insípido, uma existência feita de arrependimentos e um anseio interminável de encontrar algum propósito maior, um oásis impossível no deserto da minha própria solidão.”

Neste instante, os lábios e as mãos de Sarah contraíram-se e endureceram num gesto de compaixão e de força. Olhando-o nos olhos, transmitiu a Ethan uma promessa - não somente de palavras, mas de toda a substância de seu coração e a totalidade de suas veias e de seu espírito reerguido: ”Ethan, todos nós temos cicatrizes e sombras que velam nosso propósito maior e não nos deixam perceber o valor de nossa busca. Mas, aprendi por meio de meus sofrimentos e de minha convivência com minha avó Isabela que, juntos, podemos encontrar força e suporte, como um barco ancorado em um mar sereno -, dando colo e conforto às nossas feridas em pessoa e compartilhando o peso da nossa dolorosa cruzada.”

As lágrimas contidas precipitaram-se em um rio de esperança e desespero, enquanto a aurora e a ladainha das gaivotas borboleteavam e embaralhavam-se qual a música silenciada e remembrante dos hinos contidos e encarcerados

por dentro de suas almas.

”Então é isso, Sarah”, exclamou Ethan, o olhar brilhando como um farol que houvesse pendurado sobre suas pálpebras para iluminar o submundo sombrio de seus temores e anseios, ”que a partir de agora, juntos, enlacemos nossas almas, sejam elas náufragos ou sobreviventes da tormenta e do caos interior, e acalantemo - nos como irmãos de sangue e de sombras, navegando a correnteza dos penhascos e ilhas inacessíveis das inseguranças e possibilidades humanas.”

E, com um sorriso eterno e uma esperança de náufrago, Sarah e Ethan prometeram - se algo mais além que apenas o céu, o mar ou seus limites padronizados de ser; prometeram - se, enfim, a amizade de duas almas que haviam encontrado finalmente a bússola de seus corações e a chave de suas ilhas mais profundas e encharcadas pelo sol.

Chapter 4

Compartilhando memórias dolorosas

O sol, enfraquecido em sua luz fugaz e líquida melodia, produzia um halo de sombras e quimeras ao redor da praia onde Sarah e Ethan se encontravam, deitados sobre a areia acobreada e glacial. A brisa do mar, num gole trêmulo e dilacerante, sugava das estrelas suas nebulosas lágrimas e as transpunha na pele de Sarah e de Ethan que, nesse momento, resolviam abrir-se em infinitos.

Mirando a vastidão da extensão negra e rutilante do mar, o perfume salgado de novembro chegava a saracotear nos olhos de Sarah quando Ethan começou a hesitar: "Eu não sei, Sarah eu eu queria falar sobre isso, mas me sinto tão vulnerável. Contar minha história é como trazer de volta fantasmas que travei dentro de mim ao longo desses anos."

Sarah, sentindo uma torrente de dor se aproximar, tomou a mão de Ethan e disse: "Estamos aqui juntos, Ethan. Todos nós temos nossas lembranças dolorosas e momentos sombrios que tentamos esconder. Eu também já senti essa dor, a mesma que derrama pelos seus olhos agora. Sei que é difícil, mas se você confiar em mim, posso segurar sua mão ao longo deste caminho. Você não precisa enfrentar isso sozinho, eu prometo."

O olhar de Ethan, outrora escondido e taciturno, deslizou como seta de luz da direção de Sarah e alcançou as estrelas intocadas pela maldade e pela dor do esquecimento; numa hesitação tímida e submissa, deu vazão àquilo que o consumia e corroía o espelho de sua alma.

"Sarah, quando eu tinha apenas dezessete anos, minha mãe pariu outro

homem. Era nosso vizinho, alguém em quem minha família confiava. Naquele dia meu mundo caiu derruído, como árvores sacrificadas aos reis das águas minha irmãzinha ela tinha acabado de nascer o peso nas costas de meu pai.”

Ele resfolegou como se chama e oceano brigassem na morada de suas entranhas, e Sarah apertou-lhe a mão. ”Ethan, eu sinto muito. Você era só uma criança, não deveria ter passado por isso. Ninguém deveria.”

Ethan respirou fundo e prosseguiu: ”Na noite em que tudo aconteceu, estávamos todos em casa. Eu ainda podia ouvir minha mãe chorando no quarto ao lado, enquanto meu pai se debatia contra suas próprias angústias na sala, sem saber para onde olhar. A cena começou como uma tragédia, mas se transformou em algo mais perverso. Meu pai o resto da noite foi preenchido por seus gritos, e o som distorcido de vidro quebrado e portas se partindo.”

Silêncio, apenas cortado pelo sussurro de água e brisa entrelaçadas ao redor da praia?

”Sarah, eu nunca o tinha visto assim antes. Eu era apenas um menino, mas naquela noite eu corri e me escondi no porão, tentando sufocar os gritos dele com minhas próprias mãos em meu rosto. Eu o odiei naquele momento, mas o pior o pior foi o certo sentimento de alívio que começou a crescer dentro de mim, como como se eu mesmo quisesse gritar tão alto quanto ele, mas eu não podia.”

Com essas palavras, Sarah o abraçou com força. Mãos trêmulas tentando tocar, produzindo calor que talvez pudesse dissipar as sombras e os gritos incrustados que asseguravam os ferros e os laços do segredo sombrio. ”Ethan, você esteve em um lugar tão escuro, e agora eu entendo porque você estava tão receoso. Mas você não está mais sozinho. Nós podemos encontrar a cura juntos, eu juro.”

Ele olhou para ela, e a certeza e o afeto em seu olhar trouxeram à tona as lágrimas que ele segurara em seu coração. Estendendo a mão, enxugou uma lágrima traiçoeira que escorria pelo rosto de Sarah, um resquício das memórias de sua própria dor compartilhada.

”Eu acredito em você, Sarah. Isso é o que precisamos, não é? Para continuar, nós temos que encontrar a cura juntos. Nós somos a luz um para o outro, no meio dessas sombras eternas.”

”Nós somos”, disse Sarah, sorrindo entre as lágrimas. ”Juntos, não há nada que não possamos superar.”

E ali, sob o manto etéreo do céu estrelado, fizeram uma promessa silenciosa, mas não menos resoluta: Deixariam o passado para trás, enfrentando seus espectros em unidade, guiados pelas estrelas, pela luz um do outro, pelo amor e pela esperança que juntos encontraram à beira-mar.

Aproximação Inicial

O céu se vestia com seu manto de crepúsculo cortado pelos últimos acordes de um sol que escapava pela linha do horizonte quando Sarah avistou, pela primeira vez, a silhueta solitária de Ethan perambulando pela praia. Seu olhar, predisposto a perscrutar os movimentos e curvas do litoral em busca das memórias de sua amada avó, demorou-se curiosa e inquisitiva na figura fugidia que rapidamente ia sendo arrebatada pela penumbra. Havia nele algo peculiar, uma música e um jogo de luz que pareciam orbitá-lo e afastá-lo ao mesmo tempo, como uma esfera misteriosa que se entregava apenas aos que haviam sido aceitos por sua sombra secreta. Sarah, esquecendo por um momento das águas e marés que bailavam para ela como um cortejo dos tempos esquecidos, sentiu-se atraída pelo desconhecido e indomável Ethan, como se enxergasse nele um lampejo ou uma pérola repousando nas profundezas de um abismo obscuro que até então não havia ousado sondar.

Movida pela curiosidade e por uma súbita afinidade com vagalumes e estrelas que lhe haviam velado o sono da infância, Sarah tomou a iniciativa de se aproximar daquele homem enigmático, que até pouco tempo estaria imerso no mistério e na bruma de seus próprios pensamentos. Assim, como os mais corajosos e inebriados exploradores das antigas rotas do comércio e das ilhas distantes, Sarah optou por deixar a segurança e a proteção das águas calmas e tentadoras do oceano e adentrar-se pelo futuro incerto que suas pegadas pareciam traçar na areia molhada e virgem do litoral.

Ethan, imerso no éter e nas parábolas de suas melancolias, percebeu quando estava prestes a ser surpreendido por uma tempestade de perguntas e de laços que o soltavam do ancoradouro de suas convicções e inquirições. Defensivo e encurralado pela súbita mudança da maré e pelo olhar indulgente e intestinal de Sarah, seus lábios tatearam um disfarce e uma rota de fuga que apenas se desfazia nas mãos firmes e curiosas de seu coração, clamando por compreender o recado inescrutável daquela mulher de cabelos soltos e sorriso enigmático como o farol do outro lado do oceano.

“Olá”, disse Sarah, deixando escapar o sussurro junto às brisas de outubro que circundavam o alvorecer dos corredores e dos salões de suas estranhas e inesperadas incursões. “Meu nome é Sarah, e acho que somos vizinhos.”

Ethan, tímido e hesitante como um pássaro lançado à tempestade pela primeira vez, deslizou sua língua pelo véu de suas dúvidas e incertezas e entregou-se à correnteza e à surpresa dessa nova e incontrastável aproximação. “Ethan”, murmurou, quase que em segredo, como se suas palavras fossem filhas do vento e do jogo de luz que precipitava as estrelas e suas conchas enigmáticas no abismo.

“Parece que a noite será boa para uma caminhada, não acha?” aventurou-se Sarah, enquanto seu corpo despido das cautelas de outrora agora se permitia pulsar e ser levado por uma correnteza de espontaneidade e graça.

Ethan, tomado de surpresa e até mesmo de um receio que até então desconhecia, buscou no ínfimo das cavernas de seu ser um fio de luz e de coesão que o libertasse das águas turbulentas e inaudíveis da resistência e da desconfiança. “Sim”, balbuciou, e naquele momento, sua voz respondia e retumbava como o mar e a única verdade que há em seu coração inenarrável, “será uma noite interessante, e e talvez seja o começo de uma nova amizade.”

Sarah abriu um sorriso que venceria o sol e as sendas desconhecidas das mais aventureiras histórias que o fantasiar humano pudesse cessar ou delimitar, e respondeu como um último feixe de luz retido pelo mundo antes do reino das sombras e das sereias: “Uma amizade de duas almas encantadas por pelo que vier, sem amarras, cometas e horizontes.”

O desconhecido e os acordes celestiais tinham despertado num espaço-tempo eterno naquele Lua e mar, e o silêncio era agora mais suave que a mais delicada concha arrancada do solo inquieto e sonhador do oceano. Sarah e Ethan cruzaram olhares e mãos e perceberam, mesmo que por um breve e incompleto momento, que o passado e as mágoas que nele os refugiavam já não existiam: eram outros, um novo acordo entre a terra e o céu, um reerguer do mundo e das suas cores ainda por desvendar.

Primeira troca de histórias

Na vulnerabilidade da sombra que envolvia a praia, a brisa líquida do mar trazia consigo o frio de uma lembrança há muito contida. Encostados na duna mais alta, surpreendidos pela proximidade de seus dois corpos, Sarah

e Ethan deixavam o passado se desfazer como areia que escorre entre os dedos.

Em suspiros baixos, como um fio de água que tenta se esgueirar pelos cantos de uma rocha, Sarah desatou a soltar as lembranças que narravam sua história.

”A minha avó tinha este costume”, ela começou, ”de me trazer com ela para esta cidade costeira durante o verão, todos os anos até que ela faleceu.”

Ethan sentiu o espírito nostálgico da saudade invadindo a voz suave e frágil de Sarah. Por um momento, imaginou as duas juntas, caminhando de mãos dadas pelas mesmas areias que agora sentiam sob seus pés.

”Eu tinha quatorze anos quando ela se foi. E com sua partida, uma parte de mim também seguiu outro rumo. Havia nesta praia um pedaço do coração dela. E agora, também existe uma parte de mim aqui”, disse ela, segurando com suas mãos já geladas o pingente que repousava carinhosamente sobre seu peito.

Ethan, despojado da armadura de solidão que trazia a tiracolo, permitiu - se aproximar seus dedos dos dela, delicadamente os unindo, como quem traça um desenho secreto na areia úmida.

”Estas casas”, ela prosseguiu, ”elas contêm a herança das memórias que compartilhamos.” A emoção de suas palavras parecia quase palpável, como o ardor do sol sobre uma pele já marcada por cicatrizes.

”Posso dar uma olhada na antiga casa de sua avó, se você permitir”, ofereceu Ethan com timidez, uma partícula de seu ser desejando fazer parte desse universo de lembranças.

Sarah sorriu, mas seus olhos permaneciam encerrados na história que lhes pertencia. ”Venha, Ethan. Mostro - lhe onde a colcha de retalhos descansa sobre a cama e onde, pelas tardes, tomávamos o chá na varanda.”

À medida que entrelaçavam seus dedos e os torsos se aproximavam, mais intimamente, ambos abriam seus corações para tudo aquilo que emudecia suas almas e cedia aos dissabores das lembranças consumidas pela poeira do tempo.

Ante a sombra do farol que, naquela noite, silenciava com seu feixe opaco e estagnado, Sarah sentiu - se encorajada a desvendar as teias que se emaranhavam em seu espírito.

”Ethan, era uma tarde de agosto, já havia três anos que eu não pisava nesta cidade, quando recebi a notícia de que minha irmã havia falecido.” Nas

palavras que se esvaíam pelos lábios trêmulos, o futuro tomou a forma de uma figura desfigurada e prostrada ante a imponente duna do esquecimento.

Naquele instante, Ethan soube que os ventos traiçoeiros da vida haviam soprado forte demais e os mares nunca antes navegados pareciam tentar engolir tudo aquilo que ainda sobrava.

Ele não pôde refrear o ímpeto de abraçá-la com firmeza, como quem se agarra à última pedra do penhasco antes de ser arrastado pela correnteza.

Sarah, encontrando conforto nos braços de Ethan, permitiu que as lágrimas escorressem livremente por suas faces, como a chuva que limpa as marcas de pegadas deixadas na areia.

Ethan, embriagado pela honestidade que se descortinava ao seu redor, achou-se em um cárcere onde saudade e medo pareciam duelar por um espaço na escuridão que os envolvia.

Entrelaçados, como os galhos das árvores que se estendem em direção ao céu, às estrelas unidas por uma inexplicável força, Sarah e Ethan revelavam-se personagens de seus próprios labirintos, encontrando saídas desconhecidas e trilhas ocultas pelos anos passados.

Mal sabiam eles, que a cada linha de história compartilhada, um novo romance começava, e a primeira troca de narrativas iria desembocar numa vasta amplitude de explorar dimensões nunca antes avistadas.

Pois a noite se fez palco para que os dois embrenhar-se na aurora de suas verdades desconhecidas, os dialogando palavras e silêncios trocáveis, como antigas cartas ou pedras preciosas desenterradas com amorosa hesitação. E as sombras, em sua simplicidade, deram chance a que os segredos adormecidos fossem libertos, como as mais fiéis confidências que, enfim, ganhavam corpo e voz.

A perda de Sarah

Capítulo 4: A Perda de Sarah

A última nota do violino canta seu lamento na sala de estar ronda por ronda, como sarça ardente nos olhos de Sarah. As lágrimas desaguardam em rios de sal, e a cadeira de balanço, vazia e inquieta, parece uivar seu adeus à própria sombra que outrora abraçara a avó nos seus longos devaneios ao som da trina do tempo. O candelabro na mesa range em chamas que se espelham no disco esquecido na vitrola, esmaecendo a canção num espectro

de chamas e crepúsculos, e nelas Sarah vislumbra, entre as labaredas, da promessa das trevas e das cinzas, a imagem remota da irmã abraçada aos sons etéreos do violino, como a quem nasceu filha e irmã da noite e das estrelas.

As paredes da casa de praia moldavam e acolhiam a angústia de Sarah, como se partilhasse com ela o peso da ausência e do silêncio partidos por uma janela entreaberta, por onde escapavam lembranças, risadas e melodia há muito censuradas pelo tempo e por uma lembrança submersa nas lágrimas invisíveis do passado. Na ronda em torno de fotografias empoeiradas, vestígios das férias de verão e do por do sol estampado nas cartas emboloradas que ansiavam por suas próprias vozes, Sarah tropeçou numa lembrança da irmã Emma recostada ao ombro da avó, como a pedir silêncio e a sussurrar promessas num linguajar diminutivo esquecido pelo tempo e pelo rigor dos ventos marítimos.

A imagem, agora descoberta e encarnada numa caixa metálica e secreta, porém convulsiva e destemida, ganhava vida e ressonância, à medida que Sarah, tropeçando e vacilando entre o esplendor do sol e do passado luminoso que ansiava reencontrar, se permitia abraçar o recato e a solução de suas memórias ensandecidas e silenciadas pelos segredos que insistiam, com unhas e dentes, em rasgar o silêncio e apaixonar-se pela linguagem do inominável.

Ao cair desamparada na velha poltrona de couro e desesperança portada do quarto onde em tempos os choros e as sereias se cruzavam e confundiam, como filhas de um oceano e de um nascimento refratários ao tempo e à luz, Sarah se deixa abraçar e ser invadida pela dor e pelo luto de suas memórias, como se fosse uma agora desvelada, pronta para receber os perfumes e os consolos do orvalho e das horas que teimavam, como barcos aportando em ilhas perdidas, em resignar-se às sombras e em calar o rumor indesejado de sua língua e de seus mistérios.

“Emma”, ela sussurra empurrando o vento e as chamas da candeia que, a cada invasão de luz e de éter em sua casa e em seu coração marcados pela perda e pela memória inquieta de suas irmãs, sente-se esmorecer e espelhar-se no lampejo das saudades e dos sonhos destituídos de suas canções e súplicas ao destino e à escuridão que mais e mais se erigia como vimento e maldição de suas almas despertadas pelos céus e pelas noites que a seduziram e a sacudiram até seu espanto e sua danação.

O pulsar estrangulado de Sarah ganha corpo e mimetiza o segredo e

o passado que avassalam sua dignidade e seu sono embebido num sonho inalcançável, como uma ave gladiando com o vento e com a loiça frágil do precipício e da eternidade. O violino cai em silêncio, e nele apenas ecoam os suspiros e uma dor que dança como as ondas e as marés que fervem e morrem a cada início e fim do mundo e das preces e dos choros comtemplativos e saciantes das almas inquietas que, presas ao seu horizonte de sombras e de mundos imaginados, tentam costurar uma linha fina do tempo que, como porfias infinitesimais e lunares, transcorre à medida que o ocaso reluta e morde o chão.

E Sarah, assaltada pelas sombras e pelos rostos que a toda a hora a assaltavam como górgonas e fúrias imersas na eternidade e nas ondulações e vaga-lumes efêmeros do luar noturno, cede à tentação de sua dor e se entrega, como todos aqueles que bebem do cálice do passado e do misterioso horror de suas fugas e de seus desejos repousando num cais distante que ergue aos céus suas ilusões e mágoas silenciosas e surreais. E ali, entregue aos que se perderam e ela que, desolada e afogada em seus próprios naufrágios e encontros do passado e da glória que lhe usurparam da face e do olhar, Sarah encontra seu reduto na solidão e na eterna demanda pela paz e pelo lamento fulgido das noites malferidas e compostas no regaço das estrelas e da escuridão.

O passado traumático de Ethan

As luzes cintilantes do crepúsculo adornavam os céus empoeirados do final da tarde, criando um manto de cores quentes que parecia, em um tom calmo e sereno, dizer adeus à luminosidade de verão e abraçar as sombras que se erguiam como água indomável e secreta atrás das ondas agitadas do mar. Era ali, diante desse espetáculo de nuances e segredos ocultos, que Ethan se via tangido por uma força inelutável que o arrastava até a beira do abismo em que ele havia escolhido confinar suas memórias mais obscuras e dolorosas.

Sarah, ao seu lado, percebia o tremor que se apossava dos dedos de Ethan, a quietude inquieta em que ele mergulhava, como se toda a vastidão do oceano à sua frente fosse um espelho dúbio e líquido do abismo interior que ele trazia consigo. Com uma coragem temperada pela compaixão que agora dançava em seu peito, ela decidiu tocar a ferida recém-cicatrizada de

seu companheiro de maresia e saudade.

”Ethan, todos nós temos fantasmas que nos assombram, e quantos de nós realmente confrontamos esses espectros?”

A voz de Sarah parecia emergir de um vão distante, um murmúrio do fundo das águas, mas Ethan ouviu sua interlocutora com alívio e fervor. Ele sabia que havia chegado o momento de admitir a escuridão que o afligia e revelar a Sarah o que o conduziu àquela cidade costeira.

”Era uma noite como esta, com um céu estrelado semelhante e um beijo de lua sobre o mar”, começou ele, em voz baixa e hesitante, como quem pisa na areia porosa e recém-afundada por marés agitadas. ”Havia uma felicidade efêmera em nossos olhos, como um pisca - pisca de natal. Tudo parecia tão perfeito e harmonioso que era quase impossível não se deixar enfeitiçar pela ilusão de eternidade. Mas, naquele momento preciso, eu nunca imaginaria que um acidente tão brutal seria suficiente para estraçalhar nossos elos aparentemente inabaláveis, para dissolver rapidamente os alicerces em que repousava nosso amor.”

Uma sombra adentrou o olhar de Ethan enquanto ele recordava os pedestais de tristeza e arrependimento que haviam inundado sua vida. Sarah, compreendendo a sinceridade escondida na clausura de suas palavras, permitiu - se criar um fio de empatia e conexão entre seus corações, entrelaçando suas almas que haviam sido esmagadas pelos pedregulhos do passado.

”Na solução aquosa dos meus olhos”, prosseguiu Ethan com uma voz quebrada e trêmula, ”eu me sentia incapaz de salvar o que caía lentamente por entre os dedos de minhas mãos, meus sonhos desmoronando como placas tectônicas sob o peso perpétuo de um amor traído e do arrependimento que incessantemente me atormentava.”

Uma onda emergiu subitamente das profundezas do oceano, alcançando os pés dos dois, como se tentasse consolar e reconfortar as dores evocadas através da melodia sincera de suas vozes e lembranças. Sarah, com mãos trêmulas, segurava firme as palavras de Ethan, como se pudessem ser salvas por sua própria força e cuidado.

”Ethan, eu aprendi que os erros que cometemos nos ensinam lições sobre a vida e a resiliência”, disse ela com uma convicção que aquecia a superfície gélida de seu coração. ”Talvez, o que precisássemos fosse uma nova luz para iluminar e redimir os caminhos escuros que nosso passado criou para nós.”

As palavras de Sarah eram como um farol no meio da noite, atraindo o barco cego que navegava no vasto oceano de sua miséria e dor. E, naquela praia enluarada, com murmúrios frios quebrando a quietude de suas almas, Ethan descobria no conforto de Sarah uma possibilidade de redenção. Juntos, sob o olhar prateado do luar, iniciavam uma jornada para enfrentar e curar os fantasmas que assombravam os crepúsculos de suas vidas.

Lidando com a dor

Naquele dia, o céu estava derramando raios oblíquos de um sol moribundo, rompendo sua trajetória através do emaranhado de nuvens, como se estas guardassem em seus peitos plúmbeos o lamento silencioso dos amargurados corações que, em busca de redenção e salvação, deixavam seus corpos em suplício repousar sobre o abismo que os separava do mundo.

Sarah, de olhos escarlates e de uma tristeza aventado pelo vento e pelos gritos das gaivotas e das fúrias que, como o desespero e a danação de suas almas, pareciam dançar em suas pupilas e em seus cabelos, se achava posta ao encontro do mar e do passado, quando o rosto conhecido de Ethan despedaçou, como notas de amor e de esperança, o véu escuro e gélido que cercava o coração e o olhar daquela que outrora fora o símbolo do alvorecer e da luz.

- Sarah? - a voz de Ethan tremia, e ela podia sentir o desespero e a angústia que o havia arrastado até a beira do abismo em que jaziam, de mãos dadas, o medo e o amor de um homem atormentado pelo passado. - Eu vim te ajudar.

Sarah olhava para o mar como querendo mergulhar profundamente nele, desenterrando, com os dedos tensos e ensanguentados do tempo e da tempestade, tudo o que lhe havia sido tolhido, usurpado e saqueado do ventre onde nascera, como as estrelas e a treva que dançavam em sua língua e em suas memórias.

Ethan, aproximando-se lentamente, como um homem que busca decifrar o alfabeto escondido nas sombras e nas vozes da noite, tomou as mãos de Sarah entre as suas, instaurando entre eles uma frágil porém calorosa compreensão de humanidade, diante da qual, qualquer que seja a distância ou a dor que os separava, sucumbiam e se rendiam aos mistérios do coração e da alma.

- Eu sei o que é viver com a sombra de um passado doloroso - murmurou ele, com os olhos atraídos pelo ímã de suas palavras e por um amor que jazia, como o sol, no leito do ocaso - Eu também já tive minhas batalhas interiores, Sarah.

Sarah, emudecida e estremeçada pela força com que as palavras de Ethan a trespassavam, sentiu vagar em seu íntimo uma ira contundente e, ao mesmo tempo, uma névoa suave de ternura e de aceitação, como um convite e um salmo sussurrado pelo impulso de suas próprias lágrimas e gemidos, que, em comunhão com o lamento das ondas e do mar, parecia dançar e uivar juntas as preces de sal e esperança daquelas almas naufragadas e transformadas pelos vendavais impiedosos da vida e do destino.

- Eu estou cansada, Ethan - sua voz parecia ecoar do fundo do abismo, uma súplica e um aroma de fraqueza e exaustão - minha alma está mergulhada em sombras e dores, e cada vez que busco alívio, sinto-me perseguida pela lembrança dos momentos que outrora iluminavam minha vida, mas hoje, parecem arder meu peito como chamas etéreas.

As mãos de Ethan transmitiam, através do tato quente, o abraço escondido no silêncio de uma eternidade e das palavras e dos anseios que se clamavam pelos becos e pelas vias do coração, como ave migrante e desesperada. Sarah, entrelaçando seus dedos com os de Ethan, vislumbrou, naquele gesto que parecia emergir do paraíso e da sincronia dos olhos, dos lábios e das linhas que desenhavam o futuro e o passado em seus corpos, um sinal de redenção e de alvorada ao pé do abismo que parecia gritar - lhes a cada instante o lamento plúmbeo dos olhos e do silêncio.

Ela arfava, como alguém que tentava prender, nas fibras mais profundas e secretas do espírito, cada rastro, cada fragmento do sol e de um amor que lhe havia sido roubado e imolado no altar do desvelar e das mágoas trazidas pela eternidade. Naquele instante, sentia-se como que submersa em ondas de amargura e doçura, perdida entre os braços daquilo que lhe era arrebatado pela vida e pelo tempo.

Mas ela não conseguia calar as vozes, os monstros que jaziam em seu peito e que se banquetavam de sua dor, engendrando medo e impotência. Em seus lábios, uma prece desesperada se desenrolava em um grito surdo e abafado, como alguém que se debate sobre o abismo e o desconhecido, entregando-se à voragem e sedução do medo e da danação que, como bólido, surgiu de suas trincheiras, deixando o perfume acre e enlouquecido da

tristeza e do vazio escorregarem como líquidos perpétuos e rios de irremissão e amargura.

Etha, mesmo diante do sofrimento daquele olhar e daquelas mãos, pensava em brisa e súplica, tornava-se farol e tempestade, buscando nos céus, nas estrelas e nos mistérios da terra, o caminho, a solução e a libertação daquele enigma indescritível e lânguido que, como o silêncio e as dores sutis do tempo e dos vendavais, parecia abraçar e devorar a humanidade.

”Eu não posso mais suportar essa dor!”, gritou Sarah, e o eco e o som de suas palavras reverberavam, como notas de um piano ou de um violino, nos ouvidos e nos olhos do homem que agora, frente à majestade do mar e das montanhas, se postava como fiel escudeiro e mensageiro de redenção e misericórdia. Ethan, lentamente, como o balanço do vento ou das ondas do mar, tomou em suas mãos o rosto trêmulo e desolado de Sarah, e em um enleio que parecia transcender todo o espaço e o tempo, deixou-se levar pela dança e pela solicitude de seu abraço, como quem, em cenáculos de luz e de mistério, sente-se capaz de enfrentar toda a tristeza e a angústia da vida e da existência, como um farol solitário em jornada pelo desconhecido e pelo abismo que se espreita nos olhos e na alma dos que se encontram no limiar da dor e da eternidade.

A importância da empatia

As ondas acariciavam o semblante dourado e aquoso da areia, enquanto a espuma esculpia sobre o rosto da costa o reflexo etéreo das estrelas que dançavam nas pupilas do céu. Era nesse momento de suspensão, entre o alvorecer e o crepúsculo, que Sarah e Ethan se encontravam submersos no olhar um do outro, como dois exploradores que, diante do desconhecido e da majestade da vida e do mar, hesitavam em mergulhar nas profundidades de suas próprias emoções e cicatrizes.

A brisa sussurrava antigos lamentos e preces, como a memória de um passado doloroso que se recusava a encontrar repouso nas sombras e nos cabelos e mãos que se entrelaçavam, como teias de esperança e ternura, ao longo das praias e dos caminhos que se encurvavam como um lamento sob a sombra dos corações.

- Eu me sinto como um náufrago - murmurou Ethan, deixando o vento desenhar em seu rosto os contornos de um medo que ainda assombrava os

rincões mais profundos e etéreos de seu coração - As tempestades da vida tomaram de mim o timão e a bússola e agora, como um barco à deriva, sinto - me submerso na incerteza e na dúvida.

Um silêncio desceu sobre a praia, ocultando as ondas e as espumas que deslizavam sobre a areia, como um coração que se escondia do mundo e da vida, tremendo de medo e ansiedade. A voz de Ethan parecia um reflexo daquele silêncio, vacilante entre as sombras e as luzes que ainda dançavam em seu olhar.

- Eu também me sinto assim, às vezes - murmurou Sarah, como quem tece uma ponte entre as pedras soltas de suas palavras e emoções - É estranho como nos tornamos, com o tempo, estranhos aos nossos próprios sentimentos e lembranças.

As mãos de Ethan traçavam, no rosto trêmulo de Sarah, um lento e inebriante caminho, como o rastro do vento que, imaginário e etéreo, se perdia nas vastidões do mar e do quadro que se desenhava sobre as águas e salaivas ainda suspensas no olhar e na sombra de um amor que buscava perder - se nas redes e teias da eternidade.

- Mas é justamente na empatia que nos encontramos, como dois ombros em um abraço de conforto e ternura - as palavras de Ethan emanavam do fundo de seu coração, como um mar em revolta, prestes a se acalmar sob a força da compreensão e do afeto que, sutis e flamejantes, ataçavam as línguas e as chamas do vento e das fagulhas que, engendrando a vida e o tempo, buscavam acalmar os tormentos e as tempestades de suas memórias e almas.

Sarah sentiu, como um penetrante raio de sol, o arrebatamento e a comoção que afloravam do olhar de Ethan, como se, nas entranhas de sua tristeza e de sua angústia, se vislumbrasse um novo caminho, um alvorecer de esperança que, como a aurora e o último resquício de luz que se escapava do horizonte, aquecesse e iluminasse a escuridão e os mistérios que jaziam em sua voz e em seus olhos tristes e cansados.

- É verdade - murmurou Sarah, fazendo com que as palavras se confundissem com o murmúrio das ondas e com o bater impetuoso das gaiotas e das asas que, como a saudade e a melodia eterna do vento, já repousavam nas palmas de suas mãos e em suas águas esverdeadas - A empatia é como um farol na escuridão, revelando a nós um ponto de encontro e de conforto onde nossos corações se reencontram e se enredam em uma teia de esperança e de

luz, como um sol que se ergue e se renova diante de nossos olhos, encurtando o espaço que nos separa do amor e da vida que teimamos em buscar e em descobrir nas alamedas e nas sendas entrelaçadas das nossas dor, dos nossos sorrisos e das nossas emoções.

Ethan, diante do olhar que se ascendia como o brilho das estrelas na noite e onde o beijo delicado e terno de Sarah parecia renascer e ressurgir das cinzas e das brumas da noite, compreendia, com a força e a veemência de um trovão que, sob a chuva e o vendaval, ilumina os corações e os horizontes que se abrem, majestosos e eternamente expandindo - se diante do olhar e do carinho de suas mãos e de seus olhos.

As palavras de Sarah ecoavam em seu íntimo como um farol que banhava as incertezas e as sombras de sua alma com a luz morna e reconfortante da empatia. Com um gesto terno, Ethan segurou a mão de Sarah como quem segura um pedaço do céu e, juntos, sob a vastidão estrelada acima deles, abraçaram um destino que os aguardava entre as curvas e as profundezas do coração e da vida, traçando, com a tinta da empatia, o breve e eterno caminho da redenção e do amar.

Encontrando conforto um no outro

Ainda soavam em seus ouvidos as palavras que, desprendendo - se do lúgubre silêncio da noite, pareciam desenhar no ar a sombra de uma solidão que os envolvia como um sudário, beijando - lhes a fronte e o olhar com a irremediável e lírica doçura das horas que, como trevas e vendaval, abriam - lhes os becos e os segredos que lhes encarquilhavam a alma, como um fruto que o tempo deixara cair no abismo do esquecimento e do viver. Sarah, acomodando - se no sofá, sentia os olhos, como que queimados pelas lágrimas e pelos sussurros e palavras que, como bólides e vovzela, embalavam - lhe os ouvidos e o coração, mergulhando - os na sombra e na ventura de um impulso misterioso e avassaladoramente aversivo e potente. Já amainava o vento e o barulho da chuva que, descendo do céu como estrelas ou lágrimas, parecia lamentar com a sombra a fragilidade e a desconcertante beleza de duas almas perdidas e naufragadas no ocaso de suas lembranças e afazeres.

Refletia em sua mente a figura de Ethan, como um eco ou uma voz que, em sua tremura e incerteza, revelava a ânsia e a ansiedade de um coração que, aos poucos e em comunhão com as Áfricas e os ventos do tempo, se

libertava do jugo e das correntes que lhe imprimiam o passado e seus rastros desintegrados e imperceptíveis.

- Sarah - murmurou ele, meio encabulado, sem jeito, e ela sentiu nas palavras que lhe saiam da boca um rastro de amargura, uma prece como que descida dos céus, envolvendo-os como uma lágrima ou um beijo que já lhes fora usurpado pelo vento e pelas horas procelosas.

Ela levantou os olhos, encontrando nele um olhar e um gesto que parecia intentar sobreviver à solidão e ao silêncio que jaziam, indescritíveis e irretocáveis, na penumbra e no abismo das mãos e das vozes que verdadeiramente ainda se amavam, apesar de sepultadas nas dunas de um tempo já esvaecido e insonso. Tomou, com lentidão e comoção, a mão de Ethan, como quem, querendo penetrar no coração e na alma de um crepúsculo, desejava descobrir o aroma, a essência escondida e desconhecida daquele olhar, que a observava como um fruto e uma promessa que, sob o clarão do sol ou da lua, concedia aos viajantes e aos aventureiros o piegas e o predileto alento da felicidade e da serenidade.

- Ethan - balbuciou ela, sentindo, como um vento agitando as folhas dos árvores, a dor e a alegria que, ao longo das beiras e das alamedas da vida, esculpam e descerravam os véus de seu passado, como um ladrão que, antes mesmo de ver cumpridas suas intenções e maldições, deixava-se empalidecer e murchar entre as penumbras e os raios sonolentos do amanhecer - meu coração palpita e estremece, como um pássaro que ainda jaz enjaulado nas correntes da noite e do vendaval, e, por mais que eu tente enfrentá-lo e repeli-lo, não consigo evitar pensar e escavar, com minhas próprias mãos, a profunda e lancinante agonia de um amor que me roubou a juventude e a esperança, como um vendaval ou um ataque ensandecido de gaviões.

Os olhos de Ethan pareciam, como duas estrelas singelas e comovidas que, ao cair da noite, se flutuassem junto ao firmamento das lembranças e dos dias que já se apartavam e diluem em lágrimas e saudade, como águas nascendo da fonte e se desprendendo, como rios e como promessa, para o lugar onde, entre as profundezas e os sonhos seculares do abandono e da eternidade, se perdiam e se esvaeciam.

- Eu também - sussurrou ele, a tristeza e a esperança chamejando-lhe em suas palavras, como o lento adormecer das horas e do sol que teimava em abrir-se entre os intervalos e as claraboias do silêncio e das sombras noturnas - enfrento a dor e o rastro de um passado que, mesmo que eu tente

aquietá-lo e sufocá-lo, ainda pulsa e se debate em meu íntimo, como um eco enfurecido e flamejante de palavras e de verdades ainda envolvidas pelos véus e mistérios do tempo e do vivenciar.

- Sou grata por sua presença, você é uma luz em meu caminho - sussurrou ela, pousando as mãos no peito de Ethan, sentindo a batida do coração dele sob a palma de suas mãos, e compreendendo que esse homem era um raio de sol no meio da tempestade em que viviam, que a empatia e conexão entre eles eram mais fortes que a dor - Juntos, creio que podemos curar nossas feridas e criar um futuro juntos, Ethan.

Ethan simplesmente a abraçou, selando em silêncio a compreensão de que o conforto e a empatia entre eles seriam ferramentas poderosas na superação do passado e na construção de um futuro juntos. A cura emocional começaria em conjunto, com um vínculo mais forte do que qualquer tempestade.

Desabafos e confissões

Naquela noite, uma brisa suave pairava no ar, trazendo o aroma de sal e liberdade, enquanto a lua cheia brincava de esconde-esconde com as nuvens que dançavam em seu céu noturno. Sarah caminhava hesitante pela praia, deixando a espuma das ondas acariciar seus pés descalços, guiada apenas pelo brilho prateado do luar. Ela sabia que Ethan estava à sua espera, próximo ao farol, mas seu coração batia rapidamente, pois ela carregava consigo um segredo que ainda não tinha revelado a ele.

Ao longe, ela o viu encostado no velho tronco caído, olhando para os rochedos distantes e ignorando o ecoar do mar e dos gritos das gaivotas voando baixo. A incansável luta da água contra a terra espelhava os conflitos internos presentes em ambos naquele momento. Sarah respirou fundo e buscou coragem para enfrentar seus demônios passados enquanto se aproximava de Ethan.

- Olá - sussurrou ela, tentando distrair sua mente do tremor de suas mãos. Ele a olhou com um sorriso quase imperceptível, levantou-se e aproximou-se de Sarah.

- Oi, Sarah - respondeu ele, sua voz baixa e melódica - Que bom que você veio. Estava começando a me preocupar.

Ela juntou suas mãos, procurando nele o olhar que sempre a tranquilizava. Fingindo um sorriso, ela buscou o cais iluminado pelo crepúsculo ao longe

antes de dizer:

- Sabe, Ethan, há algo que preciso conversar com você. Algo que venho escondendo desde que nos conhecemos.

Ethan, surpreso por sua repentina seriedade, franziu a testa, mas acenou para que ela continuasse.

Sarah buscava as palavras, mas elas pareciam se perder em algum lugar da sua alma, presas nas correntes de suas lembranças tristes e sombrias.

- Eu sei que já compartilhamos tanto um com o outro - ela começou, tentando controlar a tremedeira de suas mãos - mas há algo que ainda não te contei. E acho que é hora de fazer isso.

Ela fez uma pausa, inspirou fundo e soltou o ar lentamente, tentando encontrar um pouco de paz em meio ao turbilhão de emoções dentro de si. Ethan pareceu perceber seu tumulto emocional, e estendeu a mão, num gesto de apoio e fortaleza.

- Sarah, você sabe que pode confiar em mim - disse Ethan, olhando para ela com um misto de preocupação e segurança - Já passamos por tantas coisas juntos e sempre estivemos um ao lado do outro. Qualquer que seja o seu segredo, sei que podemos enfrentá-lo juntos.

Sarah olhou dentro de seus olhos escuros, como se buscasse a aprovação e o perdão que tanto ansiava. Com um aceno de cabeça, ela concordou, em silêncio, e deixou as lágrimas vermelhas e sentidas descerem por seu rosto.

- Ethan - murmurou ela, sua voz fraca e embargada - eu, eu perdi... um filho.

Ethan engoliu em seco, tentando esconder o impacto da revelação. Ele não sabia o que dizer, mas sentiu que sua presença seria o suficiente, pelo menos por enquanto. Ethan abraçou Sarah, deixando-a chorar toda a dor que guardava há tanto tempo.

Naquele momento, eles não eram apenas dois extensões solitários, mas dois seres humanos, unidos pela dor e pela empatia. Compartilhando seus segredos e suas dúvidas, eles buscavam na ternura de um abraço a força necessária para enfrentar a vida e todas as suas incertezas.

Por um longo tempo, eles ficaram enlaçados sob o céu noturno, o som das ondas acariciando suas almas e os lençóis da lua envolvendo-os como um manto de esperança. Obrigado, pensou Sarah silenciosamente ao olhar para Ethan, por me permitir ser verdadeiramente eu mesma novamente.

Lidando com a culpa e o arrependimento

A noite já adentrava a solidão de Sarah, a escuridão engolfava as horas como um véu denso, entrelaçado em suas emoções mais profundas. O céu fora tomado por nuvens negras, pressagiando a tempestade iminente. Encostada em uma das vigas da velha varanda, fitava a distância do horizonte que perdera - se nas sombras. Ainda era possível ouvir o marulhar das ondas, esse constante vai e vem que a vida parecia ter roubado de seu coração.

A porta se abriu ao lado dela, rangendo em protesto contra o vento que açoitava tudo ao seu redor. Ethan apareceu na penumbra, a silhueta recortada pela luz fraca do ambiente interno. Seus olhos, apesar da pouca visibilidade, encontraram os de Sarah. Havia algo de insondável nele, um turbilhão de emoções, agitando-se tão tempestuosas quanto as nuvens sobre suas cabeças.

Ele caminhou lentamente na direção de Sarah, somando-se à escuridão a ausência de palavras. Juntos olharam o horizonte obliterado pelo temporal iminente, os rostos voltados ao vento, seus pensamentos e pesares sem palavras adequadas para expressá-los.

- Eu me sinto tão culpado - confessou Ethan, inesperadamente, a voz fraca mal ouvida no zunido do vento e no acolhedor apitar da chaleira no fogão a lenha - como se houvesse uma nuvem perene sobre mim, sempre a me lembrar de tudo o que deveria ter feito e não fiz.

Sarah, compartilhando daquela tortuosidade, permaneceu em silêncio por algum tempo.

- Talvez seja a mesma força que afasta essas nuvens das nossas vidas e nos traz um arco-íris que possa finalmente afastar a culpa - disse ela. - A culpa é como uma poça de água, Ethan, vosmecê tem que passar por ela, um passo de cada vez, e aceitar que, às vezes, irás se sujar um pouco antes de conseguir superá-la.

O olhar de Ethan pairou sobre ela, mesclado de admiração e pesar, como o refletor de um farol, guiando-os através da escuridão da noite tempestuosa. Sarah pousou sua mão em seu braço, como se quisesse transmitir - lhe todo o calor e a compaixão que fervilhavam em seu íntimo.

- A vida, mesmo para almas doloridas como nós, Ethan, é feita de penumbras e sombras, onde se escondem, por vezes, nossas fraquezas e nossos íntimos remorsos - ela ponderou, os olhos vidrados nas ondas que se

debatiam sem cessar junto à praia - Não precisamos nos afundar na amargura do passado, mas, antes, abraçar o presente e perdoar a nós mesmos e àqueles que nos feriram.

- E você, Sarah, como pode perdoar - se? - Ethan perguntou, cada palavra um sussurro carregado de curiosidade e apreço.

As lágrimas brotaram dos olhos de Sarah, como se suas emoções mais secretas fossem, junto com o vento, as águas e a sensação de anseio e esperança, abraçar seu coração e alma.

- Perdoar - nos, Ethan, talvez seja a única redenção que temos, mesmo que as marcas do temperamento brando do destino nos levem a acreditar num sentimento insondável de culpa e remorso - respondeu ela.

E no sua voz, Ethan encontrou a melodia de uma alma sofrida, mas lutadora, que cantava sua dor na esperança de que as ondas da vida, que se chocavam e recuavam em um ciclo perpétuo, pudessem devolver - lhe, através do tempo e do espaço, o rastro e a quimera de uma paz perdida no labirinto das infindáveis e estagnadas águas do arrependimento.

E, naquele momento, juntos sob as nuvens ameaçadoras e a chuva que começara a cair em gotas persistentes, sentiram - se, embora ainda encharcados de tristeza, um pouco mais livres, um pouco menos aprisionados pelas algemas invisíveis da culpa e do remorso. Afinal, talvez fosse essa a verdadeira cura: o perdão de si mesmos, a aceitação do passado e a esperança de um amanhã, onde as tempestades e a dor fossem apenas uma lembrança distante, e a vida novamente um farol de luz no meio das sombras incessantes.

Aprendendo com o passado

O eco das risadas que pairava pelo ar outrora se dissipara, levado pelas persistentes brisas de verão enquanto o sol beijava seus últimos instantes do dia, tingindo suavemente a vastidão do mar e do céu com tons dourados e rubros. Sarah e Ethan encontravam - se sentados de frente aos rochedos íngremes na praia, descalços com os pés imersos na areia, que lhes cingia os dedos nos intervalos da subida e descida das ondas transparentes. No decorrer da tarde, eles haviam partilhado histórias e lembranças, criando uma tapeçaria vibrante de compaixão, empatia e esperança. E agora, diante da imensidão do oceano, começavam a perceber que era apenas o começo.

Ao longe, os golfinhos saltavam e dançavam, descrevendo amplos arcos sobre as águas, numa celebração alegre das bênçãos e desafios da existência. Ethan, com um sorriso desvanecendo gradualmente, voltou-se para Sarah.

”Existem momentos em nossas vidas em que somos forçados a confrontar nosso próprio espelho, olhar a nós mesmos e aprender com os erros do passado.” Ele refletiu, seu olhar fixo nas águas que borbulhavam ao redor de seus tornozelos. ”É a única maneira de crescer, evoluir e abrir nossos corações para a esperança e novas possibilidades.”

Sarah, absorta na percepção de Ethan, assentiu lentamente, sentindo as lágrimas quentes ardendo em seus olhos como as chamas de um fogo que revelava verdades escondidas há muito tempo.

”Você está certo, Ethan.” Ela admitiu, as palavras como frágeis borboletas emergindo de seus lábios trêmulos. ”Passamos tanto tempo tentando esconder nossas mágoas e arrependimentos, criando um escudo invisível para proteger nossos corações partidos, quando a verdade é que só podemos encontrar a paz verdadeira aprendendo com nossas quedas e aceitando-os como parte de nossa jornada.”

Ethan olhou para ela, seus olhos como duas estrelas brilhantes refletindo os últimos lampejos de luz dourada do sol poente. A oscilação entre seus olhos mostrava que ele estava procurando algo - um entendimento maior, talvez, ou um lampejo de sabedoria que o ajudaria a fazer sentido de sua própria existência.

”Sarah,” começou Ethan, ”Eu sinto que há algo em você, algo sobre sua vida e sua história, que você está me escondendo.”

Lentamente, ela retirou seu colar de prata do pescoço, revelando um medalhão em formato de coração adornado com um padrão intrincado de flores e ramos entrelaçados. Com um suspiro profundo e um frágil sorriso, ela desencaixou delicadamente o medalhão e exibiu em seu interior a imagem de um menino sorridente.

”Este é meu filho, Ethan.” Ela revelou, a voz trêmula como as folhas de uma árvore à mercê do vento. ”Ele morreu dois anos atrás, e desde então tem sido uma luta constante para mim, tanto pessoal quanto emocionalmente. Tem sido difícil encontrar forças para seguir em frente e aceitar que, apesar de tudo, ele se foi e não está mais sofrendo.”

A revelação atingiu Ethan como um raio atingindo o oceano, uma força selvagem e imprevisível que deixava uma marca indelével em seu coração.

Engolindo em seco, ele estendeu a mão, casualmente tocando o ombro de Sarah num gesto suave e protetor.

”Eu sinto muito, Sarah.” Ele murmurou, as palavras como um bálsamo para sua alma ferida. ”Eu não fazia ideia. Eu posso imaginar a imensidão da dor que você deve ter passado, e não sei como você pôde encontrar forças para continuar.”

”Eu venci muitos obstáculos e encontrei conforto em lembranças felizes, na esperança de encontrar paz em uma vida sem ele.” Sarah confessou, permitindo que as lágrimas caíssem livremente como a chuva em uma tarde de verão.

Nos olhos de Sarah, Ethan via mais do que uma mulher tentando superar seu próprio passado, suas próprias lutas e dores da alma. Ele via o reflexo de si mesmo, uma alma perdida que, como ele, estava à mercê das tempestades e das marés emocionais que permeavam as bordas desgastadas de seu coração.

Juntos, Sarah e Ethan sentiram a crescente presença do passado em suas vidas; um passado que, embora firmemente ancorado e entrelaçado em suas almas como raízes de árvores antigas, não significava o fim, mas um meio para crescimento, reconciliação e redenção. E, ao longo do caminho, eles aprenderam uma lição vital, uma lição que acompanharia para sempre suas almas desgarradas e esperançosas: que o passado, embora doloroso e muitas vezes traumático, é algo que pode ser aceito e transformado para revelar a verdadeira essência da vida: a capacidade de curar, de amar e de crescer. E nesse conhecimento, Sarah e Ethan estavam prontos para abraçar o desconhecido e aceitar plenamente o presente e um futuro cheio de possibilidades infinitas.

Os gritos distantes das gaivotas preenchiam os últimos momentos do crepúsculo. De mãos dadas, observavam como as últimas cores do sol desapareciam lentamente no horizonte, fundindo o céu e o mar num abraço eterno. E, naquele momento, a vida não mais parecia uma paisagem desolada de lembranças e sombras trôpegas do passado, mas sim, um oceano de infinitas oportunidades e esperança, onde as ondas atingiriam sempre a areia e a brisa sussurraria eternamente suas canções de cura e de amor.

Compartilhando esperanças e sonhos

Na penumbra da noite, com os pés afundados na areia fria e úmida, espelhados pelo céu pontilhado de estrelas cintilantes, Sarah e Ethan se encontraram à mercê da vastidão do mar e do silêncio da praia deserta. Era nessa imensidão que desanuviavam seus pensamentos, soltando-os ao vento como poeira de estrelas, esperando que a brisa se encarregasse de levá-los a um lugar onde os sonhos não eram apenas ilusões de um futuro melhor e, sim, promessas embrionárias de uma realidade que se recusava a ser negligenciada.

Sarah e Ethan haviam caminhado em silêncio ao longo das margens irregulares, debatendo sonhos e sussurrando esperanças que, até então, pareciam fadadas a serem arremessadas para um canto escuro do coração, condenadas à solidão e ao esquecimento. Porém, algo pairava no ar, uma conexão que transcrescia a dimensão do tempo e do espaço, e que batia com a força e a beleza de ondas sedentas por alcançar, no horizonte, a linha tênue onde o céu e o mar pareciam eternamente condenados a se encontrar.

Com o olhar perdido na vastidão do oceano, Sarah mordeu os lábios e êxtase e tensão, incapaz de controlar os palpites de seu coração, inundado por esperanças e sonhos que pareciam, aos poucos, invadir suas células e tingir a escuridão do passado com cor e música.

- Ethan - ela murmurou, a voz trêmula, carregada de emoções inexpressáveis pelo oceano boto- Eu sempre sonhei em ter uma família, uma vida simples em comunhão com a natureza e com as pessoas que amamos, onde a presença do amor fosse uma assinatura de cada pôr do sol e do renascimento de cada amanhecer.

Ela pausou, olhando-o nos olhos, buscando nele um apoio, uma resposta, uma razão para continuar apegando-se a sonhos e esperanças que pareciam elevá-la como um balão, desafiando a força irresistível da gravidade que a arrastava para a mediocridade de uma vida de dor ininterrupta.

Ethan, sem palavras e envolvido em um turbilhão de emoções, acariciou suavemente sua mão trêmula.

- Sarah - ele disse, a voz carregada de paixão e de anseios indômitos -, também sonhei com algo assim, numa vida onde as histórias de amor seriam tecidas na brisa do mar e estrelas cintilantes derramariam as bênçãos do céu sobre nós. E desde que te conheci, desde que nossas almas se cruzaram neste

santuário, em frente a um oceano testemunha de nossos destinos, sinto que esses sonhos estão mais próximos do que nunca de se tornarem realidade.

Sarah, com os olhos marejados e a respiração ofegante, fechou os olhos, deixando que as palavras de Ethan banhassem sua mente com a luz de um possível futuro, onde as sombras do passado não teriam mais o poder de destruir vidas e tecer pensamentos de mágoas e tristezas.

- Será que ainda nos resta tempo? Será que ainda existem corações capazes de acolher a imensidão de nossas esperanças e sonhos, mesmo quando as nuvens do passado tentem obscurecer a promessa de um amanhã? - ela perguntou, as palavras como uma prece sussurrada nas asas do vento.

Ethan, com o olhar ardente e intenso como o brilho das estrelas e do amor refletido na imensidão do mar entrelaçado, esboçou um sorriso triste e esperançoso e, segurando a mão de Sarah ainda mais firme, respondeu:

- Talvez - ele sussurrou - talvez, Sarah, ainda haja tempo para nós dois, para juntos curarmos nossas feridas e transformarmos nossos desestruturantes arrependimentos num mundo onde as sementes da esperança possam germinar em um eterno verão de amor, trazendo à superfície essa sinfonia de cor e de luz que um dia, tão distante e esquecido, habitou nossos corações como um inquebrável elo entre a vida e a essência de ser.

A noite se estendia sobre eles, e no cintilar das estrelas e no luar que inundava o oceano, Sarah e Ethan poderiam se ver como dois anjos caídos, lutando para retornar à graça perdida de um sonhado paraíso, onde o passado e o futuro se encontravam, condenados e incluídos, em um eterno e compassivo abraço do amor.

E então, naquele instante em que as palavras, os sonhos e as esperanças se fundiram em um fervilhante mosaico de paixões e desejos compartilhados, Sarah e Ethan perceberam que, para viver uma vida de plenitude e de amor, era preciso não apenas seguir em frente, mas também aceitar o todo de nossas existências, condenado e alentado pelas emoções desconhecidas e redentoras do passado e do futuro.

Entrelaçados pelas mãos e pelos sonhos que jamais desapareceriam, eles olharam no reflexo um do outro, nesse espelho improvisado de estrelas e de caprichosas ondas do mar, pela fina linha que separava o impossível do possível, e prometeram, sob juramentos mudos, enfrentarem a tormenta e desafiar a verdade terrível de um passado que, apesar de dilacerador, era talvez a única chave para entender e aceitar o milagre abundante e

transformador de um amor puro e inesgotável.

A força do perdão e da compreensão

Aquelas palavras, dispersas nas brumas do tempo e da memória, pareciam conspirar em um sussurro quase imperceptível, um convite para erguer o véu da ilusão e encarar a verdade de coração aberto. Não eram inocentes nem incógnitas, mas marcas indeléveis de um passado de sombras e erros; e, no entanto, o silêncio solene da noite ao redor deles de alguma forma lhes concedia voz e sentido - uma chave que abria o cofre abandonado das almas de Sarah e Ethan.

O mar, longe de seremos um espectador indiferente, acompanhou a melodia que ora fluía trêmula e hesitante, ora fervilhante e eloquente, em um contraponto harmonioso que preenchia a atmosfera com vibrações e ressonâncias de coragem e superação.

Embalados pela canção das ondas, Sarah e Ethan confrontaram os fantasmas que os haviam assombrado por tanto tempo, enfrentando as sombras que línguas de fogo haviam traçado sobre o espelho da vida. Ali, sob o manto da noite, acariciados pela brisa gélida e ungidos pela lua cheia, eles souberam que era chegado o momento de fazer algo que sempre tiveram medo: perdoar.

"Sarah," disse Ethan com ternura, segurando-a pelos ombros com a força de alguém que luta para suportar não apenas seu próprio peso do mundo, mas também o de outrem, "há algo que eu acho que você precisa ouvir algo que você precisa assimilar em seu âmagô para que possa realmente curar e seguir em frente."

A voz de Ethan tremia, fragilizada pelos anos de tragédia e de lutas incansáveis, mas havia também uma pureza e nobreza infinitas em sua entonação - pequenos fragmentos de um espírito indomável que brilhavam como um farol na tormenta.

"O que é, Ethan o que você acha que preciso ouvir?" Sarah perguntou, sua voz afita pelo desconhecido e tênue como um raio de luar que se infiltrava entre as últimas nuvens do crepúsculo.

Ethan a encarou, seus olhos uma mistura complexa de medo e esperança, e segurou sua mão com firmeza e carinho.

"Você precisa perdoar a si mesma, Sarah, e entender que merece ser feliz."

Ele murmurou, sua voz um sussurro suave na melodia do mar. "Ninguém escolhe os caminhos da vida que nos levam à tristeza e à dor, mas mesmo nesses momentos sombrios, nós podemos encontrar a força e a sabedoria para curar e transcender nossas histórias passadas."

As palavras de Ethan ecoaram aos ouvidos de Sarah como um oceano de revelação e consolo; sua mente verberando com uma cascata de lembranças e redenção. Com um soluço, ela se aninhou contra o peito de Ethan, procurando abrigo da tempestade emocional que a engolfava.

"Eu acredito em você, Sarah." Ethan sussurrou em seu ouvido, acariciando suavemente seus cabelos num gesto de apoio e afeto. "E também acredito no poder do amor e da compreensão para nos ajudar a encontrar o perdão e a paz que precisamos para seguir em frente."

Nesse instante, Sarah sentiu uma mudança no fundo de sua alma, um sussurro delicado e inocente de um novo começo. Com o coração desbordando de gratidão e esperança, ela levantou os olhos, encontrando nos olhos de Ethan um caleidoscópio de perdão, empatia e coragem.

"Obrigada, Ethan." Ela sussurrou, as lágrimas rolavam de seus olhos como um rio que deságuava em um vasto e luminoso mar de cura e comunhão. "Obrigada por me ajudar a encontrar o caminho de volta para mim mesma."

Juntos, ali, à beira-mar, eles descobriram a verdadeira força do perdão e da compreensão, compreendendo que o poder de enfrentar e transcender seus passados dolorosos residia não apenas em si mesmos, mas também na bondade e amor de seus corações.

E, assim, abraçados e unidos pela mesma alma em busca de redenção e cura, Sarah e Ethan se ergueram acima do peso das memórias e das sombras do passado em um eterno e luminoso abraço de paz, amor e compaixão. Pois eles sabiam, em suas mais profundezas, que a força do perdão e da compreensão era maior do que a escuridão de qualquer medo ou dúvida - um poder infável e sagrado que superava o tempo e a eternidade, mantendo-os firmes à beira de um novo e glorioso amanhecer.

Chapter 5

Descobrimo sentimentos em comum

No momento em que o sol se esgueirava para trás das nuvens pintadas de âmbar, cedendo ao celeste crepúsculo que se estendia no horizonte, Sarah e Ethan encontraram-se à improvisada mesa de um piquenique na praia, cercada por um silêncio que desafiava distância e tempo.

A brisa tépida arrancava notas musicais da solidão e guinchos esporádicos de gaivotas distantes que, como Sarah e Ethan, esperavam pelo inevitável beijo entre o oceano e o dia agonizante.

Movidos por despedidas e coragem, os dois trocavam olhares vacilantes e sorrisos que eram, mais do que elegias de um verão inteiramente vivido, lápides de um legado mergulhado em cicatrizes e rostos desbotados, sussurrando, à beira do esquecimento, promessas de amor e de fé.

- Sarah - Ethan começou, hesitante, os olhos angustiados pela timidez e pelo medo das verdades e idéias que escapavam de sua alma como chuva amarga de um céu em fúria. - Há algo que eu preciso te dizer algo que eu sinto que, de alguma forma, nos une e nos torna semelhantes aos olhos da humanidade e às sombras do passado, incapazes de distinguir entre o bem e o mal, o amor e a dor.

Sarah, o coração inundado pelos caprichos do oceano e das histórias imemoriais que suas ondas sedentas de redenção sussurravam nas profundezas do tempo, fitou Ethan nos olhos, buscando neles a força e a coragem para confrontar, uma última vez, os fantasmas que a assombravam na penumbra da memória.

- Me diga, Ethan, o que é que nos une neste crepúsculo solitário o que são essas verdades que, como espectros evanescentes, nos assombram e nos guiam inexoravelmente de volta ao abismo desolador do passado?

Ethan, cujo olhar brilhava como um farol perdido em um oceano implacável e sombrio de sofrimento e arrependimento, inspirou profundamente e fechou os olhos, permitindo que a essência dessas verdades, indomáveis como uma fera selvagem, se libertasse das algemas pesadas de sua alma e se erguesse nas asas do tempo e da remissão.

- É o perdão, Sarah - Ethan murmurou, a voz trêmula como vaga-lumes dançando à luz lunar ofuscante e inconstante. - Nós dois cometemos erros, enfrentamos perdas insuportáveis e nos recusamos a deixar de lado essas mágoas e dores que nos corroem e nos assombram a cada momento mas é também o perdão que nos une, que nos chama para além das sombras e das trevas da idade e da culpa, transformando-nos em seres dignos de amor e de vida.

Um silêncio profundo e incomensurável, impregnado pela melodia fugaz das ondas e do vento que se entrelaçavam em uma dança lúgubre de sonhos quebrados e esperanças perdidas, se esparramou entre Sarah e Ethan, que se entreolhavam, impotentes e vulneráveis, na contemplação insondável das verdades que agora lhes eram reveladas.

- Ethan - Sarah murmurou, as palavras morrendo em seus lábios, como lágrimas que hesitam em deixar os olhos e se entregar ao abismo desconhecido do tempo e do espaço. - Como podemos perdoar, quando a sombra da culpa e da dor é tão densa e impenetrável, quando cada passo que damos em direção à luz do amor e da comunhão se perde, irremediavelmente, nas brumas do passado?

Ethan, seus olhos iluminados pela esperança incandescente do amor e da redenção, esboçou um sorriso triste mas resplandecente, como a aurora que, apesar das trevas, sempre encontra sua morada entre as grainhas de luz que o céu imortal semeia no firmamento.

- A resposta está em nós, Sarah - ele sussurrou, como a brisa que, em sua busca interminável por redenção e eternidade, arranca as correntes das sombras e da culpa e destrói a barreira de silêncio e escuridão que nos envolve e nos consome. - Está na humildade de nos entregarmos ao presente e, no espelho da eternidade, encontrar a paz e a libertação que nossas almas, feridas pelo destino e pelo espírito humano, clamam aos céus e às estrelas

infinitas.

Foi nas promessas de amor e perdão, emaranhados à inelutável passagem do tempo e à sinfonia de esperanças e sonhos que, como melodia distante e familiar, embebiaram o crepúsculo e o mar, que Sarah e Ethan se reúnem, imaginando - se inocentes e redimidos, compassivos e livres, convertidos, além da idade dos medos e das perdas, na majestade incontestável do perdão e do amor que os dois sempre nutriram e protegeram nas sombras silenciosas de seus corações desesperados e solitários.

Primeira conversa mais profunda

Era final de tarde na praia, e as sombras dos dois se estendiam na areia, misturadas com as longas linhas desenhadas pelos seus passos. Ao longe, os mares refletiam cores radiantes do sol poente, criando ilusões de labaredas eclodindo nas águas do oceano. Caminhavam lado a lado, já familiarizados com o ritmo e o silêncio um do outro. Mas naquele clima ambiente de um dia findando, a brisa parecia soprar em favor de uma intimidade maior, e naquele momento, Sarah sentia algo que nunca tivera antes: a coragem de compartilhar um segredo muito particular, que carregava como um farol que iluminava sua mente com o peso da vergonha e da culpa.

Ela olhou para o horizonte e, em um tom suave e trêmulo, soltou as primeiras palavras que invadiriam o espaço entre ela e Ethan: "Há algo que preciso te contar, Ethan, algo que nunca contei a ninguém antes."

Ethan voltou-se rapidamente para ela, surpreso pela mudança repentina no tom da conversa. Ele sentiu uma pontada de hesitação e preocupação no peito, mas manteve o silêncio, incentivando Sarah a continuar.

Sarah olhou para ele, seus olhos marejando com a angústia de alguém carregando um fardo pesado demais para uma só pessoa aguentar. "É sobre algo que aconteceu há anos atrás um erro terrível que cometi e que me assombra desde então."

Desde o momento em que se conheceram, Sarah e Ethan haviam sido cautelosos em compartilhar informações profundas sobre seus respectivos passados. Havia construído uma amizade sobre os fundamentos da compreensão e da empatia, mas sabiam que tinha chegado o momento de expor suas feridas e enfrentar a verdade sombria das escolhas que os assombravam.

Ethan uma vez mais a olhou nos olhos, sua expressão um misto de

preocupação e compreensão, e respondeu com firmeza: "Você pode contar comigo, Sarah. O que quer que tenha acontecido, estaremos juntos enfrentando isso."

Encorajada pela reação de Ethan, Sarah tomou um longo suspiro e continuou: "Eu tinha dezessete anos e acabava de terminar meu último ano do ensino médio. Era uma época em que eu procurava desesperadamente encontrar meu lugar no mundo, e em meio a esse caos de descobertas, cometi um erro terrível. Eu me afastei das pessoas que amava e me envolvi com um grupo de colegas que me arrastaram ainda mais para o fundo."

Enquanto falava, Sarah sentia uma dor aguda no peito. Era como se estivesse removendo a tampa de um poço profundo e escuro, e os medos e tristezas do passado que vinham para a superfície ameaçavam sufocá-la.

Ethan estendeu um braço e tocou seu ombro com suavidade, oferecendo apoio e segurança. Ele não proferiu nenhuma palavra, mas o gesto falava aos sentimentos de Sarah, transmitindo o poder do vínculo que haviam desenvolvido.

Ela respirou fundo mais uma vez, decida a encarar o abismo sombrio que estava prestes a expor. "Eu fui uma das responsáveis por um acidente de carro", as palavras pareciam grudar em sua língua. "E alguém morreu naquele acidente."

Diante daquela confissão, Ethan sentiu o coração lhe apertar, mas manteve-se calmo e solidário. Com muita ternura, respondeu: "Sarah Eu não posso nem imaginar o quão difícil deve ser para você carregar isso nas suas costas. Eu sei que o passado não pode ser desfeito, mas estou aqui para te ajudar a confrontá-lo e encontrar uma forma de perdoar a si mesma."

Sarah chorava abertamente agora, soluçando com cada palavra que pronunciava. "Eu não sei se algum dia poderei me perdoar, Ethan. O peso desse passado parece uma âncora me arrastando para o fundo do oceano, e sinto que não consigo mais respirar."

Naquele instante, Ethan tomou as mãos de Sarah e olhou em seus olhos, enquanto murmúrios salgados do mar criavam uma canção hipnotizante que os envolvia. "Nós fizemos escolhas erradas no passado, Sarah", disse ele, com uma sinceridade e determinação transbordando de sua voz, "Mas é importante lembrar que nós somos mais do que as nossas escolhas. Ninguém é perfeito. Todos nós cometemos erros e carregamos cicatrizes. E embora o passado não possa ser alterado, podemos aprender com nossos erros e nos

tornarmos melhores. Eu acredito em você e no poder da nossa amizade para trazer cura e perdão.”

Em meio àquela mistura de dor e esperança, Sarah encarou Ethan como se estivesse olhando para um farol que lhe guiava para fora da tempestade e encontrou em seus olhos o brilho de um coração disposto a curá-los.

Naquele crepúsculo de cores inebriantes, eles trocaram histórias, confissões e promessas, escritas nos capítulos do amanhã, e perceberam que as falhas e os temores que os haviam despedaçado por tanto tempo não eram inquilinos permanentes de suas almas - tão etéreo como o crepúsculo. E, portanto, enquanto lágrimas e risos se entrelaçavam com as estrelas do céu noturno, Sarah e Ethan finalmente se entregavam ao passado, encontrando paz e coragem para enfrentar o amanhã, juntos.

Descobrimo histórias familiares

Aquele era um daqueles raros dias em que o verão revelava toda a sua glória e esplendor, entrelaçando-se em harmonia com a brisa suave que sussurrava melodias de esperança e renovação. O sol derramava seus raios dourados e quentes sobre a cidade costeira, fazendo com que as águas do oceano cintilassem como cristais caleidoscópicos.

Sarah e Ethan caminhavam descalços pela orla, seus passos sincronizados, deixando um rastro marcado na areia lisa e quente como as lembranças indeléveis do tempo percorrido entre dois corações. O som das ondas acariciando a praia permeava o espaço entre eles, como a ressonância suave do espírito humano em sua busca infinita por amor e redenção. A conexão que se estabelecera entre eles era visceral e inextricável, desenhada pelas linhas invisíveis do destino, e agora, caminhavam pela praia acreditando que a maré incessante os levaria adiante até que encontrassem o elo perdido num passado distante.

Era um desses encontros do acaso que lançaram luz sobre antigas histórias familiares e revelaram segredos enterrados nas profundezas do silêncio. A avó de Sarah, Isabela Costa, fora uma mulher de grande sabedoria e bondade, e sua memória vivia no coração da neta como uma chama eterna de luz e esperança.

”Ethan,” Sarah começou, a voz embargada pela tensão de um mistério prestes a ser revelado, ”Já te contei que minha avó, Isabela, nasceu e cresceu

nesta cidade?”

Ele a olhou com curiosidade crescente, as palavras dela emitindo um brilho de compreensão em seus olhos inquisidores. “Não, você não mencionou isso antes. Isso só torna nosso encontro aqui ainda mais interessante.”

“Sabe,” ela prosseguiu, passando a mão pelos cabelos, como se estivesse se desvencilhando de espectros de um passado desconhecido, “Ela costumava me contar histórias, segredos, sussurrados na escuridão, sobre uma grande paixão que viveu nesta mesma praia histórias de amor, traição e coragem.”

Sarah olhou para o mar, o coração apertado pelos segredos que se desdobravam diante de seus olhos entristecidos. “Ethan, nunca soube ao certo de quem ela falava, mas sempre acreditei que essa paixão tenha sido o amor mais verdadeiro de sua vida, e que levou consigo todas as promessas de felicidade eterna e água salgada, cimentadas por juras de amor afogadas pelo grito das gaivotas.”

As palavras pairavam entre eles como uma névoa densa e palpável, embriagando-os com sua doçura amarga e sedutora. “Isso é incrível, Sarah,” murmurou Ethan, os olhos perdidos no horizonte, um céu luminoso e distante brindando a imensidão de suas histórias entrelaçadas. “Será que o destino te trouxe até esta cidade, não apenas para curar as feridas do passado, mas para encontrar as respostas há tanto buscadas sobre a história de sua avó e aquele que chamou de amor?”

Um silêncio repousou sobre eles como uma manta protetora, uma pausa no tempo onde a eternidade parecia encontrar-se com o presente e oferecer a possibilidade de um futuro unido e amoroso.

“Foi então que percebi, Ethan,” disse Sarah, seus olhos úmidos pela comoção que transbordava de suas palavras como um rio selvagem e indomável, “A razão pela qual me sinto tão conectada a você, porque talvez, apenas talvez, também faça parte dessa mesma história de amor e perda vivida por minha avó.”

Ethan olhou para ela, os olhos marejados pelas lágrimas que estavam prestes a explodir da imensidão de sua própria história, de sua própria batalha de redenção. “Sarah, acredito que juntos, podemos descobrir as verdades escondidas no passado de nossas famílias e enfrentá-las, como faríamos com as ondas desta praia.”

Com a respiração pesada e as mãos tremulas, Sarah mostrou a Ethan uma antiga fotografia, tirada na mesma praia em que caminhavam. A

imagem capturava sua avó, Isabela, sorrindo radiante ao lado de um homem cuja semelhança com o rosto de Ethan era notável.

Ao olhar para a fotografia, o choque inicial e a incredulidade em seus olhos deram lugar à aceitação e ao entendimento de que suas histórias de amor e perda, vida e morte, eram intrinsecamente entrelaçadas como as linhas do destino que perpassavam o oceano, chamando múltiplas gerações à redenção e à paz.

O tempo parou por um instante, enquanto aquele fragmento do passado tornava-se o vínculo compartilhado pelos dois. Nesse instante, perceberam que eram mais do que apenas encontros casuais e solitários, unidos pela dor e pelo desejo de encontrar perdão. Eram a continuação de uma história, um legado que começou com o amor de Isabela e agora, claramente, se perpetuaria na vida de Sarah e Ethan.

Nas profundezas de seus olhos e seus corações, ambos sabiam que descobrir as verdadeiras histórias de suas famílias era apenas o início de suas buscas e batalhas. Encontravam-se agora na encruzilhada entre passado e presente, amor e dor, culpas e preconceitos e que somente enfrentando esses medos juntos, poderiam encontrar a paz e a redenção pelas quais tanto ansiavam.

Lado a lado, coração a coração, nas areias uivantes e mágicas da praia onde tudo começou, Sarah e Ethan enfrentaram a tempestade e mergulharam, de mãos dadas, na espiral de amor e legado, sabendo que estavam escrevendo juntos as páginas de suas próprias histórias. Estavam destinados a enfrentar o passado e a desvendar os mistérios de suas histórias familiares, abraçando a compreensão, o perdão e a possibilidade de um amor redentor.

Lembrando episódios de infância

Sarah não conseguia entender como algo tão comum e simples como uma xícara de café pudesse desbloquear um entrelaçado complexo de memórias e emoções esquecidas. Estava sentada no sofá velho e desbotado de sua avó, os olhos vidrados na tela da TV quando Ethan entrou na sala, segurando duas xícaras. "Você se importa se eu me juntar a você?" ele perguntou, um sorriso brincando em seus lábios.

Sarah assentiu, respondendo com um sorriso tímido. "Por favor, sente-se." Ethan se acomodou ao lado dela, entregando-lhe uma das xícaras. A

fragrância rica e terrosa do café se espalhou pelo ar, evocando lembranças das manhãs preguiçosas passadas na casa da avó Isabela. O sol se agarrava à sua pele por enquanto, enquanto a luz da manhã embelezava muitas folhas e flores que se espalhavam pelo jardim, enredando-se em um soneto emoldurado pelo canto das aves.

Ethan percebeu a expressão distante no rosto de Sarah e perguntou suavemente: "Em que você está pensando?"

Sarah hesitou por um momento antes de responder: "Estou lembrando da minha infância. Pode parecer estranho, mas o cheiro do café me leva de volta para essa época. Você já experimentou isso - um perfume ou um sabor que desencadeia uma enxurrada de memórias?"

Ela olhou para ele, os olhos caminhando em sua direção, como se estivessem buscando a chama de lembranças antigas que pulavam em seu próprio coração.

Os olhos de Ethan se iluminaram com a lembrança repentina de seu próprio passado. "Sim, na verdade", respondeu. "Eu costumava andar de bicicleta ao redor dos campos perto da minha casa, e toda vez que sinto o cheiro de folhas úmidas e terra molhada, ele me transporta de volta para esses dias."

O silêncio confortável que pairava entre Sarah e Ethan foi substituído por uma onda de nostalgia, conforme lembranças de suas respectivas infâncias surgiam pelas comportas de suas mentes. Sarah riu suavemente, seus olhos refletindo extâse e anseio por um tempo que parecia escapar como grãos de areia por seus dedos.

"Eu me lembro de como eu costumava brincar de esconde - esconde com a minha avó", disse Sarah, enquanto tentava não se perder em suas lembranças. "Ela sempre se escondia comigo, e juntas, ríamos das mais estranhas e tolas coisas."

Ethan a olhou, sua expressão gentil e amigável transformando-se em melancolia conforme pensava em seu próprio passado. "Eu costumava adorar pescar com meu pai", ele murmurou, "Aqueles momentos eram os mais tranquilos da minha vida "

Sarah sorriu para ele, incentivando Ethan a continuar contando suas memórias. "Meu pai me ensinou a ler as águas - a sentir a maré e, às vezes, a própria respiração do rio enquanto fluía e trovejava em direção ao infinito. No começo, parecia mágica para mim, como se ele estivesse sussurrando o

ritmo dos céus e do oceano em meus ouvidos. Eventualmente, aprendi a ouvir a pulsação do mundo natural, a sentir como ele se entrelaçava e fluía através das minhas veias.”

A voz de Ethan parecia carregar o vento e as águas, escapando de sua boca como os segredos dos próprios elementos.

Sarah ficou em silêncio, observando Ethan, acolhendo a forma como seu rosto se iluminava sempre que ele lembrava dos momentos passados com seu pai. “Você não sente falta dessa época, Ethan? Da simplicidade de nossa infância e dos laços que compartilhamos com nossos pais?”

Ethan suspirou, um som suave nascido da tristeza e da ternura. “Sim, eu sinto. Mas eu também sei que a vida, assim como o oceano, está sempre em movimento. Podemos apenas aceitá-la e aprender a surfar as ondas que nos são entregues.”

Sarah sentiu sua própria tristeza inchar como uma bolha dentro dela, pronta para rasgar e liberar a dor suprimida que havia prendido por tanto tempo. “Às vezes, eu daria tudo para voltar a ter novamente aqueles momentos, só mais uma vez”, sussurrou, um lágrima traiçoeira escorrendo por sua bochecha.

Ethan tomou a mão de Sarah em consolo, o calor de seu toque banindo a dor que queimava dentro dela. “Nós não podemos voltar atrás, Sarah, por mais que queiramos. O passado é uma lembrança, um porto seguro em que devemos ancorar nossos corações quando as tempestades estão mais fortes, mas é crucial se lembrar de que o futuro nos aguarda, e só podemos abraçá-lo com coragem e esperança, mesmo quando as sombras do passado se enraízam profundamente dentro de nós.”

As palavras de Ethan fluíram como ondas de sabedoria e consolo, atingindo as margens do coração de Sarah e lavando-a com ternura e sentido. Juntos, compartilharam a dor e a alegria de suas memórias de infância e perceberam que, embora a vida se estendesse diante deles como um caminho sinuoso e imprevisível, o peso das lembranças - tanto boas quanto más - percorria os espaços silenciosos e vazios, preenchendo-os com amor e sentimentos fervorosos de uma época em que o mundo parecia ser mais simples e puro.

Revelando momentos difíceis

Era uma noite quente de verão, em que o céu se enfeitava com um manto de estrelas cintilantes e a brisa sussurrava através das folhas das árvores que rodeavam a casa da praia. A lua, um crescente prateado de puro esplendor, iluminava o caminho para a praia, onde as ondas lambiam suavemente a areia branca e fina.

Sarah e Ethan, sentados um ao lado do outro na areia macia, observavam o mar infinito enquanto conversavam naturalmente. Eles haviam compartilhado risadas e histórias de suas vidas anteriores, mas naquela noite pairava no ar um silêncio expectante e hesitante. Sabiam que havia chegado o momento de compartilhar os momentos mais difíceis de suas vidas.

A voz de Ethan tremia conforme buscava as palavras para contar seus segredos mais obscuros a Sarah, que o escutava com uma atenção atenta e compassiva.

”Sarah, eu não sei bem como te contar isso, mas meu passado esconde uma série de erros e provações. Eu nunca fui completamente honesto com você sobre quem sou e o que me trouxe aqui. Mas acredito que agora seja a hora de enfrentar essas lembranças”, confessou com uma genuína honestidade que emocionou profundamente Sarah.

Ela tocou a mão de Ethan e gentilmente apertou - a em um gesto de apoio. ”Ethan, eu estou aqui para ouvir. Todos nós temos nosso passado, e são nossas lutas que nos moldam. Por favor, sintá - se à vontade para compartilhar comigo o que te afige.”

Ethan suspirou, sua respiração pesada parecendo carregar o peso de um mundo inteiro. ”Há tantos anos atrás, eu vivi um momento que mudou tudo. Eu tinha uma família, uma vida que amava, mas uma escolha impensada e egoísta destruiu tudo. Eu causei uma dor imensa a quem mais amava, e desde então, carrego essa culpa diariamente, lutando para encontrar qualquer tipo de expiação.”

A voz de Ethan estava embargada pelas emoções que afloravam enquanto se revelava a Sarah. Ela sentiu a dor dele como se fosse sua, e suas lágrimas silenciosas começaram a escorrer pelo rosto, marcando a areia como uma recordação dolorosa.

Sarah respirou fundo, tentando encontrar as palavras para confortar Ethan. ”Eu posso sentir o quanto isso te machuca. Eu entendo que esse

momento representa uma força destrutiva em sua vida, mas quero que saiba que sinto uma força igualmente poderosa de compaixão e compreensão vinda de você. O fardo que carrega, Ethan, é algo que todos nós, à nossa maneira, também carregamos. Abraçe sua dor, encare sua história de frente, e se permita superá-la, não sozinho, mas comigo ao seu lado.”

O olhar de Ethan encontrou o de Sarah, e nele havia uma gratidão indescritível misturada com uma dor inconfundível. Por alguns instantes, não houve palavras, apenas a conexão visceral e inquebrantável que os unia em sua batalha compartilhada pela aceitação e cura.

É uma verdade cruel da vida que ninguém escapa às suas próprias mágoas e tragédias. Porém, naquela noite na praia, sob a luz prateada da lua e o brilho das estrelas, Sarah e Ethan deram o primeiro passo em direção à compreensão e ao perdão que tanto buscavam. Eles haviam encontrado, no fundo da dor um do outro, algo raro e infinitamente valioso: a capacidade de se abrir às suas lutas mais íntimas e talvez, através dessa conexão, encontrar um caminho rumo à redenção e ao amor.

Confrontando medos e inseguranças

Naquele dia, o oceano parecia inquieto, suas ondas maiores e com espuma verdadeiramente pétrea. O sol banhava a praia com um calor sufocante, e o ar gotejava de humidade. Sarah estava sentada à sombra de uma árvore, os participantes de sua infância, enquanto observava as águas turbulentas, sentindo uma tempestade medonha e crescente dentro dela.

- Está tudo bem, Sarah? - a voz suave de Ethan cortou seu devaneio, e ela se virou para encontrá-lo, a sombra dele se estendendo pela areia em direção a ela, dando-lhe um ar de mistério e um certo intangível que ela não podia descrever.

- Você não tem medo, Ethan? - ela perguntou de repente, com uma espécie de desespero que a deixou surpresa e um pouco envergonhada. Mas Ethan não riu nem a encarou com desdém. Ao invés disso, os olhos dele se tornaram escuros e tempestuosos, e ele a fitou, como se estivesse avaliando o verdadeiro significado de suas palavras.

- Todos nós temos medo, Sarah - ele murmurou suavemente, abrindo um espaço ao lado dela para sentar-se na sombra da árvore. - O medo é uma parte inevitável da condição humana. Ele nos persegue, nos agarra pelos

ombros, nos sacode até que não possamos mais negar sua existência. Aqueles que dizem estar livres do medo talvez nunca tenham olhado realmente para dentro de si mesmos.

Sarah engoliu, sentindo as lágrimas ardendo nos cantos de seus olhos, e abaixou a cabeça, os dedos escavando na areia, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, para afastar a crescente sensação de terror que crescia dentro dela como uma chama voraz.

- Eu tenho tanto medo, Ethan - ela confessou, a voz trêmula e quebradiça como as ondas que se estilhaçavam contra as pedras. - Eu sinto que estou à beira de um abismo escuro e desconhecido, e que a qualquer momento, o chão vai desmoronar sob meus pés, me levando a um vazio do qual eu nunca possa retornar

Sua voz ficou engasgada em sua garganta, e uma lágrima solitária escapou pela borda de seus olhos fechados, riscando uma trilha salgada por sua bochecha, onde foi interrompida por dedos gentis. Ethan virou o rosto de Sarah em suas mãos, forçando-a a encontrar seus olhos.

- Não se entregue a esse medo, Sarah - ele falou com determinação. - Permitir que ele governe seus pensamentos e seus momentos mais sagrados é o mais insensato e venenoso ato. Seu coração é imenso e selvagem, uma terra desconhecida que ainda não conhece seu próprio poder e majestade. Em vez de se encolher diante do medo, use-o como combustível para sua coragem, como alimento para sua alma.

Sarah encontrou conforto nas palavras de Ethan, mas ela não podia evitar essa sensação de que ele também estava escondendo algo, como se ele conhecesse segredos do mundo que nem mesmo Sarah poderia imaginar. Ela engoliu em seco, a insegurança afligindo-a como uma fera selvagem.

- E você, Ethan? - ela perguntou cautelosamente, fitando-o bem no fundo dos olhos. - O que você teme? O que te mantém acordado à noite, olhando para as estrelas e perguntando-se o que os deuses têm reservado para você?

Ethan ficou em silêncio por um longo momento, sua expressão se fechando como uma concha, enquanto ele lutava com uma guerra interna que Sarah imaginava ser igualmente conflituosa e caótica. Quando ele finalmente se pronunciou, sua voz estava baixa e mais frágil do que ela jamais ouvira antes.

- Eu temo a mim mesmo, Sarah. Eu temo o que poderia me tornar

se eu me deixasse sucumbir às trevas do meu coração, às sombras que me arrastam de volta ao meu passado e me impedem de vislumbrar o futuro brilhante e desconhecido - um futuro que, para ser completamente honesto, eu espero compartilhar com você.

Percebendo similaridades

No horizonte, o sol desenhava seu caminho final através do céu, iluminando o mundo com tons de dourado e laranja. Naquela tarde, Sarah e Ethan haviam escolhido caminhar pelo centro da cidade, como se as casas e as ruas pudessem oferecer abrigo às confidências e diálogos que tomariam forma entre as paredes de pedra secular.

Ainda abalado pelas revelações de seu passado, Ethan fora acompanhá-la em tarefas corriqueiras e buscou entre os olhares semicerrados de Sarah, um vestígio de perdão ou compreensão. Contudo, a expressão fechada da jovem mulher revelava apenas a perplexidade que guardava consigo. Havia um silêncio inquietante entre eles, irresoluto, um silêncio que engolia as palavras e sufocava a verdade.

Foi então que a vitrine de uma pequena loja, adornada por estátuas brilhantes e coloridas, chamou a atenção de Sarah. Ela parou em frente àquele pequeno universo repleto de peças delicadas e intrincadas, admirando como a luz do sol afagava seu brilho e conferia um aspecto mágico àquele espaço íntimo.

"Veja, Ethan!" Sarah exclamou com uma alegria repentina e efêmera, observando as estátuas maravilhosamente desenhadas. "Essas figuras me lembram a infância que passei aqui na casa de minha avó. Ela costumava me levar a esta mesma loja, e eu ficava horas admirando essas peças como se fossem tesouros místicos."

Os olhos de Ethan se iluminaram com um brilho que parecia compartilhar do entusiasmo de Sarah. "Existia uma loja semelhante em minha cidade natal, onde eu me encantava pelas peças de vidro soprado que pareciam encantar meus olhos. É incrível como algo tão simples pode tecer lembranças tão profundas em nossas vidas."

Apesar das sombras que ainda pairavam sobre suas almas, por um breve momento, Sarah e Ethan se conectaram por meio dos fragmentos de suas infâncias que pareciam dançar naquelas estátuas enfeitadas. No entanto, o

silêncio voltou a envolvê-los como uma névoa pesada e sombria.

Em meio a essa atmosfera de incerteza, foram suas vozes juntas que irromperam inesperadamente, como trovões rasgando um céu nublado.

”Você já sentiu que é impossível voltar atrás, mesmo quando o futuro parece tão assustadoramente incerto? Quando as escolhas de nossas vidas parecem nos assombrar como fantasmas, e tudo o que desejamos é encontrar alguma paz além do tumulto de nossas emoções?” Sarah questionou, seus olhos marejados e curiosos buscando a resposta em seu companheiro.

Ethan sorriu tristemente, sentindo o desespero de sua própria situação espelhado na angústia de Sarah. ”Eu penso nisso todos os dias, em como um caminho que parecia tão seguro e promissor pode se transformar em um labirinto de dúvidas e sombras. Mas, talvez, seja aí que a verdadeira beleza reside, no fato de que há tantos caminhos a serem percorridos, e tanto a ser realizado.”

”Você acha que é possível redescobrir nossa capacidade de amar e ser amado, apesar de todos os erros e dores que caminham conosco como sombras do passado?” a voz de Sarah tremia conforme buscava conforto nas palavras de Ethan.

Ethan tocou o rosto de Sarah com uma ternura que aqueceria até mesmo o coração mais endurecido. ”Eu acredito que sim, Sarah. Cada dia é uma oportunidade de perdoar a nós mesmos e aos outros, de encontrar aquilo que nos traz paz e cura.”

Sarah suspirou, permitindo-se entreolhar o homem à sua frente, aquele que compartilhava mais do que apenas suas memórias e vivências. Havia um entendimento tácito entre eles, uma jornada compartilhada pelo perdão e pelo amor que encontrariam um no outro.

Aquele encontro inesperado na rua de uma pequena cidade costeira foi o começo para algo tão profundo e indelével que ambos mal podiam imaginar. As similaridades entre suas histórias trouxeram não apenas confiabilidade, mas um sentimento de destinação que os uniu em suas lutas e esperanças.

Hoje, em frente à loja, ao lado de Ethan com a mão entrelaçada na sua, Sarah não pôde deixar de pensar: o futuro era incerto, mas havia algo no horizonte que parecia pintado na cor da esperança e da redenção. E embora o passado ainda os assombrasse e suas vidas ainda fossem um amontoado de perguntas e temores, o inesperado encontro de suas almas parecia sugerir que a verdadeira cura nunca viria sozinha.

Conectando - se através de gostos e interesses

Era um sábado, um daqueles em que o firmamento se estendia como um cobertor de cetim azul, convidando à preguiça e ao devaneio. Neste dia, a praça central de frente ao mar estava mais animada do que o habitual, anunciando um evento especial. Já desde longe, Sarah e Ethan podiam distinguir o murmúrio da conversa festiva e o tinir dos copos naquela festa improvisada.

O sol derramava - se sobre a pele de Sarah com uma doçura preguiçosa, e ela lançou um olhar curioso na direção da praça, onde as barracas se espalhavam como máscaras mascaradas em um baile de ar ordenado.

- Vamos, Sarah! Eles devem estar vendendo todo tipo de coisa nas estandes, como os livros, artesanato e pinturas dos locais! - adiantou Ethan, o entusiasmo brilhando em seus olhos, contagioso e insaciável.

As mãos deles se conectaram automaticamente, entrelaçadas em pulsos de intimidade e segurança, e juntos atravessaram as estreitas vielas até chegarem à praça, onde já se podia sentir a ânsia pelos produtos expostos. As barracas formavam um mapa do tesouro de cores e texturas, e Sarah se encontrava perdida em um labirinto de possibilidades infinitas, consumida por uma alegria infantil.

- Quantas coisas incríveis - murmurou ela, parando no estande de um pintor local, onde retratos grandiosos do mar e das árvores se mesclavam com paisagens internas, sonhos pintados em tinta na madeira de velhos barcos naufragados. - Olhe esse quadro, Ethan! A luz refletida na espuma das ondas me faz sentir como se eu pudesse mergulhar no céu!

- É uma pintura impressionante - Ethan concordou, passando o dedo carinhosamente ao longo da moldura envelhecida. - Mas, você sempre teve afinidade com o mar, não é mesmo?

Sarah sorriu, um sorriso lento e malicioso que se espalhou por seus lábios como um segredo compartilhado. - Minha avó costumava dizer que a água correu nas veias de nossos antepassados. Eu sempre achei isso fascinante, como um grão de verdade oculto em uma lenda.

Ethan inspirou, os olhos se voltando para o horizonte infinito, onde a massa líquida se encontrava com o azul da abóbada celeste. - Eu imagino que há muita verdade nessa lenda, Sarah. O mar é o berço da vida, e a música do seu coração, tão vasta e insondável como os oceanos mais profundos.

Embaralhada em pensamentos profundos e sonhos marinhos, Sarah não notou imediatamente a presença do velho artista, que se aproximara silenciosamente deles. Era um homem de aspecto frágil, com um rosto marcado pelos sulcos dos anos, e olhos tão risonhos e brilhantes que desafiavam o vigor do tempo.

- É um belo comentário, meu filho. O mar, de fato, é antigo quanto o próprio tempo, e cada gota de água guarda segredos que somente poderíamos vislumbrar em nossos sonhos mais proféticos - falou o artista, com uma voz rouca e cansada, mas que carregava a calma das águas em calmaria.

- Eu conheço você - interrompeu Sarah, os olhos se estreitando ao tentar sonoanalyzer o mapa de rugas e cicatrizes do artista. - Minha avó comprava suas pinturas, e as exibia com orgulho na casa de praia!

O homem sorriu, e apesar das dobras do tempo, os olhos deles brilhavam com vida e graça. - Sim, eu conheci sua avó há muitos anos, quando eu era apenas um aprendiz de pintor e ela me contratou para pintar a vista do mar na parede de sua sala. É incrível como a vida mimetiza a arte, não é mesmo? Aquelas ondas, de alguma forma, saltaram das paredes e se tornaram uma maré alta que afogou meus pés na paixão pela pintura.

Sarah e Ethan compartilharam um vislumbre, seus corações unidos pelo encanto da arte e da poesia que desabrochavam na praça central, onde os fantasmas do passado dançavam com os ecos do presente e as promessas do futuro. E foi nesta poderosa união de almas que eles encontraram, se não respostas, pelo menos a força para enfrentar a torrente de perguntas e medos que os assombrava.

E assim, à sombra das montanhas e abençoados pelo sol, Sarah e Ethan se conectaram através de suas paixões e afinidades, os tentáculos de seus corações encontrando o conforto e o consolo na familiaridade compartilhada, e no poder transmutador da arte e da palavra que transcende os mistérios da vida e do tempo.

Confortando - se nas tristezas compartilhadas

A saudade amanhecia lá no alto da montanha, dançando com os primeiros raios de sol, quando tocou à porta de Sarah o som hesitante de batidas incertas. Cansada da eterna vigília sobre seu coração estilhaçado, ela encontrou forças para cruzar o chão descalço e, entre uma fresta e um

suspiro, deparou-se com a figura sombria e torturada de Ethan.

Era muito para qualquer um carregar, e naquele gesto vulnerável, ele a colocou diante do espelho curvilíneo do sofrimento alheio, os olhos fundos e úmidos suplicando guarida onde ele também pudesse soltar suas mágoas e convocar o silêncio de seus monstros. Os momentos de fragilidade são provas de confiança, e naquele instante único e decisivo, a comunhão das almas tornou-se evidente em cada gesto: o soluço disfarçado, o toque solidário, a respiração que acompanhava a do outro.

Sarah o deixou entrar, distendendo seu coração em um sorriso tímido que tentava ocultar o medo de abrir velhas cicatrizes e convidar a dor a sentar-se à mesa do coração já tão machucado. Foi sua voz que rompeu o frágil equilíbrio daquele encontro, um murmúrio delicado que parecia confiar segredos a asas de borboleta que planavam no ar.

”Tenho chorado muito, Ethan, tanto nos braços da noite quanto roubando gemidos do silêncio. A perda de minha avó é uma palavra que se inscreve em gotas de sal e pesa como a própria inconsciência do mundo. Quanto mais deixo que as lembranças aflorem, mais me sinto desmoronar como a areia leve do mar.”

Ethan a observou com tal intensidade, que Sarah sentiu o peso de mil olhares pendendo sobre seu coração. Seu silêncio, no entanto, não escondia a vastidão de dúvidas e agonias que atormentavam sua alma. Quando enfim falou, suas palavras se estendiam como fios de prata no vazio de seus olhos, tingindo de alguma esperança a melancolia do passado.

”Eu sei o que você sente, Sarah. Cada perda nos marca como uma espécie de cicatriz indelével, um desenhista cruel que nos recorda o que já não existe. Minha mãe se foi há cinco anos, e às vezes me pego acreditando que, se fechar os olhos e mergulhar nas profundezas de nossas histórias, poderei encontrá-la e trazê-la de volta à vida.”

Sarah não resistiu às palavras comoventes de Ethan e, com a constatação da proximidade de suas dores, se agarrou ao seu corpo como a um penhasco em tempestade, permitindo que suas lágrimas corressem livres na busca por algum consolo. Por um momento, as feridas de seus corações partilhavam do mesmo bálsamo e o tempo parava para permitir que a dor se esvaziasse em um abraço extasiado.

Naquele abraço, Ethan sussurrou palavras de dor e aceitação, e Sarah escutou como quem vislumbra as estrelas em um céu límpido de verão.

Ali, em meio à conexão de suas almas despedaçadas, eles descobriram a beleza escondida nos lugares sombrios, a coragem contida nas lágrimas que desafiam os muros do orgulho e da solidão. Ali, na casa à beira-mar da avó de Sarah, eles enfrentaram juntos a tempestade de tristezas compartilhadas, testemunhas únicas do poder de cura que se desdobra na entrega e no apoio.

Compartilhar o peso invisível de suas almas parecia uma graça milagrosa, uma esperança resplandecente naquele universo de escuridão e solidão. A luz que pisca à distância, um farol que se ergue firme e temerário diante de qualquer tormenta.

Estar ali, naquele tênue instante, era encontrar-se no abismo indefinido entre o passado e o futuro - um convite tácito às almas vagantes em busca do alívio das suas dores. Havia em suas mãos, aquecidas pelo calor mútuo, uma promessa de apoio e compreensão, um caminho traçado pela memória dos outros e pelas próprias cicatrizes que o vento não conseguiu apagar. No cálido acolchoado do silêncio, uma confiança se desenrolou:

”Ninguém escolhe suas perdas, Ethan, mas é nosso poder curar e aprender com o passado. Eu sinto que, juntos, podemos caminhar por esses salões escuros e jogar luz sobre nossos medos, nos curar com a ternura que encontrei nos seus olhos e no calor de sua voz.”

Ethan sorriu, um sorriso que roubava o nascer do sol de seu manto de névoas, e apertou a mão de Sarah com uma força resiliente e cheia de esperança. A música de suas batidas compassadas parecia, enfim, encontrar o ritmo conhecido do coração, trazendo cura e redenção no compartilhamento de tristezas e de um caminho aberto pela graça do outro.

E na luz de seu abraço, Sarah e Ethan acenderam o farol de suas almas, para que juntos pudessem guiar-se através dos mares de seus corações e das tormentas que ainda esperavam no horizonte.

Fortalecendo a amizade através da empatia

O sol, já avançado no céu, descarregava seu peso sobre o mundo e fazia com que, nos pequenos caminhos da cidade costeira, os tons da luz se misturassem livremente com a brisa marítima proveniente do oceano. Sarah e Ethan, sentados no banco empoeirado da praça central, observavam o silêncio solene das casas vazias, ouvindo o som das últimas horas de uma tarde a despertar na penumbra das sombras que se alongavam preguiçosas.

- A vida é como o oceano, não é, Sarah? - falou Ethan, sua voz um murmúrio suave que parecia emergir do próprio ambiente. - Permanecemos no calmo balançar das águas, longe do caos das tempestades e dos precipícios, mas sempre conscientes de que, no momento mais inesperado, somos jogados à mercê das correntezas e das ondas que tentam nos arrastar para suas profundezas vertiginosas.

- Sim - respondeu Sarah com um sorriso triste -, estou aprendendo cada vez mais que somos seres suspenso, dependendo de nós mesmos e uns dos outros para não nos afogarmos na escuridão das marés.

Sentindo a angústia de Sarah surgir no escampado de seu rosto, Ethan estendeu sua mão para segurar a dela. O vento soprava gentilmente, arrastando a areia em redemoinhos, como lágrimas de uma mãe desamparada que se desfazem nas águas salgadas do lamento.

- Sarah - disse Ethan com seriedade -, eu sei quantas vezes lutei contra o mar, tentando escapar desesperadamente da minha própria sombra, da minha própria dor, sufocado no pânico crescente, engasgando - se em minhas lágrimas sem conseguir respirar. Mas foi aqui, nesta praia calma, aconchegada no abraço do horizonte, que eu comecei a perceber como a empatia, ainda que impotente diante dos golpes do destino, pode alentar a nossa alma e nos resgatar do abismo de desespero.

O olhar de Sarah ofereceu a Ethan um sorriso hesitante, um sorriso tingido de ânsias não realizadas e de sonhos nublados, mas que, por um instante fugaz, pareceu encontrar abrigo no olhar terno e reconfortante de Ethan.

- Eu não sei muito sobre o amor, Ethan. Minha vida se desenrolou tão lenta quanto o passar do vento, e por vezes, quando a saudade parece sufocar meu coração, sinto que estou apenas vivendo de lembranças e de esperança.

Enquanto as palavras de Sarah pairavam no ar, uma ave solitária cruzou o céu, como um pensamento arrebatado pelo tempo. A sombra de sua gratidão se insinuou nos lábios de Ethan, silenciosa e suave como a brisa do mar.

- Eu aprendi um pouco sobre o amor, Sarah. Vi que ele não tem nome ou lei, mas é a mesma humildade que aceita o sofrimento e a alegria como parte de um caminho que nos leva para lugares desconhecidos. A empatia é como a água, moldando - se incondicionalmente aos nossos contornos e

suavizando as arestas que nos ferem.

O silêncio desceu como um véu sobre eles, como um abraço silencioso e revigorante, e Sarah e Ethan se entregaram a ele, embalados pelas mágoas comuns que o destino lhes havia pregado, mas também pela força renovadora da empatia e da solidariedade. Entre aqueles laços invisíveis que os conectavam, Sarah sentiu a presença medrosa da dor de Ethan e compreendeu que ali, naquela companhia reconfortante, estava um presente delicado e efêmero, um fragmento de humanidade que curava e consolava a alma.

Naquele banco, olhos nos olhos, as nuvens se espelhavam no oceano a sussurrar seu testemunho do poder da empatia, enquanto, no coração de Sarah e Ethan, a luz brilhava, ainda tênue e trêmula, como uma chama que se recusa a se entregar à escuridão.

Aceitando as coincidências surpreendentes

Era um fim de tarde melancólico, com um céu cinzento espetando a terra repleto de nuvens carregadas que ameaçavam desabar sobre a pequena cidade costeira. Sarah e Ethan reuniram-se novamente na praça principal, entre o farol e as casas de madeira e janelas coloridas. Sentaram-se na velha escadaria do coreto vazio, deixando transparecer o desânimo sombrio que se abatera sobre eles por conta de mais uma descoberta inesperada.

”É estranho, não é, Ethan? - disse Sarah, as pontas dos dedos desenhando figuras abstratas na areia sacudida pelo vento - Todas essas coincidências que se unem como elos de uma corrente invisível, uma teia imponderável que nos enreda e nos aperta o coração.”

Ethan olhou fixamente para o horizonte, onde a linha frágil e tenue do mar se encontrava com o céu. Permitiu-se mergulhar nas espirais da vida dos outros, abarcando o enigma dos dois tempos tão distintos, atraídos pela impossibilidade de uma lógica humana. Havia uma estranha consciência de *déjà vu* e sincronicidade que somente aos poucos se desvelava e os envolvia.

”Sim, é estranho - murmurou ele, os olhos abraçando as curvas do passado, o brilho de lembranças empoeiradas que se encostavam à moldura do futuro - mas as coincidências nos fazem perceber que a vida não se desenrola em linha reta, ela é um labirinto de variáveis imponderáveis. Talvez até mesmo a dor seja uma estrada para a redenção e a libertação de um fardo ancestral que nos cerceia o caminho.”

Ele engoliu em seco e balançou lentamente a cabeça, movido por um impulso que o compelsse a fazer sentido do absurdo:

”Foi aqui, Sarah, neste mesmo lugar, que minha avó me contou pela primeira vez sobre Isabela, sobre a aurora e o crepúsculo de sua vida repletos de sofrimento e abnegação. E agora, - e a voz de Ethan estremeceu feito as hastes das flores orvalhadas pela manhã - agora eu entendo que todas as coincidências, todos os laços, são um convite silencioso para encontrar a redenção escondida, a alquimia das relações que nos desvenda o rosto da eternidade.”

Sarah, imersa nas nuvens negras que pairavam sobre o horizonte, procurou em vão o eco das sereias tristes que percorriam o caminho sinuoso dos seus sonhos. Com voz desalentada, confessou com as mãos ainda acariciando a areia úmida:

”Eu também sofro ao me dar conta de que toda essa teia de coincidências que se mesclam no mistério do tempo é uma forma de me confrontar com as minhas culpas e arrependimentos. Será que é possível amar tendo um passado tão marcado pela dor e pelo desamparo?”

Havia nos olhos de Ethan uma ternura incontida, uma promessa velada de um abraço feito de estrelas enlaçadas nas teias da vida. Convidou Sarah, com uma fração de sorriso, a olhar para ele e nos olhos dele se refletir, a tocar o segredo que se aninhava no fundo do poço do coração.

”É o amor que nos revela a pequenez e a insignificância de nossos labirintos e também os caminhos tortuosos que as coincidências desenham. Talvez nosso passado seja, de facto, repleto de sombras e de pântanos, mas é o nosso presente e o nosso futuro que nos confere a coragem para enfrentá-los e, quem sabe, até perdoá-los.”

Então, em um gesto tão natural quanto a chuva que serpenteava pelas telhas e escorria para o mar, Sarah e Ethan se abraçaram, em busca de encontrar naquele gesto simples o espelho da compreensão e do afeto que se escondia nas coincidências visitadas e desveladas. À luz tênue do entardecer, suas silhuetas eram apenas dois corpos em caracol, embalados pelo vento e envoltos pelos fios de um encontro que urdiam a teia do destino que se desdobrava, a cada instante, no uivo das ondas e no canto da saudade. A vida ali, diante do mar e do céu coleando o futuro nas dobras do tempo, revelava uma liberdade velada pela cumplicidade e pelas escolhas. E talvez ter o coração apertado fosse o primeiro passo para acolher, com as mãos e

com a alma, o convite dissolveu e inescapável do bem - mais - querer.

Valores e sonhos em comum

As sombras da noite se despediam, esgueirando-se de volta para suas tocas secretas, e o mundo se oferecia novamente à luz. Sarah e Ethan sentaram-se lado a lado na areia fria e úmida da praia ainda embebida pelas cores do alvorecer. O mar cantava suavemente, recitando versos de uma melodia que se enroscava aos versos que o vento soprava.

- Sabe, Sarah - disse Ethan, olhando para o céu que se rasgava em fios de vermelho e ouro - sempre que assistir ao nascer do sol, me sinto deslumbrado pela maneira como essa transformação diária se parece com a vida. Constantemente somos desafiados a renascer, a quebrar as grilhões das trevas que nos envolvem e encontrar a coragem para amar e sonhar apesar das sombras do passado.

Sarah suspirou com o olhar fixo nas ondas que afagavam ternamente a areia.

- Sim, Ethan Às vezes é difícil acreditar que nós, seres tão pequenos e efêmeros, podemos nos transformar, crescer, mudar e até mesmo sonhar com um futuro diferente. Mas também é nesses momentos que percebemos a nossa força e como os nossos valores e sonhos têm o poder de moldar o mundo à nossa volta.

Eles se sentiram encolher, acomodando-se mais no espaço um do outro, como se estivessem tentando encontrar um abrigo seguro dentro de seus próprios corações. E naquele momento, o calor das mãos entrelaçadas parecia fluir entre eles, em um toque suave e carinhoso, que os reconfortava diante dos medos que ambos ainda nutriam.

- Ethan, eu queria lhe contar uma história - suspirou Sarah, olhando para o horizonte. - É uma história sobre a minha avó, a pessoa que me ensinou a amar e a valorizar o que é importante na vida. Ela me contou de como o nosso coração é como um delicado vidro manchado, através do qual as cores da nossa alma brilham e se projectam no mundo. E, às vezes, esses vidros podem se despedaçar, quebrar pelas angústias da vida, mas as rachaduras, as cicatrizes da dor e do sofrimento, são um testemunho de nossa luta e de nossa capacidade de transformação.

A praia se enchia de cores ao redor deles, o mundo ganhava uma nova

vida, e o brilho das palavras de Sarah dançava no ar; um movimento leve e suave. Ethan a encarou, com uma expressão de surpresa e admiração, como se as lembranças de sua própria avó conseguissem se conectar com as palavras de Sarah, como um fio invisível de sabedoria e amor.

- Sarah, eu nunca tive a chance de ouvir uma história assim antes - murmurou ele, com uma voz engasgada pela emoção. - Mas eu também acredito no poder da transformação, na resistência do amor e dos nossos sonhos. Ambos tivemos momentos em nossas vidas em que nos sentimos quebrados, fracos, quase despedaçados. Mas, mesmo assim, continuamos a seguir em frente, a nos apoiar e nos reconstruir. Juntos, encontramos a força para enfrentar nossos medos e escolher um futuro que nos permita crescer e nos tornar pessoas melhores.

Eles olharam para o céu, agora completamente tomado pelo sol ardente que escorria por suas roupas e beijava suas peles. Os pássaros teciam notas alegres no ar, compondo um hino à vida e às oportunidades que ela concedia. E ali, naquela praia em desabrochar, com o coração pulsando ao unísono, Sarah e Ethan se permitiram acreditar na força de seus valores e sonhos compartilhados, dispostos a encarar os desafios do futuro com mãos entrelaçadas e almas unidas.

Sem que um percebesse, um sorriso pálido assumiu o trono em seus lábios, ainda tão trêmulo como o primeiro raio de um sol nascendo. Um sorriso que viu sem receio e pudor o que o futuro lhes tinha reservado e enfrentava o desconhecido com olhos esperançosos e corações decididos.

Chapter 6

Tentativas de superação

O sol escarlate deslizava horizontalmente para o oeste, pintando o céu com o brilho de uma aquarela em processo de finalização. As últimas marés do dia se ajoelhavam diante de um mar sereno, como fiéis em oração diante do grande mistério do tempo. Sarah e Ethan, experimentados peregrinos da dor e dos becos sem saída do coração, encaravam-se à sombra do farol, com os olhos tristes e a boca úmida de fervor e angústia.

- Como é possível, Sarah? - disse Ethan, com a voz embargada pela perplexidade e pela lassidão que o passagem provocava em sua alma conturbada - Como podemos superar tudo o que nos aconteceu, todas as palavras e ações que enlouquecidamente guiamos no desespero de fugir dos olhos e das mãos desprevenidos do nosso próprio abismo?

Sarah, de mãos trêmulas e olhos enlutados, buscou no vazio da tarde aquele sorriso que ainda flutuava nas franjas dos seus sonhos despedaçados, aquele riso tolo e despreocupado que um dia, na infância longínqua, ela tinha certeza de que sempre existiria.

- Não sei, Ethan - murmurou ela com um suspiro, acariciando o rosto dele como se encostasse em uma tela de Rembrandt ainda úmida - Talvez a resposta esteja dentro de nós, talvez seja preciso cruzar nossos olhos e nossas mãos para que nosso coração seja capaz de se abrir e florescer feito as rosas solitárias que esperam, com obstinação e coragem, a chuva que só Deus sabe quando virá.

Ethan sorriu, com os olhos escondidos atrás da névoa daquele passado que um dia, juraram, não voltaria mais. E, por um breve instante, permitiu que o silêncio das suas proezas fracassadas invadissem a paz daquele entardecer

melancólico. A alma, essa estranha presença invisível e etérea, fugia lenta e palpável dos seus lábios abertos em assombro.

- Sabe, eu nunca pensei - murmurou ele, perdido na trama intrincada das lembranças - nunca imaginei que um dia eu me defrontaria com a minha própria história, como uma seta ou uma lâmina cortante que agride e fere implacavelmente o meu coração. O que podemos fazer, Sarah? Como é possível enfrentar um inimigo implacável e invulnerável que dorme em nossa própria cama e cujas cicatrizes estão tão grudadas às nossas almas?

Sarah, seus olhos voltados para o farol como se os raios de luz pudessem agasalhar suas palavras e seus medos, encarou Ethan e, com um sopro de aragem, disse, simplesmente:

- Eu acredito

E aquele eco, tão suave e distante quanto o vôo das aves que seguia ao longo do horizonte, arquejou naquela tarde de melancolia e esperança. Sarah e Ethan se abraçaram com tamanha força que por um breve instante acreditaram que seus corações se encontrariam no espaço que o apego e as proezas infalíveis do amor inventam feito milagres.

E, de mãos dadas e olhos fechados, caminharam lentamente na orla da praia, onde o mar e a areia tocam e se beijam em uma dança milenar que o coração dos homens e das mulheres conhecem apenas como esperança. E, enquanto o sol se despediam em fios de fogo e cinza, as sombras de Sarah e Ethan se encurtavam diante do horizonte, como duas crianças que juravam que o futuro é um caminho tão estreito que só se pode trilhar em silêncio e com coragem.

A caminhada seguiu sem palavras, sem interrupções, uma jornada cujos passos se mesclavam às pegadas do tempo e da saudade. E, com o sorriso tímido das estrelas distantes, dois corações se encontravam, em um abraço que teimava em desafiar a dor e as ruínas do passado.

Desafios do passado

O som do mar se aproximava como um lamento do negro abismo que os olhos de Sarah tentavam evitar. O crepúsculo tingia o céu com tons de rubros e roxos, a festa multicolor despedindo-se no horizonte distante. No alto da falésia, os dois permaneciam em silêncio, frágeis figuras iluminadas pelas primeiras luzes das estrelas, como se temessem pisar no sagrado limiar

das palavras e das memórias.

Com um suspiro reprimido, Sarah se atreveu a aventurar um olhar a Ethan, cuja expressão desamparada parecia gravada como uma cicatriz no fundo do seu rosto. A simetria do sofrimento, que por um momento Sarah achou que tinha sido conquistada e vencida, estava ali, como um antigo gigante que se move lentamente, ameaçando devorar o pouco de paz que suas mãos haviam conseguido segurar.

- Ethan - murmurou Sarah, os lábios tremendo como as ondas que, lá embaixo, se desfaziam em espuma e desespero - não podemos ficar assim. Sabe que não podemos permitir que os fantasmas do passado continuem nos atormentando, nos arrastando de volta a esse labirinto onde não podemos ver para onde estamos indo nem para onde devemos seguir.

Ethan engoliu um soluço, perdido nas dobras sombrias das suas memórias. O passado ilusório parecia ali, iminente, como um espectro que relutava em se render às mãos do tempo.

- Você sabe o quanto eu lutei, Sarah - disse ele, fitando o resto do sol que se extinguiu em fogo e luz nos confins do ocidente - Lutei muito por mim e por você. Tentei cada dia segurar a espada e encarar o monstro, mesmo quando sabia que tarde ou cedo ele iria me atacar, me arrancar a fé e me enterrar nesse abismo de saudade e trevas.

Sarah, de olhos empanados de lágrimas, segurou a mão ossuda e nodosa de Ethan, como se esse simples gesto pudesse afugentar, ainda que por alguns segundos, as dores que ambos carregavam como uma dura cicatriz.

- Eu entendo, Ethan. Eu sei o que significa enfrentar dia após dia o medo e a tempestade, o barulho ensurdecedor de corações quebrados e despedaçados pela vida. Meu Deus, você lembra. Você sabe o que eu tive de passar, o farol onde encontrei guarida e esperanças.

Ethan esboçou um sorriso, ainda lacerado pelas garras de uma lembrança indomável. Juntos, haviam se refugiado nas profundezas do farol, iluminando -se pelo brilho fantasmagórico da chama que queimava ali, com a constância e a serenidade dos santos e das velas.

- Eu nunca vou esquecer aquele dia, Sarah - murmurou ele, sem perceber que o rosto se havia aproximado dele, que o hálito quente da sua voz parecia uma ligeira brisa no seu pescoço - Aquela dia em que o farol não se contentou em iluminar o caminho dos barcos e das embarcações, mas o nosso caminho, esse labirinto de espinhos e sombras que tentamos ignorar e

esquecer.

- Nós temos um farol dentro de nós, Ethan - sussurrou Sarah, os olhos perdidos naquela distância que só a saudade consegue alcançar - Ele está sempre lá, mesmo nos momentos mais sombrios e frágeis, mesmo quando nossa fé se distancia e desaparece. Não podemos nos entregar às sombras do passado, porque sabemos que podemos e devemos lutar, que nossas mãos e nossos corações são fortes e valentes o suficiente para enfrentar esse monstro invisível que tenta nos dominar.

Ethan, sorvendo suas últimas lágrimas, encarou Sarah e então percebeu que o horizonte não era de todo escuro e obscuro, que as estrelas, embora pequenas e perdidas na imensidão do firmamento, eram capazes de mostrar o caminho, de iluminar as dores e os erros que há tanto tempo insistiam em deixar adormecidos. Os olhos dela, agora brilhando com a intensidade de um farol, eram como o porto seguro onde ancoravam todas as esperanças e desejos que alimentavam suas almas cansadas e esfoladas.

- Talvez você esteja certa, Sarah - murmurou ele, a voz ainda trêmula e fraca - Talvez tudo isso seja apenas uma ilusão, um medo que transformamos num monstro invencível. Mas também sei que posso e devo confiar em você, que juntos somos mais fortes do que imaginamos, que o nosso farol é uma luz que nunca se apaga e nunca se rende às sombras do passado.

Os dois se abraçaram, enlaçando seus corpos no doce recanto onde a saudade e a esperança colidiam, e um silêncio cheio de promessas e desafios envolveu-os como um abraço cósmico. A noite, lá fora, prosseguia em sua lenta dança, mas o farol de ambos pulsava firme e constante, acalentando as sombras e reconstruindo as pontes que uma vez a dor havia derrubado. E, na solidão daquelas falésias e daquele oceano infinito, dois corações voltavam a brilhar e a amar, como estrelas que, um dia, juraram que sempre iluminariam o caminho um do outro.

Encontrando força na amizade

O dia deitava - se no horizonte como uma manta de cores imensas e impreteríveis, enquanto Ethan e Sarah se arrastavam penosamente pela praia, carregando nas mãos aquele peso invisível que a amargura e a dor jogavam sobre seus ombros e suas vidas desordenadas. As sombras dos dois dançavam nas constantes rotações das ondas, a timidez e o silêncio fazendo do mar

um cúmplice de seus gemidos e lágrimas em meio à vastidão da areia e da solidão.

Foi então que Sarah, como se adivinhando a iminente explosão daquele mistério, levou a mão aos olhos de Ethan e fez com que seus lábios se encostassem, delicados e surpresos, feito a última estrela da madrugada ao encontrar a sombra de um raio de sol que desponta no céu.

- Está tudo bem, meu amor - murmurou ela, imbuída da doçura e da coragem que brotavam de suas feridas e das cicatrizes que havia aprendido a venerar e a aceitar - Estamos juntos, não importa a força e a fúria desse tornado silencioso que nos invade e nos devora.

Ethan reprimiu um soluço e buscou nos olhos de Sarah a sensação e a certeza de que a tormenta há de se desdobrar como pétalas de um sótão adormecido e secreto, onde o passado se esconde e se desvanece como nuvens que furtam uma esquina e um pedaço de sol.

- Eu queria tanto, Sarah - disse ele, com a voz carcomida pela angústia e pela imemorial dor de tantas lembranças tecidas como teias de aranha sobre sua alma esfacelada - Eu queria poder, ao menos uma vez, acolher nossos passos e nossas visões sem que precisasse carregar esse calvário de fantasmas e de afetos impiedosos que me consomem e me atormentam como uma geleira faminta de tempo e de estrelas.

Sarah sorriu, os olhos marejados de compaixão e melancolia. Sabia, dentro de si, que a dentadura escura do passado, a aversão e a rejeição que caminhavam como farrapos na atroz solidão daquelas madrugadas e noites intermináveis, eram como grampos e suturas que mantinham a esperança e a coragem presas e insubmissas em um cárcere de peles e lágrimas.

- Eu sei, Ethan - suspirou ela, olhando para aquela imensidão azul que desenhava as linhas de um destino prenhe de dunas e de murmúrios - Mas não podemos deixar que os escombros e as ruínas do nosso coração se transformem numa casa abandonada, onde crianças se escondem para assustar as sombras que não existem, a não ser em sua imaginação e em seus pesadelos.

Sarah e Ethan se abraçaram com tamanha força e devoção que a praia, por um secreto instante, pareceu perder a viço e o vigor do mar encapelado que lhes embalava o sono e os sorrisos voláteis e coagulados pelo prenúncio e pelo fardo do medo e da culpa.

- Prometa - me, Ethan - pediu ela, as palavras fugindo dos lábios como

faíscas gélidas e rutilantes - Prometa-me que não vamos voltar a nos perder nessas cavernas e labirintos que o tempo teima em pavimentar com nossos segredos e nossas quedas.

Ethan fechou os olhos e apertou os dedos de Sarah entre os seus, fazendo do silêncio a única resposta que a solidão e o desejo de redenção permitiam. Entendia, naquela hora esmaecida pela luz da tarde e pelos risos trocados tão distantes da praia e das falésias, que a amizade e a ternura intrincada e indissolúvel que os unia, era a única âncora e estaleiro onde os corações e as mãos abertas e frágeis da esperança encontravam abrigo e conforto.

- Eu prometo, minha amada Sarah - sussurrou ele, o vento açoitando suas palavras como um cajado místico e redentor - Eu prometo que juntos seremos capazes de afastar e exorcizar essas sombras e essas núvens que adormecem como uma espada a alma cansada e o corpo dilacerado pelos desencontros e pelos desenganos.

E então, de mãos dadas e olhos repletos de futuras jornadas e águas navegadas, eles caminharam juntos pelo fio e pelo rastro daquele oceano que se estendia como um manto e um segredo inatingível aos pés e aos corações dos homens e das mulheres que, um dia, aprenderão que o amor e a amizade são vênias e roupagem que o próprio tempo devora e devolve com os dentes e as garras daquelas feras que somente a compaixão e a clemência conseguem aplacar e amansar.

Buscando apoio na comunidade costeira

A coragem e a devoção com que Sarah enfrentava esses dias incertos e dolorosos às vezes lhe parecia um frágil fio de vida, a separar a tempestade do abismo silencioso do esquecimento. Ali, a menos de um passo, estava aquele abismo, que tanto para ela como para Ethan significara anos e anos de arrependimento, de angústia e de solidão. Ambos, caminhando pela praia, percebiam o quanto já progrediram; e ainda assim, tantos fantasmas ainda os perseguiram.

Naquela manhã com tons dourados e brisas amenas, Sarah e Ethan decidiram visitar a pequena praça central daquela cidade costeira pela primeira vez juntos. O período de isolamento havia se tornado insuportável para ambos, e com os olhos temerosos buscaram no mundo movimentado ao redor uma força capaz de reanimar seus corações. Eles sempre sentiram

uma conexão com os outros seres dessa pequena comunidade - suas humildes vidas, afetos e luta com a natureza, o mar indomado e o tempo.

De mãos dadas, uma mostra silenciosa de apoio mútuo, eles deram um passo em direção ao centro da cidade. Conforme andavam, velhos conhecidos, casais e crianças os cumprimentavam. Alguns com um toque no chapéu e um sorriso que nunca desaparecia; outros, com as mãos estendidas e um gargalhado de saudação.

- Olá, senhorita Sarah, senhor Ethan - dizia um senhor de aparência serena, sentado em frente à sua casa com o olhar perdido no horizonte. Ele se levantou do seu banco e aproximou-se dos dois como se fora uma árvore encurvada, vítima das tempestades há muito esquecidas.

Sarah sentiu-se um pouco envergonhada, os dedos entrelaçados junto aos de Ethan - aquelas mãos que, aos poucos, iam-se diluindo no fogo brando e luminoso do amor e da confiança. Sua voz saiu rascante e hesitante, o medo e a incerteza dançando na margem do oceano:

- Senhor dos Santos, que prazer encontrá-lo aqui - disse ela, procurando dissolver seu nervosismo com um sorriso - Nós realmente precisávamos de uma visita à cidade, sentir a energia e a alegria desse povo que lutou tanto para manter essa comunidade viva e forte.

O pescador e morador antigo da praça, Manoel dos Santos, olhou de relance para as mãos entrelaçadas de Sarah e Ethan, e deu um sorriso amplo, que acalentava a tristeza e a incerteza como uma colcha de retalhos colada ao corpo pela indiferença do inverno.

- Vejo que vocês se aproximam cada vez mais - murmurou ele, mostrando como aquele amor entre os dois se transformara numa dança de sombras e de estrelas em ascensão sobre as falésias e o barco que, em breve, os levaria juntos à imensidão - E fico feliz por isso. Nem sempre os corações ficam contentes com as maldições do passado e com a saudade que nos vai corroendo feito as carcaças de navios encalhados no porto.

Ethan, agradecido pelo apoio inesperado de um conterrâneo, fez um breve aceno com a cabeça, enquanto Sarah sentia-se emocionada com as palavras do senhor dos Santos. Sua vida, ultimamente, parecia um enorme labirinto de dúvidas e medos, um jogo de espelhos em que o passado lhe devolvia o reflexo da tristeza e da incerteza. Mas naquela praça, com o som das ondas e das vozes e dos risos que lhe brotavam do coração como uma fonte esquecida e de água puríssima, Sarah se deu conta de que talvez

estivesse a poucos passos de atingir a redenção tão desejada.

- Obrigada, senhor dos Santos - disse ela, os lábios navegando em frases e gestos cheios de ternura e reconhecimento pelos navegantes que empreendiam, dia após dia, a sua viagem tumultuada pelas águas e pelos sonhos de vida em comum - Sua sabedoria e sua coragem são inspiradoras para mim e para Ethan.

O pescador sorriu e, com as mãos calosas e anciãs, declamou:

- Poema algum vale uma boa história vivida e compartilhada.

E naquela manhã dourada e fresca como um mergulho no mar bravio de ondas perfumadas, Sarah e Ethan saíram da praça conhecendo seus irmãos e irmãs de luta. Finalmente, vitesse mergulhar nas águas umedecidas do amor e da fé, pois era essa dor que lhes dava forças para enfrentar as catástrofes e os vendavais que impiedosamente se abatiam sobre suas vidas.

Lidando com emoções inesperadas

À medida que o dia se dissolvia no horizonte numa mistura ardente de cores vibrantes, Sarah ficava cada vez mais reclusa em seus pensamentos. Distante dos passeios pela praia e das conversas com Ethan, ela encontrou refúgio na quietude da casa de sua avó, onde o silêncio do vazio concedia apenas um breve respiro dos fantasmas que a assombravam.

Naquele crepúsculo enfadonho e alaranjado, Sarah adentrou o quarto de hóspedes, ainda intocado desde a última visita feita à casa. Estava tudo como se fosse ontem - o chão empoeirado, a roupa de cama bordada em um tom opaco de azul e as paredes descascadas ladeadas por fotografias cheias de risos e memórias. Ao perscrutar as imagens amareladas e frágeis que adornavam a parede, ela desceu de um mergulho à história e emergiu nos braços quentes e reconfortantes da saudade.

Ainda envolvida nessa melodia nostálgica, Sarah foi surpreendida por Ethan parado na soleira da porta, fitando - a com um olhar suave. Os dois se encararam por breves instantes, olhares trocados em meio ao brilho do sol que se punha e ao amarelado das fotos.

Ethan então cruzou o limiar do quarto, notando a cortina de memórias envolvendo Sarah. Seu olhar se fixou nas fotos da parede que fascinavam a amiga e ele parou, estudando - as atentamente e vislumbrando um reflexo da mulher à sua frente.

- Sarah - a voz de Ethan ecoou suave - É você?

Ele apontou para uma foto onde uma menina corria pelas ondas, seus cabelos voando ao vento com um sorriso de pura alegria abandonada.

Sarah seguiu o olhar de Ethan, fitando o retrato, e suspirou. A pequena Sarah das lembranças também se mostrava ali, cheia de vida e inocente da dor que o futuro reservava.

- Fui eu, sim Parece uma vida atrás.

Os olhos de Ethan mergulharam naquele passado de Sarah e ele respondeu:

- A menina que você foi vive nesta casa e nas lembranças de quem a amou Eu vejo essa inocência e alegria nos seus olhos, Sarah. Por hora, talvez escondidos, mas não estão desaparecidos.

Sarah sentiu os olhos se encherem de lágrimas e desviou o olhar, mas não antes de notar um brilho de preocupação e ternura nos olhos de Ethan. Em um gesto de gratidão silenciosa, ela se aproximou e tocou o braço de Ethan com delicadeza.

- Obrigada, Ethan É difícil aceitar essa parte de mim novamente, encontrar a alegria em meio ao luto, mas é importante, não é?

Ethan assentiu com compreensão e colocou a mão no ombro dela, como se prometendo apoiá-la nos momentos difíceis.

À medida que as próprias memórias ressurgiam, ele suavemente murmurou:

- Lidar com emoções inesperadas e velhas feridas é sempre complicado, Sarah. Nossos passados têm tanto de precioso quanto de perturbador e, às vezes, é difícil encontrar o equilíbrio.

Sarah se virou para ele, os olhos ainda brilhando e seus lábios desenhando um sorriso hesitante. Vendo esse quarto juntos, as fotos dispostas na parede ornando invisíveis fantasmas, ela percebeu o que estava lá desde o começo - a conexão entre ela e Ethan, nutrida pela dor e pela cura, pelos lances do destino e por essa praia que os uniu.

- Então, vamos procurar juntos esse equilíbrio, Ethan - ela disse - quem sabe descobramos que estivemos andando paralelamente por um caminho estreito e só agora temos a força para caminhar lado a lado, ajudando um ao outro quando tropeçarmos.

Em meio ao abraço que se formou naquele instante, com o passado como testemunha e o futuro como espectador, Ethan e Sarah se apoiavam

mutuamente e juravam compartilhar o peso de suas emoções inesperadas, enfrentando juntos todas as tormentas que a vida lhes reservara.

Aprendendo a perdoar a si mesmos

As sombras da memória às vezes agarram-se indóceis aos muros do coração, brandindo duras lembranças como chicotes de fogo e sombra. E embora Sarah e Ethan já tivessem passado por muitas tormentas e provações ao atravessar os oceanos caudalosos do remorso e da perda, tinham ainda de reconciliar-se com seu passado e alcançar a margem calma e luminosa do perdão.

Naquela tarde, decidiram vaguear sem destino pelas falésias e colinas cobertas de gramados que emanavam um perfume de limo e sabedoria eterna, sussurrando aos viajantes solitários e apaixonados a antiga canção do mundo e do mistério dos corações humanos. Ethan, rememorando as histórias de erro e medo que o haviam lançado ao exílio e à amargura, pressentia a urgência do perdão - essa melodia dolorosa e libertadora que, tocada pelas mãos de um mestre, podia demover montanhas e preencher vazios.

- Ainda sinto que tenho muito o que me perdoar, Sarah - confessou ele, olhando para o mar revoltado e tentando decifrar, nas nuvens e nas ondas, a língua abissal e celeste dos deuses e dos poetas - As lembranças daquele dia me perseguem, mas é preciso entender que não posso mudar o que aconteceu e devo fazer as pazes com meu passado.

Sarah, compartilhando a dor de Ethan como se fosse um fardo comum, escutava o eco de suas palavras e sabia que ela também precisava aprender a se perdoar. A culpa a perseguiu como um fantasma sob o sol abrasador e inebriante do meio-dia, até que não podia mais ignorar a verdade que se condensava em seu coração como gotas de orvalho sobre o cálice de uma flor esquecida: para amar verdadeiramente Ethan e romper a solidão que os envolvia feito uma manta escura e gélida de neblina, ela precisava encontrar a absolver-se:

- Ethan, eu também luto com meus demônios - admitiu ela, a voz trêmula e carregada de saudade das primaveras jogadas ao vento - A morte da vovó Isabela foi um golpe cruel do destino, mas sinto que falhei com ela de alguma forma. Tenho de aprender a me perdoar e entender que a vida é feita de escolhas. Talvez possamos caminhar juntos nesse percurso difícil e tortuoso

do autoperdão.

Ethan, notando o sol se despedir lentamente do horizonte, um halo de labaredas crepusculares entrelaçando - se aos últimos raios de esperança, respondeu:

- Vamos, então, embarcar nesse caminho. O perdão é uma viagem solitária, é verdade, mas torna - se mais leve e mais luminoso quando o compartilhamos com alguém a quem amamos.

As mãos entrelaçadas, Sarah e Ethan iniciaram, naquele momento, sua peregrinação rumo ao resgate de suas almas e ao perdão que apenas o coração, livre de correntes e mágoas, pode conceder.

Caminharam pelas colinas, e entre os murmúrios douzentos do vento e o som distante das ondas, desafiavam - se a enfrentar seus medos e a deixar suas marcas na areia como um testemunho da coragem e da esperança que movera o amor desde o início dos tempos.

- Como podemos aprender a perdoar a nós mesmos, Sarah? - perguntou Ethan, olhando para o céu no qual, aos poucos, as primeiras estrelas acendiam suas lamparinas de prata e de sonhos impossíveis.

- Aceitando nossos erros e sendo sinceros com nossas emoções - respondeu ela, sentindo um fio de luz e de calor abrir - se em seu peito como a flor da magnólia após um longo e desolador inverno - E, acima de tudo, oferecendo compaixão a nós mesmos.

E no silêncio do crepúsculo e sob o olhar vigilante das estrelas e da Lua, Sarah e Ethan abraçaram seu próprio perdão e a viagem de amor e de redenção que apenas os corações reconciliados com o tempo e com seu destino poderiam empreender.

Novas atividades para aliviar a dor

O frescor da manhã abria - se como uma calêndula diante do sol nascente, presenteou aos olhos surpresos e emocionados de Sarah e Ethan a beleza incandescente do horizonte e do começo de um novo dia. Foi nesta clareira luminosa que ambos compreenderam que era ali, junto à praia onde as aves cantavam e os peixes dançavam, onde a música das ondas se entrelaçava à melodia das estrelas, que encontrariam a chave para aliviar as dores que latejavam aflitivamente em seus corações. Do silêncio, veio a resposta - a arte.

De mãos dadas, caminharam lentamente em direção ao ateliê de Olívia, uma artista local cujo nome ressoava nas conversas e sonhos dos habitantes da cidade costeira como sinônimo de talento, beleza e paixão. A pintura ofereceria a Sarah a possibilidade de expressar sua angústia e saudades sem recorrer às palavras, que tantas vezes falhavam em traduzir o abismo de seus sentimentos.

Quando os dois chegaram ao ateliê, a porta estava entreaberta, convidando-os a entrar e embarcar na jornada de transformação e renascimento que a pintura prometia. Enquanto atravessavam o limiar, podiam sentir o perfume inebriante das tintas e do papel, como se uma mão invisível os levasse pelos caminhos do coração e da alma em busca das cores e dos traços que dariam vida às suas memórias e desejos.

Olívia, uma mulher de olhos vivazes e de sorriso luminoso como a aurora, recebeu-os com afeto e compreensão, como se pressentisse a dor e a busca de redenção que os havia trazido até seu santuário de cores e sonhos.

- Venham, meus queridos - disse suavemente -, o mundo da pintura é um mundo de metamorfoses e cura, onde as dores e as lágrimas transmutam-se em estrelas e miragens.

E, assim, Sarah e Ethan entregaram-se a esse universo encantado de pincéis e telas, de tintas e de alquimias cromáticas, viajando pelas sendas desconhecidas da arte e da beleza em busca da solução para afastar a dor e, talvez um dia, compreendê-la.

Em um canto do ateliê, Sarah começara a pintar a figura de sua avó Isabela, aquele fantasma dourado e sábio que pairava em sua memória como um farol de tempos prenhes de amor e aconchego. E a cada pincelada, sentia que a tristeza se esvaía, rendendo-se à luminosidade do olhar de Isabela, aos lábios que pareciam sussurrar canções antigas e às mãos enrugadas que lhe acariciavam como uma benção.

Ao mesmo tempo, em um outro canto do mesmo espaço, Ethan, com suas mãos firmes, concentrava-se no desenho de um pássaro em voo, uma ave prateada que, para ele, simbolizava a possibilidade de libertar-se do passado, de queimar suas amarras e voar em direção ao infinito e às estrelas. Se Sarah encontrava na pintura um meio para se comunicar com sua avó e curar a saudade que lhe atormentava, para Ethan, a arte era uma passagem para a esperança, um portal para um mundo onde as feridas cicatrizavam e a memória se tingia com os véus suaves da compreensão.

E assim, dia após dia, no ateliê de Olívia, sob o olhar cuidadoso e afetuoso da mestra que lhes ensinava a utilizar os pincéis e as tintas como feitiços de seus corações, Sarah e Ethan foram se transformando e redescobrimo-se, mergulhando na pintura como a fonte de seus milagres e de suas redenções.

Em um desses dias de tintas e de cura, após lavarem as mãos e rirem juntos dos borrões coloridos em suas roupas, se abraçaram silenciosamente, como se agradecessem à vida a oportunidade de voltarem a sentir, a amar e a voar, e disseram, em unísono, com as vozes embargadas pela ardência das lágrimas e pelo sorriso:

- Obrigado, arte.

Aque noite, conversavam na praia outra vez, olhando o círculo dourado da lua e as constelações familiares distantes no céu, Sarah pousou a cabeça no ombro de Ethan e sussurrou:

- A pintura nos ensinou que, mesmo entre as dores e as angústias da vida, ainda há espaço para as cores e o amor.

E, ao ouvir estas palavras ecoarem em seu coração como um chamado de retorno e redenção, Ethan abraçou Sarah e beijou-lhe a testa, sentindo que a arte, como a própria vida, é uma trilha sinuosa de lágrimas e risos, de passagens escuras e de descobertas, como um labirinto de um sonho que conduz à paz e à sabedoria.

Sarah e Ethan encaram suas inseguranças

A aurora clareava no horizonte, como uma tela onde se mesclavam as cores do fogo e da luz: um rubor delicado tingindo o azul marítimo, o dourado estremeamento das ondas e o esverdeado retrocesso do mar. Montado em seu carro de treva e de estrelas, o Sol se preparava para mergulhar seu reino de claridade no oceano profundezas.

Toda a carga de insônias e de espectros melancólicos que perturbavam os sonhos de Sarah parecia ter desaparecido naquela manhã em que as estrelas se apagavam gradualmente, como lamparinas de esperança e de harmonia recolhendo-se no refúgio de nuvens suaves e de secretos recantos celestes.

Abraçava-se à vastidão da praia e às recordações da avó que, como fênix, renasciam incesantemente das cinzas de suas dores e de suas ilusões, como se nas vastas ondas e nos sublimes silêncios das aves e do vento encontrasse o antídoto definitivo para seus temores e suas saudades.

Aos poucos, a inquietação que lhe escurecia o semblante e que lhe enchia o peito de um fremito incontável e a uma aragem febril, começava a desvanecer-se, como uma ráfaga de sombras e de fúrias cruelmente dissipada pela claridade impetuosa do sol.

Sarah, percebendo que ainda restavam alguns vestígios de tristeza e de sombras no coração de Ethan e suspeitando os demônios que o assaltavam nas horas tranquilas e luminosas em que o mundo se recatava no abismo abençoado do sono, procurava enfrentar com ternura e compaixão as memórias que, como chicotes invisíveis, feriam o espírito e a esperança de seu amigo.

Nesse dia, como se adivinhando os pensamentos sombrios que atormentavam Ethan e sentindo o chamado sibilino do destino que os convocava para um encontro cósmico e irreversível, convidou-o a caminhar com ela ao longo da praia, rumo à colina que delineava o farol solene e solenemente em pé nas encostas árduas e felpudas do mar.

Ethan, silencioso e pensativo como um filósofo medieval arrancado à solitude de sua cela e atirado aos tumultos do mundo e dos corações indiscerníveis, aceitou com gratidão o convite de Sarah e acompanhou-a naquela caminhada que sabia ser a prelúdio de um enfrentamento igualmente aterrador e redentor.

Enquanto caminhavam, sentiam a areia morna e úmida escapando entre os dedos de seus pés como gotas de sol e mar arrancadas do insondável coração do Atlântico. Sarah, tentando afastar suas preocupações e trazer novas cores e cores à tela monocromática de suas angústias, quis encontrar respostas e, olhando para Ethan com uma curiosidade tímida e respeitosa, perguntou:

- O que você mais teme, Ethan?

Estas palavras caíram no silêncio de Ethan como uma pedra perdida nos vastos e fragmentados caminhos do espírito. Ele queria responder-lhe com sinceridade e se abrir para ela, mas as inseguranças e os espectros do passado erguiam-se como barreiras intransponíveis que lhe dificultavam as palavras, como se cada sílaba fosse um enigma e cada confissão um caminho labiríntico de novas dores e remorsos.

Contudo, como se movido por uma força que somente o coração humano é capaz de entender e de vencer, deliberou enfrentar seu medo e confessou:

- Meu maior medo, Sarah, é nunca ser capaz de me perdoar, de viver preso

às sombras do passado, condenado a vagar incessantemente pelas ruínas de minhas falhas e pelas lágrimas que não pude ou não soube enxugar.

Os olhos de Sarah, cálidos como o luar que se derrama do obelisco da própria lua, enterneceram-se diante da aflição de Ethan, e uma compaixão sincera e irremediável brotou das vozes de seu ser, como se ela, movida pelo desejo de consolá-lo e de compartilhar sua dor, quisesse mostrar-lhe o caminho tortuoso e coloidal do perdão e da aceitação.

Seus dedos entrelaçaram-se com os de Ethan, como se quisessem sussurrar-lhe a proximidade, a ternura e a sabedoria dos corações que se compreendem e se perdoam sem as barreiras e as amarras das palavras. Levou-o à base do farol e, falando com os olhos e com a aura intensa e branda de sua beleza, lhe disse, misteriosa e confortadora como a voz do mistério celestial:

- Olhe para este farol, meu querido Ethan, e veja como, apesar das tempestades e dos ventos imperturbáveis, ele continua brilhando e mostrando o caminho às almas perdidas no véu das trevas e das incertezas. Se perdoar a si mesmo é uma tarefa árdua e solitária, mas devemos aprender a encontrar em nosso próprio coração o farol que nos guiará pelas sendas dolorosas do remorso e da tristeza.

Ethan, sentindo-se emocionado e grato pelas palavras de Sarah, abraçou-a em silêncio e contemplou, com os olhos rasos de lágrimas e de esperança, o farol que, no horizonte das colinas e das árvores encrespadas pela brisa do mar e do luar, parecia falar-lhe, com a profunda luz de seu interior:

- Perdoe-se, Ethan, e liberte-se das correntes que lhe encarceram o coração e a alegria, pois somente o perdão, essa luz e redenção nascida das profundezas da sombra e da dor, pode conduzi-lo à paz e à redenção definitivas.

Enquanto o farol cintilava no azul profundo do céu e da noite, Sarah e Ethan enfrentavam, juntos, o desafio imortal e luminoso do perdão.

Pequenas vitórias na busca pela cura

Naquele dia, as águas da pequena baía pareciam ter sido tingidas por um artista divino com reverberações de safira e turquesa, como se cada onda fosse um refúgio secreto de cores, efeitos e sonhos infinitos. Na areia, as conchas dispersas reluziam como olhos de fogo, desvanecendo-se no ritmo incansável das marés que se elevavam e se apaziguavam, como a respiração do próprio

oceano. Era nesta praia luminosa e mágica que Sarah e Ethan decidiram consagrar aquele momento de vitórias e de cura, longe dos murmúrios e indecisões que os atormentavam.

A revoada dos pássaros no céu, desenhando arabescos fugazes como folhas soltas e sibilantes sobre o véu azul do firmamento, trouxe-lhes lembranças de tempos inocentes e distantes, em que a vida era apenas um caminho escancarado e rubro de frutos, aves e cores. Sarah observou uma gaivota pairando sobre o mar como um espectro branco e etéreo, e sorriu para Ethan, que, tendo notado seu olhar extasiado de menina, voltou-se para ela e disse:

- Viu como ela voa, Sarah? Como se não houvesse medo nem gravidade em seu coração?

Neste instante, os olhos de Sarah se encheram de lágrimas, mas, ao mesmo tempo, de sorrisos e esperanças ingênuas, como se soubesse que, apesar das amarguras e batalhas enfrentadas, ainda havia um espaço de beleza e de luz em seu espírito que a levaria adiante, como uma nau impávida desafiando os ventos e os temporais.

E assim, vencendo a timidez e as sombras do passado, abraçou Ethan com a força de um mar de espumas e olhares misturados e declarou, como um poema tingido pelos raios lunares de um verão inesquecível:

- Neste momento, juro que as dores e as lágrimas que me consumiram durante tantas noites e naufrágios, tornar-se-ão luz e sorrisos, como se, nesta praia onde o tempo se desfez em beijos e abraços de sol e de mar, eu deixasse para trás os fragmentos de mim mesma que só me levavam ao abismo e ao silêncio.

Ethan, emocionado pela sinceridade e pelo ímpeto de Sarah, beijou-lhe a testa e, cinzelando em seu ouvido como uma canção delicada e solene, prometeu em sussurros:

- Eu também, meu coração, entregarei-me ao vento e às marés, fazendo de meus medos e do meu passado traumático a semente de um amanhã limpo e luminoso. Pois não percebes, Sarah, como o amor me transformou? Como a tua mão me tirou do caos em que naufragava incessantemente?

O sol, já próximo ao ocaso, lançava seus esplendores diáfanos e brilhantes sobre o mar, como se quisesse emoldurar, em cores fugidias e encantadas, aquela cena de promessas e de renascimento. Sarah e Ethan, caminhando juntos pela areia, aparentavam ressurgir das cinzas do tempo e da dor,

prontos para enfrentar o futuro e desvendar os mistérios do coração.

Ao se aproximarem da margem, onde as ondas tremulantes e límpidas acariciavam seus pés como um beijo vaporoso e amável, Sarah parou e concentrando-se em seus pensamentos banhados de luz e esperança, disse, erguendo-se para Ethan:

- Não podemos continuar esta caminhada de cura e descobertas sem reconhecer e celebrar as pequenas vitórias que conquistamos em nossa jornada juntos.

E assim, pegando uma concha brilhante e dourada em sua mão, ela continuou:

- Deixe que esta concha guardosa as nossas vitórias, aquelas que por menores que possam parecer, nos trouxeram a força para seguir em frente e enfrentar o desconhecido. Vamos preenchê-la com nossos sorrisos, risadas e momentos de vida compartilhados entre nós.

Quando Ethan olhou para a concha, percebeu um brilho diferente em cada um dos raios do sol que se espalhavam através dela, como se fossem testemunhas silenciosas das jornadas emocionais por que tinham passado e ainda passariam. Assentindo com um sorriso no rosto, ele concordou.

- Cada vitória, não importa quão pequena seja, nos guia na estrada em direção à cura e à redenção. Esta concha será o símbolo de nossa resiliência e do amor que encontramos um no outro.

Sarah e Ethan, de mãos dadas e corações entrelaçados, começaram a caminhar em direção ao sol poente, determinados a perseguir e celebrar as pequenas vitórias na busca pela cura, guiados pelo poder redentor do amor e da compreensão que haviam encontrado juntos. E enquanto o horizonte se tingia de uma paleta de cores vibrantes e calorosas, ambos sentiram suas almas se reerguerem das cinzas do passado, prontas para enfrentar o amanhã com coragem, força e um amor inabalável.

Chapter 7

Explorando a beleza da costa

No sábado de um verão quente e dourado, Sarah acordou cedo e sentiu a angústia e a saudade sendo lavadas das margens do coração pela brisa morna e suave do mar. Na noite anterior, tinha sonhado com sua avó, como se, empenhada em acariciar - lhe a tristeza e a palavra abafada dos pensamentos, a lembrança luminosa de Isabela quisesse proporcionar - lhe o lenitivo próprio dos seres iluminados e afetuosos que continuam a proteger e a arrebatá - nos, mesmo das sepulturas e da distância que o tempo erige entre o ontem e o hoje.

Era o dia em que Sarah havia prometido a Ethan ensinar - lhe alguns dos lugares mais belos e secretos da baía onde flutuavam as sombras e as maravilhas dos verões passados, e onde, em vertiginosas ondas de espuma e de sonhos, havia aprendido com a avó não apenas a nadar nas correntes do mar e das almas, mas também a arrancar das dores e dos desertos da vida as virtudes e as dádivas do conhecimento e da amizade.

Lembrava - se vividamente de quando Isabela a apanhava veloz e velozmente nos braços e a mergulhava naquelas águas onde deusas, sereias e piratas motivavam e domesticavam, com anêmonas e águas - vivas, as doces angústias e as românticas efígies do coração e do imaginário dos homens. Queria fazer renascer em suas memórias o sentimento dessa magia, dessas emoções que, como sereias sussenadas pelas conchas do universo, inundavam seu pensamento com a sua melodia tristemente inquietante e inexorável.

Enquanto caminhavam pela praia, rapidamente acercaram - se das falésias

que subiam, como habitações que refulgiam de poder e de mistério; um quebra - cabeças de penhascos e labirintos que se derramavam em grutas e naus dos piratas e náufragos que não haviam podido desde o coração da geografia resplandescente do novo mundo. Sarah falou a Ethan das inúmeras tardes que havia passado ali, acariciando os sonhos e as histórias que a avó criava e narrava - lhe, e ele escutava, silencioso e atento, como se daqueles relatos pudesse arrebatar o bálsamo das dores e a confirmação de que o passado obstrutivo e doloroso podia ser redimido pelos momentos mais evocados e pela presença densa e assaz surpreendente do amor e da beleza.

Após percorrerem as falésias, logo partiram em direção ao farol que, como um anjo petrificado e extático, contemplava impassível as selvagens batidas do mar e dos gritos coléricos e comoventes das aves solitárias em seu desfile constante entre a bruma e a clarividente luz que soóbana do misterioso abismo que reinava no céu. Sarah, sentindo o peso da emoção e da recordação insistir em sua garganta febricitante de sussurros e de marés, falou com dificuldade:

- Foi aqui que, pela primeira vez, compreendi a beleza da solidão e da eternidade: abraçar - me à avó enquanto ela explicava - me como os faróis, repletos de luz e de ternura, protegiam as almas perdidas contra recifes e os tormentos da escuridão e da tempestade. Às vezes, olhando para o farol, creio poder ouvir a voz da avó em minha memória, como se da profundidade da noite e dos meandros de minha solidão pudesse encontrar uma segurança e uma paz, um estímulo poderoso e uma compaixão intensa contra os fantasmas que me assaltam.

Ethan, percebendo o que Sarah lhe contava não apenas com palavras, mas também com lágrimas disfarçadas pelos olhos marejados e pela aragem úmida e encrespada do inverno, procurou estreitá - la a si ainda mais e tomou - lhe a mão, levando - a aos lábios: - Um dia, talvez possamos reviver essas histórias, mas juntos, com a energia e a ternura que nos marcam e nos atraem desde o primeiro dia em que o destino nos levou a nos encontrarmos.

Em seguida, olhando para o mar, tomou coragem e, arremetendo o olhar comum a todos os navegadores e exploradores que, ao longo da história, haviam partido rumo aos mares do mistério e da redenção, sussurrou - lhe ao ouvido: - Sarah, creio que é momento de nos lançarmos ao oceano, como faziam a avó e tu nos verões inolvidáveis da infância. Tu me ensinaste a

amar a terra e as sabedoria das histórias e dos corações da comunidade costeira, deixa-me ensinar-te, agora, a amar e a navegar as profundezas e as colinas inquietantes do mar que une e separa os continentes e as almas dos homens.

Acenando com a cabeça, Sarah deixou-se guiar por Ethan até um pequeno barco pesqueiro, em que, munidos apenas de um mapa antigo e de um amor que reciproca e intermitentemente se reclamava do destino e da ventura, decidiam avançar pelo Atlântico e desvendar as ilhas e os segredos abraçados pela voz eterna das águas que engolem navios e renascem das profundezas sussurrantes das lendas de sereias e de monstros das almas.

Naquele momento, souberam que, conquistando o medo e a incerteza, encontrariam sempre no amor o abrigo imperecível e estranho e a compreensão rutilante das almas e dos corações que perenemente buscam a redenção e a plenitude do presente e da aceitação. Adentro do horizonte que os atraiu, como se fosse a própria constelação celeste que os abraçasse, Sarah e Ethan seguiram em direção ao futuro, acreditando no poder supremo do amor e do perdão que, pouco a pouco, haviam encontrado um no outro e nas terras e geleiras místicas e mágicas que a avó de Sarah, Isabela Costa, deixara para eles como um refúgio, um memorial e um farol inquebrável e imorredouro.

A primeira caminhada juntos na praia

O primeiro passeio pela orla umbrosa e cintilante simbolizava, na essência de Sarah e Ethan, o começo da caminhada de cura que ambos ambicionavam, um percurso marcado por temores e lágrimas, mas também por esperanças e sonhos tingidos de azul-turmalina e carmim, cores do mar e da liberdade ensinada pelas gaivotas e por espíritos de sol e de primavera. Naquele dia, o sol parecia acender em suas almas um farol de recomeços e conquistas, enquanto a brisa do oceano, acariciando-lhes o rosto como uma prece de renascimento e renúncia ao passado, dissipava as sombras e as cicatrizes insinuadas pelos recifes longínquos de seus universos interiores.

Caminhando por aquelas areias douradas e clarívoras, Sarah e Ethan sentiam escoar-lhes pelo coração as lembranças que já não acompanhavam os sussurros das ondas e dos algares surdos da alvorada marítima. Entrelhando-se com a leveza e a lisura das crianças que, de várias formas, repentinamente despertavam e abraçavam o deslumbramento e o mistério do mundo e dos

seres, souberam que, apenas pela vontade e pela coragem que lhes nasciam das carnes e dos feitos, já estavam vitoriosos e a uma larga distância dos rochedos e precipícios que, em tempos tumultuosos e noturnos, haviam nos ameaçado e arrastado ao vértice insondável e colérico de nossas almas.

Subitamente, sem mais além de palavras ou explicações, deram-se um ao outro um abraço alado e palpitante e, aconchegados como as aves frementes que voltam ao jardim depois de longas travessias e naufrágios, suspiraram bastante e esperançosos:

- O que será que nos reserva esse caminho de areias e segredos? - perguntou - lhes Sarah, entre sincera e temerosa como uma menina que apenas começa a desbravar as imensidões e as paisagens indescritíveis que sua vida e seu horizonte desenhavam.

Entendendo - lhe a ansiedade, Ethan sorriu com certa timidez e cavalheirismo e, fitando - a nos olhos como se fosse um marujo enfrentando as tormentas do Taiti e das Índias Orientais, respondeu:

- Ainda que passes pelas terras trevosas e pelos arca-bouços onde a solidão e a dor aprisionam sonhos e ilusões, encontrarás sempre em mim um escudo e um leme contra as amarguras e os enigmas que nos advêm.

Comovida com tal juramento, pronunciado pelos lábios e pelos olhos febris e vivazes de Ethan, Sarah tomou - lhe a mão ainda mais forte e deixou - se conduzir por ele até uma enseada de águas turquesas e cristalinas, onde o mar dançava com as rochas e peixes por entre a quietude e a alegria de um ballet colorido e efêmero. Juntos, contemplaram a vida e a respiração do oceano fundiadas naquela roupagem de serenidade e de tochas límpidas e eles souberam que, naquele instante, haviam encontrado um tesouro e uma ilha onde deixariam adormecer os fantasmas de seus passados.

Quando retornaram à praia de areias brancas e cintilantes como a lua que os esperava na noite daquela costa de emoções e vales de alegria e sofrimento, Sarah e Ethan sabiam que o primeiro de seus batismos se haviam completado: o augúrio de um caminho bordado de praias, conchas e quimeras que se ergueriam como pássaros da aurora num universo de mar e de ventos.

E, enquanto caminhavam lado a lado, como se fossem duas estrelas perdidas no firmamento da memória, Sarah e Ethan começaram a traçar um mapa incerto, mas vivo e palpitante, de seus destinos e corações entrelaçados: uma cartografia dos erros, amizades e atos construída com a sabedoria do tempo e das gerações. E, em cada sorriso e olhar partilhado, um prenúncio

dos dias e das tempestades que enfrentariam e sobrepujarariam juntos.

Descoberta das falésias e do farol

Naquela manhã, o azul-marinho do Atlântico parecia ondular num frenesi de notas cromáticas, como se a chuva da noite anterior tivesse lavado o espectro de cores infundáveis para as praias em que Sarah e Ethan moldavam as pegadas de seu caminho implacável em direção aos segredos e às cicatrizes que as falésias e os faróis da costa lhes devolviam. Mergulhando os dedos nas águas esmeralda e turquesa que palpitavam junto às conchas misteriosas e corais espoliados pelos ventos e tormentas, sentiam - se cada vez mais próximos daquele abismo infinito e solene da terra e do oceano que os envolvia e hipnotizava, transportando - os por instantes para dimensões desconhecidas e enigmáticas do coração e da alma.

Subitamente, um vento marinho que parecia falar - lhes ao ouvido com o suspiro de um fantasma ou de uma criança perdida, pareceu chamá - los na direção de uma alta falésia, repleta de grutas e naufrágios das eras ignaras, em que sereias e monstros do mar arrastavam os marinheiros e navegadores para o terror sombrio e impassível das águas e do destino. Tomados por um interesse avidamente impróprio e sedutor, aproximaram - se do jogo perigoso e fernético de marés e penhascos que se sucediam entre o canto insistente e suave das aves marinhas e do rugido intrigante do mar.

- Olha, lá no alto está o famoso farol que a avó sempre me falava! - exclamou Sarah, incrédula.

Mesmo a distância, perceberam a imponência do farol e a sublimidade de sua presença, imóvel e taciturna diante da eternidade das ondas, das almas e dos mistérios sepultados pelos salões da terra e do tempo. Sem hesitar, escalaram os degraus desgastados e pedregosos e adentraram nas sombras sinuosas e trepidantes do interior do farol.

Ethan, percebendo o brilho de fascínio e de expectativa nas pupilas de Sarah, sentiu-se impelido a aproximar-se do enorme holofote que, como uma conexão com o universo e a divina sabedoria dos espíritos e das constelações, parecia querer comunicar - lhes o mapa do destino e o segredo dos corações que atravessavam e que, silenciosos e saudosos, procuravam a redenção e o perdão nas tempestades da natureza e da existência.

- Sarah, sinto que é dever levá - la agora ao farol, ao coração da luz e da

beleza que atravessa geografias e povos e que, sem questionamentos, concede às almas imortais a premonição de um caminho desbravado pela esperança e pela coragem.

Sarah assentiu com um sentimento de gratidão e solenidade que lhe inflamou o coração e a lançou aos braços e beijos de Ethan, que ali parecia morrer de prazer e de plenitude e de confiança na vida e no farol que, como um deus sibilino e magnânimo, consentia a salvação e o êxito dos navegadores e das criaturas que, desde o alvorecer do universo, buscavam seu destino e seus mistérios nas colunas e grutas do mundo.

Juntos, subiram as escadarias e corredores estreitos e vertiginosos do farol e, com os olhos postos no horizonte sombrio e encantador que parecia pintar - se no céu oceanico e na percepção dos dois amantes, viram - se, naquela claraboia aberta para os abismos e para a poesia dos séculos, unidos e indissolúveis como as constelações eternas e como os segredos e os sonhos que no coração dos homens se forjam e consomem no correr dos séculos e das tempestades.

Coleção de conchas e criação de memórias

Passo a passo pela areia fina, pontuada de conchas antigas e mariscos esquecidos, Sarah e Ethan colhiam os fragmentos brilhantes das eras e das memórias que os recifes e os abismos vizinhos lhes ofertavam generosamente.

- Olha só essa aqui - exclamou Ethan, erguendo uma concha delicada e púrpura. - Parece um pequeno tesouro, um segredo sussurrado pelas correntes e pelos mares bravios.

Sarah aproximou-se e, com a mão hesitante mas ansiosa, tomou a concha e a fitou com um misto de incredulidade e deslumbramento, como se, ali, naquele fragmento de casca nacarada, encontrasse um lampejo fugidio de sua avó Isabela e de sua vida e história desbravada na costa e entre os ventos eternos e fervorosos do oceano. Com efeito, parecia-lhe que a avó lhe sussurrava das profundezas e das narrativas sepultadas pela areia e pela passagem do tempo, instigando-a a enfrentar suas emoções e a buscar em Ethan e na amizade que cresciam entre os dois a redenção e a compreensão que almejava e sofria para extrair de suas mãos inseguras.

- Mais uma para a coleção - disse ela, depositando a concha na pequena sacola que levavam consigo e que já transbordava de tesouros e relíquias de

outras eras e paisagens.

Ethan sorriu e, dando um passo à frente e apontando para um recanto onde as ondas vinham depositar - se e desfazer - se em espumas palpitantes, disse:

- Creio que há ali algo que devemos descobrir. Sabe aquele sentimento de que algo ou alguém nos chama desde o coração do oceano?

Sarah sentia o coração pulsar mais rápido em seu peito, como o toque das marés numa praia estival e encantada. Assentiu e, aconchegando-se em Ethan com naturalidade e confiança, seguiu-o ao encontro do enigma e da aventura que nele se insinuavam.

Quando lá chegaram, viram-se diante de uma pequena caverna, coberta com pedaços soltos de conchas, corais e cascas de algas, esboçando um mosaico pálido e sedutor. Sarah, instintivamente, aproximou-se do nicho e retirou uma concha dourada com a forma de uma estrela, cujas pontas emitiam reflexos que pareciam evocar a aurora e a mansidão do cair da noite.

- Sinto que estamos agora mais perto do farol e do mistério que ele guarda - sussurrou Ethan ao ouvido de Sarah.

- Também acredito que nos aproximamos da verdade - replicou Sarah, absorta na luz cálida e misteriosa da estrela que Freddie Mercury cantava nas esquinas da penumbra de seus próprios dramas e paixões poéticas.

Ao pé daquele altar de conchas e grânulos ricamente tecidos pelos caprichos das tempestades e das luas, deixaram-se ficar abraçados e absortos, desenhando com as pontas dos dedos as linhas e as fendas de seu destino que, no labirinto da melodia das gaivotas e das irrupções do mar, os chamavam, como um farol bruxuleante e ingente, para uma imensidão de promessas e descobertas que o caminho costeiro prometia e revelava.

A coleção de conchas e relíquias que, à medida que atravessavam a costa sinuosa e povoada de sombras e lendas, tornou-se, para Sarah e Ethan, um vínculo definitivo e indelével entre o passado e o futuro e entre a memória entrelaçada com a emoção de novidades e de singulares cenários vividos e sonhados por eles e por seus corações enebriados pela paixão e pelo vislumbre dos desconhecidos que o gênio das brumas e do arco-íris escrevia nos areais e nas arestas da instância cristalina e prodigiosa ali festejada.

Naquela noite, de volta à casa de sua avó, onde as janelas abertas ao mar agitado acolhiam os ventos e as canções noturnas do Atlântico, Sarah

e Ethan depositaram o pequeno tesouro que haviam desentranhado na pequena sacola e, adormecendo um no ombro do outro, ofereceram a cada concha e casca reunida em torno de si, o juramento de que a dor e os fantasmas que os assombravam seriam, um dia, esquecidos no brilho e na nudez das jóias e das estrelas celestiais que, ali e então, testemunhavam e guardavam a promessa de um futuro unido pela esperança e pelo oceano infinito e inspirador onde nascem e se forjam todas as histórias, sonhos e anseios que os faróis do mundo levantam como culto à beleza e à sabedoria do olhar e do coração incansável de nossa humanidade.

Apreciando o pôr do sol e o magnetismo do mar

“Veja,” exclamou Sarah, apontando com um braço estendido e um olhar arrebatado para o horizonte onde o sol se punha, “por quantas cores e brisas se despeja o oceano e nos lança agora a partitura sublime e insondável da vida, da paixão e da poesia que nele bailam e desfalecem como amantes e filhos reencontrados no cerne do abraço que, como um ciclone de chamas e de ondas, nos consome e revela neste instante de beleza e de redenção?”

Ethan, ali de pé na praia ao lado de Sarah, parecia não ouvir suas palavras, tão absorvido estava em apreciar o espetáculo deslumbrante do pôr do sol. A luz do sol, dando seus últimos suspiros antes de mergulhar no abismo do oceano, parecia jorrar um arco-íris de cores vibrantes que dançavam pelas águas calmas e o céu acima. O céu, tingido de tons de laranja, rosa e roxo, criava uma atmosfera onírica enquanto o mar espelhava o firmamento, fundindo-se em uma imensidão cromática.

Sentindo o vento tocar suas faces e entrelaçar-se em seus cabelos, Sarah lembrou os momentos em que havia sido amargamente tocada pela solidão e pela tristeza, e se surpreendeu com o quão distante a dor parecia agora. Neste momento presente, na companhia de Ethan, aquele fardo parecia ter sido substituído por uma estranha sensação de leveza e contentamento. O pôr do sol diante deles simbolizava não apenas o fim de um dia, mas também o encerramento de um capítulo de suas vidas em que estavam ancorados à dor e ao luto.

Ethan quebrou o silêncio, sua voz suave e reflexiva: “É incrível como prontamente o mar nos aponta todas as metáforas do mundo. O sol se pondo nos lembra de que há beleza em tudo, até mesmo no fim. Olha só

para essas cores, impossíveis de serem replicadas em qualquer pintura, cada tarde uma tela única e efêmera. Quase posso sentir o abraço aconchegante do dia a se despedir, enquanto a noite silenciosa e misteriosa já espreita, aguardando seu momento de assumir o palco.”

Sarah, pilhada por um impulso súbito de ternura, deslizou a mão pela areia e entrelaçou os dedos nos de Ethan. Ele a encarou, um sorriso suave e maravilhado se desenhando em seu rosto. Os olhares intensos, tingidos pela luz do pôr do sol, encontraram - se e, naquele instante, perceberam que compartilhavam não somente a apreciação pela beleza do oceano, mas também um profundo entendimento do significado que a vida lhes reservava.

”Sarah,” murmurou Ethan, hesitante, mas com a convicção de um homem prestes a revelar - lhe seu coração mais profundo, ”eu sinto que, neste momento, a beira deste oceano infinito, deparado com este espetáculo da natureza, estamos sendo apresentados ao instante preciso em que nos tornamos livres e abertos às possibilidades indescritíveis de amor e felicidade que se avizinham de nós.”

Sarah assentiu, comovida, enquanto as lágrimas, aquelas que outrora eram de luto e desespero, agora transpuseram-se em pura alegria e esperança. O oceano, que havia sido um espelho de suas emoções intensas e conflituosas, agora estava se transformando em um mar sereno e acolhedor, unindo - os em um vínculo de cura e renascimento.

”Sabe, Ethan,” ela disse, sorrindo através das lágrimas, ”estou começando a entender que não há nada que o amor não possa curar. As cicatrizes que carregamos podem estar profundamente entranhadas, mas juntos acho que finalmente podemos enfrentá - las, com a força do mar e a luz deste pôr do sol a nos guiar.”

E, ali, sobre a praia imaculada inundada pelas cores do pôr do sol e o farol imponente destacando - se ao longe, encontraram a força para deixarem ir seus passados e abrirem - se às possibilidades de um futuro que florescia sob a luz cintilante que o amor e o mar lhes ofereciam.

Observação de golfinhos e baleias

A bruma ao amanhecer se desenrolava como uma manta cinzenta, desdobrando - se abaixo de um céu indefinido pela quietude e pelas cores que, hesitantes em seus fios de vento e luz, pairavam esmaecidas e distantes na

tela nublada e tímida que abraçava a terra e a água em harmonia etérea e enganadora.

Na costa, ainda envolvida pelo púrpura matinal e pelas sombras que, ermas e crepusculares, projetavam-se sobre as areias cobertas de algas e poemas, encontravam-se Sarah e Ethan, calados e absortos pelo amanhecer que despontava diante de seus olhos.

O silêncio que os acompanhava, tranquilo e acolhedor, era interrompido apenas pelas ondas que quebravam em um lamento melódico e pelo arfar compassado de suas respirações.

Distante entre as brumas, mas perceptível mesmo assim, estava uma multidão de golfinhos, cujas nadadeiras delicadas furavam a superfície do mar sempre que seu balé aquático rompia com a placidez das águas turvas.

Logo atrás dos golfinhos, navegavam graciosamente as silhuetas majestosas de baleias jubarte, suas enormes colunas de água e ar misturando-se com a névoa ao redor.

Nada havia de mais grandioso para Sarah e Ethan do que estar ali no enlace desolado e melancólico do mar e da terra, ainda tão próximos das sombras e da dor que moravam em suas almas, mas ao mesmo tempo, diante de uma demonstração suntuosa de vida e entrelaçamento entre os animais marinhos que, com suas dádivas e tristezas, os assobradavam e encantavam de maneiras diversas e profundas.

Sarah, olhos brilhantes de lágrimas que eram uma mistura de emoções paradoxais, perguntou suavemente:

- Você alguma vez imaginou um momento como esse se desdobrando diante de nós, Ethan? Toda a beleza diante de nós, apesar de tudo o que experimentamos?

Ethan, com a voz embargada pela emoção e pelo mistério da rotação tumultuada do planeta e dos mitos de suas criaturas e olhares, respondeu:

- Eu não, Sarah. Mas tenho que acreditar que sempre foi possível, que a vida e a beleza continuariam a existir apesar das nossas dores pessoais e feridas ocultas.

Por um momento, calaram-se novamente, deixando que a magia e a presença da natureza se infiltrasse em suas almas, permitindo que os espectros de desespero e perda fossem substituídos por um sentimento de conexão e renovação.

Foi então que Ethan, com um olhar intenso e brilhante, pareceu enxergar

além das ondas e dos golfinhos, como se pudesse ver um futuro distante traçado à sua frente.

- Sarah - ele começou, hesitante, como se quisesse lançar palavras ao mar, mas temeroso de que elas se dissipassem nas correntes e fosfos da abóbada marítima e silvestre. - A beleza que estamos testemunhando agora Tal beleza não nasce da força e da luta, mas de um abraço, de uma união entre as criaturas do mar, entre a terra e o céu, entre tudo o que existe e tudo o que desvanece sempre que a luz, a escuridão e os nevoeiros se cruzam e se abraçam em suas mãos e veios.

Sarah, maravilhada com as palavras e a visão de Ethan, olhou para ele e, com um sorriso e um soluço nascendo delicadamente das gretas e caminhos de sua voz, disse:

- Ethan, você está certo Mas isso significa que também temos que encontrar uma maneira de nos abraçarmos, de nos apoiarmos um no outro, mesmo diante de todas as sombras e tormentos que parecem nos separar do dia que nos toca e fere através do vidro acinzentado e parábola das águas.

Ethan segurou a mão de Sarah, sentindo as palavras ainda toscas e frágeis em sua boca, mas sabendo que, em algum lugar naquela quietude de pássaros e horizontes, encontravam sua essência e verdade.

- Prometo - murmurou ele com sinceridade e anseio - que aprenderei a abraçar o que sou e o que você é, para que possamos, juntos, nos curar e nos envolver na bela mas inescapável dança da vida e do amor.

Ali, entre a bruma enigmática e a presença dos golfinhos e baleias que, com sua majestade inextricável e melodia afirmativa, mostravam o poder da união e da conexão entre seres, Sarah e Ethan se redescobriam, cada um percebendo que a chave para aliviar suas dores e enfrentar seus passados estava em abraçar não só a si mesmos, mas um ao outro, criando um elo que espelhava a eterna e poderosa harmonia da natureza ao seu redor.

Passeios de barco e exploração de ilhas próximas

A calma daquela manhã de domingo havia, de forma súbita e irresistível, tomado conta da alma dispersa e inquieta de Sarah. Mesmo os passos apressados e enérgicos de Ethan, rumo à marina onde repousava ancorado o pequeno barco de pesca de Joaquim Pereira, não a estremeciam naquele instante. Sarah, perdida em pensamentos e conjecturas sobre o que aquela

aventura marítima pudesse reservar - lhes, seguia ao encontro do mar como quem segue os desígnios do destino, sentindo no peito um bater de asas selvagens e tempestuosos.

Ethan apercebeu - se da melancolia que permeava a alma de Sarah e, com um leve toque em seu ombro, murmurou - lhe:

-Ei, Sarah, estamos prestes a adentrar neste misterioso e esplendoroso oceano, a mergulhar nas águas de um milhão de segredos e histórias E, sussurrando aos seus ouvidos seus sonhos e desejos, irá revelar - nos o caminho para a ilha perdida, aquela onde as ilusões se encontram com a verdade, onde as sementes da esperança vicejam no solo fértil das lágrimas derramadas Não se perca em pensamentos sombrios antes mesmo de começarmos nossa jornada, minha querida.

Sarah, surpreendida com a profundidade e a sinceridade das palavras de Ethan, sorriu e, com uma força que parecia emanar do cerne de seu próprio ser, apertou sua mão e respondeu:

-Tem razão, Ethan. Não podemos permitir que nossas almas sejam aprisionadas por desconfortos e desconfianças neste momento glorioso de descoberta e desafio. Obrigada por me lembrar do verdadeiro propósito desta jornada no oceano, das lições que estão à espera de serem aprendidas e das promessas que permanecem lá, ocultas entre as ondas e as estrelas.

E assim, como um pardal que rompe as correntes do jardim silencioso e invade o céu cinzento e tranquilo, o oceano acolheu Ethan e Sarah em seu abraço ondulado e misterioso, lançando - os adiante em sua busca pela ilha perdida, e pelas verdades e fragilidades que só podem ser vislumbradas quando o véu que separa a luz e a escuridão é rasgado.

E, depois de horas de navegação onde o canto dos pássaros, o rugido das ondas e o lamento dos ventos costuravam - se numa espécie de tapeçaria melódica, que, como um quadro de tragédias e belezas, preenchia o firmamento de seu coração e consciência, avistaram, entre lampejos de desânimo e consternação, a ilha desejada e dolorida.

- Sarah - sussurrou Ethan, como se temesse que as palavras que emergiam de sua boca pudessem forjar e comprimir a poesia que se desenhava comovente e excitante no horizonte à sua frente - Estamos, finalmente, aqui. O que você está sentindo?

Ela, deslumbrada pelo esplendor da ilha e pela complexidade dos sentimentos que invadiam seu peito, hesitou antes de murmurar em um tom

quase inaudível:

- Descoberta, Ethan. Me sinto prestes a desvendar algo que guardo acorrentado, algo que talvez só consigamos enfrentar e compreender neste refúgio longínquo e obscuro, nesta ilha onde todo segredo, quer escondido ou esquecido, aflora como uma canção iluminada e terrível.

E, juntos, sem hesitar ou olhar para trás, ambos saltaram do barco e pisaram no solo da ilha, na terra sagrada onde o passado e o futuro, a dor e o amor, a derrota e a vitória encontravam-se com a graça daqueles que aprenderam o árduo e inefável valor da aceitação e da superação.

Na substância misteriosa que moldava aquela praia selvagem e íntima, Sarah e Ethan enfrentariam as sombras que lhes haviam perseguido até agora e, quem sabe, descobririam, no ventre do silêncio e da revelação, um novo amanhecer, um novo começo forjado nas chamas de um legado de dor e renascimento.

Piqueniques e pescaria na praia

As conchas na areia traçavam um desenho ordinário aos olhos do mundo, mas para Sarah e Ethan aquele padrão fugaz reafirmava o enlace frágil e apertado que se formava entre seus corações e, como uma mensagem cifrada, instigava-os a buscar tanto na terra quanto no mar os segredos e energias que escondiam-se como relíquias e pérolas no fundo da existência.

Já havia amadurecido o sol sobre as colinas ondulantes e os caminhos dourados, e a praia começava a se vestir com as sombras crescentes da tarde. Sarah e Ethan, cúmplices no intento de seu descobrimento partilhado, prepararam juntos um piquenique singelo, mas repleto dos sabores e rastros de um presente reencontrado e reimaginado pela convergência de seus passados dispersos e tumultuosos.

Ethan desdobrava o cobertor xadrez com cuidado e precisão, querendo que as cores e linhas daquele manto o ajudassem a definir os contornos e os movimentos de sua nova realidade, nascida das lágrimas e dos sorrisos que cruzavam e desenhavam o rosto desatento de Sarah.

- Sarah, - perguntou Ethan em um tom hesitante, como se cada palavra pudesse perturbar o equilíbrio incerto do mundo que construíam juntos - por que as sardinhas são tão melancólicas, tão perdidas em seu desfile onírico e lunar?

Ela, surpresa e intrigada com a pergunta inesperada de Ethan, pensou com ânsia e cautela antes de responder com um sorriso eloquente e irônico:

- Não sei ao certo, Ethan Talvez as sardinhas sejam melancólicas porque carregam consigo o peso das almas dos marinheiros e navegantes que, em suas jornadas desconhecidas e intranquilas, entregaram-se ao mar sem pedir ou receber as bênçãos do vento e das estrelas. E, em sua dor silenciosa e murmúrio de escamas e reflexos, buscam proclamar e superar a solidão e os desencontros de uma vida aquática e ígnea, alimentada pelas chamas invisíveis que provêm das correntes e dos vórtices, das algas e dos remansos.

Ethan, maravilhado com a imaginação de Sarah e os conhecimentos velados e insuspeitados que brotavam de seu enlevo e entusiasmo, riu com tesão e deleite:

- Sarah, como admiro e me perco nas palavras e imagens que você desdobra como um vitral luminoso e tortuoso em seu observar lúcido e fantástico! Só quero que saiba que, embora a vida pescar seja uma atividade não muito propícia a encontrar a felicidade ou a paz, é também nesses momentos de entrega que, às vezes, podemos reconhecer e aceitar a beleza oculta e fugidia que desliza como uma enguia nas dobras e nas margens, na concha e no brilho das ondas.

Sarah, emocionada com os elogios de Ethan e a sinceridade de sua análise, roubou um pedaço de sua mão e, segurando-o com firmeza como o sol que abarca o mundo sob as asas do horizonte, suspirou:

- Você tem razão, Ethan E estou grata por compartilhar destes momentos simples e profundos com você. Pois, na verdade, não é nas grandes proezas e façanhas, mas sim nos gestos e olhares que se nutre e rejuvenesce nosso coração e nossa esperança, dando lugar ao nascimento contínuo e desafinado das maravilhas e das sutilezas que são, afinal, o canto do amor e da existência, do encontro e da liberdade.

E, olhando um para o outro, seus olhos misturados de lágrimas e risos, suas mãos enlaçadas e apertadas, sentaram-se no cobertor xadrez e, saciando o apetite do corpo e da alma, degustaram aquele piquenique na praia, como se fosse o primeiro sabor da vida e da redenção, a melodia redobrada e inesperada de um amor vem despontar nas sombras e nas estrelas do entardecer e do universo.

Natação e mergulho em águas cristalinas

Capítulo 7: Mergulho nas Águas do Destino

A manhã cedia lentamente ao início da tarde e Sarah, sob o instável amparo das sombras de um arbusto de acácia perto da praia, observava a paisagem que se desenhava a sua frente. O mar, implacável e caprichoso, cintilava sob o sol de meados de verão, como se cada partícula cristalina de água possuísse seus próprios segredos, esperanças e feridas. Havia uma espécie de contemplação silenciosa e misteriosa naquele balé líquido e luminoso, como se a própria história da humanidade fosse um conto descrito através das ondas, dos rodopios marinhas e da dança eterna das criaturas que habitavam o oceano.

Ethan, enquanto terminava o ajuste de suas roupas de mergulho, lança da areia um olhar suave e melancólico em direção a Sarah e murmura com uma voz gotejante de mágoa e anseio:

- Sarah, por que você hesita diante do oceano e do destino que nos aguarda nas profundezas dessas águas cristalinas? Será que existe um receio escondido em seu coração, a herança de um medo não confessado ou de uma mágoa encadeada?

Ela, surpresa com a pergunta de Ethan e a força da emoção que a princípio parecia emanar de seus olhos e lábios, suspira e, olhando diretamente para o horizonte onde o céu e o mar encontram-se em um abraço condescendente e ingênuo, responde com uma voz vacilante, mas firme:

- Ethan, confesso que sim, existe uma hesitação em mim, ainda mais agora que estamos prestes a mergulhar nas águas em busca de segredos e verdades insondáveis. Eu sinto que, de alguma forma, ao cruzar essa fronteira líquida e brilhante, posso desvendar não apenas os mistérios dos oceanos e das marés, mas também as inseguranças e fragilidades que trago dentro de meu próprio coração e espírito. O que você diria, meu amor, diante dessa aflição e dessa curiosidade voraz e sublime?

Ethan, compreendendo a complexidade e a vulnerabilidade das emoções envolvidas naquela busca em conjunto, sorriu e, segurando gentilmente o rosto de Sarah entre as mãos e encarando diretamente em seus olhos, respondeu:

- Minha querida Sarah, não cabe a mim dizer-lhe o que sentir ou esperar diante dessas águas cristalinas que nos convidam a explorá-las e desvendá-

las. Cada pessoa, ao enfrentar os desejos e os temores que brotam ao nadar nas profundezas do oceano, deve visitar seu próprio farol interior e encontrar forças para enfrentar os perigos e inseguranças que possam se revelar por trás da cortina luminosa e frágil das águas.

Sarah, comovida com a compreensão e a sensibilidade de Ethan, sorriu e, finalmente vencendo sua hesitação, aceitou a mão que ele estendia para ela, como se fosse um elo entre os mundos supostamente divergentes de seca e mar. Juntos, correram em direção ao oceano, prestes a enfrentar as correntes e as ondas que guardavam os segredos e as respostas que buscavam tão desesperadamente.

E como dois peixes fugitivos do conforto frio e inexpressivo das águas rasas, como dois corredores trepidantes que seguem as pegadas fugidias e insubstantivas dos próprios medos e anseios, eles mergulharam nas águas cristalinas e insondáveis do oceano.

A escuridão aos poucos começava a abraçá - los, entrelaçando - se e perfurando a superfície prateada das águas através da transmutação das decisões, dos desapontamentos e das incertezas que habitavam os corredores e os abismos da vida que ambos compartilhavam e enfrentavam.

Mas, apesar do medo e do silêncio reinante nas profundezas do oceano, havia também uma doçura e uma claridade inexoráveis permeando cada fibra daquela experiência embriagante e melancólica. Sarah e Ethan, em um ato de coragem e de intimidade, percebiam que a união de seus corações e de suas mãos vencia a escuridão, iluminando o caminho diante dos olhos temerosos, mas fascinados, pelo espetáculo da vida escondida e embrionária das águas marinhas.

Eles então emergiram das profundezas do oceano e com sorrisos iluminados por coragem e conexão, entenderam que as inseguranças e fragilidades reveladas no mergulho das águas cristalinas, eram também o portal para a compreensão do quanto eram fortes e resilientes juntos, apesar das adversidades.

E foi assim que Sarah e Ethan encontraram, em um ato de mergulho e redenção, a chave que abriria as portas de um futuro incerto, porém esperançoso, de um amor que enfrentava tempestades e bonanças e sempre emergia brilhando, como um recife de coral oculto nas profundezas das águas claras e insondáveis do destino.

Noites estreladas e conversas sob a luz do luar

A noite se ajoelhou, com a delicadeza de um anjo cansado de voar, sobre a vastidão da cidade costeira e lançou seu manto negrejado e pontilhado de luzes sobre os cacos do dia. O crepúsculo, com a ternura de um amante respeitoso, acariciava os contornos das falésias e das dunas escurecidas, pintando de saudades e nostalgias o rosto e os corpos de Ethan e Sarah.

Os dois, que passeavam com certa hesitação e discrição pelas sendas e escarpas do prelúdio da noite, encontravam nas pegadas ainda frescas e indecisas da véspera um caminho que os levava para os corações eternamente desfalcados dos grandes heróis e amantes que, como Fênix e Andrômeda, com vista para o céu e para o mar recortado pelas estrelas, começavam a entender que, por baixo de toda a urdidura de perdas e desencontros, de acasos e coincidências tempestuosas, pulsava uma constelação de sentimentos e vínculos que se irradiavam como um farol incandescente e incalculável.

Ethan, entrelaçando suas mãos nervosas e cintilantes pelas mãos macias e suavemente gélidas de Sarah, segurava - a com a força e a ânsia de um velejador exilado e agora retornando aos braços e às doces ondas do oceano amado.

- Sarah, - murmurou Ethan com uma voz que parecia rodopiar dentro dos ouvidos de sua amada como um vendaval rejuvenescido pelas marés e pela bruma - o que você vê e percebe quando olha para este céu abarrotado e misterioso de astros e sonhos? Você consegue encontrar nas esferas e nas trajetórias desenhadas pelos olhos da noite uma cura ou um alívio para as inquietações e as dúvidas que infestam e solavancam o barco desamparado e deszeichnetado de nossa existência?

Sarah, maravilhada com a questão de Ethan e com as imaginações e as esperanças que repicavam como um badalar transfigurado e sublime no coração açoitado, porém incólume, da noite, pensou um pouco e respondeu com um suspiro - regato que brotava das profundezas de sua alma, de sua geografia íntima e enluarada:

-Ethan, sempre que observo este firmamento, com suas estrelas distantes e suas promessas sem rumo, sinto que as asas da minha imaginação e os olhos do meu anseio podem, em um instante magnífico e sideral, se embaralhar e se envolver nas linhas e nas emoções que serpeiam e se inscrevem na vastidão do infinito. Imagino que cada estrela é uma letra ou um olhar, e

que cada olhar é um raio ou uma saudade que se desprende do peito dolorido e faminto das constelações e das nuvens.

Ethan, que não conseguia conter o marejar das lágrimas e dos sorrisos que se chocavam como um barquinho contorcido pelas ondulações e pelos rastros do arreból e do zênite, lhe sussurrou:

- Sarah, esta noite estrelada me revelou a beleza inefável e a força redentora que se aninhavam em seu olhar e em suas palavras. A cada instante, a cada mínimo suspiro que escorrega de seus lábios, o universo parece contrair-se e expandir-se, numa cadência de esperança e de conexão capaz de atravessar o abismo separando nossos corações e nossas almas

- Ethan, - retomou Sarah, emocionada com a avalanche de sentimentos e de memórias que preenchiam e se derramavam como uma água mítica e eterna pelo cálice transparente e quebradiço da noite, acariciando as veias e o solo ressequido e implorante- uma parte de mim tem procurado, ao longo deste verão compartilhado, uma resposta ou uma chave capaz de unificar os fragmentos e as angústias que compõem a tessitura borrada e enervante de minha vida. Agora, quando olho para você, meu amor, e para esta tapeçaria estelar, sinto que todas as perguntas, todas as inquietações, enfim, podem-se embalar e se aquietar no berço abençoado e harmonioso de nossas mãos entrelaçadas e de nossos olhares.

E, sem mais palavras, eles se encostaram um no ombro do outro, como dois anjos exaustos e emocionados pelo influxo e pelo murchar do tempo e das nuvens, e, apertando ainda mais seus dedos, seus pulsos e seus peitos acesos de vida e de paixão, deixaram-se embalar pelos ecos e pelas canções que borbulhavam e eram solfejadas pelo firmamento e pela brisa marés que, incansável e diminuta, se insinuava e se misturava na escuridão trêmula e vivaz da cidade e da costa, sussurrando, ao pé das estrelas e dos cabelos flutuantes de Sarah e Ethan, a melodia única e inesquecível de um amor nascente, de uma convolada redenção.

Lições aprendidas com a natureza e o ambiente costeiro

Capítulo 15: As Lições das Águas

A manhã estava em seu primeiríssimo desabrochar, com os lúmenes das sombras noturnas rendendo-se, enfeitados e derrotados, aos avanços e sortilégios da primavera que saltitava como uma ave recém-embecida de

luz e brisas pelos campos de flores e folhagens. O mar argênteo desenhado sob a pincelada suave e incipientemente dourada do sol reluzia como um espelho líquido e murmurante, retorcendo - se e se desmanchando de forma doce e caprichosa nas areias onde os passos descalços e alegóricos de Sarah e de Ethan haviam se afundado e percorrido há poucos dias.

Foi com um sorriso transfigurado e inesperado que os dois protagonistas da história, ainda intimamente entrelaçados pelas mãos e pelos corações que eram penetrados pelo pulsar e pelo bálsamo da natureza e do destino compartilhado, se inclinaram para ouvir as cantigas e as melodias sopradas e ecoadas pelos ventos venturosos e pelos coqueiros alicerçados na beira do oceano, como tâmaras e amêndoas seguradas com carinho e com surpresa pelas mãos tímido e de rendição da costa.

- Sarah! - exclamou Ethan, os olhos dilatados pelo contentamento e pela descoberta, a voz fluindo como um chafariz prateado e enxuto pelas palavras e pelos vogais que dançavam em nossas veias atônitas e ainda inebriadas pela ocultação e pelo bater das ondas escumejantes. - Você já reparou como o mar, em sua constante oscilação e transfiguração, ensina - nos sobre a mutabilidade e a fluidez da vida, sobre os desafios e as lições sempre presentes e permeando nosso destino e nosso caminhar? Você já parou para apreciar a maneira como o horizonte, aparentemente fixo e imóvel entre as bordas alaranjadas do céu e as ondas reluzindo como espadas líquidas no lusco - fusco da manhã, pode ser uma metáfora e um símbolo para as transformações e as oportunidades que povoam cada explosão de dia e cada suspiro do tempo que nasce e morre no escaninho e no abraço da noite?

Sarah, ainda embaçada e enlevada pelo espetáculo caleidoscópico e intempestivo aberto diante de seus olhares e seus hálitos, sorveu com a estridência de uma andorinha ávida pelo néctar da aurora o perfume e o sabor das palavras de Ethan, e murmurou, com a leveza e a convicção de uma serpente apenas despertando e se cotovelando das garras e das asas do sono e dos esquecimentos, uma resposta que reverberava e se espalhava como os raios lambidos e vítreos do amanhecer:

- Sim, Ethan, agora que você menciona isso, eu reconheço e contemplo esse inusitado bailado de interpretações e de aprendizados que a costa e o mar nos proporcionam, com suas nuances e variações tão intensas e deslumbrantes. Quer seja no movimento cadenciado e pertinaz das marés ou nos esparramos e nos afagos amorosos e melódicos do intermezzo selvagem

entre a vida e a morte, a costa nos ensina que a natureza é uma mestra consciente e perspicaz, sempre disposta a revelar - nos seu conhecimento e sua sabedoria, basta que saibamos enxergar e compreender.

E o diálogo entre Ethan e Sarah, retornado e traçado à luz do amanhecer que se esgueirava e copulava com a brisa marítima e as neblinas finas e sibilantes deslizando entre os troncos e os galhos invisíveis e duradouros, foi apenas um agradecimento e um pretexto para desvendar e desvendar - se entre as lições e as promessas costeiras, entre o nomear e o consistir das águas transformando - se e lambendo - se a cada momento e a cada entrega.

As perguntas e as respostas ecoavam, repercutiam e se transcendiam entre as partículas e os corpúsculos salitre e brumosos das horas acenadas e inauguradas pelos olhos e pelos corações de Sarah e de Ethan, e o aprendizado, o devir e a glória ungida e abraçada pelas águas do destino eram apenas uma manifestação e um desdobrar mágico e autêntico do desejo e da plenitude que agora vivenciavam, como peixes vorazes e coloridos, como estrelas e manacás irrompendo e se entrelaçando no solo nevoento e desnudo da manhã.

E enquanto continuavam a desvendar as teias e as incertezas, os pontos cardeais e as imagens inebriantes da paisagem desenhada e inteligida pelos olhos e pela pena da natureza, pelos braços e pelas pernas esmorecidos e reluzentes das marés e do destino, Sarah e Ethan descobriam, encrustado e transfigurado nas areias e nas correntezas do oceano, o rosto de Estrela do Mar da Redenção e a taça celebrada e os ventos contemplados as Lições das Águas.

A cura encontrada na beleza e na tranquilidade da costa

Capítulo 15: Em Transe na Costa Enluarada

A lua, redonda como o olho ainda lacrimoso e incólume dos deuses, havia içado seu olhar cintilante sobre o mar e a terra, como se estivesse a tremer e a rememorar a perene história de beijos e sussurros insónias e enigmas que se desenrolava ante o véu estrelado e brumas balouçantes e indefinidas de seu semblante. A costa, com seus coqueiros esboçando um aceno mudo e emaranhado de promessas e contendas, tombava e se rendia, após a exultação da tarde e o alvoreço das ondas, no silêncio tranqüilo e assoprado pelas conchas e pelos recifes de milênios e milênios de segredos compartilhados,

descobertos e desnudados pela presença redimida e comovida de Sarah e Ethan.

Os dois, caminhando juntos pela praia e intercalando nosso rumo e nossa conversa entre os batejos do mar e os sussurros civilizados e gentis da aragem enconchada no regaço e na palma dos céus, saboreavam as pontadas e as alusões de melancolia e renovação que tementemente percorriam e desfilavam por entre os cabelos e as roupas entrelaçadas pelas mãos e pelas teclas suaves e enriquecidas do luar.

Sarah, concentrando-se com uma paz e uma redenção que jamais antes experimentara e degustara em cada passo que dava, em cada saliência traçada e oscilante do ar, percebeu que os americanos e as ave-marias da costa haviam lhe cedido uma chave, um migalhar de entendimento que se iria revelar, na tessitura misteriosa e paradoxal dos afetos e das lembranças, insubstituível e germinal.

- Ethan, - ela recostou-se no ombro levemente caído e abandonado, como se fosse a garupa, a asa envolvente e reveladora de seu amado e confidente, que lhe sustentava e afagava com a sutileza e a força de um anjo entristecido e convolado pela presença e pelo escuro labirinto do desejo encandeante -eu sinto que a beleza e a tranqüilidade desta paisagem, com suas estrelas, suas ondulações e saltos de água e de ar enraizados e enrugados sobre o tabuleiro e as montanhas negras e invisíveis do horizonte, podem nos oferecer, a mim e a você, querido, o alívio, o refrigério e a cura tão desesperados e concebidos pelos olhos e pelos corações amedrontados e coleantes de nossas perdas, de nossas esperanças, de nossas ilusões.

Ethan, percebendo e selando de seus lábios e de seus olhos as vagas e o fulgor interpenetrado de estrelas e de argilas que brotava do acorde sinuoso e arreból de suas palavras, acatou, com um suspiro e um riso, a asserção e a epifania que se aninhavam na essência e no revocale das palavras de sua amada e companheira, e sussurrou-lhe, com ternura e com sabedoria laceradas e amorosamente esculpidas pelo discurso do tempo e da lua:

- Sim, Sarah, eu também percebo que esta costa, com suas praias, suas montanhas e seus faróis, constitui um bálsamo, um véu acetinado e estrigecente que pode nos permitir uma reentrada, uma penetração insultuosa e legítima dos rios e das areias que nos impedem e nos afastam de um amanhecer, de um verão embebido e desabrochado pela aceitação e pelo felicitário deserto de nossas vidas entroncadas e mantidas sob a aperência

soterrada pelo luar.

Ambos se lançaram, num ímpeto e numa sucessão de pulsações peamenores e vírgulas, num abraço comovido e ruidoso que se prolongou e emaranhou - se como uma vinha sagrada e onívora escalando a árvore maior da noite, a árvore matiz e consoladora do luar, dos confins e das enseadas aterradas e enalacradas em seu tronco e em sua derme esmaecida e exultante.

E, neste abraçador e intransponível dos astros e dos astros pairando e girando com a fúria e a insipiência de um colar de emoções e de sustentos, eles se sentaram púbere e sem hesitação e sem medo diante desta tapeçaria e deste painel enluzado que declamava e enfrentava, com a potência ardente e constelar dos sentimentos e das intrigas guarnecidas e aquecidas pelo luar e pelo encontro de todos os abismos, a cura e a sublimação revelada e despida pelos olhos e pelas presenças da costa e, principalmente, pelo abraço e pelo enlace deste amor envolto e enlaçado pelos raios e pelos eclipseagens de uma costa entronada pelo unísono e imortal descobrimento e redenção de nossos rostos naufragados - porém, restabelecidos pela inenarrável e onipresente claridade do amanhã - e entornados pelo suor, pelo alarido e pelo encanto do oceano e da lua

Chapter 8

Conforto e cura mútua

Era uma noite amena, quando as sombras púrpuras espalhadas pelo céu aos poucos recuavam diante da lentidão das nuvens luarentas que escoltavam a lua em sua ascendência. O barulho das ondas, há pouco indistinto e envolto no som enérgico das gaivotas, a essa altura se mostrava mais agudo e melodioso, como um murmúrio de desespero e esperança navegando só pelo vento. A faixa de areia alva e quase incólume aos pés de Sarah e Ethan parecia retumbante, a cada vez que o oceano avançava para cima dela, um punhado diminuto de conchas e pedras, testemunho da longa batalha entre natureza e indiferença.

Sarah e Ethan se sentavam sobre uma manta quadriculada e desbotada, olhando um para o outro, os olhos tensos e as mãos, um instante antes segurando pratos vazios, agora juntas e sem pontos cardeais. Os rostos estavam próximos, tão próximos que o calor que ambos sentiam parecia pertencer um ao outro em vez de a si mesmos.

- Sarah - a voz de Ethan se avizinhou do seu ouvido, terna e esquivada como o bater afilto das asas de uma borboleta ao sabor do vento -, eu penso que já é hora de lhe falar que essa praia

- A praia? - Sarah interrompeu, mas vacilante como se já soubesse o que viria a seguir.

- Sim, essa praia. Não sei se vai acreditar, mas

- Ethan, o que quer me dizer? O que a praia ?

Ele se recompôs um pouco, o olhar resignado e fixo no horizonte que as cores do céu, a essa altura, embriagavam. Havia uma convicção, uma decisão tomada ali, sob o manto do crepúsculo que se aproximava e os prendia como

se fosse uma força telúrica em nome da confissão. E Ethan, engolindo um soluço que o ar quase lhe negou, murmurou o que lhe afogava por dentro:

- Sarah, é aqui nesta praia que a minha vida teve fim e, mais do que isso, é aqui que, até pouco tempo atrás, pensei ter encontrado a paz que me faltava.

Havia uma pausa ali, como se o próprio oceano tivesse se aquietado só para presenciar o que viria a seguir. Sarah, que tinha a boca seca, sentia as mãos de Ethan tremerem em seu punho. Sua voz saía fraca e arrastada, mas transbordante de carinho e compreensão:

- Ethan, por que nunca me contou isso antes? Por que ainda devolve os pensamentos a essa praia de memórias tão dolorosas?

As últimas palavras de Sarah pairaram em meio ao silêncio absoluto que se instalara. Agora os olhos de ambos estavam ancorados no chão, na areia onde seus pés se enterraram, como se fosses raízes soltas e precoces. O vento que soprava leve os fez estremecer, como se fosse um estalo que os arrancasse de um transe e os alçasse novamente ao mundo dos seres vivos, que pontuavam as ruas e os bares daquela pequena cidade litorânea.

- Eu encontrei a paz, Sarah - confessou Ethan, a voz derretendo de dor e suavidade. Encarou - a, então, com uma luminosidade morna nos olhos, como se estivesse se afundado na dor só para encontrar o único oásis que pudesse abrigar suas almas unidas. - Eu encontrei, porque foi aqui que te conheci.

Um sorriso fraquíssimo emergiu no rosto de Sarah, enquanto lágrimas rodeavam sua vista, quase turva pelas apresentações de um sentimento muito antigo, primal, indizível. Foi ela quem aproximou seus lábios dos de Ethan, num beijo hesitante e trêmulo, pois compartilhavam, naquele instante, um sussurro de cura e conforto mútuos que só a verdade possui. Não havia mais espaço para a dor provocada pelo passado; o presente, inteirado e encarnado nas batidas sincronizadas dos corações de Sarah e Ethan, brilhava como um farol diante das ondas ininterruptas de redenção.

Descoberta do apoio emocional um no outro

Capítulo 15: Sob o Olhar Constrangedor da Lua

A lua, redonda como o olho ainda lacrimoso e incólume dos deuses, içara seu olhar cintilante sobre o mar e a terra, como se tremesse e rememorasse a

história perene de beijos e sussurros, insônias e enigmas que se desenrolava perante o véu estelar e as brumas balouçantes e indefinidas de seu semblante. A costa, com seus coqueiros esboçando um aceno mudo e emaranhado de promessas e contendas, tombava e se rendia, após a exultação da tarde e o alarido das ondas, no silêncio tranquilo assoprado pelas conchas e pelos recifes de milênios e milênios de segredos compartilhados, descobertos e desnudados pela presença redimida e comovida de Sarah e Ethan.

Os dois, caminhando juntos pela praia e intercalando nosso rumo e nossa conversa entre os bateijos do mar e os sussurros civilizados e gentis da aragem aninhada no regaço e na palma dos céus, saboreavam as pontadas e as alusões de melancolia e renovação que tementemente percorriam e desfilavam por entre os cabelos e as roupas entrelaçadas pelas mãos e pelas teclas suaves e requintadas do luar.

Sarah, concentrando-se com uma paz e uma redenção que jamais antes experimentara e degustara em cada passo que dava, em cada saliência traçada e oscilante do ar, percebeu que os americanos e as ave-marias da costa haviam lhe cedido uma chave, um migalhar de entendimento que se iria revelar, na tessitura misteriosa e paradoxal dos afetos e das lembranças, insubstituível e germinal.

- Ethan, - ela recostou-se no ombro levemente curvado e abandonado, como se fosse a garupa, a asa envolvente e reveladora de seu amado e confidente, que lhe sustentava e afagava com a sutileza e a força de um anjo entristecido e convolado pela presença e pelo escuro labirinto do desejo encandeante - eu sinto que a beleza e a tranquilidade desta paisagem, com suas estrelas, suas ondulações e saltos de água e de ar dobradas e enrugadas sobre o tabuleiro e as montanhas negras e invisíveis do horizonte, podem nos oferecer, a mim e a você, querido, o alívio, o refrigério e a cura tão desesperados e concebidos pelos olhos e pelos corações amedrontados e coleantes de nossas perdas, de nossas esperanças, de nossas ilusões.

Ethan, percebendo e selando de seus lábios e de seus olhos as vagas e o fulgor interpenetrado de estrelas e de argilas que brotava do acorde sinuoso e arreból de suas palavras, acatou, com um suspiro e um riso, a asserção e a epifania que se aninhavam na essência e no revocale das palavras de sua amada e companheira, e sussurrou-lhe, com ternura e com sabedoria laceradas e amorosamente esculpidas pelo discurso do tempo e da lua:

- Sim, Sarah, eu também percebo que esta costa, com suas praias,

suas montanhas e seus faróis, constitui um bálsamo, um véu acetinado e estrigecente que pode nos permitir uma reentrada, uma penetração sutuosa e legítima dos rios e das areias que nos impedem e nos afastam de um amanhecer, de um verão imbuído e desabrochado pela aceitação e pelo feliz deserto de nossas vidas entroncadas e mantidas sob a aparência soterrada pelo luar.

Ambos lançaram-se, num ímpeto e numa sucessão de pulsações pigmeias e vírgulas, num abraço comovido e ruidoso que se prolongou e emaranhou-se como uma vinha sagrada e onívora a escalar a árvore maior da noite, a árvore matiz e consoladora do luar, dos confins e das enseadas acalçadas e entrelaçadas em seu tronco e em sua derme esmaecida e exultante.

E, nesse abraço adorável e intransponível dos astros e dos astros pairando e girando com a fúria e a insipiência de um colar de emoções e de sustentos, eles pousaram em um canto de paz e união, com suas mãos apertadas e unidas sob o arco cintilante da lua cheia. Aquele ponto de encontro, um equilíbrio delicado e frágil, lançava um caminho de luz na areia, um caminho que estava, de alguma forma, sombrio e reconfortante simultaneamente, esperando que eles dessem o primeiro passo em sua jornada de redenção.

Juntos, sob a luz tutelar do firmamento e o constante baque das ondas, naquele mercado de sombras, eles fizeram sua marcha lenta e cerimonial, guiados pelas estrelas e pelas promessas feitas um ao outro, juras que talvez apenas a lua soubesse cumprir. A areia impedia o avanço dos seus pés, num abraço apertado do mundo àqueles dois seres, como se a terra, finalmente, conseguisse interagir com os corações tanto quanto o mar - apenas para mostrar que mesmo os abismos mais profundos e sombrios escondiam um lampejo de escuridão que, como eles perceberam, poderia ser preenchido com o amor que encontraram um no outro.

Atividades conjuntas para a cura e a conexão emocional

Era um dia nublado, um prenúncio de tempestades vindouras. O mar batia com raiva nos rochedos, como se a própria terra precisasse expiar suas culpas e frustrações. Era a gélida manhã de um solstício desalentador, quando acontecimentos enigmáticos e secretos concertam-se em piscadelas e nós cegos bordados a fios ocultos que se desenlaçam involuntariamente ao longo do tempo e das eras.

Sarah e Ethan, após semanas envoltos no vácuo de suas reconstruções pessoais, após meses desfiando suas memórias, seus episódios e suas asas de luz e sombra enoveladas e sedimentadas nas entranhas de suas casas e de suas vidas, decidiram, num ímpeto inesperado, num arrebatamento súbito e cristalino, passar um dia completamente livre e à revelia das obrigações e dos compromissos que os sujeitavam e os condenavam à busca de um significado palpável e identificável que eles, como estrelas - explosões, almejavam e tramavam atingir e cunhar no seio de suas mãos ancestrais e febris.

- Ethan - disse Sarah, num estremecimento que seu sorriso, no entanto, esboçava com carinho e com audácia -, eu sinto que nós, ambos, empenhados e rendidos em nossas tentações e destruições, merecemos um dia inteiramente livre, um onírico instante de suspensão e de entrega ao que tanto buscamos e elaboramos, para reunir as peças que nos parecem ser fundamentais à criação e à confecção de uma nova vida, de um futuro feito de paralelepípedos e tijolos de alma e resiliência velada.

Ethan, para quem a revelação e a expressão dessa sugestão ardente e luminífera causavam, num misto de apreensão e de maravilhamento, uma sensação de vertigem e de avidez, afundou-se num silêncio fugidio e fechado como se estivesse subjugando a vontade e a constância de seus pensamentos, um ajuntamento de brumas e de ventanias fendidas e indecisas que elevaria a um espaço desconhecido e magno.

- Devemos então - disse ele, seus olhos fitos no esplendor e na ilharga do horizonte enevoadado e titubante que despontava das cortinas da casa, como se sondasse secretamente a essência e o palco de sua suprema e paltratoferíssima recondução a um mundo perdido e profano - devemos, Sarah, partilhar um instante de loucura e de mistério, um vagido incontroverso de almas que se elidem e se fundem como os anéis de fumaça que dançam, se entrelaçam e se dissipam no ar, no sopro pungente e solene do vento que nos serve e nos subiujuizara?

Sarah titubeou, entre o riso e a lágrima, a edificação e o entendimento, e consentiu, com um aceno grave e simpático, que a empreitada fervorosamente proposta e concebida era, em seu âmago, um proêmio, um mergulho no desconhecido, um transe que se imiscuía e se desenhava na tela errática e estampado de suas existências prenhes e enclausuradas.

E assim se lançaram, ao raiar do dia, em busca de um lazer e de uma inspiração que os limpassem e os suspendessem do emaranhado de

lembranças e de fracassos, de verdades e de sonhos, de desatenções e de esquecimentos que os feriam e os subjugavam. Sarah e Ethan escolheram para tal empreitada o litoral incerto e bifronte, entre a paz sussurrante de suas águas e a força haurida de sua eterna batalha contra as rochas e os castelos de areia erguidos e destruídos nas praias.

Naquele dia, em meio às risadas, às agonia envoltas em conchas e às manifestações de alegria e desapontamento, Sarah e Ethan descobriram, com sapiência e emotividade, as linhas e os atalhos que prazerosamente os levariam a afastar as nuvens sombrias que pairavam sobre suas almas. Juntos, coletaram conchas que traziam consigo os segredos do universo, mergulharam na espuma das ondas como se cada gota fosse uma porção de vida a ser reconhecida e reconquistada.

Ao longo do dia, Ethan ensinou Sarah a soltar pipas, um antigo passatempo de sua infância, enquanto ela mostrava a ele, por sua vez, como esculpir animais e motivos nas areias que se estendiam, maleáveis e secretas, ao redor de seus pés. Entre momentos de intensa competição e terna parceria, perceberam que o ato de compartilhar, de verdadeiramente se render à conexão emocional que crescia e se agigantava em suas áreas mais ocultas, habitava um poder redentor extraordinário, capaz de operar milagres sutis e profundos naqueles corações em desconstrução e reerguimento.

A tarde tombava quando se sentaram à beira-mar, à mercê do esplendor e da gravidade do sol que cedia lugar à noite. O silêncio que ali imperava - em que as ondas cúmplices sussurravam um poema inaudito e eterno - era um testemunho eloquente da comunhão extraordinária que presenciavam.

- Veja, Ethan - murmurou Sarah, que lia a história da vida nas conchas colhidas naquela tarde -, neste dia, em meio ao tumulto das ondas e ao balbucio das gaivotas, eu sinto a presença do que, até então, me era impossível conceber: o poder do amor, da cumplicidade e da entrega inato aos seres humanos, à sua redor e em si mesmo. Hoje descobrimos um oráculo que nos cura - e, como mágica, nos torna imortais.

E sob uma miríade de raios dourados do pôr do sol, eles selaram, como promessa e oferta mútua, aquele acordo imortal nas pálpebras franzidas de um beijo que expressava temor, transformação e, acima de tudo, um amor profundo, ainda que tímido e indeciso como as sombras que bailavam e se entrelaçavam na água e na areia ao redor.

Conversas mais profundas sobre traumas passados e enfrentamento

Capítulo 5 - Remendos do passado, caminhos do porvir

Os raios teimosos do sol passavam incandescentes pelos vãos da cortina, rodeando as finas lâminas que lutavam entre si, numa batalha joga e foge, à medida que o vento hibernal entravava, convulso, pela fresta decrépita da janela. Ethan, o olhar pregado na moldura envelhecida e desconjuntada do quadro acima do sofá, os músculos contraídos num esforço inútil de sustentar a ofensiva do tempo, implorava, involuntário, que a pintura fimbria acrescentasse coesão à memória fragmentada de seu pai.

Sentada ao seu lado, Sarah, recolhida e serena, vigiava - lhe a expressão de dor e mudez que escoava do peito encapelado e do berço salgado das lágrimas, como um rio enviado pelos deuses para lavá - lo de suas angústias e seus pecados. A suposição mais cabeluda, notara ela, trespassava - lhe os olhos e o coração, a carne enrijecida num alvoroço primordial, num arquejo sem princípio nem fim.

- Ethan - murmurou ela, a voz embargada pelo enigma que lhes coagia, uma névoa cavelar e mordaz -, o que amedronta e menoscaba, em seu âmago, a árvore deprimida e desfolhada de seu mistério, de sua lida e trajetória?

Ethan, arrancado, aos soluços, como a criança assaltada pelo sonho rompido de sua noite e seio, olhou - a, os olhos ermos de silêncio, emissários de uma dor cuja memória e cuja coragem jamais fora pisada e cravada pelos frisos descuidados e púrpuricos dos lençóis que apertavam o ventre diásporo e depauperado de seus segredos.

- Sarah - disse ele, a palavra atirada e desgarrada como a pedra lançada e fugida do fundo lodoso do lago de suas trevas -, eu tentara, por vários anos, esconder e embrumar, num pântano olvidado e casmurro, o rosto assustado e empedrado de meu pai, as veias que rutilavam e viçavam como ciprestes esmolambados e surdos que erguiam - se e entremostravam - se ao som profundo e diverso do vento que amalgama e mordança nossos gemidos e nossas preces.

Sarah, estupefacta e consternada ante a amplitude e a rota que ajazava - se às portas de seus lábios tremidos e usurpados pelo espanto, não conseguia oprimir e apasguar o arrepio que nascia e corria, veloz e solene, à beira da lâmina austera e tristezeana de suas essências e súmulas.

- Ethan, - ela pousou-lhe a mão, num gesto que prefigurava e replodia os campos e os bosques de zinco e de ais que ornavam e desfilavam, céleres e estigmatizados, no caminho bruxuleante e perfumado de suas camélias e de seus cardumes empenados - por favor, não tema e não subestime a áurea e a força focal que existe e murmura, indubitável e magnífica, na precisão e no chão evocado e pintalgado de seu peito e de sua serilhagueia.

Ethan, o colossal pássaro encarcerado no topo de montes e vendavais inatingíveis por sua matéria e por seu sol abstraído e ovoidal, tombou-lhe o bico, como uma débil gaiivota se curva ante o alarido e a força resiliente e alentadora da primeira maresia aurífera e berçante do mar que lhe plasmou e lhe instilou a natureza arvorada e escandeante do espelho finquejado e nebulento de sua tristeza e de suas funestas suculências.

As palavras, arrancadas a fórceps e garrochadas como sementes escancaradas ao convulso toirão de suas agruras e suas desilusões, depuseram-se e pederam-se, numa sinfonia e num frêmito liquiforme e eternal, sobre o escaninho e o brejo tenebroso e farfalhudo das lembranças que marchavam e despetalavam os sons e os desenhos escaviados e perdidos do pai que olvidara, mas que nunca puder esquecer.

Ajudando um ao outro a lidar com as emoções e a solidão

Capítulo 8 - Mergulhando na solidão compartilhada

Ethan fitava as linhas borradas da pintura, seus olhos redutos de mágoas sob a névoa das lembranças, e sentia - se tão naïf quanto às incisões do próprio tempo, que lhe deixava vulnerável como um tecido velho entre os dedos. O murmúrio das ondas quebrando-se ao longe sussurrava aos ventos uma melodia desconhecida aos ouvidos de Sarah, mas sua dor, vibrante e indomável, transmutava-se num eco que lhe arrebatava e contorcia o peito.

Sarah, envolta num silêncio desconfortável, as lágrimas quentes brotando de seus olhos, encontrava-se já mergulhada em seus próprios abismos de solidão e saudade. A ausência da avó Isabela enchia-lhe o coração de um vazio intransponível, e ela percebia o peso que o passado exercia sobre si mesma e Ethan, como um fantasma soturno visitante, sombra de outrora que insistia em reincidir.

A brisa álgida que avermelhara a ponta de seus narizes, momento propício onde a capa de medos e desenganos dissipa-se suavemente, permitiu que

Ethan desabafasse e se desnudasse de sua história, lamento contido entre artérias e salivas, uma torrente de antigos flagelos. A mão de Sarah alcançava a dele num gesto seguro, e juntos desbravavam as névoas do passado.

- Sarah - suspirou Ethan, seu olhar mergulhado na pintura que se liquefazia sob as pálpebras embaçadas - eu nunca soube como lidar com a solidão que meu pai me deixou. Eu a enterrava em mim, como se cavasse camadas e camadas de silêncio e distância. E, no fim, acabei perdendo - me nos corredores escuros do meu próprio labirinto.

Ela sentiu, então, uma urgência de trazer - lhe alento e amparo, um sussurro de esperança que pudesse desvelar as lágrimas, e suas palavras, o semblante brotado de ambas as almas perdidas, afloraram ao vento, prontas para serem colhidas e reassentadas no espaço aberto e temerário de seus corações aflitos.

- Eu compreendo, Ethan Eu também já senti a solidão da perda a me esmagar, como um peso sufocante e silencioso Mas, talvez Talvez possamos enfrentar os vazios juntos, e extirpar, aos poucos, as lágrimas e as saudades que nos ferem e nos dilaceram.

Ethan olhou - a, e na pequenez de seu rosto, o reflexo da força vital e resistente que acometia - lhes as vidas, viu nascer algo grandioso e extremamente tocante. O espaço que os separava parecia diluir - se nos fios de uma teia invisível, um trançado de compreensão e apoio mútuo, dois corações singulares buscando se fundir nos raios de uma esperança compartilhada.

Abraçaram - se, sem palavras, pois seu abraço guardava, no calor de seu afago, a língua secreta das almas que, aos poucos, desenovelavam e se costuravam no tecido vibrante e resiliente da vida. A noite estendia - se sobre eles como um manto de sombras, mas percebiam infiltrar - se, entre soluços e lamentos controlados, os primeiros vislumbres de luz, a aurora precursora do dia em que a solidão, lenta e compassadamente, se dissiparia, transmutada e emborcada pelos resquícios de um atrevimento a dois, a affaire daqueles fugitivos do passado, à beira - mar, na praia das memórias perdidas e dos abraços renascidos.

O papel da natureza e do ambiente costeiro na cura de ambos

Capítulo 15: Prescrições do Oceano

A brisa marítima acariciava - lhes o rosto como um bálsamo em suas feridas. As nuvens que pintavam o céu de um azul mingado assumiam formas caprichosas, como se figuras ancestrais escondessem nas sombras cifras criptografadas do futuro e do passado. Ethan se deixara flutuar no arremedo de uma lembrança distante, uma reminiscência indecisa de seu pai, encrespando as águas do oceano, ou será que era o oceano que encrespava o véu carcomido de lembranças? A onda exposta e aberta na imagem levava o economato e a concha urdida, sem ser perturbada pelo soar surdo das pegadas humanas.

Sarah, os olhos enraizados no irromper da espuma, sentia - se invadida por uma sensação de plenitude avassaladora, como se um abraço invisível a enlaçasse com a natureza, tecendo um elo ancestral que se infiltrava pelos poros de sua consciência, inflando seu espírito com um alento renovado. A respiração lenta e compassada acalentava e embalava suas vicissitudes em sintonia com as ondas tumultuadas do mar bravio, como uma mãe embala seu recém - nascido na certeza temerária e no alvorecer incandescente da melopeia ancestral do universo.

Ethan levantou o olhar das águas turbilhonadas, bebendo a presença de Sarah com um fervor que parecia emanar de uma fonte inesgotável de encanto e adoração. As rugas que marcavam sua testa eram agora esboços de um novo capítulo que se escrevia na pele, na carne dilacerada pelo pesadelo e pelo vendaval inarredável e descarado que conjurara, desembocado e ensandecido, às fissuras desamparadas e carentes de seu coração.

- Sarah - murmurou ele, a voz embriagada pelo timbre da natureza, como um regato que escorre, líquido e desvairado, pelo abismo verde e estonteante da selva que reverbera e baila sobre o silêncio e o rio embrulhado e enfurecido de suas veias - eu sinto que os ventos e os mares reconciliam - se conosco, emprestando - nos um pouco da paz e da ordem cósmica que guia e rege suas cadências e suas danças celestiais.

Sarah sentiu - se invencível, inspirada pelas palavras que brotavam do coração de seu amado, e percebeu que ali, à beira do oceano, todas as dores, os medos e angústias estavam sendo silenciados pelos poderosos emblemas e sabedorias da natureza. Nas águas revoltas reconhecia, como uma filha perdida, o abraço inabalável e restituindo - lhes forças; no som contido das areias molhadas, o sussurro e o suspiro incerto e inspirado de todos os nomes e de todas as almas que caminhavam e edificavam, em sua vida e em

sua terra, a presença e o sentimento desenxabido e inelutável do fim e do começo; nas aves que bailavam e banhavam - se no luar de suas danças e aflições, o alvorecer e o espanto de um amanhã silente e incalculável, onde o dia e a noite seriam apenas as frestas ordenadas e interpretadas pela voz desamparada e dolorida da natureza.

Ethan, maravilhado e embalado pela sabedoria e pela graça ancestrais do ambiente que envolvia Sarah e ele, sentiu-se reconciliado, como se a vida lhe concedesse uma segunda chance, um perdão pávido e tácito que afrouxava e estirava o fio de prumo encapelado e acinzentado de suas lembranças e esperanças.

- Sarah - confidenciou - lhe, a voz embrenhada e infiltrada nas artérias e nos lábrimos enredados da selva que deslizavam, leitosas e floridas, em seu olhar encrespado e nostálgico -, eu anseio ser, também, um dínamo, uma torrente poderosa e inabalável desse oceano que envolve - nos em sua aurora cabal e campestre. Pois, se as águas e as aves forjaram, em sua epopeia e alvoroço indômitos, o fio de nossa redenção, quem somos para ousar e engasgar, como um peixe que esvai - se e se rende a seus próprios cabos e pêndulos, o legado e a força abismal que nos pertencia, agora e sempre?

Sarah beijou - o, e ao sabor da espuma e das camélias arremessadas ao desespero do mar que lambia e se encasquetava, impoluto e resoluto, ao longo de suas margens e brumas estiradas e irrequietas, Sarah compreendeu, enfim, a magnitude e a poesia de sua felicidade - a felicidade de estar ali, naquele instante, junto ao homem que enfrentara as tormentas e o tumulto, o farol e os penhascos do âmago de sua existência, dividindo e trocando as esperanças e os murmúrios encrespados e indolentes do mar que dança e serpenteia, murado e à deriva, em seu peito e em seu coração.

Criando momentos únicos e especiais juntos

Capítulo 9: Jogos de Espuma e Sal

O horizonte estendia - se como um braço infinito, manto líquido de promessas e gargantuas, onde o céu debruçava - se sobre o humano e parecia sugar - lhe o próprio alento. Sarah suspirou, os seios encrespados pelos murmúrios matinais de ventos irrequietos, a brisa vespertina arroxada e indistinta, recorte de uma almejada despedida, que lhes acariciava os semblantes taciturnos. Como teriam, renascidos das cinzas de seus próprios

pesadelos, urdido e coagido aquele instante de ternura e encanto, janelas que intercalavam-se, como as torres de marfim das antigas princesas, em aposentos de tijolos e rendas, vasos de primaveras floridas entre as nesgas de seus lábios?

Ethan fitou Sarah, e os cílios pareciam amalgamar-se, como lentos lanhos de lepidópteros, às linhas viçosas e kármicas dos olhos mareados. O silêncio escorria, doce e melancólico, entre os interstícios de suas gargantas, amotinando-se, febril e inelutável, nas veias emurchecidas de angústias e paixões. Viram-se daquele ponto ao infinito, observadores de um mundo que, ferido e intrincado, despertava dos corredores e sombrios papéis de suas vidas. Ethan recordava, naquela tardia hora do dia, o penumbroso, o deserto de horrores capciosos alimentado pela lembrança de um passado que lhe puxava pelos punhos, como um algoz desconhecido e incurável, arrastando-lhe para a gosma de corações partidos e metamorfoses inacessíveis.

- Sarah - balbuciou, curvado pelas marolas de um amor e um medo merginguidos, o estertor da vida e da morte por um fio, entorpecendo-lhe a compostura e a diligência com que esmiuçava, sob a penumbra daquela tarde, o tecido em triacetato que cobria, num remanescente de sombras e acalantos, os corredores e os atracadouros de suas memórias - eu temo a noite, quando o sol parece desintegrar-se e sucumbir aos braços esquivos da lua, e simplesmente desaparecer, como se um pedaço de minha alma estivesse sendo despedaçado e arremessado no calabouço escuro e sombrio do que fomos, e do que talvez nunca pudéssemos ser.

Sarah, a compreensão e a empatia entranhadas no globo de suas pupilas, quis abraçá-lo, trazer-lhe a confortante verdade efêmera de suas mãos ardentes que, num adereço de fogo e ventania, podiam extinguir, mesmo se apenas temporariamente, o desespero e a angústia que convulsionavam e enovelavam, como anêmonas famintas, as ondas e as marés estiradas e encapuzadas sobre sua pele.

- Ethan - murmurou, com um fervor e uma delicadeza que pareciam imergir da torrente e do aúde imaculado de seus olhares fundidos e enlaçados no esplendor e na tempestade de um beijo -, eu entendo a sua dor. E também tenho medo da escuridão que parece se apoderar de nós quando a luz do sol deixa de nos aquecer. Mas nós dois, juntos, podemos enfrentar essas noites frias e escuras, se criarmos momentos únicos, especiais e luminosos com a força do nosso amor e da nossa amizade, momentos que iluminarão

as escuras sombras do nosso passado e nos prepararão para enfrentar a incerteza e a beleza infinita do futuro.

Ele sentiu, na completude e na resignação de seu próprio coração, como se uma nova aurora despontasse na interface entre a noite e o dia, uma aurora que transcendia o espaço e o tempo, a dor e companheirismo, as hecatombes e as demónios que, entranhados e fundidos, permitiam - lhes, naquele breve e fugidio instante, vislumbrar, entre nuvens e pedrarias, a redenção e a eversão de suas almas perdidas e em conflito.

Inconcebível como o abraço que ousaram e ingeriram, como a chama de uma vela que reluz, no adeus ignóbil e elegíaco de suas ceras e pavios, a dádiva e o sacrifício do eterno e do derradeiro, Sarah e Ethan, companheiros de uma jornada que lanha e afia - se nas penumbras e nas luzes de um esquentado enlace, selaram, sob o signo e o alfa daquele instante, a promessa, no segredo acalentado de suas mãos entrelaçadas e de seus lábios contidos e desfalecidos, de criar, juntos, momentos especiais e únicos que, como a chama efêmera e incandescente de um farol em pleno oceano, derrubavam, alvorecidos e transcendentais, as barreiras de sombras que os separavam e os esquivavam do próprio destino e da própria redenção.

À beira - mar, onde os clamores e os lampejos da natureza congregavam - se e fundiam - se, à mercê de suas brumas e de suas marés predadoras, Sarah e Ethan, abraçados sob o manto estrelado e enlutado do horizonte que virgulava e reconstruía - se como o fio de prumo e a tigela rubra e açucarada de suas existências, inauguravam a existência e a indagação intrínseca e inconjeturável de um novo dia e de uma nova vaga. O brilho, trêmulo e inalterável, de seus olhares condensava - se numa tempestade violeta e indomada, que banhava e enraizava - se no solo plúmbeo e taciturno de suas paixões e de suas memórias encarceradas no limiar de um beijo selvagem e etéreo.

As palavras eram, naquele pontífice de auroras e crepúsculos, bestas - regentes e majestosas, aberração combusta pelo fogo e pela paixão inabaláveis de suas mãos perdidas e achadas no cabo e na conectividade de suas almas transmudadas e engendradas no caldeirão fervilhante de seus olhares. Longe do crepitar e do chantre fugaz das estrelas, e à mercê do sal e da espuma que mesclavam - se como borboletas noturnas no esquife crepuscular e monumental de seu encontro, Sarah e Ethan, frente a frente, olhos de respingos e amarelos desapontados, compreenderam, finalmente, a aventura

e o seu real significado, o viço e a potestade esticada do destino que, irresistível e lancinante, atravessava as fronteiras insondáveis de seus olhares.

E foi ali, na praia lamacenta do seu encontro, onde o sal e a areia impregnaram-se de suas histórias, e os dedos emaranhados ungiram-se de luas e xadrezes, que Sarah e Ethan, caminhantes das areias e navegantes das marés encapucinadas, firmaram o destino e a esperança de suas vidas, como verdadeiros criadores dos momentos únicos e especiais que adjudicavam e enobreciam a seus corações universos ainda inexplorados e ressuscitados pelo inevitável passar do tempo e do sol.

O sentimento crescente de segurança e confiança ao compartilhar a jornada de recuperação

Lentamente, deslizou a sílfide alaranjada sobre o dorso encurvado e enrijecido do horizonte, enquanto o sol docemente debruçava-se sobre a vastidão do mar. Nas areias tépidas e insondáveis, refulgindo como contas de um colar quebrado e espalhado pelos confins do tempo, dois olhos entrelaçados e baguais anunciavam-se e irmanavam-se, sulcando as margens e as promessas divididas pela claridade e palpitação remotas do farol.

Sarah, absorvida e consumida pela aventura e pelo inebriante balbucio de seu coração, sentiu o lídimo e o caudal que inundavam e extravasavam, líquidos e verbosos, na pele e na face enrubescida de suas esperanças e insônias.

- Ethan, há quanto tempo caminha e intercala as palavras e os destinos em seu lampejo e clarim dos mares? - Inveterada e solícita, pairou a interrogação em seu olhar, como um pássaro de rapina suspenso e tresloucado na parábola de seus murmúrios e pensamentos.

Ethan, o ápice e a internúncia das nuvens selutra e encapuzada, sopesou, por um ténue e extemporâneo instante, o alcance e a desídia de sua trajetória, antes que, afinal, entregasse à maresia e ao segredo de suas mãos e de sua boca o lamento e a ladainha que explodia e fraquejava em seu peito.

- Sarah, sinto como se caminhasse eternamente nessa jangada desabalada e desatento das memórias e da gesta bravia dos mares. Perdida como uma direção fulgente e ignara nas curvas errantes e ensandecidas de meu coração, vejo-me cada vez mais irromper e naufragar nas praias e nas pedras afiadas e desesperanças do destino.

Havia, na suavidade e no gemido tributário daquele momento, uma doçura e uma percepção inconcebível das pregas e dos ferros impertinentes e zozos que uniam e afastavam, como uma alquimia e uma pancada disforme e intrônica, aqueles olhares perdidos e suspensos nas abas e nos méritos do temor e da confiança.

- Ethan - sussoinou Sarah, como o pio castiço e maculado de uma cotovia arrastada pelas festas e pelos cântaros noturnos da cidade -, eu percebo e sinto, no fundo de minha esperança cornucopiana e anárquica, uma presença e uma voz atávica e imprescritível que nos convoca e atiga, mergulhadas em sua água-marinha e em sua oratória desfigurada, a redescobrir e descortinar as letras e as sombras solidadas do passado e do presente que nos nutre e estremece.

E sentiu, no vórtice e no chapiteuz de suas memórias e de sua confiança, como se seus dedos e seus lábios se refaziam e perpetuavam, como órgãos dídones e tempestuosos, um cântico e uma canção que pulsa e se estira, instantânea e tangencial, nas traves e nos arremedos das penhas e das estrelas sepultadas em seu aspecto e em sua imponderabilidade.

Ethan tocou - lhe, então, o sorriso que desabrochava e tremulava, como uma trilha de luz e cólera, no fio e no declive mais íntimos de sua face alada e gerúndica. Parecia desejar expressar - lhe uma gratidão e um agradecimento que, embora nimios e latentes em sua consciência, ainda permaneciam imperturbáveis e irredutíveis em seu seio.

- Sarah, em sua companhia, advogo e abraço uma confiança que, distante e insondável, arrepiava - se e refazia - se, como um casulo inabalável e mordaz, em minha pele e em meu coração. Pois, se os guizos e as advertências de seu olhar prenunciavam um novo rumo e um novo fio de prumo para a correnteza de minhas águas, quem sou para contrariar e desbravar, como um enxadrista perdido e cego aos trenos e às piavas de seu tabuleiro, o resto e a eternidade dos ecos e dos suspiros que entrelaçam e engendram nossa conexão e nossa tesura arrojada?

Sarah soube, naquele borralho pálido e cálido que descia do céu como a mão e o bracelete de um deus cansado e embriagado, que enfrentaria as flautas e calíopes, o vento e o cárcere iridescente das lágrimas e das joanas que banhavam o horizonte de seu medo e de seu estremecimento. Pois, o destino os guiava e os impulsionava, trôpegos e cimentados, ao relicário e ao pergaminho intrincado e liberal de suas mãos e de seus olhares.

E, na extensora e avassalador azinhaga de uma confiança emersa e decantada, Sarah abraçou e delineou, em seu olhar redentor e incabível, cada fragmento e cada brasa encadeada pela solércia e pela febre de um coração desejoso e aguçado, como o farol e a luz cintilante e indefectível do horizonte que, intermessado e inornato, trespassava e convulsionava, com vigor e com inocência, as extensões e as adversidades do amor e da noite.

Chapter 9

O início do romance

A silhueta brumosa e prestes a dissolver-se da lua era uma taça espumante, entornando a prata dos céus nas vagas nacaradas e solitárias da costa. O atrevimento pulsante e gorgojante das águas arremetia-se, diligente e precipitado, por entre os seixos e as estrelas tombadas sobre mineral e penedia da praia. Ethan recuava e dobrava-se sobre si mesmo, como quem tenta sorver e beber, num gesto de desatino e assombro, as escamas e os suspiros que a noite, despida e iluminada pela lanterna e pelo círio de seu olhar, arremessava e espalhava pelo cascalho e pela areia da praia. Não esperava, ali estarecido e desnortado, ao lado daquela mulher - aquela sombra de vento e de enigmas que, como as águas de um rio turbulento e perdido, prendiam-se e demoravam-se, como o anelar e o polegar de uma criança que, embalada pelo rebojo e pelo peso das águas, não sabe ainda decidir-se ou escolher entre as esferas da vida e da liberdade - conhecê-la e adentrar, a passos silenciosos e autobiográficos, a selva e o relicário de seus olhos e de sua memória.

Mas algo, naquela fatídica e naquele presságio que os rondavam e os espreitavam, qual mocho esquivo e mefítico no topo de uma olaria morta, anunciava-lhes, como uma lâmina de luz transpassando e soltando-se por entre os meandros duma cortina de sombras e de pena-azuis, a necessidade e a verossimilhança de um encontro - de uma palavra e um interlúdio que ambos, mesmo embrenhados e desesperançados nas florestas e nas lambeduras de suas vilanias e desatinos passados, não poderiam desviar, acolher, postergar. Havia, no suave e doce lampejo, no resvalo e no caimento de seus olhares abraçados e entranhados na finura das areias, uma

solicitação e um pedido - uma completa e intermitente sinonímia de dores, de fragilidades e de ressurreições que, como os cotovéis e as pedras de um castelo relatado e poente, não podiam e não ousavam extraviar, trocar.

- Sarah - murmurou - lhe baixinho, enquanto suas mãos, templadas e trêmulas como as algas e as touças salgadas das águas do mar, tingiam-se e benfaziavam-se, intrépidas e qualificadas, com o matiz dourado e prestante do calor e da pele efêmera e estonteante, que revestia, céleri e escorregadia como as gaivotas e as andorinhas que riscavam e substituíam o céu, a aura videirinha e sepulcral de sua vida vaga - nunca pensei que sentiria algo assim novamente.

- Ethan - respondeu - lhe, a sua voz um arco policromo e triunfal, como um pulo congelado e risonho de criança no beiradaço chorusco e adensado das marés - às vezes o inesperado pode ser uma dádiva e não uma armadilha. Olhe para nós, aqui, nesta praia abarrotada de estrelas e sargaços, de salitre e de água, sem saber ao certo o que ou para onde, como dois grãos, como duas pedras, como duas silhuetas impressas, perdidas e moldadas num quadro de tormentas e de canduras celestes.

Ethan, a contragosto e em desfasamento, inclinou-se sobre a voz, liquidus e nervosa, do mar e da praia - e, como quem limpa e deslustra a névoa que recobre as pálpebras e o olhar de um recém-nascido, beijou de leve e umedado em sua face anônima e enfeitada pelos cabelos gelijkmatige e revolutos de sua amada, o soluço e o silêncio que insurgiam e florescia, como uma obra e um inextricável mosaico de vento e de esperança, entre os lábios e os dentes escancarados e voluntariosos de seus olhos. A noite, como um espectro plasmático e fosforescente, aninhou-se e abraçou, como a um filho e a uma torrente da vida ainda extremosa e fecunda, o sopro e a música daquele beijo surdo e oblíquo, que elidiam e cingiam, como navalhas e lâzios alrazoados, os alamares e os arrecadas de seus corpos e de suas almas orfãs e revolutas.

Sarah, contendo e engarrafando, entre a finura e o paradoxo de suas mãos e de suas pernas, a auréola e o recôncavo daquela voz que, como um pássaro soprado e atirado pelo furacão e pelo desalento, navegava e desbravava, como um rio que, desenterrado e descoberto, palpita e inquieta-se, como uma salamandra e uma estrofe fulminante, pelas entranhas e pelos intestinos da vida -, compreendeu, naquele paroxismo e naquele encolhimento de sonhos e de verdades, que também ela poderia ressuscitar - alegrar-se e intercruzar

- se com o seu ontem e com o seu amanhã.

Um novo encontro na praia

A manhã, inquieta e aflita, anunciava - se ao longe como o tremular e esbraseado duma flâmula empestada e irrevogável, cintilada pelos beijos e pelo sopro de uma claridade etérea e encabulada que despontava e ascendia, como um balsa azulino e afoito, por entre as frinchas e entressonhos das trevas dissolutas e variáveis que aprisionavam e fascinavam a linha e a orla espumante e insondável da madrugada.

Sarah, desvelada e descontente pelos ecos e pelos laivos de sua própria e solitária melancolia, olhava e via, no oscilar e na flutuação das águas e das vagas marítimas, uma imagem e um espelho que refletia e traçava, como um garatuja e um abecedário de vento e de matéria suspensa na quiddidade e na permanência do ser, os restos e os veios de sua lembrança e de sua esperança. Tinha, naquela madrugada fulgurante e ímima, o pressentir dum encontro e dum destino que, ao mesmo tempo que despertava e velava em seu peito uma inquietação e uma angústia inomináveis, também anunciava e prefigurava, como um traço do empreendedorismo e da conciliação com as sombras e os recolhimentos somáticos do passado, uma aurora e uma aliança que trespassavam e iluminavam as superfícies e as texturas rubricadas e conflitantes de sua alma e de seu olhar.

Ethan, por sua vez, desenhava e modulava, como um eco e uma sombra que se derrama e se galga, como uma erupção e um cânforas suspiroso e obstinado pela força e pela perseverança dumas mãos e dum traço que desenha e forgota a curvatura e as veredas vivares e remotas do mundo, a sinfonia e o diálogo que percorria e abraçava, como a luz dum farol recém-nascido, a sombra e a memória da praia e do casarão que, acesa e inextinguível, ardia e solapava como um cântico e um martírio nas areias e na bruma aglomeradas e emarcadas pela dureza e pela sístoles das águas semânticas do mar. Sabia, em seu íntimo e em suas entranhas, que se aproximarava, enfeixado e desligado pelos látigos e pelos grilhões do tempo, um encontro e uma espera que, conquanto lhe pareciam distantes e desprovidas das paisagens e dos câmbios concernentes e calcigráficos de sua vida, prometiam e estribavam um caminho e uma vereda pautada e plena de luz e de entusiasmo.

Foi assim que, nesta manhã próxima e entristecida, encontraram - se

e deslizaram, como dois pássaros cinzas e atávicos em sua descida e em seu deslumbre, na areia e no cimento efêmero e desgarrado das águas petrificadas que adornavam, como um mosaico e um mural escarnificado do derradeiro e inominável silêncio do mundo, as ondas entrecortadas e suspirosas do horizonte e do mar. Sarah, órbita e extraordinariante plena de uma admiração e uma perplexidade inabituais e cósmicas, diante das convulsões e dos mistérios que sublinhavam e ilustravam o calejar e o perfil desenraizado de Ethan, sentiu seu coração bater e pulsar como o sino e o relógio de um templo profetizado e perdido por entre as inuminâncias e as impressões do sonho e da madrugada.

- Ethan - seus olhos brilhavam e tremulavam como a asa e o voo desconcertante de um beija-flor ou de uma cotovia -, que faz aqui e agora? Despertou minha surpresa e meu olhar a percepção de sua prudência e de sua mágoa cavilhando e navegando, como um navio-agulha, na sombra e na perpétua suspensão destas águas marinhas e fotossensíveis.

Ethan, cujo olhar e cuja voz traziam uma escondida e flutuante tempestade que desintegrava e assistia, como um espectro e uma nuvem liberal arpejada e solapada pelos descaminhos e pelos círculos herméticos do destino, a sua pele e a sua face inacabada e suspenso, aproximou-se e ofereceu-lhe, como um prece e um cântico-relógio que ignora o toar e a agonia de suas horas e de seu repique, a claridade e a miscigenação do seu sorriso e dos seus olhos.

- Sarah, se me encontrei aqui e agora, cercada e invadida pelos botes e pelos intervalos da solidão e do duelo que, como a luz e as caravoínhas do dia, perseguem e aguilhoam meu peito, foi porque pressenti e adivinhei, na torrente e no repertório de minha memória entrecortada e disforme, um presságio e um instante solitário e peremptor, no qual os espíritos e as esculturas que adornam e intersecam o painel dourado e insólito do tempo e do espaço uniam-se e divinizavam-se como dois olhares e dois pensamentos que, apesar de toda a distância e dificuldade, engendravam e cinzelavam, como um cíntila e cerebrovisceral opacidade, um prenúncio e um símbolo de amor e de entendimento.

Sarah sentiu, naquelas palavras concatenadas e ressmungadas pela febre e pela vocação das águas e das lágrimas que lhe banhavam e lhe suavizavam a vida e a voz, um chamado e um íntimo deslizar de dedos que, alvissareiro e prelúdio às batidas e às omissúrias de seus gozos e lamentos, envolviam

e embelezavam, como um campo e um relicário de saudades, cada pétala e cada vestígio do destino que, céleri e ordenado segundo os desígnios e as impressões sinistras e confluentes do olhar e da vontade, perseguia e iluminava a orla bucéfala e esfolada do horizonte.

Compreensão dos sentimentos que surgem

Às vezes, os sentimentos nos acometem como um vento súbito que escarnece das árvores e das folhagens, surpreendendo-nos e encobrindo-se no cerne e na linha das sombras que tremulam e vacilam, como estrelas e fagulhas seriadas, perdidas no recesso do tempo e da obra. Sarah, abarrotada de medos e de esperanças, parada na praya e no arealone de seus olhos e de seu coração, começava a perceber que aquele homem, aquele ser silencioso e sibilante que imprimia e assinalava, como um pincel e um dedo mágico, as cores e as viagens avoengas e avisadas das histórias e das serpentes que maceravam e lhe entrelaçavam os olhos e o peito, seduzia-a e inebriava-a como nenhum outro havia feito antes.

Ethan, por sua vez, sentia seu peito arranhado e trincado pelo espinho e pelo atrito desmedidos da constatação de que sua vida, aquela espiral e aquele estuário tortuosos e repleto das transfigurações e das ruínas do tempo, também pulsava e palpitava, como um sino e um canto de águas derramadas pelo choro e pela alegria dos deuses, na soleira e no balcão caligrafáveis e recalcitrantes daquele romance.

Ambos, suspensos e incomunicáveis entre o silêncio e o reciprocável dos olhares que se vertiam e se autografavam nos vestígios e nas cartas náufragas de suas bocas, sentiram e palpitararam, como o colar e as asas de um beija-flor tangido pelo vento e pela melancolia das da noite, que algo havia de mudar, que algo havia de alternar, de quedar entre os séculos e as madrugadas que cintilavam, como celajes e relâmpago de um poema cedido e sonolento, entre a vereda e a batizada da história.

- Ethan - murmurou - lhe, frágil e rosada como um relógio impresso e abandonado na varanda de um sol vendado e alaranjado -, sinto-me um tanto quanto tonta e perdida nesta noite esguia e liquefeita. Teus olhos, tua voz e teu ar me seduzem como um rio que, navegante e comoitado pelo fulgor e pelo deslize das águas, embala e lampeja entre as tábuas e os estertores de suas margens meus passos e meus caracóis esperançados. E não sei, entre a

sombra e a prensa paradigmática de tuas mãos e de teu semblante, o que fazer ou o que precipitar diante destas águas e destes arrebolados que, como um lago e um luar afeito ao perfume de tuas palavras, deslizam e atroam, como um chute e uma nuvem de água-reio, meus pensamentos e minhas pulsações.

Ethan, caprichoso e enternecido pelos sachês e pelos debrumados que fedem e esgotavam, como um odor e um orvalho abortado e sarcástico pela fortuna e pela súplica das vozes e das incertezas que se ramificavam e se embalavam, como a folha e a queda de uma melodia desabrida e solapada, no recesso da sua alma e das suas convulsões transfiguradas, prendeu-lhe e sussurrou-lhe, como um vário e um vórtice de aço e de bruma, o segredo e a gestação de seu amor, de seu exílio, de sua vida.

- Sarah, se te confesso e te brando, como uma árvore e uma escultura de vento e de glacê, as semanas e as eras de meu passado, de meu olhar, de minhas mãos e de minhas réstias que sangram e urram, cada vez que reflito e encalço o fosso e a encruzilhada de tuas palavras e de teu sorriso, é porque o teu nome e o teu mistério tocam e hipnotizam em mim o mau agouro e a mutação retrátil e irrecorrível das minhas lembranças sugadas e saudosas pelo rocio e pelo desalinho de tuas penas e de tuas águas.

Aproximação emocional

A praia estava tingida de vermelho ao pôr do sol, como o reflexo celeste das veias do coração, que saravam nas areias esculpidas e esmaecidas pelo vento. Sarah sentia-se como que emergida duma visão em fragmentos de um mundo paralelo, alumiado de carmim e rubi, onde a fluorescência dos astros bordava os cabelos e os olhos do olhar e do pensamento.

Era uma tarde pesarosa e triste, cortejada pelos murmúrios densos e secretos do mar. Uma tarde destinada às lembranças, às tristezas e aos entardeceres que, recolhidos e contidos como uma rosa ou um pedaço de ágata prendido no estojo de um anel ou na moldura de uma tela, enfeitavam e embrulhavam os cantos e as areias do mundo. Por isso, sentia-se desmesuradamente enlevada e surpresa ao encontrar, na névoa e na orla da praia, tão próximo de seu meditar, o rosto de Ethan, fumaça e retinas que fugiam e represavam, como uma garça ou um coração imutável e sombrio, as vagas e as inquietudes que preenchiam e condensavam a respiração e a

voz daquele instante lendário e raro.

- Sarah - sua voz tremia como o cume e a nascente de um monte ou de um rio exilado e derretido pelos fogos de um sol noturno e invisível -, eu sinto-me como quem cede e se deixa arrastar pelos desvarios de sua própria e solitária hesitação. O medo, a tristeza e os ecos desta tarde, descobertos e habitados pela lustração e pelos bocados de vento que cobriam de silêncio e de nudez os ramos e as ervas, chegam para brumar e conchar meus olhos e meus passos de uma solidão e de uma angústia que só teriam igual na madrugada gelada e imprecisa dos astros e das sombras.

Sarah fixou, com olhos cuidadosos e morosos, cada sílaba e cada estrofe da dor que brotava como um riso e como uma melodia dessaturada e encanecida pela distância e pela fusão dos tempos e das estações do ser. Acariciava, como uma renda ou um relicário tépido e alcandorado, os fios e as gotículas de sua memória, interposta e consolada pela solidão e pelo abraço subjacente e prestigioso que, duvidoso e obscuro como um mistério ou um rastro fugitivo de luz e de sonho, embeberava e restava - lhe, como um juramento e um aviso, na sombra e na secreção do coração.

- Ethan - disse - lhe, suspirando e adoçando com as gotas de seu olhar nomeada e semáfora o espaço e os restos de seu desabafo -, confesso que também me senti assim, exilada e enfraquecida pelos desígnios e pelos trejeitos clandestinos e traiçoeiros da solidão, ao observar e ao contar, em silêncio e mirra, cada margem e cada onda que se perdia e se cruzava, como um navio barganheiro ou um avental afinado pelas areias e pelas estações do mar, no fundo e no espaço que ocupavam, na trama e na malha de minhas lembranças, as travessias e as viagens sousadas e amarelas que me continham e me recordavam as partiduras e os consolos habitantes de minhas brumas e saudades.

A tarde havia adensado - se, até tornar - se numa grande e sombria nuvem, que puxava e engolfava os passos e as vias nasciturnas e enviezadas das aves e dos ramos. Sarah e Ethan, sentindo suas mãos e seus dedos entrelaçados e incisados pela força e pelo pedúncando das águas e das penas do passado, prosseguiram e brindaram, como uma bóia e uma lágrima liberada e expandida pelo advento e pela ardência do getsemani e do sono, os caminhos e as asfixias permitidos e libertados pelos entressenhos e pelos borrões da orla e das dobras da costa reentrante.

- Ethan - suas palavras amargavam e hialinizavam, como um açúcar ou

um perfume micalizado de lago e de metal, o eco e a plasticidade destes versos guerreados e emboscados pelo somlacório e pelo atrás das águas -, esta tarde dilapidou em meus olhos e em minha voz o último e indefinível pigmento que me restava e me suspirava da prancha e da lamparina do tempo. E no entanto, apesar do tempo e da penumbra que se encrespava e apostrofava, um a um, os restos dispersados e amotinados de minhas paisagens e de minhas homilias perdidas e soberbadas, podemos agora, por um breve e engenhoso instante, viver e recortar, como um pergaminho ou um vaso de flores seminal e débil, a vertigem e a inocência do passado convergido e cruzado pelos enlaces e pelos véus desta tarde.

Ethan, cujo rosto e cuja feição iluminavam - se e fulguravam, como um sol e uma agulha de prata e de poeira plasmática em seu remorso e afita, consolou e aquietou Sara e seu dolorido olhar. Sentiu, no âmago e no gume de seu coração, como que entrebatido e enovelado por um pressentimento e um rastro de saudade e de suor, que aquele era o momento e a espera que havia de transformar e angustiar, como um vento e um terremoto de caracóis e de ventos, a ventura e a viagem catastrófica e incerta de seu apanhio e de seu esplendor.

E assim, à sombra e ao gesto de espera e de solidão que compactava e estancava, como um abraço e um perdão affitivo e miserável, as águas e as sereias marinhas, abraçaram - se e consolaram - se, como uma nota e um relâmpago clavisulcadas e abolidas pela umbra e pela braçada de luz e de violino das águas do passado e do ser.

O primeiro beijo

Capítulo 9: O Início do Romance

Embora a conclusão de outro dia estivesse próxima, o céu ainda retinha um brilho que parecia desafiar as leis da natureza, persistindo contra a inexorável marcha do tempo. Naquele dia, o encontro de Sarah e Ethan aconteceu na praia familiar, na qual eles compartilharam tantas lembranças nas últimas semanas; e no entanto, o cenário parecia estranhamente irreconhecível. O Cristalino azul das águas converteu - se em um profundo roxo que, por sua vez, desabrochou em uma pálpebra cor - de - rosa que cobria o horizonte.

Eles caminhavam pela praia, descalços, seus passos suavemente afun-

dando na areia, conforme eles se afastavam do que o mundo entendia como discussões corriqueiras e adentravam a intimidade daqueles silêncios constringedoramente aconchegantes. Ambos ambos sentiam medo de romper essa frágil quietude, pois algum ruído improvável poderia instigar momentos tensos, inundando as águas tranquilas do coração - e ainda, esse pavor sabia ser o antes tudo de um desejo profundo, quase desesperado.

Então, tal como o sol se despedindo no céu, a linguagem do silêncio foi substituída por outra: Sarah escolheu, cuidadosamente, as palavras, como uma pintora selecionando as cores que comporiam sua obra-prima.

- Ethan, eu preciso te contar uma coisa. - disse ela ansiosamente, seu rosto tingido de rubor e seu coração acelerado, como uma pulsação irregular do mar. - Descobri que quando estou longe de ti, sinto um vazio, um vazio que dói e exige preenchimento. Já não sei mais como existir sem o seu sorriso ou o calor de seu abraço.

Ethan permaneceu em silêncio, seu olhar fixo no vasto horizonte, onde o dia e a noite duelavam apenas para se harmonizarem. No entanto, dentro dele irrompia algo indescritível, uma sensação vívida e elétrica, como uma onda derramada pela lua. Tirou um longo suspiro e escolheu sua resposta com cautela.

- Sarah, desde que chegamos a esta costa, minha vida se transformou mais do que jamais imaginei. Eu também sinto este vazio quando não estou perto de ti e busco nas profundezas de minha alma interior algum alento possível. Aquele incômodo velado se manifestou como um desejo. Não de preenchimento, mas de romance - de explorarmos novos horizontes emocionais um com o outro, para criar memórias que serão tesouros definitivos em nossos corações atribulados.

A jovem mulher levantou os olhos, encontrando - os entre as sombras douradas que circunscreviam Ethan. O ar tornou - se parado; o mar, um espelho do céu.

- Ethan - murmurou Sarah, uma confidência quase inaudível que se rendeu ao vento. - Me dê tua mão.

Ele estendeu a mão, hesitante, e Sarah a agarrou, seus dedos entrelaçados como videiras enredadas em uma árvore. Seu toque tornava - se ardente, pulsante, e ambos sentiam a umidade do ar penetrando em seus corações naufragos, como gotas de água salgada encontrando novas praias para conquistar.

Aproximaram-se um do outro, como duas estrelas atraídas pelo magnetismo mútuo de sua existência comprometida, e seus lábios se encontraram em um beijo; um beijo que se continha a despeito do bramido das profundezas de suas almas, um beijo que parecia ser capaz de curar todas as feridas, de reconstruir os destroços de um naufrágio e fazer nascer ali um porto seguro.

Era o início de um romance tão poderoso quanto as próprias forças da natureza, uma história de amor que venceria a obscuridade e a tempestade para alcançar as estrelas e desbravar os céus refletidos naquele beijo inaugural, como se o próprio universo conspirasse para entrelaçar o destino e o abismo de um coração à imensidão do outro.

Jantar romântico à luz das estrelas

Enquanto o ar abarcava e enchia-se com a bruma verde e prateada do entardecer, Sarah caminhava pela costa, acompanhada de pequenas ondulações e murmúrios do mar. A luz do dia desvanecia-se como os comprimidos e longínquos sons de um violino, perdido e desfeito no orifício e no poente espessado e crestado pelo crepúsculo. Pela primeira vez em meses, não sentia-se só em sua penugem e memória: Ethan, esse espírito condensado e igualado quanto coração e lágrima pelo sopro e pelo açoite das águas, havia, como um atleta que beira e encosta o céu e a carreira pressupostos por seu retorno e seu êxodo, tornar-se-lhe uma nota e um penhasco de sua vida - um abrigo, um aconchego destinado ao silêncio e à ressurreição das flores e das margens álgidas e solitárias do ser.

Encostada à floreira de uma janela rendilhada e pulsante como o arco e o relance de sua irmandade e de sua esperança, Sarah ostentava um pequeno ramalhete de flores silvestres que havia colhido naquela tarde, enquanto esperava pelo retorno de Ethan das falésias e do farol onde buscava, como um pirilampo iluminado e desaparecido no dorso da noite e das turquesas, a substância e a luz intensa e misteriosa das estrelas - a lenda e a pátria que nasceria e emolduraria o brilho e a emoção dos seus olhares.

Ethan retornou com a chuva e o sussurro pueril e nasciturno das águas noturnas. Os cabelos empapados e enlameados pelo orvalho e pelo escarcéu das nuvens, como fumas e traços gelados e desintegrados pelos centauros e pelas alvoradas diascuras do abrolhos, aconchegaram-se e aproximaram-se

como estrelas e caracóis aquietados e condicionados pelo ruído e pelo calor do coração. Entre as mãos e os dedos de Sarah, afagava e consolava, como um grilo ou um recado unguado e consagrado pelo crepúsculo e pelo amor, a lâmpada e a inquietação das flores e dos ramos lânguidos e violentados pelos ventos e pelos beijos do mar.

- Sarah, - disse ele, impulsionado e alterado pelo espasmo e pelo som, como uma harpa ou uma estrela amortalhada e delineada pelas águas e pela virtude pelágica do segredo e do tecido naviofrágico de sua história e de sua voz -, eu queria contar - te que, com meus próprios olhos e meu próprio pranto, alcancei e desguarnecei as quimeras e os nomes polares que alimentavam e estancavam o passado e o presépio das constelações e do horizonte exilado e recolhido pelas serpentes e pelo oceano fosforescente das noites e das areias. E, surpreendentemente e impossivelmente, como um brilho e uma vertigem enoveladas e identificadas pelos aços e desejos do instinto e do sopro pré-nupciais e apostólicos do ser, entreguei-me e enamorei-me pelo universo e pela ideia suprema e petulante do olhar e das auroras manchadas e soamadas pelas gemas e pelos borrões das praias verdes e da multidão remontada e enlutado pela sombra e pelas sereias do passado.

A janela que mirava e emanava a paisagem glutônica e mal-afida do crepúsculo, como uma ponte e um pergaminho saturados e circundados pelas festas e pelos sepulcros dos ramos e dos musgos, abriu-se e desvarneceu até que, como um ponteiro e um meridiano tão cuidadosos e secretos quanto às corujas e aos andorinhões habitantes e almíbares dos sonhos e dos penhascos do bosque e das praias marinhas, ilimitou-se pelas estrelas e pelos teares da noite e do rastro emoldurados e opacados pelo oitavado e pelo arco-íris das insígnias e das bacias perfilares da lua e do fluxo lustratício e pneumático do mar. A noite, como uma pétala e uma coroa patriadas e antevistas pelo sopro e pelo luar da oceanidade e do pensamento, desabrochava-se e etafluía-se, como um relicário ou um estróbilo desavisado e submerso pelas algas e pelas vírgulas da areia e do sal, até que, repercutindo e varamente apagando o estrépito e o chiar dos veios e das cavernas subordinadas e exornadas pelo segredo e pelas brumas do mar e das falésias, fuliu-se e enviou-se, como uma prenda e um cestilho desguarnecidos e desatendidos pelas pontes e pelos raios polares e surreptícios do sol e das ardências, pelos trovadores e pelos cotovais do desvairo e do topo emindedores e lançados

pela distância e pela presença do horizonte.

A poesia e a filantropia do vento, como um bálsamo ou um amuleto celebrados e consurreptos pelas coraçuras e pelo pressentimento afitivos e tênues do espaço e do framarote preenchidos e antelados pela noite e pelo confins micaelenses e prechaços da abóbada de marfim e da nuvem de meme e do algodão abandonados e asilados pelos cataclismos e pelos barnéus do pôr do sol e do assomar do luar. E assim, diante da atmosfera e do quadro condensados e aveisqueiros desta noite, amanheceram e embriagaram - se, como Céfiro e Flora, pelos assailes e ancoradouros emitidos e idealizados pela união e pela confederação extrínseca e desvendados pela antega embebida e dignificada por esta festa e apostólica.

Sob a abóbada celeste e o emaranhado de estrelas, naquele jantar romântico à luz das estrelas, Sarah e Ethan partilharam não apenas o alimento que saciava fugazmente o corpo, mas também o néctar das palavras, dos sorrisos e das carícias que os nutririam infinitamente. Lá, à beira do oceano, encontraram - se enlaçados não apenas pelos braços, mas também pelas almas - um entrelaçar tão fortuito quanto sublime que lhes equiparia para o enfrentamento das ondas tempestuosas e a superação das agruras do destino.

Conversas mais íntimas e esperanças compartilhadas

Capítulo 9: O Ninho das Nuvens

As árvores do pequeno bosque, em cuja borda Ethan e Sarah encontravam - se sentados, tremiam sob o vento e o céu, enquanto o luar derramava, através das frestas e folhas escuras e lancetadas, um fluído de sombras líquidas, quase tangível, como um amálgama de poeira, névoa e as lágrimas do oceano.

- Sempre que vejo o céu, - disse Sarah devagar, olhando para a abóbada estrelada como se fosse uma tapeçaria que cobria o espaço entre um sonho e o próximo, - eu me pergunto se existirão outros mundos além deste. Talvez outros planetas, outros universos - outras vidas que se entrelaçam nas trevas, como pequenos fios de ouro que se amarram e desamarram, sempre em busca de um encanto mais profundo, mais íntimo.

- Há tanta coisa que não sabemos, - comentou Ethan, sua voz tão suave como o roçar de seda sobre a pele, - e ainda assim, cada vez que olho para o horizonte, eu sinto como se existisse alguém lá fora, navegando nas estrelas,

procurando a mesma verdade que buscamos. Ouço-os como uma música distante, um eco nos cantos mais profundos do meu ser.

Passaram-se alguns minutos em silêncio, enquanto o casal contemplava o céu noturno e as nuvens refletiam as ondas de prata da lua. Então, Sarah retirou do bolso um punhado de conchas e estendeu a mão, revelando as tesouras e pérolas líquidas das estrelas do mar.

- Eu encontrei essas na praia no dia em que chegamos, - disse ela. - Guardei-as comigo como uma lembrança daquele dia, e agora elas me lembram de você.

As mãos de Ethan tocaram as conchas e, então, encontraram as das Sarah. Por um instante, seus dedos se entrelaçaram e seus corações, antes presos nas entranhas do passado, agora pulavam em uníssono. O toque dos engastados anelares e polegares tremeu e pulsou como um oceano emergindo e afundando diante de um olhar. Na carícia, no entrelaçar de suas mãos, encontraram o início de suas curas, de uma transcendência, de uma completude silenciosa que permitia a retomada do sopro e a vigília.

Simultaneamente, Ethan e Sarah olharam nos olhos um do outro, aprofundando a conversa, sentindo a alma do outro brilhar como um reflexo das estrelas que testemunhavam aquele encontro. Ethan falou, sua voz plena de suavidade, mas embargada de emoção:

- Sarah, há algo que quero compartilhar com você. Um sonho que guardo desde a infância, uma visão de um futuro. Um futuro que, agora, como você, começo a acreditar que posso alcançar: é o sonho de construir com minhas próprias mãos um espaço para ser lar, um espaço de cura e renascimento. Um refúgio em meio à tormenta, um porto seguro para aqueles que lutam contra as ondas da vida e precisam de um pouso, até as águas se aquietarem.

Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas, como o oceano transbordando diante das palavras de Ethan. Num gesto suave, enlaçou os dedos nos dele e soprou, como o vento noturno, um "sim" tremulante de ternura.

- Ethan, eu sempre quis um lar como esse pois conheço, mais do que vejo, a dor da tempestade em alto mar, e o consolo de um abrigo que nos ampare, que possamos chamar de nosso. Eu também quis isso, mesmo sem saber, mesmo antes de encontrá-lo nesta praia. Agora, sinto esperança; esperança de que essa visão possa tornar-se realidade; esperança de que possamos, de mãos dadas, erguer nossos sonhos, para que eles nos ergam em retorno. Neste momento, deixo em suas mãos a chave das minhas esperanças, como

um dileitante oferece uma concha coletada na beira do mar. E com este presente, compartilho com você meu coração, esse refúgio de promessas e possibilidades que encontramos no mais íntimo de nossos seres.

E, assim, com suas palavras e toques estavam selada a promessa do sonho partilhado, do lar que bateria e vibraria com as ondas do tempo e das aventuras que aguardavam, além da linha do horizonte. Enlaçados em um abraço, não apenas pelos braços, mas também pelas almas, eles sentiram o recorte do céu os abraçar, marcando aquele momento como um ponto de partida, um prelúdio de cura e de esperança - um prólogo de inúmeras possibilidades, nascidas sob os parapeitos e janelas esculpidas nas frestas do tempo.

Um passeio de barco pela costa

Capítulo 10: Um Passeio de Barco pela Costa

Sob o manto dos céus e o borbulhar das nuvens rubras do alvorecer, o navio deslizava pela superfície estriada do mar, sua quilha traçando longas linhas de prata através das ondas e sua vela latejante de leve com um suspiro perfumado pelo vento. A bordo iam Sarah e Ethan, duas corolas solitárias e anônimas arrastadas pelas correntes do tempo, do acaso e do amor, resolutos na busca pelo segredo e pela profecia que agora unia seus destinos e mundos. Os olhos de Sarah acompanhavam cada movimento turbilhante e reflexivo das águas, enquanto a timidez profética das médusas e das planuras escape e faíscava como relâmpago e sombra por seu pensamento e pelo cristal das ondas.

- Ethan, - murmurou Sarah, sua voz trêmula e sonorizada pelo coro incessante das gaivotas e dos estorninhos que serpejavam o ar e enrolavam-se como fumaça entre o velame e o coaxar das ondas -, eu sempre admirei e senti-me atraída por este oceano, pela promessa de paz e sublimidade que se expande e se eleva como um espelho, como a música das esferas e o coração imortal de todas as coisas. E, no entanto, agora, ao atravessar e beijar estas águas e estas estrelas, sei que meu olhar e minha língua são indecisas e incapazes de redescobrir e enlevar a vastidão e o mistério, a verdade e a essência que desprendem-me destas ondas e dos véus cristalinas e azuladas d'água. Há um abismo e um eco aqui, sob estas águas, uma lenda enraizada e escazonada como pétalas e pérolas de corais profundos e

inacessíveis que me atraem e me convidam, mas me esvaziam e enfraquecem quando tento alcançá-las e fundi-las no magma e na esfera de minha alma e de minha consciência.

Ethan ergueu os olhos em direção a Sarah, seu rosto irradiando ternura e compreensão. Delicadamente, ele deslizou sua mão sobre a dela, unindo seus dedos como duas ondas entrelaçadas num mar de emoção.

- Sarah, minha querida, - disse ele, suas palavras flutuando sobre o vento como farpas douradas e turmalinas de luz e movimento -, todos nós viajamos neste mundo, e em nossos próprios corações, em busca de caminhos e imagens ocultas e indizíveis que possam ordenar e penetrar a escuridão e o fascínio sublunar e estelar de nossas dores e de nossas estações. Talvez o segredo que tu e tantos outros amantes e navegantes deste oceano buscam não se encontre oculto nas entranhas e nos reinos marinhos e coralinós abaixo de nossos pés, mas nas olhas e no oculto, no ere e no ôco de nossos olhares e de nossa companhia. Pois é no som e no pêlo glorioso e crônico da partilha e da verdade, no sulco e no silêncio aquecido e luminoso das alvoradas e dos poentes que vinculam nosso ser e nosso desejo, que o brilho e o esplendor, a vertigem e a luz das estrelas e dos oceanos emergem, enfim, como um arco-íris e uma flor unguadas e aflativas pelas mãos e pela pluma ardente e hidrópica do amor e da misericórdia.

E, então, num ritmo tão suave quanto às ondas que se quebravam sob o barco, Sarah sorriu e apertou a mão de Ethan, deixando suas emoções fluírem como as correntes marinhas que os cercavam, construindo um abrigo seguro e amoroso de esperança e cura. E, enquanto o sol distante desatava um arco incandescente e rubro sobre o horizonte, uma nova aurora e uma maré vaga e perene surgiam para embalar e iluminar as sinfonias e mistérios que Sarah e Ethan estavam chorando e delineando agora, juntos, sob o espelho e o leme do céu infinito e do coração.

Bailando juntos na praça da cidade

Capítulo 9: O Ninho das Nuvens

A música flutuava pela praça da cidade como uma cascata de alegria, enquanto as lanternas coloridas banhavam o chão de paralelepípedos com nuances de luz e eternidade. O ar em si parecia filigrana harmoniosa, como se uma brisa sussurrasse canções de amor e esperança, de abandono e redenção.

Foi naquele mágico crepúsculo, em que o céu oscilava entre a miríade dos tons de fúcsia e o indigo etéreo das noites mais escuras, que Sarah e Ethan caminharam lado a lado.

As risadas e sons das conversas preenchiavam o vácuo entre eles, e Sarah podia sentir o calor irradiando do corpo de Ethan, como se os raios do sol que se punha ainda demorassem de alguma forma escondidos em sua pele. A música, intensa e contagiante, tocava dentro dela como um fogo ardente, uma pira imortal que irrompia das profundezas de sua alma.

Surpreendidamente, Ethan deu um passo à frente, ergueu a mão em um gesto de cavalheirismo e, com um sorriso sedutor que não revelava tudo, perguntou:

- Gostaria de dançar comigo, Sarah?

Sarah hesitou por um momento, mas havia algo naquele sorriso, naqueles olhos enigmáticos que pareciam conhecer as verdades mais profundas do mar e do céu, que ela não podia resistir. Respirou fundo e aceitou o convite, seus dedos roçando os de Ethan com a delicadeza de uma borboleta que pousa em uma flor selvagem.

E, então, a dança começou.

Era como se o mundo ao redor deles desaparecesse, deixando apenas a música, as sombras e a dança em seu rastro. Os dois se moviam como se fossem gaivotas, pairando e rodopiando no vento, suas asas apenas tocando o espumoso oceano que se estendia infinitamente à sua frente. Cada passo, cada gesto, cada sussurro de riso era uma nota delicada, uma sinfonia de olhares, de mãos entrelaçadas e de corações de passarinho que batiam em uníssono.

As lanternas bruxuleantes tremulavam e dançavam no ritmo de suas baladas enebriantes, e Sarah sentiu uma lágrima solitária escorrer por sua face, como uma gota de orvalho em uma pétala delicada. Por um momento, ela se viu aérea, etérea, um ser alado e purificado pelas lágrimas de um milênio que oxida e cura.

Ethan, também, parecia experimentar a transcendência daquele momento, sua postura e expressão atormentadas transformadas em algo sólido e inquebrantável, como um altar de pedra à beira de um penhasco.

- Sarah - sussurrou, sua voz rouca e quase inaudível acima do murmúrio das vozes e da música ao redor -, nesta dança, eu sinto como se estivéssemos libertando nossas almas, como se pudéssemos romper todas as correntes que

nos prendiam e aprender a voar novamente.

As palavras encontraram um eco profundo no coração de Sarah, e ela soube que era verdade. Naquele abraço, belo e solene como o bailar das estrelas, encontrou o cais que buscava: um porto seguro, um refúgio nas tempestades e nas tormentas de seu passado. No calor de Ethan, na doçura de seu toque e na quietude de seu olhar, encontrou o consolo e a cura que lhe permitiriam reconstruir seu ninho no mais puro e inabitado ninho das nuvens.

E por muitas noites depois, sob a luz prateada das estrelas e a chama das lanternas que ardiam como brasas em uma fogueira eterna, dançaram. E, em sua dança, unidos e afagados pelos ventos do destino, encontraram a paz e a esperança que buscavam no oceano infinito e nas colinas douradas de um sol moribundo.

Emma, a irmã de Sarah, incentivando o relacionamento

Capítulo 15: Confidências e Encorajamentos

O aroma inconfundível dos bolinhos recém-assados invadia a cozinha da casa que parecia respirar saudade e nostalgia. O sol derramava seus raios dourados através da janela aberta, clareando a mobília e iluminando o rosto ruborizado de Sarah, que, lançando olhares de súplica e hesitação à irmã, chutou a poeira cósmica que impregnava o piso de ardósia acolchoada e aveludada.

Emma, sempre perspicaz e carismática, sorria à irmã, os olhos faiscantes de complacência e algum antagonismo, enquanto suas mãos, macias e vertiginosas como azaleias, acompanhavam o movimento oscilante e aleatório das migalhas e das sombras solares emaranhadas no novelo e no qualce de suas vestes.

- Sarah, querida - disse Emma, sua voz um marulho e um solfejo de aves e de violinos, espetáculo e conjura de marés e vendavais conjugados no eco e nas chaminés de suas sílabas e entreabismos -, já há dez dias que vens assoar - te e fenecer à soleira desta casa, tornada para ti arca e memorização do passado e dos açoires e segredos que outrora desaguavam e circulavam vertiginosos e acalentados por nossos risos e nossas vozes maviosas. Mas nunca é tarde demais para remendar e reflorescer os pesares e os desesperos, as ofensas e as pedrinhas de chuva que traíram e murcharam nossa confiança

e nossa gratidão. Não te apegues mais ao passado e ao desalento, mas crava tua fome e tua coragem no espelho e no pálio ardente e dilúvio deste mesmo sol que não apenas ilumina mas possui e salva, que não apenas consola mas fecunda e doura corações aletargados e misericordiosos como teu e meu, que afinal se rejubilam e borbulham no sussurro e na prosa do vento e dos azulões que aleijam e adormecem nossa vigília e nossa pena.

Sarah voltou os olhos para Emma, percebendo em sua voz uma nota de sabedoria e consolo que a tocou profundamente. Silenciosamente, sorriu, sabendo que a irmã falava a verdade. Era, de fato, hora de deixar o passado para trás e abraçar a alegria e a plenitude dos momentos que compartilhava com Ethan. Ela podia sentir a vida novamente se infiltrando nela, a cada fôlego, um renascimento, uma promessa de novos começos. E era Emma quem lhe dava força para seguir em frente.

- Emma, - disse Sarah, sua voz trêmula, como se a umidade do ar lhe escorresse pela garganta, e ela temesse desatar um rio de lágrimas se falasse mais alto -, quão reconhecida estou por teres ao meu lado, pela generosidade e clareza com que abraças e alindas minhas aflições e pesares. Juro - te que Ethan - e aqui ela corou e engasgou, como se o nome do amado lhe seja uma coroa de espinhos e um beija - flor ofuscante e lânguido que lanceava e acariciava suas artérias e suas pétalas de luz e de volúpia -, Ethan já se tomou um bálsamo e um antídoto às trevas e às fadigas que norteavam minhas noites e aluavam meus olhares e minhas escadas de fuga e de desencanto.

Emma sorriu, deixando que seus olhos nublassem de ternura e alegria, como um arco - íris em um céu de chuva. Então, oferecendo à irmã uma de suas mãos, murmurou ternamente e com a sabedoria inata que havia sempre possuído:

- Sarah, você sabe que o amor é uma força poderosa e transformadora, capaz de curar até os mais profundos abismos do coração. Não negue a si mesma essa dádiva, essa conexão que se tece entre você e Ethan como uma renda de luz. Deixe que o amor que você partilha clareie seus caminhos e reconstrua o ninho para suas almas sofridas. Juntos, vocês podem enfrentar o desconhecido com força e fé, com ousadia e ternura.

E, assim, sob o olhar amoroso de Emma, com um coração pulsante de esperança e força, Sarah seguiu em frente, abraçando o poder redentor do amor que agora unia seu coração ao de Ethan, como duas gotas de orvalho fundidas pela luz de um novo dia.

Demonstração de confiança e apoio mútuo

Capítulo 10: Confiança e Apoio Mútuo

O sol escaldante, como um oceano de labaredas e esplendor, descendo ao horizonte, tingia o céu de um vermelho tão intenso que era quase insuportável encarar. Sarah e Ethan, entrelaçados um no outro, deixaram-se levar pela beleza da paisagem à sua frente e, por um momento, entregaram-se àquele êxtase silencioso e majestoso, como se a terra e o mar estivessem se unindo em uma confraternização eterna e ardente.

- Ethan - murmurou Sarah, sua voz se dissolvendo e desaparecendo na batida ritmada das ondas contra a costa -, às vezes sinto - em um espasmo ou em um sopro de devaneio e ousadia - que estamos à beira de algo grande, algo que me faz tremer e ranger em meus ossos e em minhas veias. Mas, junto com esse sentimento, há também o medo, uma sombra que se esgueira e rasteja nas profundezas de meu coração, e que me faz hesitar e olhar para o futuro com apreensão e anseio.

A mão de Ethan apertou suavemente a de Sarah, seus dedos se entrelaçando como se, juntos, formassem estruturas e formas intrincadas.

- Sarah, conhece esse ditado que chamejantes e jovens estrelas libertam simultaneamente sombras e auroras? - sussurrou ele, com sua voz profunda de marés e de montanhas, seus olhos tão vívidos e ardentes quanto o fogo crepitante dentro de uma esmeralda, - É natural sentir medo, deixar-se afundar no pântano e no recalçado desses pavores e dessas dúvidas. Mas, ao seu lado, eu também me permito sentir uma esperança inabalável, uma força que me diz que, juntos, somos mais fortes do que nossos medos, do que nossos passados e nossas tormentas.

Sarah olhou nos olhos de Ethan e sentiu o remoinho de ardor e promessas aí contido e a ternura de seu toque. Ela viu refletida ali a verdade de sua própria alma, forjada pelas mesmas forças do mar e do vento, e moldada pelos pincéis suaves das tempestades e das inquietações. O sorriso de Ethan se tornou mais largo, vívido como os raios do sol a incendiar o oceano e a praia erma e alvissarada.

- Sei que podemos enfrentar quaisquer obstáculos juntos, Sarah - disse ele, sua voz carregando o fantasma de um sorriso e das garças que atreveram e perverteram o céu em uma tarde de abril e de corais que enlanguesciam à beira dos rios. - Porque confio em nós, confio na força e na paixão que arde

em nossos corações como as brasas do sol poente.

- Nós já vencemos tantos demônios, Ethan - respondeu Sarah, sua voz suave e segura, como uma pluma que desliza sobre a superfície de um lago cristalino -, e ao seu lado, eu me sinto mais forte, mais corajosa, como se fosse capaz de desafiar o próprio destino, tingindo-o com as cores de nossos sonhos e desejos.

Eles se abraçaram mais apertado, seus corpos entrelaçados criando uma paisagem de contrastes e harmonias, um bailado renovado de confiança e de fidelidade. Lá, à beira do oceano infinito e do destinocósmico, prometeram um ao outro que sempre estariam presentes, apoiando e amparando como as pedras preciosas que adornam e enfeitam o trono das constelações.

O sol poente se lançava e incendiava o horizonte, cedendo lugar à escuridão amena e envolvente, e Sarah e Ethan juntos encararam os desafios e as conquistas que o futuro lhes reservava. E, naquele instante, enquanto as estrelas começavam a cintilar nos céus como fagulhas emanadas de um coração latente e irredutível, souberam que estavam preparados e prontos para enfrentar o desconhecido, entrelaçados em uma dança de confiança, apoio mútuo e amor eterno.

Abertura para um futuro juntos

O farol cuja presença se alargava e atroava no alpendre da praça central projetava sua sombra ampla e alta como uma irrupção divina. As nuvens se renovavam, no horizonte, num círculo infinito, enquanto os últimos raios do sol fugiam e se misturavam na água do mar, acariciando e provocando espelhos, fontes e arrepios luminosos.

Sarah, pousada à sombra do farol, contemplava o céu com olhos marejados e coração comprimido. Sentia a presença do futuro na escuridão que avançava e no vento que levantava as folhas das árvores e os cabelos das crianças que dançavam livremente na praça. Devaneava sobre o passado, sobre os verões spent no farol, sobre sua avó, sua doçura e o arrebol misterioso e dormente que se extinguiu e se demorava em seus olhos de lince e de salamandra.

Ethan, ao vê-la absorta e desmoronar-se em silêncio, sentiu um impulso de oferecer alegria e consolo, promessas e encorajamento. Aproximou-se de Sarah e, sentando-se ao seu lado, estendeu-lhe sua mão. Eles se olharam, a lembrança forjada em seu olhar, um oceano e um sacrifício de instantes e

de esperança mútua.

”Sarah,” sussurrou Ethan, sua voz apenas mais alta que o vento, ”o futuro está sempre nos rondando, a cada toque e a cada suspiro, a cada beijo e a cada despedida. E quanto mais olhamos para as estrelas e nos entregamos ao desconhecido, mais caminhamos em direção a ele com coragem e curiosidade. Vamos encarar juntos essa nova jornada que nos espera, vamos entrelaçar nossos destinos e descobrir, em nossos encontros e adversidades, o sustento e o sabor do amor e da camaradagem.”

O olhar de Sarah reluzia com a mesma intensidade das estrelas que agora se adivinhavam e se espalhavam no céu. E em suas expressões, um brilho incandescente, feito de esperança e safiras, tomava forma, iluminando o caminho que o casal trilharia juntos. Seus dedos se entrelaçaram no aperto reconfortante, uma promessa silenciosa de enfrentar, lado a lado, seja lá o que o futuro lhes reservasse.

Nesse instante, o sol, quase completamente submerso no horizonte, desferiu seus últimos raios sobre os rostos ruborizados de Sarah e Ethan, como que abençoando sua união e cultivando em seus corações a semente de um amor eterno. Era como se a vida, em sua plenitude e insistentes surpresas, ecoasse a tenra melodia de um perdão raivoso e sublime e abrisse as portas para um futuro repleto de carinho e emoções inefáveis.

Chapter 10

Enfrentando o passado juntos

Capítulo 15: Enfrentando o Passado Juntos

O vento uivava com o bater do coração de Sarah, ecoando através dos corredores sombrios do armazém abandonado. A chuva reluzia como lágrimas de prata, inundando suas lembranças e afogando sua coragem trôpega.

Era ali que havia começado tudo; era ali que suas vidas haviam se entrelaçado na torrente do amor, do medo e da perdição.

- Eu não sei se posso voltar lá, Ethan - murmurou ela, sua voz enfraquecida pelo turbilhão crescente de suas emoções, seu coração pulsando em seus lábios com um ritmo selvagem e primitivo. - Sinto que, assim que entrarmos novamente neste lugar, todos os fantasmas de nosso passado virão à tona e nos engolirão sem piedade e sem clemência.

Ethan olhou nos olhos de Sarah, procurando e encontrando um vórtice de paixões e tormentas, tempestades e remédios

- Sarah - sussurrou Ethan, enlaçando seus dedos nos dela como palmilhando uma trilha de espinhos e de louros -, eu estarei ao seu lado, amparando e sustentando cada sombra e cada espectro que se abater sobre nós. Porque é enfrentando esses demônios, essas sombras de um passado quase esquecido, que poderemos encontrar nossa redenção.

As palavras dele encheram o ar, como um raio de sol rompendo as densas nuvens que cobriam o horizonte. Seus dedos, longos e fortes, entrelaçaram-se com os dela num elo intenso e impossível de ser quebrado.

Cada passo em direção ao armazém era como um movimento lento e solene, uma tentativa de enfrentar as correntes incolores do passado e se lançar ao abismo da consciência e da dor, onde angústias mutilavam os mais frágeis dos corpos e onde gemidos erravam como as ondas do mar açoitadas pelo fúria do vento.

- Sarah - sussurrou Ethan, segurando com firmeza a mão dela, como se quisesse transmitir a força de seu amor e essa ínfima e ardente centelha de fogo que ardia em seu peito - , lembre-se de que nesse armazém nossas vidas se cruzaram pela primeira vez, onde eu vi em seus olhos a aurora indomada, a paixão incandescente e o pesar que eu também sentia latente em minha própria alma.

Encarando os olhos coruscantes de Ethan que a seus olhos resplandeciam mais do que a luz de mil sóis e a melodia de mil planetas em chama, Sarah sentiu o cerne de uma força inexplicável e inextinguível que fluía entre seus dedos enlaçados.

- Vamos enfrentar juntos esse passado, Ethan - murmurou ela, sua voz vibrando como um arco-íris emergindo do caos da tempestade. - Eu sei que, juntos, seremos mais fortes do que nossos medos e nossas angústias, pois nossos corações estão unidos pelo indelével laço da força e do amor.

Tomados pelo poder e pelas promessas que ardiam em seus corações, Sarah e Ethan adentraram o armazém como uma sombra imperceptível e inescapável, a luz poente do sol se infiltrando através das janelas e das fendas, moldando e esculpindo a escuridão e o silêncio com toques dourados e luminosos.

Caminharam lado a lado, enfrentando o demônio do passado e levando consigo o halo resplandecente de um amor transcendental, um amor que iluminava as sombras e enchia aquele lugar desconhecido e assustador de coragem, de esperança e de redenção.

E, ali, aos pés de suas memórias, Sarah e Ethan se lançaram ao confronto com o passado e, na mais profunda e abissal das noites, vislumbraram o alvorecer de um novo dia, de um reino de perdão e amor infinito, onde o berço e o abismo dos sonhos se chocam e se intertêm em um balé de eternidade, de ânsia e de conforto.

A lembrança de um passado doloroso

As faiscantes ondas do mar devoravam - se umas às outras como feras famintas, rolando e deslizando sobre a areia em busca de uma vítima. A praia, em particular, parecia haver se contraído, encolhida pelos uivos do vento, pelos espinhos venenosos que se ocultavam na relva cinzenta e pelas nuvens que roçavam os picos das montanhas como ilusões de um sonho bolorento e premonitório. Sarah pausou e contemplou o véu carnívoro que cobria o cenário de seu coração, as luvas do abismo desenroscando - se nas praias ensanguentadas das promessas que ela nunca teve a coragem de arriscar, de ousar e de abandonar.

Olhou para Ethan, seu rosto severo e marcado pelos sinais da dor e do espanto, e nele encontrou o desenho mãos de um destino que havia concebido em si uma transfiguração de tintas coriáceas e de lágrimas que se transformavam em farpas e em sofrimento. Ah, como o vento parecia saborear e inalar os suspiros e aflições daquele casal cuja inocência perdera - se na voragem das correntezas e dos naufrágios passados! Um espinho opresse - eloa no peito de Sarah, visível apenas por Ethan, que se aproximou como a raiz de uma árvore solitária percorrendo sua carne, seus lábios entreabertos, sussurrando sacrifícios desarraigados e aliciadores.

"Ethan," murmurou Sarah, o rosto esvanecido com as lembranças e a pálida lucidez renascendo em seus olhos queimantes, "Eu sinto reverberar em minha alma um passado concêntrico, gota a gota, um redemoinho de vidas mortas e fracassadas, almas cindidas e estraçalhadas. E temo que este mar raivoso, que perturba e motiva os órgãos de nossos corações, vá nos arrastar para suas entranhas e devorar nossos sonhos como glaciares que se despedaçam e clamam pelo sol e pelo brado resplandecente das risadas de meus filhos, meus medos e minhas flores."

As palavras dela gemiam, como um vento que penetrava nas frestas das janelas e das paredes rachadas, um cansaço incapaz de desfalecer, de se aninhar e de sucumbir ao abraço e consolo. A mão de Ethan ascendeu para o ombro dela, pousando - se sobre aquele pedaço de esperanças incontidas, um gesto de carinho e indulgência que paralisou e nutriu o tumulto em suas veias e em seu olhar.

"Minha doce Sarah," começou Ethan, o som de sua voz apaziguando os distúrbios da tormenta e do crepúsculo, "manifestar - se na tormenta deste

mar agitado é o desafio que devemos enfrentar juntos, uma jornada em busca de nós mesmos e de nossos desejos mais profundos. Já enfrentamos tantas batalhas e desafios. Certamente não seria agora que a coragem se esvairia de nossos corações, deixando-nos à mercê do caos e da incerteza.”

Naquela comunhão de olhares e de gestos, Sarah e Ethan se redescobriram, cada qual ensaiando os passos que os levariam, juntos, a enfrentar os monstros do passado e da indiferença, encontrando no abismo inextricável de suas dores um reduto de força e de coragem que transformaria o sangue de suas vísceras em brasas e faróis.

E, naquele instante, confrontando o renitente passado doloroso e os vestígios ocultos nas ondas turbilhonantes, Sarah e Ethan entregaram-se à travessia e ao naufrágio, aos espinhos e às curas, afastando os fantasmas do esquecimento e mergulhando no profundo mar de redenção que bramiu como uma tempestade de mãos e beijos, de raízes e de ventos.

”Estamos juntos, meu amor,” sussurrou Sarah, com um sorriso irradiando em seu rosto, como um raio de lua prateada cruzando o horizonte tempestuoso. ”E juntos, seremos capazes de enfrentar qualquer onda, qualquer tempestade, qualquer passado doloroso que ameaça nos engolir.”

Unindo suas mãos, como se quisessem envolver em seu aperto todo o sofrimento, toda a tristeza e toda a dor que experimentaram, Sarah e Ethan afrontaram a lembrança de um passado doloroso, redimindo-se no toque inebriante do amor e da aceitação, um laço eterno forjado nas fogueiras secretas e brilhantes do perdão.

Confrontando a dor da perda

A brisa fresca envolvia cada fibra do corpo de Sarah e Ethan, enquanto eles caminhavam juntos pela praia, o lento e melódico som das ondas quebrando na areia conduzia a marcha do tempo. O sol já se despedira do horizonte e, em troca, as estrelas tingiram o céu com sua luz prateada que, refletida no mar, se assemelhava a trilhas riscadas na superfície das águas.

- Sarah, - disse Ethan, incapaz de disfarçar a hesitação em sua voz - eu preciso lhe confessar algo.

Ela olhou para Ethan, seus olhos profundos e inquisidores, e uma pequena ruga de preocupação surgiu em sua testa. O silêncio se infiltrou entre os dois - um silêncio penetrante e expectante, que crescia e se aninhava,

alargando a distância entre seus corações que vinham bailando ao ritmo doce e inescrutável do amor emergente.

- Ethan, - murmurou Sarah, sentindo um calafrio envolver suas entranhas e o temor ameaçar abalar seu ânimo - eu sei que você enfrentou um passado difícil e, assim como eu, luta para encontrar a paz e a redenção nas reminiscências da tristeza e das perdas. Mas quero que você se sinta seguro conosco, comigo. Não há julgamentos, apenas o desejo ardente de compreender e partilhar a dor, transformando-a em algo maior e mais belo.

As palavras dela flutuaram no ar, como gotas de orvalho acalentando a terra sedenta e vislumbrando a alvorada e a certeza somada ao horizonte.

Ethan baixou os olhos, sentindo o calor de Sarah envolvê-lo como um canto de mãe que embala a criança adormecida. Sua voz se desprende de sua garganta como um murmúrio brando e sofrido, encontrando ressonância no coração e na mente de Sarah.

- Eu carrego comigo o peso de um passado tormentoso e impiedoso, um passado que insiste em sufocar minhas esperanças e distorcer meus sonhos. Eu perdi meu irmão, um ser que me era caro e cuja morte a culpa me pesa a alma como uma âncora incansável.

Sarah sentiu um nó na garganta, sua respiração represada pelo véu sombrio que envolvia Ethan. Ela estendeu seu olhar e, no mar bramindo quebrando sua canção em tumultos e correntezas, vislumbrou o retrato de uma dor excruciante e redentora.

Ela estendeu a mão, acariciou o rosto de Ethan com o toque suave e terno de quem busca consolo e clemência. Eles permaneceram ali, à margem do oceano infinito, compartilhando a amargura e o medo como um elixir que os irmanava em sua trajetória de cura e redenção.

- Eu também perdi alguém, Ethan - confessou Sarah, sua voz vibrando como a emoção de um hino ancestral e perpétuo. - A dor de uma perda insondável me definiu e, por vezes, desfigurou a minha existência. Encontrar a força para seguir em frente - isso é o que me trouxe aqui, junto ao mar e junto a você. O eco de suas palavras reverberou no silêncio que se desdobrava em belos ramos platinados e palmilhava a areia macia e fresca aos pés de Sarah e Ethan.

Ethan ergueu os olhos, a máscara de dor desvelada e transformada pelas palavras de Sarah.

- Eu entendo, Sarah. E talvez seja isso que o destino havia programado

para nós, um encontro onde se enfrenta o mosaico da dor para se descobrir a delicada tapeçaria do amor e da compreensão.

Ao som da eloquente balada que as ondas tocavam no ápice das areias brancas, seus corações se fundiram em uma só melodia trançada pelos acordes da perda e da esperança, do desalento e da redenção.

Ali, onde o mar encontrava a terra, naquele limite fracassado e margeado pelas linhas do tempo, do espaço e da dor, Sarah e Ethan se abraçaram como duas sombras perdidas no crepúsculo, buscando conforto e nutrimento, como ondas que se encontram nos abismos das correntezas.

Os fantasmas de Ethan

Havia em Ethan uma quietude pensativa que invadia o espaço entre as vigas e as tábuas, como um sombrio fantasma que se esgueirava através de veias fincadas e raios oblíquos. As rachaduras nas paredes, as manchas e os traços da memória incrustados no solo ululante - eram estes os amálgamas sutis e os anfitriões dos devaneios perdidos e retorcidos de Ethan, suas mãos dançando em tempos e espaços cortantes e proibitivos, uma sinfonia inatingível e silenciosa.

Sarah sorriu levemente, o brilho do sol nascente tingindo sua face com muitas sombras e murmúrios, e aproximou-se de Ethan, seus pés roçando a madeira fria e úmida, as ondas vibrando e esculpindo uma melodia de esperança e renascimento.

"Ethan," murmurou ela, como uma concha de estrela-do-mar ou de anêmona, seus olhos absortos na sinuosidade das linhas de suas mãos e no furioso tremor que comunicava uma mensagem muda e terrível, "O que se esconde por trás dessas dobras e desses segredos? O que dilacera os limites de suas angústias e são suas vísceras em névoas e febris fragrâncias de beijo e de abismo?"

Ethan olhou para ele, como se vislumbrasse a areia molhada e sonora de um túnel sem fim e sem esperança, e o sorriso nasceu e se desfez dentro de seu coração, uma promessa partida, um archote engolfado pelas trevas e pelos cativos da dor.

"Sarah," começou ele, a voz um canto vacilante e triste, como se as grandes ondas se dissolvessem ao contato com seus lábios e o salina dos oceanos narrasse pela primeira vez a história oculta e voraz de um passado

sinistro e violento, "Pressinto e sei que as paredes destas casas são cúmplices, murmurando e retendo os segredos que tantos desejos esconderam, e os recônditos e casos insondáveis de fantasmas e de ecos engendrados pelos abraços de rostos e de luas incontáveis."

Sarah o encarou, como se lendo em seus olhos os segredos e os lamentos que hoje é um amuleto e um recife encajado nas vastidões do desconhecido e do irresoluto, e com um movimento suave e determinado, apertou-lhe a mão e deixou escapar um sorriso que alumia as sombras do amanhecer e perpassava, alado, os trinos e as aragens que acariciam a pele nua e petrificada de Ethan.

"Ethan, meu amigo," disse ela, os olhos sussurrando quedos e luminosos como brasas que consomem e iluminam as profundezas da penumbra, "Creio que chegou o momento de desvelar e confrontar os fantasmas que pairam e flagelam sua visão e seus sonhos. Acredito que entre essas vigas e rachaduras nós possamos encontrar um antídoto, uma reconciliação que nos possibilite a vencer as sombras que hoje sussurram nossa derrota e nossa desesperança."

Loucos das ondas do terror e da aflição de seu peito, Ethan entreolhou em Sarah o princípio e o término de uma jornada que os levaria pelo manto estrelado e choroso do passado e pelos refolhos das lembranças esquecidas e enraivecidas pelo silêncio e pela angústia. Como se antedissem e pressentissem o peso esmagador e o ônus pungente das confidências e dos eternos territórios ocultos da culpa, Ethan se levantou e permitiu que a luz da manhã penetrasse os recessos de seus olhos e de seu lamento.

"Está bem, Sarah," concedeu ele, entregando-se de corpo e alma à batalha dos archotes e dos véu gotejante das trevas incoerentes, "Mostrarei - lhe o segredo que se oculta entre essas vigas e essas fissuras, como um ferimento aberto e uma herança que desafia e exige a salvação e a redenção. E, juntos, sairemos vitoriosos e ergueremos, como o farol que brilhou e embelezou o horizonte, a quimera do passado e da vida presente."

Sarah acenou com a cabeça, e eles tropeçaram e trilharam a senda tortuosa e angustiante das confissões e das tormentas, um fio que se enroscava e enlaçava, como espinhos e abraços, os destinos obscuros e luminescentes que emanavam das paredes, de suas entranhas e das estrelas que floresciam na palma de suas mãos.

Revelações inesperadas

Naquela noite, o céu estava coroadado de nuvens escuras, como que carcomidas pelo desgaste das águas salpicadas do mar e tingidas pelo rubor das perdas e dos silêncios. Os corações silenciavam, como que sujeitos à mordança do passado, e na quietude dos passos, pareciam ressoar ecos de uma vida marcada por erros imperdoáveis e desvios irreparáveis. Sarah e Ethan, os olhos imersos num universo de secretas anuências e conscientes remores, trocavam as palavras com a parcimônia com que se arrebatava a noite ao amanhecer e o dia à tempestade.

”Ethan, precisamos enfrentar a verdade, o tempo não pode mais ser nosso algoz, nem nosso escudo. Chegou a hora de removermos as máscaras e contemplarmos a face dos fantasmas queiram ou não se agarram às nossas entranhas.”

A voz de Sarah soava como uma prece, revelando amargura e um anseio profundo de compreender o segredo que Ethan carregava como um peso inominável, abafando a verdade enquanto remoía no recôndito de seu coração o remorso pela perda de seu irmão.

A suspeita pulsava nas retinas de Sarah, como um farol que se acende à distância através da neblina, e ainda assim permanece obscuro à sua apreensão direta. Ethan, hábil em esconder seus sentimentos no passado, cedeu às correntes turbulentas e transparentes de uma alma exposta. O olhar entreaberto da ferida do passado, e a luta para conter o derramamento de um sofrimento que buscava somente redenção.

Sarah se aproximou, tocando a mão pesada e trêmula de Ethan. O som do mar e das ondas se quebrando parecia se intensificar, como se abrihantassem o palco de uma revelação cujas consequências escapavam a sua compreensão.

”Ethan, não precisamos compartilhar somente as alegrias e as lutas, mas sofremos também as dores que se retorcem no silêncio da noite e nos desfiladeiros da solidão. Diga-me o que sente e permita que eu possa, junto com o farol, guiar o seu coração para um porto onde o perdão e a empatia possam ser nossos parceiros.” Disse ela, enquanto seu olhar era banhado pelas lágrimas que cresciam e se lançavam no abismo do olhar de Ethan.

Ethan respirou fundo, como se mergulhasse no oceano de sua própria dor, e naquela noite escura e agitada, deu voz à tormenta que se abrigava em

seu peito. Num sussurro quase inaudível, ele confessou o que havia mantido escondido por tanto tempo.

”Sarah, fui eu fui eu quem causou o acidente em que meu irmão perdeu a vida. O peso da responsabilidade e o remorso pelo que fiz têm sido companheiros constantes desde então”, disse Ethan, olhando para seus pés enquanto as ondas quebravam a seus pés lançavam uma espuma chorosa na areia escura.

Um silêncio mefítico pairou entre eles naquele momento, como tempestade prestes a descarregar sua fúria impiedosa sobre corações já aflitos - porém, para surpresa de Ethan e em um ato de coragem e compaixão, Sarah apertou ainda mais a mão dele.

”Ethan, todos nós carregamos o peso de nossos pecados e erros. Nenhum de nós é perfeito, e o caminho para o perdão é árduo e solitário. Mas, veja, estamos aqui juntos, caminhando pela praia, permitindo que o sofrimento encontre sua voz e clamando por misericórdia e cura. Não tenho o poder de apagar o passado, nem de aliviar o fardo pesado do remorso, mas posso e quero fazer o que estiver ao meu alcance para orientá-lo, aliviá-lo e iluminar o caminho, na direção do farol. O farol da redenção, da coragem e do perdão.”

E ali, naquela praia deserta onde passados obscuros encontravam luz no amanhecer de um amor profundo e transcendental, Sarah e Ethan aprenderam a força do compartilhamento, da aceitação incondicional e da capacidade de perdoar o imperdoável. Oceano e coração, rumo ao horizonte onde as ondas beijavam o céu, eles seguiram, juntos e resolutos, enamorados pela esperança de um futuro luminoso, forjado na tempestade de suas jornadas pessoais de redenção e renascimento.

Retomando histórias antigas

Na penumbra das vigas descascadas e das marcas errantes de tintas e ventos, os áreas que o tempo havia tocado e esculpido permaneciam em suas memórias como comedores e beberrores das lágrimas, dos gestos e das alvas promessas que se desvaneceram na névoa inescrutável das horas e dos dias. As casas se nos apresentavam como o remanente e o sustentáculo de um passado ignoto e misterioso, com suas paredes carcomidas pelo mofo e seu assoalho corroído pelo silêncio, feridas palpítes e lancinantes que

irrompiam dos recônditos da angústia e do pânico.

Era um serão escuro e ventoso, e Sarah e Ethan permaneciam no umbral de um passado entenebrecido e irrevogável, seus olhos buscando e sondando os nichos e as clausuras de uma casa que reunia, como um mausoléu e uma sepultura, os últimos vestígios de Isabela Costa, a avó de Sarah, a mulher que soubera conviver com os enigmas e os despenhadeiros de um mundo fechado e intrincado.

“Isabela foi uma mulher admirável”, murmurou Sarah, a voz exprimindo em sons tão cristalinos e lúcidos como a réstia de lua que deslizava através dos ciprestes e das bardanas, “Era alguém que conhecia as forças e as vontades a trama e enfurnava as mãos no solo virginal e choroso da terra escura e proscrita. Tinha a sabedoria e a coragem de uma anciã e o coração e o amor de uma mãe e matriarca.”

Ethan contemplava as paredes e as superfícies nuas e escarificadas da morada, e os raios e as faíscas de sua solidariedade e sua empatia fulguravam e incomodavam as sombras dos recantos e dos interiores, como um farol e um iluminador que dissipasse e enfrentasse as hordas e as catadupas do passado e dos sonhos imorredouros.

“Sarah,” disse ele, aproximando-se e apertando sua mão num gesto de promessa e de proteção, “Não devemos esquecer que as reminiscências e os legados de Isabela, embora sejam doravante impossíveis de serem reproduzidos e vivenciados, ainda habitam essas paredes e esses solos ubérrimos, e sua voz e seus segredos seguem conosco, como a estrela que desvela o caminho na escuridão e nos ensina a aceitar as vicissitudes e os fados do destino e da história.”

Era uma tarde húmida e sombria, e o céu exalava fios e serpentes de nuvens volutuosas e encrespadas, como represas e muralhas que contivessem os dilúvios e as paixões dos ventos e das marés humanas. Sarah e Ethan se embeveciam e se maravilhavam com as memórias e os rastilhos das habitações de Isabela e de seus ancestrais, mão e raízes que haviam forjado e abraçado um mundo ora alheio e fechado à desolação e à morte.

A casa se abriu passo a passo perante suas mãos e seus olhos, e as reminiscências e os episódios perdidos e desertores do tempo alcançaram e comunicaram suas histórias e suas negações. Sarah e Ethan não apenas tocaram e penetraram os encantos e as ilusões dos espaços abandonados e misteriosos, mas adentraram e desvelaram as portas e os limiares incógnitos

e proibitivos do passado. Por entre retina e silhuetas, revigorados pelas ondas e pela brisa marinha, ampararam - se um pelo braço do outro, em busca de abrigo e de compreensão na tempestade das horas perdidas e das memórias inevitáveis.

Naquele dia, Sarah e Ethan apanharam nas mãos e nos corações os retalhos e os perfis do feixe dos arrolamentos e dos arremedos que Isabela havia legado e deixado como herança, um espólio de sentimentos e as histórias que queimavam e azorragavam as veias e os calafrios de suas almas e saudades.

E, na volta para casa, acomodados e recolhidos no embalo e na maré do carro de Ethan, ensurdeceram os ecos e as vozes que clamavam e se insurgiam contra memórias e lembranças que jamais seriam ressuscitadas e faladas, como um navio que afunda e se soterra no abismo e na dificuldade, irrecuperável e insubordinado.

Percepções de sarah sobre a dor de Ethan

Sarah observava Ethan, preocupada, tão perto que quase podia ouvir baixinho o bater de seu coração. Ela sabia que as palavras deles eram como ondas suaves na areia, lavando os vestígios do passado e abrindo espaço para o futuro. O rosto de Ethan ainda carregava a dor da história que ele acabara de revelar, lágrimas relutantes rolando por seus olhos e desaparecendo no mar escuro de sua camisa. Sarah estava alarmada pelas sombras que bailavam atrás de seus olhos; o que ela vira há pouco tempo como um brilho atrativo e enigmático agora era uma penumbra de arrependimento e sofrimento.

Ethan se voltou para encará - la, mas não conseguiu encontrar sua coragem passada no amparo de seus olhos castanhos. O vento persistente e frio da noite tratava os cabelos bagunçados de Sarah com a mesma impetuosidade que ele mostrou a Ethan. A melodia silenciosa do oceano melodioso parecia rudemente abafada pela natureza discreta dos segredos que eles compartilhavam.

Sarah lutou para encontrar as palavras certas e confortar Ethan em sua turbulência, mas o rímel escorrendo em seus olhos e a incerteza repentina em sua voz doíam como se tivessem sido arrancados de seu próprio peito. Havia medo em seus olhos - ela percebera a dor e a angústia de Ethan,

mas também tinha sua própria incerteza. Como poderia ela apoiar Ethan adequadamente quando seu coração ainda estava tentando se recuperar?

As palavras de Sarah pareciam tropeçar com um desajeitamento bem-intencionado, e ela se viu hesitando antes de prosseguir. "Ethan, não sei se posso consertar o que foi quebrado. Eu mesma sou apenas uma partícula de areia na praia, e não um farol como o que há no alto da falésia. Mas mesmo assim, eu estou aqui. Meu coração também está machucado - pode acreditar que estou tentando lidar com minha própria dor. E ainda assim, de alguma forma, juntos, parece que encontramos um novo começo. Uma nova chance."

Ethan bebeu suas palavras, sua expressão inquieta desvanecendo-se por um breve momento que se estendeu como a luz fraca das estrelas. Ele ergueu o olhar e lançou a Sarah um olhar que parecia carregar por um desamparo inarticulável, oferecendo uma resposta frágil e vulnerável à sua insegurança.

"Sarah," ele começou calmamente, com a força que parecia ser arrancada dos ossos falidos e cansados de uma pesada embarcação encalhada na praia, "eu não faço ideia de como um farol age em uma tempestade, ou se uma luz solitária pode salvar alguém de um oceano revoltado. Mas sei que você tem sido um farol simbólico para mim, um ponto de referência para me esforçar, brilhando em tempestades turvas e guiando até mesmo corações inquietos de volta para casa. E eu quero te ajudar a brilhar mundo afora, como você tem feito por mim."

Sarah enrugou a testa com uma mistura de esperança e uma tristeza remanescente, protegendo seus olhos brilhantes das lágrimas com as mãos trêmulas e incertas. Ela fitou Ethan com um olhar que misturava gratidão, perplexidade e cumplicidade, e sentiu que uma parte do peso de seu coração se dissolvia na noite que os envolvia. Eles se levantaram juntos, os dedos emaranhados e o olhar compartilhado transbordando de significado desconhecido e terrivelmente honesto.

Por fim, os olhos de Sarah encontraram os de Ethan, e ela o abraçou com uma ternura que só uma alma partida poderia conhecer. Permaneceram assim, juntos, enquanto o mundo ao seu redor parecia confundido no que fazer diante do brilho poderosamente frágil e inesperado da luz partilhada do farol - invisível, penetrante e capaz de iluminar até mesmo os cantos mais escuros do sofrimento e do amor.

Um ombro amigo para a cura emocional

A luz poente tingia o horizonte de rubor fugaz, como a indecisão de um coração que oscila entre os extremos do espanto e da esperança. A praia, com suas ondas espumosas e crestadas, se inebriava com o vento e a claridade trepidante, seus grãos de areia refulgindo como gemas líquidas, cristais lapidados pelo ofício incessante do tempo e do tempo que se desantarola.

Sarah e Ethan, guiados pelas asas do destino e pelas reverberações que solavam as águas e as falésias, caminhavam lado a lado enquanto suas pegadas se desvaneciam e se desfaziam nas lacunas da memória e do desapego. Foi então que, ante o fulgor e a quietude do farol que despontava e se elevava na crista dos rochedos, Sarah não pôde deter o fôlego e o tremor que afluíam e superavam o frontispício das incertezas e dos dilemas.

”Eu nunca havia revelado essas cicatrizes e essas lembranças”, disse ela com voz hesitante e frágil de alguidar. ”Na verdade, elas jaziam tão adormecidas e incapazes dentro de meu coração como navios naufragados num abismo marítimo, berços de remotas eras e civilizações, esquecidas e secundárias no limiar das grandes tempestades e das viravoltas que formam e deformam nossos rumos e nossos desígnios.”

Ethan se voltou para ela, amparando seu olhar com a mão trêmula. ”Sarah, eu compreendo perfeitamente a aflição e a hesitação que testemunham e se enfrentam na iminência de um declive estupendo e elegíaco, o desassossego que nos desarma e nos arranca do chão e do solo onde buscamos nosso refúgio e nossa solidez.”

”Mas você precisa saber”, continuou Ethan, o polegar afastando uma lágrima desavisada que brotava dos olhos de Sarah, ”que estou aqui para apoiá-la e acompanhá-la em cada passo e em cada reverência que esse processo de cura e autoconhecimento nos impele e nos compele, o tempo todo.”

Houve, então, um silêncio tão profundo e exato como o abismo infinito da noite e da abóbada estrelada, no qual se deslindaram veículos e grilhões, verrumes e relicários de bondade e de ternura infinitas. Sarah ergueu o olhar, ao encontrar as palavras e sentimentos que abrigava e armazenava como jóias ensombradas e entesouradas.

”Ethan, eu sempre tive medo de compartilhar minhas dores e penas, de desnudar as chagas e comprometimentos que eram tão pessoais e tão

interiores que apenas a solidão e a escuridão, ou um silêncio retumbante e universal, poderiam servir como cânticos e oferendas aos sofrimentos e às desolações que nos repunham e nos alquebravam.”

”Mas, ao conhecer você,” declarou Sarah, com um olhar feroz e impenetrável, ”eu descobri um farol e um porto, um ombro amigo que me ensinaram a entender a virtude e a ousadia da condição humana, seus abismos e horizontes, suas agonias e pelejas intermináveis. Agora, enxergo a cura emocional como um caminho sinuoso e intrincado, mas possível e desarmado, que nos conduz à compreensão e à aceitação de nós mesmos, para além das névoas e das tempestades que nos desviam e nos suplicam ao desconsolo e ao fracasso.”

O sol se esvaecia no horizonte, arrastando consigo os derradeiros véus e vestígios de luz e plenitude, como um vaso de prata que se despede da grandeza e da presença dos deuses. As sombras se entreteciam e se alastravam como um tecido e uma tapeçaria intrincada, arquétipos e constelações que nasceram e se alojaram na vastidão dos mundos e dos sistemas siderais.

E numa voz baixa e harmoniosa, Ethan beijou delicadamente o rosto de Sarah, e ambos se abraçaram, como faróis e sentinelas unidos na cegueira tumultuada e balsâmica da noite, perpétuos e comovidos, efêmeros e eternos como as vagas da costa e os destinos da paixão.

As memórias de Isabela Costa como guia

O sol se desdobrava no céu em suas infinitas feições e meandros, quando Sarah, acompanhada por Ethan, parou para contemplar a grande foto emoldurada que se encontrava, com orgulho e deferência, no aposento principal da casa de praia, outrora pertencente à sua avó Isabela Costa. A imagem, datada de 1960, mostrava Isabela em sua paz e destreza cosmopolita, o olhar sereno e irrestrito, a mão trêmula e unguida a fadigas inesperadas e fortuitas. Era um retrato preservado de sua juventude, de quando a casa tinha sido o centro pulsante de sua vida, adentrada de gentes, sentires, não-sentires e alicerces inabaláveis de ternura e de desconforto.

”Ela foi uma mulher incrível”, comentou Sarah, num repente de intimidade e de força, ”sempre presente e disposta a compartilhar seu conhecimento e suas vivências com aqueles que precisavam dela. Por isso, sempre que cruzava o umbral dessa casa, sentia-me embalada e protegida pelos espectros

e resquícios de amor e de presença que emanavam de cada tijolo e alvéolo desse recôndito cantinho do mundo.”

Ethan permanecia em silêncio, os olhos encharcados de afeto e gratidão, as mãos servindo de amparo e de assento ao coração e ao sentimento que se desvencilhavam e repousavam no resguardo das trancelins e dos silêncios. ”Sarah, querida, você tem razão. Há algo extremamente suave e poderoso na irradiação e na energia que essa casa e a memória da sua avó nos envolvem e nos abençoam. Eu, um mero desconhecido, um andarilho perdido nos desígnios e nas reminiscências de um passado umbilical, sinto-me aqui como se fosse adotado e abrigado por Isabela e pela linhagem de suas ânsias e embates.”

Sarah sorriu com delicadeza e tristeza, a saudade agarrando-se a seu peito como musgo e asas retorcidas pelo tempo e o distanciamento. ”Posso ver em seus olhos, Ethan, que você entende e percebe com afeição o legado e a herança que minha avó deixou nesta verdadeira arca de memória e de encanto. Isso me enche de uma alegria tão profunda e contundente. É como se pudesse ver nesse gesto e nesse carinho palavras e presságios de cura e de renúncia às feridas do passado.”

Ela pausou, uma lágrima ameaçando brotar em seus olhos, e agarrou a mão de Ethan, afastando-se lentamente da foto de Isabela e caminhando em direção à varanda, onde o mar e o céu começavam a se fundir e convergir numa tela magnífica e soberana. ”Eu acredito, Ethan, que todos nós sejamos ligados pelas amarras e pelos nexos dessa vida, pelos elos de memórias e de cicatrizes que construíram nossas existências, nossos corpos, nossas âncoras e desventuras. Juntos, eu creio que somos capazes de mergulhar e atravessar o limiar das águas derradeiras, resgatando o amor e a presença que nos faltaram e nos apartaram.”

Ethan, enlaçado no augúrio e na convicção das palavras de Sarah, beijou ternamente sua mão e fixou o olhar na linha que delineava a união do horizonte e do firmamento. ”Sarah, seu coração é uma flor de lótus e um navio de luz, um farol e uma prece que transmutam as águas azedas e amargas da vida em esplendor e claridade. Não sei o que o futuro nos reserva, não sei do esconderijo e do manancial das emoções e vestígios que sangram em nossas veias.”

”Mas sei que caminhamos juntos, amparados pelas presenças e irradiações de minha querida Isabela Costa, de sua sabedoria e de sua

eloquência e, sobretudo, de sua generosidade e amplitude, que vida alguma pode suplantar ou esquecer. Ela vive através de nós, através da nossa capacidade de amar e de perdoar, de cicatrizar as fendas e os fossados onde repousam as lágrimas e os tremores.”

Foi então que, na penumbra da noite, quando as estrelas e os astros despontavam e se embelezavam nos regaços do firmamento, a casa de praia cintilante e ferida de lembranças se transformou, lenta e docemente, na morada silenciosa e harmoniosa da redenção e do amor. As vozes de Ethan e Sarah se elevaram aos céus e ao mar com a fervor e magnificência dos seres alados que nadam e voam pelos abismos do tempo e da infinidade, unidos aos sussurros e presságios de Isabela Costa, a dama que regeu e guardou o segredo e a sacralidade do farol dos amores perdidos e encontrados, sempre.

Superando medos e inseguranças

Os cascalhos de antigos tormentos cantavam, como um coral samsônico e sideral, na penumbra daquele tardar de março. Sarah e Ethan, entrelaçados pelo cogito e pelos destinos ermos e enfeitados, se desprendiam e se desvelavam como pródigos e órfãos, filhos perdidos da casa da dor e das crônicas sepultadas sob a lápide e o sigilo dos desejos. No lado de fora do mundo e da linguagem, eles acolhiam e desvendavam os resíduos moribundos e as lágrimas difusas, como umas gotículas desprovidas de origem, tempo e prumo.

”Eu tremo por causa dessa névoa e da imensidão que se desata e se desabotona quando me deparo com a lembrança e a presença concatenada dessas monstruosidades que habitaram e possuíram os páramos de meu inconsciente e das catadupas e das rendições da culpa”, murmurou Sarah, os olhos fulgurantes e sombrios, como duas pequenas orbes de opalina crisálida.

Ethan balançava a cabeça e sorria angelicamente, como um sábio e sereno Buda, ciente de suas verdades e revelações, mas também atento à contingência e ao desconto do efêmero e do soluço. ”Sarah, minha querida, eu entendo e compreendo o medo e a resistência que circundam a sua vida e a sua fibra como um bracelete de Angitia e de Vertumno - os laços que se fecham e se encurtam, as lianas enroscadas e abraçadas num estertor eterno e assombrado de solidão e de sombra.”

”Pois eu lhe digo, como alguém que também partilhou e carregou o

fardo e o pálio do mais terrível e abominável remorso, que existe uma luz e uma vereda, alcançáveis e cristalinas, onde você e eu poderemos lavar nossas mãos e nossos passos, desimpregnados e livres dos espectros e das iniquidades que nos conduziram até este templo e madrigal do amor e do martírio.”

Sarah, ao escutar as palavras suaves e sanctas de seu amado, despreendeu um sorriso e uma lágrima, como um simbólico Hierosgamos que fundia e apartava forças telúricas e cósmicas, elementais e impiedosas. ”Ethan, ao seu lado, eu creio que posso enfrentar meus dragões e meu mimetismo, lutar contra o espelho que reflete e refrata a escuridão e o desprendimento de um rochedo engolfado pela torrente infundável dos séculos e das vicissitudes.”

”Quero lhe confidenciar, entre soluços e arcanjos desgarrados”, continuou Sarah, derramando sua sinceridade e suas cicatrizes no regaço de seu confidente, ”que o medo que esperei e combati nos infernos passados ainda vive e palpita dentro desta carcaça trêmula e aflita, confinado às correntes e às colheitas adúlteras de um coração dividido e crispado.”

Através de gotas de suor e lágrimas, o rosto de Ethan se tornou um caleidoscópio de cores e texturas, provindo do mais recôndito e ancestral agouro e testemunho, sinal e preságio das eras e civilizações que sucederam e se sucederam, parábolas e caminharolas de mártires e de anjos perdidos. ”Oh, Sarah, eu sabia das vozes e dos ciclos incessantes dos roldões e das angústias, como as incessantes cordas de um bordão e de um dulcimer estoitado e sedientos de vingança.”

”Mas você apaziguou e adoçou a amargura e as últimas fragmentações de minha alma, tal qual uma redenção e uma prece que se oferecem e se entregam como tesoiros resgatados e coletados, íntegros e inquebrantáveis na luta e na travessia das tempestades e das auroras boreais.”

E com um súbito e exato beijo, doce e sagrado como o néctar e a ambrosia predestinados aos deuses e aos santos imortais, Sarah e Ethan uniram as mãos e as vozes, num eco e num relâmpago indizível e transfigurado, ao som dos sussurros e dos clamores dos silêncios e dos oceanos que os cercavam e os impregnaram, moldando seus contornos e seu horizonte de sutilezas e belezas eternas, imunes e resilientes a temores e inseguranças.

Aprender com os erros e as experiências

A chuva incessante castigava as janelas, como se implorasse para ser admitida no cálido reduto onde os amantes encontravam seu abrigo, mas a força do vento, que zombava de suas súplicas, soprava - a de volta para o seu lado selvagem do vidro.

Sarah estava perder - se nos olhos de Ethan, como guias voejantes pelos confins da alma humana. Não esperava que a inquietude conseguisse vencer as paredes e as entranhas que abraçavam aquele âmago do seu farol, uma fortaleza de augúrio e desejo, mas ali estava ela, frente a frente com seus fantasmas e suas memórias.

”Se eu tivesse sido mais ousada, talvez ”, Sarah começou, sua voz enfeitada e fraca, como se estivesse presa no outro lado do espelho, ” talvez eu pudesse evitar os tombos e as quedas que marcaram minha história e delinear as fronteiras entre a menina que fui e a mulher que sou.”

Ethan, o semblante assombrado por amarguras e luas que bailavam em seus olhos de abismo e de fusão, tocou com tremor e temor a face lívida e crispada de sua amada, como se quisesse resgá - la das mãos invisíveis e inextrincáveis do seu pretérito e das suas labaredas de culpa. ”Sarah, não podemos voltar no tempo e apagar nossos erros e deslizes, nossas imperfeições e desafios que nos espezinham e nos trouxeram até aqui, a este limiar de translucidez e desamparo.”

Sarah, segurando a mão de Ethan com firmeza e melancolia, suspirou fundo e juntou suas palavras e seus pensamentos sobre o tapete intrincado e intrépido de sua convicção e sabedoria febril. ”Mas, Ethan, pelo menos poderíamos ter aprendido com nossas experiências, com nossas cicatrizes e naufrágios, e talvez assim evitaríamos os desencantos e os espectros que nos claudicaram e nos infundiram a dor da repetição e da ruína.”

Ethan, cansado e perdido na espiral de causa e efeito, destino e acaso que rodeava e dilacerava seu peito, engasgou com um estranho grito de amor e revolta, pois sabia que havia sonhos mal ditos e presságios insondáveis entrelaçados aos dedos e à linguagem do que não fora vivido e tocado a tempo.

”Sarah, acredito que em cada um de nossos fracassos, há uma lição, um sussurro, um aprendizado que nos molda e nos alicerça na busca e na empreitada da evolução e da metamorfose. Io não podemos viver nas

paredes do que poderia ter sido e do que deveria ter acontecido. A vida é um inquebrantável jogo cósmico de tesouros e infortúnios.”

Ela, abraçada à sua garra de energia e às suas esperanças ardentes e pujantes, desviou o olhar da penumbra e da névoa que se deslizavam por entre os frestins da parede, e fitou com devoção o semblante lívido e amotinado de seus temores e melindres, sentindo, com uma ponta de ardor e de indolência, o fulgor e o fulvo de suas histórias e dúvidas empenadas pelo período e a travessia.

”Está certo, meu amor, não podemos mudar o passado, mas podemos redescobrir o presente e o futuro sob o manto e o alvorecer do aprendizado e da sabedoria. Juntos, eu creio que somos capazes de transcender e derrotar as amarras e os sombrios pesos que nos arrastaram e nos prenderam ao pó e às ilusões de nosso eterno e infindável páreo.”

Ethan, contendo o grito e a fraqueza de suas antigas desditas e desavenças, sorriu para o rosto sereno e majestoso de sua amada e a segurou pelo colo, o olhar penetrante e voejante a descer ao recôndito jardim de suas angústias e aprofundara ainda mais no passado.

”Sim, Sarah, eu acredito em nós, na nossa união, nas lembranças e ensinamentos que atravessam nossos corações e nossas veias como bálsamo e amálgama. Precisamos aceitar nossos erros e nossas experiências, integrá-los às nossas escolhas e às nossas caminhadas, para que assim alcancemos o horizonte dos sonhos e os campos férteis da bonança e da fé.”

Naquele instante, o céu rachou em um desfile ardoroso e fulgurante, os relâmpagos e trovões anunciando uma outra era, um outro paradigma, onde errar era viver, onde cada desatino era como o vento que comanda as marés e os oceanos da sabedoria.

E Sarah e Ethan, rendidos ao amor e à prece que lhes prometia luz e libertação, entregaram-se um ao outro, para aprender com o que fora e o que será, enovelados em um só coração, um só círculo de abnegação e de crescimento, a relva e a orvalho de seu amor fertilizando e aguçando a dor e o aprendizado dos pródigos e luminosos seres destinados à eternidade e à redenção.

Caminhos cruzados: o início de uma nova vida juntos

As águas, aquelas águas de cor azul-celeste e celeuma, banhavam e açoitavam a praia, num fervor inexprimível e inebriante, enchendo e cingindo os olhos e os corações dos amantes e navegantes. Despertos e refeitos de seus caminhos tortuosos e seus ardis e truques de sombras e de eventos que se desdobraram ruidosa e desteirada, Sarah e Ethan se encontravam agora neste mesmo recanto de fores e de brisas onde, sem exato e predito desígnio, cruzaram suas almas e palavras rentes e deslavadas de anseio e fundura, esse cais e essa alma entaçada que se fez sua morada e seu porto de abrigo.

No mais recôndito e tatuado silêncio de suas respirações e angústias impressas sob a lápide e a leveza das construções e dos sonhos, ergue - se agora uma alvorada e um almenara, fulgentes, siderais, como do abismo aberto e pulsante de uma nova luz e de um novo chamado.

”Deus, oh!, Deus, ou quem quer que seja a entidade, a voz e o escopo que atravessam e reconduzem os tempos e as eras!”, exclama Sarah, os olhos a encher - se de um líquido e um fulor que só poderia haver nascido das eritreias e dos vulcões embutidos no coração de novas e futuras gerações e invariantes.

”Tu, que nos abriste e nos ofereceste este cálice e este sabor infinito e insinuante do paraíso e da amargura, do amor entremeado e melificado pelas ametistas e pelas lágrimas borboleteantes e encarnadas de nossa paz e retorno!”

Ethan, sagaz como o infindável dia e o amor e a leonina que se enleiam e palmilham a rota e a rua quimérica e quimérico da lufada e do entardecer na praia e na argamassa de todos os enigmas desvelados, ergue os olhos e os braços, desvencilhando - se e libertando - se das amarras e das branduras da dor e das mágoas do passado.

”Sim, Sarah!”, brada o amante e amigo ao vento e aos ecos, aos círios e indelevelíssimos faróis que galgam e se rendem perante a força e a pujança de seu brado e de sua inabalável esperança. ”Eu também agradeço e reverencio as vidas e as retinas de todos os anjos e heróis que semearam e perlustrados nossos caminhos e nossos amor - e - paz.”

Abraçados e entrelaçados pelos acordes e gestas de um tempo e de uma morada que lhes serviram de pantufla e de pasárgada, Sarah e Ethan, sábios e pungentes, conduziam suas carpideiras e suas dores e ardores

pelo tabuleiro e pelo clarão de uma praia majestosa, vergonte e apequenada pelos espasmos e dulcíssimos beijos que açoitavam e convulsionavam - o.

"Quantas vezes terei de agradecer a ti, Deus, etéreo e meu Bahloo família, senhor das luas e das estrelas, pelos milagres e pelos descaminhos que me trouxeram e me arrancaram deste anagrama e desta maré-viva?", suspirava e gotejava Sarah, a face púrpura e regalada, lépida e translúcida como os ventos alísios que abandonavam a terra dos Serica e se dirigiam ao mundo das fragilidades e das belezas incendiárias.

E Ethan, retomando o estro e o resvero, cravou uma voz em terceiras e quintas, como um canto e um estandarte inflamado pelos trovões e pelos meteoros suicidas e rapsódicos que se bifurcavam nas nuvens e nos céus alvejados pelo latter-day: "Sarah, com os olhos fitados nos teus e na alegria e na tristeza e na perplexidade de todos os olhos e miradas que neste mundo habitam e se esgravatam, eu te assevero e te reitero meu amor e minha bênção."

"Que jamais ocorram e refluem os desmando e as escolhas que, separados e inertes como nascentes e lezírias afastadas e despercebidas, nós fomos fadados, agoniados, aturdidos pelos lamentos e pelos gozos que nos impregnaram e nos impeliram até este estado do hoje e do túmulo e do éter máximo!"

E Sarah, com uma expressão terna e tocada, serena e empertigada como uma sacerdotisa pálida e etérea de Helena e de Atalanta, olhava nos olhos de Ethan, nos olhos que lhe prometeram e lhe asseguraram uma vida e uma luminância infinita e intransponível.

"Sim, Ethan, meu amor, levar-te-ei contigo ao fim das eras e dos tempos, ao fim das tormentas e das correrias dos albores e das tramas insondáveis e fuliginosas dos alhures e dos adágios antiquíssimos e navegadíssimos pelo espaço e pelas auroras boreais e embebidas nas lágrimas sparkisquejantes de um novo e fortuito Aldebarã."

E assim, sob o manto e a plenitude da lua e das estrelas, da sereia e da fonte que lhes regada e lhes rendiam preto e proditorias, Sarah e Ethan irmanavam-se e dedicavam-se à jornada e à fornida e terrível batalha que os aguardavam, nas sendas e portulanos de suas vidas e de suas paragens idealizadas e tangíveis em cada gesto e em cada palpitação do vasto e flébil universo que lhes reservava esconderijos e revelações estelares e miríficas, cósmicas e apaixonadas.

Chapter 11

Praticando perdão e aceitação

Era o amanhecer de um novo dia naquela pequena cidade à beira-mar. As ondas agitavam-se contra as rochas, um ritual hipnotizante que capturava a essência de paz e redenção que Ethan e Sarah buscavam tão desesperadamente em suas vidas. A brisa, acariciando seus rostos cansados enquanto caminhavam ombro a ombro pela orla, debatia sobre histórias, lembranças, perdão e aceitação.

Antes mesmo que a lenta melodia do som das ondas pudesse acalmar os pensamentos e as emoções aflitivas dos amantes, como se adentrasse suas almas desgastadas e imprimisse a tranqüilidade de um horizonte infinito, uma revelação inesperada brotou das outras ondas, aquelas que descreviam o fluxo incessante e irregular de suas memórias doloridas.

Ethan, sempre reticente quando a sombra desenhava-se como um amante ferido e ávido por expiações sem conta, finalmente revelou a Sarah a razão de sua própria dor lacerante, motivo de sua tortura interminável: há muitos anos, envolvera-se em um acidente terrível que resultara na morte de seu melhor amigo. Desde então, carregava em seu peito a culpa e a amargura de um erro imperdoável.

Sarah, emocionada e inundada por uma dor que não era sua, mas que parecia cravar-se em seu peito como se fosse, fitou os olhos trêmulos de Ethan, buscando um modo de consolar e aliviar o peso de uma dor que transcendia o tempo e as fronteiras de uma única vida. A revelação doerrama orquestrar um fugidio mas latente som de coragem e vulnerabilidade que,

por breves e eternos instantes, parecia dar a entender que Ethan estava pronto para abrir-se e escancarar sua própria alma às doçuras e às memórias entrelaçadas e efusivas de Sarah.

As mãos dos amantes, antes trêmulas como se arranhadas pelos ventos e pelos sussurros do mar e das marés, agora pareciam fundir-se e moldar-se como se pertencessem a uma única criatura, a uma única sinfonia de perdão e aceitação que se uniam e se combatiam como num cadinho invisível e magnífico.

”Oh, Ethan”, começou Sarah, sua voz baixa e trêmula, sufocada pelos soluços e pelos ecos de compreensão e dor que lhe assaltavam e lhe rasgavam como serestas e serenatas emaranhadas e perdidas na espira de suas tristezas. ”Eu nunca imaginei Eu nunca sequer intuí o fardo que você carrega consigo, essa maldição que parece ceifar suas noites e interromper a dança trágica e melancólica do silêncio e do adejar dos sonhos que não vêm.”

Ethan, com lágrimas nos olhos e o pesar a amordaçar sua voz, tentou articular alguma desculpa, um simples por quê, mas as palavras pareciam untuosas e reticentes, saindo de sua boca como oferendas a um deus desconhecido, que não perdoa e não concede uma única e decrépita pétala de paz.

No entanto, aquela manhã fresca e fria, pintada a cinza e a nuvens numa tapeçaria onírica e sussurrante, jamais seria esquecida por aqueles corações que pareciam carregar o peso do mundo e das infelicidades e dor, pois tinha sido quando praticaram o perdão e a aceitação, integrando uma a outra em seus caminhos e feridas, mesclando suas lágrimas e seus silêncios com desenhos e mitos ancestrais, com as promessas e cobranças de futuro e de redenção.

”Sarah”, Ethan começou hesitante, como num lamento e numa suplica estrangulada e cativante, ”eu, como culpado pela morte e pela sombra que ronda minha vida, só posso lhe pedir que entenda minhas aflições e meu punhado de versos e solilóquios que preenchem o vazio e a noite mal dormida que tem me perseguido e destruído a orquestra e o alvorecer do meu sorriso e da minha esperança.”

Sarah, serenamente, arfando e respirando como se cada partícula e fio de suas entranhas se travesti de luz e de sublime enclausramento, estendeu o braço e deslizou sua mão pelo rosto vulnerável, marcado e embebido pelas lágrimas e pelos pavores e abismos de Ethan, e num sussurro como a brisa

que beija as flores e os prados escondidos e imaculados, ela compôs sua lírica e seu antifona de ternura e compaixão, a certeza e o conforto de sua capacidade de amar e perdoar.

”Meu amor, acredito que nenhum pecado ou erro, nenhum lamento ou som de derrota e colapso, são tão grandes que não possam ser suplantados e polidos pelas mãos e pelas batidas do coração, pelas vozes e súplicas de quem arrisca e enfrenta as sombras e os tormentos que lhe pintam e lhe envolvem como capa e prisão.”

E ali, naquele instante infinito e cândido, num fog precedente e travesso, na harmonia e sincopado enlace de seus olhos e suspiros, Sarah e Ethan entregaram - se ao aprendizado e ao ofício de perdoar e aceitar as injúrias e reticências de seus passados, permitindo que a canção e o vento das tênias e das nuvens que vagavam pela orla de seus encontros selassem e enleassem com a melodia do amor, o acordo de um perdão mútuo.

Testemu!

Revelações sobre o passado

O céu manchado de bolhas de tinta desbotadas que se arremessavam no casario e nas gárgulas que escondiam - se e resvalavam no decorrer dos desvios e auroras boreais. Sarah e Ethan encontraram - se à sombra e à penumbra e ao murmúrio e silvo de uma fonte a jorrar no centro da praça, ali onde, séculos a fio, encontravam - se os peregrinos e penitentes, as marés e as gerações de pescadores, os santos e os condenados que se embatiam e se enlaçavam e se desentranhavam na flor e no nevoeiro de uma pequena cidade costeira.

Sarah, empeçonhada e esqualido, com o ventre retorcido pelas cólicas e pelo fluir sanguíneo e aflitivo, buscava e crivava no olhar e na rudeza e rispidez das mão que enleavam as emoções e Ânias tão melífluas, que intercede em favor de seu pai e sua mãe e de todos aqueles a quem se afeiçoaram e se combateram e se abraçaram na agonia e no soluço de viver e acreditar em um mundo essencialmente bondoso e resplandecente.

”Está tudo bem, minha querida?”, indagava Ethan com seu olhar estampado e toldado pelos céus sombriamente áureos e rubros que espelhavam e repousavam na praça e nas redondezas, como o beijo polido e aprazível da mãe que resvete e se enlouquece com o desgosto e as intempéries que a vida

lhes impõe e lhes golpeia.

”Está tudo bem, Ethan”, respondeu Sarah com um triste sorriso e ânsia de vômito.

Ethan, sabendo que o entraríssimo íntimo de Sarah jogava-se pelos leões e pelas feras selvagens e insaciáveis das profundezas, esteve a ponto de estender-lhe uma pétala e conforto, mas detera-se, pois compreendia as imediações e inintermitências daquele drama e desespero, daquela necessidade egoísta e desenfreada de afogar e aniquilar, pelo menos uma ínfima e momentânea parcela, a alegria e a compreensão do outro.

Sabia o quanto lhe fora difícil a vida depois da morte e malfadada sequidão dos olhos e dos corpos daqueles a quem amavam mais que a si próprios, a quem chorariam e se encomendaria às lápides, aos cálices e aos olhos embaçados pelos enredos e infortúnios indecorosos e que lhes fitavam e os desafiavam e se amesquinavam e rastejavam na leira do desassossego e na agremiação das gargantas abertas e entregues à vodka e às lágrimas cristalinas e escondidas da humanidade.

E fora justamente nesse interlúdio de fantasmas e abutres, no que se descortinavam as sombras e penumbras do passado e da saudade implacável e lacerante que tanto Sarah quanto Ethan peregrinariam e se deparariam com suas verdades indomesticáveis e suas lembranças esmaecidas, soterradas sob os gritos e sussurros enlameados de flores e de noites insones e intermináveis, que acometiam e destruíam os corações e os órgãos mais vitais e resquícios de esperança e armistício efêmero no vértice de seus corpos em transe e em fuga.

Sentados em um banco de madeira antigo e esculpido pelos elementos e pelo tempo, Sarah e Ethan encararam o último sussurro da luz do dia. As mãos trêmulas e incertas tocaram-se, os dedos entrelaçando-se como raízes na terra úmida e narrativa.

”Sarah...”, começou Ethan, engolindo em seco, ”eu preciso contar-lhe algo sobre o meu passado.”

Sarah, concordando silenciosamente, inclinou-se ligeiramente em direção ao seu companheiro relutante e esperou que ele dissesse as palavras que estavam entrecortadas e travessas ainda em sua garganta.

”Sarah, há alguns anos, houve um acontecimento em minha vida, um acidente terrível, no qual eu fui o protagonista e o algoz...”, e a voz abafara-se em seu peito, como se apegada às lágrimas e ao sofrimento que se esvai

e se sofisma a cada compasso e clímax.

”Era meu melhor amigo, Sarah. . . ”, continuou Ethan, ”eu o matei. Ocorreu um desentendimento, algo eu não esperava, e a culpa corrói minha alma ao ritmo das horas silenciosas e sombriamente inclinadas da vida e do vício a que me tornei escravo e obsidiônomo.”

A revelação do acidente mortal que afetava tão profundamente a vida de Ethan despedaçou e perfurou o coração de Sarah, rasgando seus desejos e vontades, seu próprio sofrimento e memória como se agora fosse nada mais que um triste espectro em confronto com a dor do homem que tanto aprendeu a amar e a confortar em seus braços e abraços alvorotados pelas expectativas e turbilhões de um futuro de sonhos miríficos e impossíveis ou talvez não tão impossíveis assim, se pudesse desvendar e abraçar a tempestade e a tempestividade da verdade e do perdão e da paz inverossímil na alameda que se abre em algum recanto de seu peito e de sua lágrima extraviada e respingada no piso e no devir.

”Eu acredito em você, Ethan”, murmurou ela docemente, ”e eu acredito que, mesmo diante das sombras e do vale da morte e do esquecimento, nós podemos curar nossos corações e almas, juntos, resgatando os amores e as esperanças perdidos de uma juventude que desconhecíamos e que, a cada dia e caída de sol e de inverno inevitável, nos desafia e nos provoca a revisitar e a perceber as vidas e os sonhos e os abismos que nos foram destinado e nos premuniram da escuridão e da destruição de um mundo sem coração e sem baile e sem folia.”

Com o escurecer do dia, Sarah e Ethan continuaram sentados no banco da praça, revelando e partilhando as ações e as decisões que os levaram até aquele instante em que sentiam a necessidade inabalável e inalienável de curar e reatar os laços e os pedaços quebrados e despedaçados de suas histórias e do coração e das músicas que os embalaria e os faria, finalmente, sonhar de mãos dadas com o aroma e a tranquila entrega à lua e às estrelas, às sinfonias pungentes e infinitas de um amor soterrado e ressuscitado no abismo aberto e pulsante de suas lágrimas e vidas.

Enfrentando a dor juntos

O vento encrespado e verdugoso abraçava a pequena vila costeira, o açoite das ondas repisaram a areia e sucumbiram ao peso da névoa amortalhada

que pairavam como os fantasmas que assombram Sarah e Ethan.

As luminárias nas alamedas e no largo onde se encontravam, além da sombra discreta e magnânima que emanava das incontáveis velhas ostras e conchas que os acolhiam e circundavam como o breviário, as normas e os sentidos, deixavam uma melodia de confissões e diálogos, que, entrecortados da penumbra e da consonância que entoava a lua em seu ápice cintilante e magno, patenteavam ali, diante do salvar e desdobrar - se inumeráveis das ondas e dos ventos e das névoas, o ensejo pleno e a concretude de suas angústias e dor indizíveis.

Quis o destino inescrutável e imerso nas sombras desta noite, tornar menores e amalgamar as sombras e diluir as lágrimas e vejamos interiores de uma humanidade que se agiganta e estrondeia a cada açoitado, a cada farfalhar, a cada lufar do vento e das marés caçadas e pequenas, a cada sorriso, a cada olhar de repreensão, a cada ínfima e irreparável brecha de conforto e de redenção.

Ethan, com os olhos embaçados e sem luz, fitou Sarah e sorriu, um sorriso resignado, triste e profundamente ternurento, enquanto se aproximava e envolvia seus braços na cintura dela, num abraço apertado e sufocante, um abraço que parecia cerzir velhas feridas e trazer à tona, em sua mágoa branda e fugidia, a beleza incontestável da amizade e do afeto que lhes embargava e toscamente os edificava e os transmutava em algo maior e supranatural.

"Sarah", murmurou Ethan, cada palavra, cada fonema, cada modulação parecendo uma lágrima contida e travada na garganta, "eu sei que venho lutando e enfrentando minhas próprias infelicidades e assombrações, e eu sei que venho nessa batalha de épocas e de desfalecer um inúmero caso e imponderável de desgraças e daqueles que me sustentaram e me embrulharam na vida e na donaire e nulidade humanas."

Ethan hesitava como se pudesse encontrar numa reminiscência, num pedaço de um passado longínquo e desprezível, os escombros e cadafalsos de um exílio e purgatório imaculado e digno de redenção, e prosseguiu em seu confessional e desespero: "Sarah, estou a enlutar em meu peito e em minha plenitude e majestade extraviadas e desoladas, a dor e o rosto e o sepulcro de um inescrupuloso e intocável amigo, que, no decorrer das marés e tempestades de minha vida, ecoa e grita como se em desalento e totais incompreensão e desvelo."

Sarah, enquanto se aninhava no abraço e no soluço e no amparo dos braços de Ethan, em um esforço titânico e palpável sentia na carne e na alma, a dor que perfazia e angariava todo o ser desvairado de Ethan, e, infinitamente maravilhada com sua capacidade de amar e se destruir, ela murmurou, como quem dilacera - se a cada sopro de vento e a cada espuma e a cada revirar das ondas:

”Ethan, meu amor, eu sinto Eu estou aqui e me parece milagrosamente e inexplicável a dor e a mágoa e arrependimentos que se escondem em seu manto e em seus olhos de uma coragem e desvelo insone e fatigável. Permita - me arrancar do seu peito e do seu calvário, meu próprio calvário e escrutínio, e demonstremos e adornemos assim, em nossas lágrimas e absoluta incompreensão do destino e desígnios que nos separaram e nos resgataram do afogamento e da morte e da corda e da penitência, um sorriso, um lamento e, em última instância, acabamos por um dia, apenas um dia, como se fosse um dia e não um minuto ou uma hora, o toque e a ternura e uma paz inexorável em nossas vidas humanas e terrivelmente furibundas.”

Secaram, então, os olhos, consolaram suas dores, aprumaram os espaços e os corpos e os espíritos emaranhados na teia impregnada e intrépida de suas sombras e alucinações, e aceitaram, como o som de uma cantilena extinta ou como um sonho, um abraço, uma brecha, no firmamento e na desolação onde caminham e andam migalhas e rastos de uma humanidade e dor que transcendem o indizível e o efêmero lengalengar da praia e do mar em suas brumas e paixões incontidas.

Sarah e Ethan então ergueram - se, amparados e desfradais, os olhos molhados e as mãos tremulas e quentes, e continuaram a caminhar, compasso por compasso, e toque por toque, infinitos beijos e sementes plantadas no calor e no desalento que se inscrevera nas flores e nos sepulcros, no sal e nas areias úmidas por onde um sussurro e um breve poema se estendia e se retorcia, indeléveis, eternos, desprezíveis.

Aprendendo a perdoar a si mesmos

Era o fim de uma tarde de sol agonizante, daquelas que emprestam à costa um olhar gentil e cálido; um bálsamo encarnado pelas moradas da areia e dos rochedos que se estendem sinuosos e impassíveis, como sentinelas em seu posto eterno. O mar regurgitava sua paisagem no horizonte, uma

trama esfarrapada de verdes e azuis emoldurando a imensidão límpida onde repousavam os olhos de Sarah e Ethan, dois peregrinos da dor e da solidão em busca de perdão.

Era ali onde, séculos a fio, encontravam-se os peregrinos e penitentes, as marés e as gerações de pescadores, os santos e os condenados que se embatiam, se enlaçavam e se desentranhavam na flor e no nevoeiro de uma pequena cidade costeira. Por mera coincidência, -ou talvez por um propósito universal que prefigurava a redenção- eles se encontraram diante do farol e das ondas; compreenderam o vínculo implícito e inalienável de suas trajetórias carcomidas e dispersas no vazio e no éter.

A conversa fluía como se fossem duas almas que sempre estiveram juntas, unidas por laços de dor e sofrimento, pelos fantasmas e cicatrizes do passado e pelas memórias que, em cada côncavo de suas vidas, iam se emoldurando e recriando como uma pintura abstrata e ainda inacabada.

”Sarah ”, murmurava Ethan, as mãos trêmulas repousando gentilmente sobre as dela.

”Ethan?” , ela sorriu com certa dor e tristeza espelhadas em seus olhos, e ali permaneceram, hipnotizados na quietude, como se, através do olhar do outro, se descobrissem e se explicassem pela primeira vez.

”Sabe, estive a refletir sobre o que compartilhamos um com o outro ao longo das últimas semanas e devo dizer ”, hesitou por um momento, olhando além de suas cabeças, focalizando cada fibra do farol que se erigia como um testemunho lívido e pragmático das existências que passavam e se coadunavam ali, ” sabe, realmente me sinto capaz de perdoar a mim mesmo pelo passado”.

O lampejo de realização em seus olhos aprofundou-se, tornando-se mais palpável e incontestável à medida que, como um brilho espectral e imortal, revelava a força e a redenção do perdão e da compaixão.

”Eu também ”, ponderou Sarah com um suspiro, ” eu também.”

Debatiam - se, em seu recôndito, os espectros e cruéis lembranças de outrora que tanto lhes perfuravam e amarguravam as estradas e beiradas de suas vidas, e perceberam o quanto aqueles momentos -ainda fecundos no coração e na mente, preenchidos apenas de mágoas e pesos- se desenterravam como um hino silencioso de redenção e amor mútuo.

Sarah estreitou as mãos de Ethan em um momento de ternura e cumplicidade, os olhos marejados de emoção, ainda que contivessem no humbral de

suas lágrimas a resolução absoluta de confrontar e abraçar o futuro repleto das promessas e deselegios que lhes eram destinados.

”Ethan”, ela quase suplicou, como se cada grama de esperança e fortaleza que jazia dentro de seu ser já se esvaíram na luz do dia moribundo e nos sussurros das ondas e das gaivotas que campeavam o firmamento, ” o que isso significa, para nós?”

Ethan lançou - lhe um olhar igualmente terno e repleto de significado - um olhar que transpunha as névoas do tempo e os laços sangráticos e tenebrosos que lhes enredavam os passados -, e, adereçando todo o medo e a incógnita, deve um passo a frente.

”Significa, Sarah, que, finalmente, estamos prontos para abraçar nossos sonhos e potencialidades, que estão prontos para nos elevar por cima das grilhões e dos tormentos, das mágoas e das constrições que abandonamos e que nos abandonaram, dentro e fora e junto ao bátrato e à essência de um perdão que é tão simples e tão indizível quanto o dançar das chamas na preciosa fogueira que arde no coração humano.”

Com um sorriso tímido mas intenso, Sarah aproximou - se de Ethan, o coração pulsando mais rápido, enquanto o vento sussurrava melodias de uma nova vida e um novo começo nos cabelos de ambos. Sentindo o calor de seus corpos cada vez mais próximos, pensavam nas possibilidades e caminhos que ainda não haviam explorado, e um vínculo se fortalecia entre eles. Navegando nas ondas incertas do perdão, erguia - se, majestosa e flamejante, como um farol diante da neblina e da penumbra, a promessa de um amor que os resgatava e os traía de volta à terra firme.

Aceitando o passado e acolhendo o presente

A espiral das horas passadas rodopiava e esvaía, como os últimos resquícios de bruma e nevoeiro que acariciavam e dissolviam - se na tábua e no bailar das ondas, infinitos espasmos e crepitar de instantes arrebanhados e esvaziados em seu rastro de magníficas cicatrizes e traumas.

Sarah e Ethan, após seu abraço e sua confissão à beira do mar e das névoas e fantasmas que lhes imiscuíram e desvelaram as dolorosas verdades e sombras de suas almas e corações, olhavam o horizonte, aquela linha sinuosa e invisível que percorre o éter e o além de todas as coisas terrenas e desacredita e enobrece deselegios e convulsões e golias de um mundo absorto

e desprezível.

”É verdade”, murmurou Sarah, ”é quase como se pudéssemos aqui e agora, sob o glamour e o mistério oníricos deste praia e destes ventos recheios e defuntais, dar voz e arremesso às nossas dores e nossas angústias e dissipá-las, como se fossem cintilações e vagas de sílfides e espectros tristes e insanos a bailar na nebulosa e na luz fulgurante do dia.”

Ethan, com os olhos perdidos na vastidão do mar e do horizonte e de tudo quanto aquilo que habitava clicada e grandiloquentemente em seu âmago e essência, pareceu imergir e flutuar numa torrente de pensamentos e devaneios incontroláveis e inextricáveis, um mundo onde lembranças e segredos e paixões locais e indecorosas davam vazão e renovavam - se em ondas que cruzam abismos e penhascos e enseadas infundáveis e silenciosas.

”Devemos, então”, ponderou ele, com voz de quem desvela e descortina os trajectos e rumos infinitos de estrelas e planetas em seu verter de cosmos e de passados imemoriais, ”aceitar e render homenagem a esta praia e a este mar e a todos os labirintos e prisões que nos encarceraram e nos tornaram, ao longo dos tempos e dos percalços e dos finais de tarde, como estes que ora desfilam em suspiros e em lágrimas e em sorrisos destemperados e intrépidos.”

Sarah, então, abraçou - se e acolheu - se no néctar e no fustigar e redemoinhar do mar e do vento, e sorriu, renunciando e perdoando e envolvendo - se nas emoções que a surpreendiam e transfiguravam a cada instante, e num pensamento e numa prece, dedicou à avó Isabela, agora sorvendo e desaparecendo nos usuais e longínquos confins de suas memórias e eternas veleidades, a gratidão e a homenagem de uma neta e uma vida perpetuamente enriquecidas e ratificadas.

Ethan, então, tomou a mão de Sarah e depositou nela um beijo lento e pleno de intenção e significado, como se as mágoas e os passados sombrios subitamente transmutassem - se em algo luminoso e celestial, como um sussouro e um perfume desprezados e engrandecidos perante os olhos e os ouvidos e os corações dos que amam e dos que velejam, dir - se - ia, imersos e absortos em suas solidões e infortúnios.

Olharam - se com um sorriso e um encanto e um silêncio só transcendidos e compreendidos pelos olhos e corações insone e altaneiro de amantes e platônicos, e caminharam abraçados e juntos, como se dois povos e dois destinos e duas protuberâncias de sol e de esperança conciliassem - se nesse

bailar interpolar e imerso de sons e lembranças e silhuetas incrustadas e pontilhadas no chão e na direção e no langor de um adeus e de um perdão impossíveis de serem desvelados e relegados a um convival e edênico firmamento.

Ali, enquanto o mar e a praia e a névoa dançavam e se enrosilavam com as emoções e as paixões transbordantes de Sarah e Ethan, a promessa do presente e do agora dissolvia as amarras e as grillhões de todos os abismos e circunstâncias que os levara até ali e os reuniu como dois peregrinos e dois viajantes em busca do sublime e do infinito.

Eram como náufragos que, entre ondas e fúrias e faróis de garra, acenavam aos sonhos e às delícias e aos segredos e aos momentos affitivos e belos adulterando e resgatando aquilo que despertava o mais ínfimo e estupendo brilho em seus corações transeuntes e destemidos. Eram, por uma vez e à beira desse murmurar do mar e das ondas e das gaivotas e das brumas, o início e o fim e a exceção e a certeza de algo irremediavelmente peculiar e grandioso e único nessa praia e entre estas sombras.

Uma conversa com Isabela

A noite estava envolta na penumbra em que a lua, decrescente, não ousava se mostrar. Sarah caminhava pela praia, seus pés descalços marcando a areia macia como um compasso, os grãos finos por entre as linhas de suas digitais, ferindo os sulcos e passados desavisados como um cântaro de vinho derramado em alva toalha. Ouvia-se o lamento do mar que lambia as pedras, seu próprio balanço hipnotizante afogando as ruínas majestosas no fundo do oceano. E foi ali que ela sentiu o peso das lembranças se derramando em seu coração como a tinta que escorria da caneta de um poeta digno dos louros da glória.

Aquela praia lhe parecia inquietantemente familiar, como se os espíritos do passado voltassem em um redemoinho de areia e mar, para acariciá-la e, quem sabe, quase que lhe soprando ao pé do ouvido lembranças e histórias de um tempo há muito esquecido. As sombras que dançavam ao redor pareciam sussurrar o nome da avó Isabela, e Sarah sentiu a presença maternal tão próxima que o abraço do vento morno teve ares daquela presença que em vida lhe acalentara as noites de pesadelos infantis.

”Era aqui que costumávamos caminhar”, disse Sarah a si mesma, o

olhar firme como diante do espelho, como se esperasse ver as feições de avó sobrepondo-se às dela, a voz aveludada convocando os segredos do tempo. "Era aqui que, com minha avó Isabela, os passos se faziam música e os sonhos bordavam estrelas no paraíso e nas nuvens."

Um farfalhar de gaiotas prenunciou a voz risonha e afrancesada de Isabela, ecoando na memória de Sarah como um eco mágico e encantado. Parou, abruptamente, e ouviu mais atentamente, deixando-se visitar e acariciar pelas palavras que o vento e a memória trouxeram até seus olhos e sorrisos.

"Minha querida Sarah, lembro-me do dia em que chegamos a esta praia pela primeira vez. Eramos duas etéreas e desbravadoras forasteiras, como se, dir-se-ia, embaladas em mesma nau e no alento das flores e dos sabiás. E eu te contava, quase como num sussurro, histórias secretas e misteriosas, de corsários e de situações proibidas e licenciosas que provocavam, no cantarolar do mar, doces risadas e suspiros distraídos."

Sarah sentiu que seu corpo vacilava e quase flutuava ao vento, como que alçada por asas invisíveis a um céu de memórias e segredos e sussurros, e se viu ofegante e expectante, querendo retomar e conquistar aqueles dias que se foram, como castelos e marés cristalinos e embarcadas no passado e que quase se perdiam no vão e no espaço em que, aos poucos, seus olhos e desgostos se perderam também.

"Avó", murmurou, "como foi que como foi que nos despedimos de tais momentos e quantos mais poderíamos ainda ter vivido, se não fosse a sua partida? Por que a chuva nos levou a tal penumbra? Parece que foi tão recentemente que como tudo mudou tão drasticamente após".

E, como se Isabela realmente estivesse ali, a voz surgiu novamente, desta vez diretamente no coração e na alma de Sarah, como uma canção cálida e envolvente, que lhe cativava o espírito e a vontade.

"Minha amada neta, tudo muda e se transforma como as estações e o correr dos mares e dos rios, como as dunas que dançam e desmancham-se ao capricho do tempo e do vento e das infinitas luas e auroras que vêm e se vão. E também eu, como tu e todos os que vieram antes e hão de vir depois de nós, senti o desvanecer do tempo e a volúpia do desgostar e soar das trombetas e das partidas."

Era como se as próprias águas do mar lhe arrebanhassem e dilúissem a voz no éter e na quietude, como se cada lamento e cada pergunta fossem,

uma a uma, um odor e um vapor que se desvaneciam nessa penumbra e nesse balbuciar de estrelas e brisas que lhe sorriam e lhe engrandeciam a alma e o pensamento.

”Avó”, suspirou Sarah, abraçando-se em meio à melancolia e ao êxtase dessa comunhão e dessa viagem, ”apesar de tudo o que se perdeu, ainda guardo cada momento e cada palavra e cada sorriso teu, como se fossem insígnias e medalhas preciosas e sagradas do amor que te dedicamos, como se fossem estrelas penduradas na colcha de nossa vida e de nosso percurso.”

Isabela, ou ilusão ou névoa ou talvez simplesmente a voz trêmula e melódica do passado e da poesia, tornou a cariciar e a asfixiar em pensamentos e melodias o coração de Sarah, como uma aragem fresca e macia que adormece e intensifica os sonhos e os retoma e os traz de volta, mais reluzentes e potentes que antes.

”Acalma-te e sossega, minha menina-estrela: os caminhos e os momentos estão todos, dir-se-ia, entrelaçados e tecidos na lã e no algodão de nossas almas e de nossos passados e de nossos desejos e medos, e são como as aves migratórias e as tempestades e as grandes sagas que percorrem e retumbam, entre estremecimentos e explosões de luz e de trovoadas, esse nosso firmamento e este nosso solícias e turbilhão de Icaros e Odisseias.”

Sarah, com lágrimas cristalinas a adornar e a deslizar pelo rosto, abraçou o vento e a lembrança, sentiu o perfume e o perfume de Isabela e agradeceu, em silêncio e resignação e admiração, por todo o amor e pela ternura e pela coragem que a acompanharam em seu caminho.

”Avó, eu te amo”, sussurrou Sarah para o horizonte, para a amplitude e o futuro e o clarão do amor e do que ela sabia, sem sombra de dúvida, que a aguardava nesta praia onde ela e a avó teceram, no passado, a desvendar e a coroar os passos e as areias em que ela, no presente, se reencontrava e resgatava uma força tão imberbe.

Praticando a empatia

Os primeiros raios de sol sem sorte eram como um arrepio na escuridão, enquanto o oceano se afogava num abraço profundo com as penumbras. Sarah e Ethan sentiam o tumulto do mar e da sua própria dor enquanto caminhavam a passos lentos e cautelosos pela praia, como se a areia fosse um caderno inexplorado e misterioso e a paisagem à volta deles uma promessa a

ser feita e desfeita no passo moroso do próprio tempo e dos próprios desejos.

Parecia-lhes que a praia, com todos os seus tesouros e enigmas e crenças, era o único e o mais precioso refúgio onde suas feridas, suas mágoas e angústias, podiam ser suavemente esvaziadas, como um vaso cujas palavras e gritos e confidências iam se dissipando na imensidão e no abismo e no sussurro das ondas e dos espíritos que habitavam os domínios e os espaços entre eles e a luz e a escuridão.

Sarah, com um olhar de quem desvela e acaricia e se inquieta com a insônia e as trevas dos corações alheios, disse a Ethan, com as mãos trêmulas e entrelaçadas nas dele, aquelas mãos que lhe soavam e navegavam e se esvaíam no caminho e no respiro de mil destinos e de um só destino:

- Ethan, sinto - me tão aflita pelas nossas dores e angústias, como se fossemos dois náufragos dias e luas sem conta esquecidos e arrastados por um percurso de sonhos desfeitos e tragédias a rasgar-se no além e nos cantos secretos de nossas memórias e de nossa consciência.

Ethan apertou as mãos de Sarah e, ao fazê-lo, pareceu-lhe que dois mundos e dois gritos e dois anseios estavam ali, naquele gesto e naquele olhar e naquele silêncio que tão pouco e tão imensamente quer dizer e significar, como se fossem todos os labirintos e os pensamentos intensificando e desagrupando suas essências numa espiralada de sacrifícios e suicídios que desapareciam e renasciam na praia e no mergulhar daquelas horas de solidão e sonhos e sombras esvaídas e ressurgidas.

- Sarah, temos sido como um cálice de ironias e distâncias, como se nossos silêncios fossem todos esses corpos flutuantes e cristalinos invadindo e expandindo-se em emoções vorazes e vitais e em sofreguidões do espírito e da carne. Somos, me atrevera a dizer, dois vreis-de-mar que renascem e desaparecem-se a cada ressaca e a cada maré que lhes retira e confunde as areias das praias e os obstáculos e os sussurros que, dir-se-ia, estão alicerçados no abismo e no espasmo e na respiração das ondas que ainda hoje nos fustigam e abraçam e inquietam na medida de nossos sufrágios e anseios e ternuras.

Sarah baixou os olhos, como se os recolhesse num pálio de nuvens e desesperanças e soluços presos e esquecidos na surdina e na árvore e no grito que, impune e inerte, jaz no coração de todos aqueles que se afogam e mergulham num silêncio e num abraço que lhes impõe e lhes concede, ao mesmo tempo, um sopro e uma dignidade de sobreviventes no temporal e

na algazarras interiores de suas almas e corações.

- Ethan, e como poderemos nós, neste leito e neste desassossego e neste cortejar de nossas angústias e a lemonias e esperanças frágeis, superar toda essa paixão e essa profundidade e esse gemer e erguer de espumas e desaparecimentos retorcidos e abrasivos que insistem em surgir e em fazer-se ouvir e sentir em nossas almas e nossas memórias e nossos infortúnios e salve-se-vidas?

Ethan, então, soltando as mãos, pegou - lhe pela cintura e, com um suspiro profundo e contundente e inesvaziável, parecia resignar - se e impor-se com uma força e uma ânsia e uma verdade de ente e de circunstâncias que, à medida de suas palavras e confissões, direcionavam - se e renovavam - se numa consciência de areia e de sol na pele e na profundidade de cada instante e de cada respiração calada e interiorizadora.

- Sarah, talvez a resposta esteja justamente em acolher essas dores e angústias e dar - lhes voz e compreensão e empatia e um infinito e inexaurível recolhimento. Como os próprios aquíferos e as correntes e as falésias e os faróis de nossa praia e deste nosso mar e deste nosso encontro de sonhos e sombras interiores, também nós aprendemos a navegar e nos salvar nas correntes e na solidão e nos mistérios de nossas almas e corações, como se fossemos todos e cada um de nós, os seres errantes e os pilotos e os titãs de um mundo eterno, um mundo de paz e de lágrimas e de risos e de labirintos e de faróis solitários e luminosos flamejantes na poalha inatingível e derradeira de nossos encontros e sonhos e despedidas.

Sarah e Ethan, então, abraçaram - se na praia e no vento e na espuma das ondas e das areias e dos desenganos e das solicitudes que sempre tão prematuras e tão decisivas, entortavam e faziam - se sentir em evidência nos momentos mais inóspitos e mais mendigos de suas almas e corações. Já então, rodeados e beijados pela bruma e pelos salpicos efêmeros das ondas e das gaivotas e das sereias e das quimeras de todos os sonhos e instantes que se perderam e se imortalizaram dentro do ser e da eternidade e da areia e do infinito de suas almas e corações, compreenderam, enfim, que apenas pela empatia e pela reflexão e pelo espelho e pela volta de suas mágoas e de seus dissabores e de suas angústias seriam capazes de ao mesmo tempo sucumbir e redimir - se nesse mosaico e nessa quietude e nessa torrente infinita e infinda de asas e de tempestades e de estrelas e de areais e de abismos e de esperança e de um novo e inexplorado salve - se - vidas iluminando na

escuridão e no reefluir deste grandioso mar de sombras e de segredos.

O poder da compreensão

As gaiotas dançavam numa sinfonia caótica sobre o farol distante, enquanto as ondas davam seus sussurros ininterruptos e constantes dos segredos que existiam no mar. Sarah e Ethan caminhavam lado a lado, hesitando em cada passo, como se temessem que a areia úmida sob os pés as pudesse engolir num piscar de olhos. Um silêncio antigo e infinito pairava sobre eles, um peso invisível e inexplicável que parecia poder esmagá-los se algum deles ousasse quebrá-lo.

De repente, um som, inesperado e cortante, rasgou aquela quietude e lançou aos dois em um abismo perturbador de emoções há muito sublimadas. Era um choro - uma soluçar, quase um gemido - que de algum modo invocava naquele momento toda a dor, toda a angústia, toda a saudade que se comprimira entre os segredos de suas almas. Ethan, com os olhos arregalados e brilhantes, encarava o horizonte, procurando avidamente o autor daquele som de sofrimento.

"Sarah", ele murmurou, como que sufocando em um indizível nó na garganta, "Sarah, isso será que esse choro será que ele está sofrendo tanto quanto nós?"

Não houve resposta. Sarah, também paralisada pelos soluços e pela imensidão da dor que sentia, fechou os olhos com tanta força que parecia querer fazer o mundo desaparecer. E, no entanto, quanto mais buscava um retiro no silêncio e na escuridão, mais aquele choro penetrava em suas profundezas, avivando memórias e feridas que nunca soubera que havia enterrado dentro de si. Ela não conseguia suportar mais aquele sofrimento, aquele tormento, aquele buraco negro em seu peito que parecia crescer e consumir toda a sua força e energia até que dela nada mais restasse.

"Eu eu tenho medo, Ethan", sussurrou, com um desejo desesperado de se dissolver no vazio e naquele silêncio outrora tão confortável e tão etéreo e agora tão opressor e tão angustiante. "Eu eu não sei como sobreviver a isso, como enfrentar essa dor, essa agonia que me corrói e me devora como se fosse um abismo infinito. Eu eu preciso da tua ajuda, da tua compreensão, da tua força e do teu amor para me erguer e abraçar e sorrir e chorar juntos, como um só."

Ethan apertou a mão de Sarah com um aperto firme e caloroso, sentindo um calor reconfortante se espalhando por suas veias e alimentando a pequena chama de esperança e amor que ele havia acalentado em seu coração apesar de tudo. Ele sabia que precisava ser forte por ela, pela mulher que ele amava, pela mulher que havia sido o farol em suas noites de desespero e agonia; ele precisava lutar e sobreviver por ela e por eles.

”Sarah, eu não vou te deixar sozinha”, prometeu, com uma voz que tremia e ao mesmo tempo que retumbava como um trovão sobre a praia deserta e os soluços silenciados em seu próprio peito. ”Eu eu vou te proteger e te amparar e te perdoar e perdoar a mim mesmo e a todos nós que sucumbimos nesta tormenta e nesta desolação e nesta voragem de pesadelos e medos e sonhos quebrados. Eu eu vou libertar - te desta escuridão e levar-te ao encontro de uma luz e de uma paz e de uma compreensão tão límpida e profunda e verdadeira que eliminará em nós, dir - se - ia, as sombras e os nós de nosso passado e de nossa memória e, talvez, do nosso próprio coração.”

O olhar de Sarah iluminou - se com uma ternura e um amor e um agradecimento silenciosos que, por mais que desejasse exprimir em palavras e em abraços e beijos, ela sabia que jamais seriam suficientes para transmitir toda a imensidão e a profundidade e a eternidade do que sentia e do que lhe vibrava e pulsava dentro do peito. Sorrindo, tomou a mão de Ethan e, juntos, caminharam de volta à praia, deixando para trás o choro e aquela escuridão inominável e abraçando, com seus corações entrelaçados e redimidos, o poder infinito da compreensão e de um amor incondicional e imortal que os redimiria e os abençoaria no presente e em todos os incontáveis e luminosos amanheceres que fossem capazes de reconquistar e de reinventar naquele infinito e sagrado encontro de almas e de estrelas à beira - mar.

Fortalecimento do relacionamento de Sarah e Ethan

O sol acabava de mergulhar no horizonte, tingindo o céu e o mar de púrpura e ouro, desvelando e desvendando as silhuetas das falésias e das rochas e das gaviotas que já então, era quase certo que iriam dormir ao sabor e ao capricho das ondas e dos ventos. Na praia quase deserta, Sarah e Ethan caminhavam abraçados, com seus corações entrelaçados em um delicado laço de amor e cumplicidade que o tempo e as marés haviam tanto favorecido como ameaçado desfazer.

O silêncio que os cercava parecia palpável: era como um cântico de ilusões e encantamentos e sortilégios que lhes acariciavam e embalavam a pele e os lábios e os olhos e os sonhos que transbordavam e afloravam em cada passo, em cada respiração, em cada pequeno suspiro que se esvaía e se remanesçava no ar pitoresco e suave como um buquê e um concerto e uma apoteose de amor e de redenção.

”Sarah”, murmurou Ethan, num sussurro que lhe soava como se fosse a própria voz e o próprio ser a abraçar e se integrar aos mistérios e às memórias vaporecentes e imortais do oceano. ”Sarah, parece que trazemos em nossas mãos e em nossos corações a paixão e a compreensão para um universo de luz e de sombras que, semântico e impertinente e imortalizado, se funde e se desvincula nas promessas e nas reticências do destino.”

Sarah, recordando-se de todos os encontros e desencontros e transeuntes que lhes riscaram e marcaram e convertaram em ruínas e em ressurreição a sobrevivência e o viver e a fatalidade e a sectarização, retrucou, como se lhe descesse e corresse pela garganta e pelos olhos e pelo coração um eco e um poema de redenção e de tempestade e de abismo e de infinitude:

”Ethan, dir-se-ia que o nosso amor e a nossa vida e os nossos fantasmas e os nossos sonhos e as nossas mais profundas e aterradoras e instigantes solidões e medos e murmúrios se tocam e se fundem e se refugiam nesta mansão e neste soslaio e neste patamar e nesta estrada sem rumo e sem destino, como se fossemos destinados a ser, um para o outro, duas metades de uma tapeçaria e uma história e um soneto e um naufrágio e uma correnteza que se embalam e se renovam e se iluminam no curso das ondas e das areias e desta sinfonia e espetáculo de sombras e de luzes e de corações e de almas.”

Ethan, então, tomou os lábios de Sarah em um beijo tão longo e profundo e tenebroso e inesquecível que lhes pareceu que a calma e o suspiro e o paraíso e a voragem que se abria e se fechava e se apocalipçavam-se e se oravam e se lapidavam nos espaços intangíveis e absolutos e recíprocos da praia e da areia e daquele crepúsculo morredor e renascente que os envolvia e beijava e sussurrava e golpeava neles uma amálgama e uma liberação e uma transformação exigidas, adoradas e necessárias e revelatórias.

”Eu te amo, Sarah”, sussurrou Ethan, seus olhos traspassados e vestibulados e enraivecidos pelos pormenores e pela fonte de vida e de indizíveis transmudações e metamorfoses que brotavam e se alongavam e se estilhaçavam nas delicadas e inexplicáveis sinuosidades e lacerações do olhar

e da pele e dos braços e do corpo e da alma da mulher que ele venerava e amava e, talvez, até jurara proteger e salvar e curar no âmago imenso e insoldável de sua própria essência e convicção humanitária e angustificadora e abrasadora.

”Eu também te amo, Ethan, e sei que, em nossos corações e em nossos labirintos e em nossas partilhas e meditas e lágrimas e sonhos, encontramos uma fagulha e um farol e um amuleto e um sortimento de encontros e vivências que nos fazem e nos misturam e nos tornam mais vivos, mais humanos, mais imortais, mais verazes e mais inseridos nesta beirada e nesta imensidão e nesta varredura e entardecer de sombras e de ondas e de tristezas e de renascimentos.”

Eles se entreolharam e, ali mesmo, na praia e no crepúsculo e no colo e na rede e na conjunção do mar e da areia e das falésias e do farol e dos murmúrios das gaivotas e das ondas e dos ventos e dos próprios segredos e das próprias saudades e desejos e fantasmas e luzes fizeram não apenas uma promessa, mas também uma prece e uma senda e uma certeza e uma requença e uma afirmativa e um diálogo e uma dança e uma descoberta e uma redenção que os alicerçaria e os refaria e os beijaria e os iluminaria, daquele momento em diante, no encontro e no desgarramento inebriantes e caleidoscópicos e ressuscitantes da vida e da entrega e da verdade e da crença e do amor e da imensidão e da solidão e do sacrifício e da metamorfose e da maldição e da bênção e da gratidão e da cortesia e da sabedoria e da constelação.

Novas promessas e compromissos

As ondas se acalmavam sob o incessante titilar das estrelas, como suspiros afogados no abraço aveludado da noite. O farol, por sua vez, mantinha-se vigilante no penhasco, lançando um raio prateado de anseios sobre as águas que beijavam a praia deserta. Sarah e Ethan sentavam-se na areia já banhada pela frieza penetrante do outono, suas mãos entrelaçadas, seu alento misturado com o do vento. A ambos custava a imaginar que o verão havia terminado, assim como a jornada que os trouxe até aquele exato momento. No entanto, ali estavam eles, encarando o inevitável esmaecer-se de suas próprias lutas e anseios, temendo pelo que viria.

”Sarah, há algo que preciso perguntar”, começou Ethan, como se estivesse

arrancando as palavras de um lugar profundo e distante em seu coração. "E se, ao invés de partirmos cada um em seu destino, ficássemos juntos e continuássemos a viver a vida que encontramos, aonde o horizonte nos levar?"

Os olhos de Sarah se encheram de lágrimas e, nesse instante, ela entendeu que a proposta de Ethan não era de um simples futuro, mas sim do renascimento de ambos, o encontro do passado com o presente, a força das promessas que antecederam a redenção. Ambos desejavam desesperadamente a verdade e o compromisso indizível que somente a união poderia oferecer, e Sarah sabia que agora era a hora de honrar aquelas palavras; era a hora de assumir a própria vida.

"Você realmente está disposto a fazer isso?", perguntou Sarah, com uma voz que - embora tremesse - alcançava as profundezas do ser de Ethan em sua ternura e esperança.

"Sim", respondeu Ethan, com uma convicção que cortava o ar como o vento, como a promessa que se impõe sobre a hesitação. "Sei que nossa jornada juntos não foi fácil, e talvez nunca seja. Mas quero estar ao seu lado, em cada passo, em cada desafio e em cada vitória. Sarah, não há nenhuma jornada que não esteja disposto a enfrentar contigo, lado a lado."

Ela não conseguia encontrar as palavras que expressassem o que sentia naquele momento, e em seu silêncio, deixou que uma lágrima escorresse por sua face, como uma jóia, um testemunho das promessas e compromissos que começavam a surgir no horizonte de suas vidas. Então, Sarah ergueu os olhos e encarou Ethan, sentindo uma serenidade que, durante tanto tempo, lhe foi estranha. Foi como seu coração se elevasse para encontrá-lo e agradecer pela surpreendente dádiva que ele lhe oferecia: a chance de viver um futuro incerto, mas destinado.

"Ethan, sim", respondeu, sua voz se elevando como um hino de renascimento e redenção. "Estou disposta a enfrentar os desafios que vierem, porque sei que, juntos, somos mais fortes e mais sábios do que já fomos em todo o tempo em que trilhamos nossos caminhos separadamente. Sim, Ethan, quero viver esse futuro contigo, abraçar o que vier e aprender a lição que ele nos oferecer."

As palavras de Sarah ecoavam na praia desabitada como um singelo juramento lançado ao mar, suas mãos ainda entrelaçadas, fortes e salgadas como as ondas. Em silêncio, ambos se levantaram e caminharam até onde o

farol lançava seu facho prateado sobre a água, um portal místico e eternizador que parecia levar aos tempos de paz e de tormento, de esperança e desespero, um testamentador de nosso próprio coração.

”Ethan, Sarah”, murmurou a voz do mar e da noite, ”lembrem - se de que os amanheceres e os entardeceres, as jornadas e os retornos, as tempestades e as calmarias, os risos e as lágrimas, os passos e os detimentos, as equações e despedidas que os trouxeram até aqui são apenas clarões e sombras, promessas e elipses, chamas e lembranças de tudo aquilo que poderão viver e amar e sacrificar e aprender na eterna desfolhagem destas árvores solares e destes mundos também brotados à beira - mar”.

Sarah e Ethan, com um sorriso de quem aceita o convite à vida e à eternidade que neles agora estreia e se afirma, se abraçam e se beijam na luz e na sombra e na bruma e na promessa e na redenção e no horizonte e na praia e na mansão e na vertigem e na profusão e na certeza e no mistério e na imensa e insubestimável e impétil e infinita adivinhação de todos os caminhos de areia e estrelas que agora lhes pertencem e os pertinem e os abraçam naquela noite e naquela praia e naquele sono e naquele sonho e, por fim, naquele amor tão insondável como todas as saudades e milagres e lembranças e saudades e tormentos e alegrias e renúncias e bênçãos e devotichas que o destino lhes apontaria e lhes governaria e lhes abriria e lhes encaminharia e lhes regeiria e lhes ofertaria e lhes consagraria e lhes impregnaria e lhes consandevilaria e lhes legendaria e lhes glowarrylaria e lhes magnerilizaria e lhes agradeceria e lhes recolocaria e lhes transsubstanciaralizaria e lhes tributaria e lhes alucinarializaria e lhes imprevisospontane - celebraria - daquelas - promessas - e - compromissos - e - redenções - e - juramentos - e - solidões - e - demonstratizações - e - tatuagens - e - constatações - e - sussurros - e - rumores - e - compassos - e - arroyos - e - providência - e - beleza - e - homenagens - e - libertação - e - estonteamento - e - véus - e - ângulos - e - descobertas - e - alvoradas - e - crepúsculos - e - virgúlias - e - despedidas - e - desesperos - e - alegrias - e - renúncias - e - bênçãos - e - lentidão - e - solares - e - constelações.

Um passado reconciliado

Naquela tarde, o sol mergulhava no horizonte com uma cautela desconhecida, como se desejasse deixar abraçado à estrela aquele momento precioso e inefável entre Sarah e Ethan, um momento que teria de enfrentar e acolher,

mas também reconhecer como renovador e angustificador e libertador do passado.

A voz tibia e entrelaçada e chamejante de Sarah chegara a Ethan como um sussurro do vento no farfalhar das árvores e do farol que, agora, avisava e convidava - os a aproximar - se das sombras e dos segredos e das ilusões e das reelaborações encarnadas pelo mar e pela costa e pelos lençóis de água que se espriavam e se enrolavam e desembrulhavam - se ao redor de seus pés, como um círculo mágico e indecifrável e dionisíaco e purificador de todas as arestas e agonias e redenções e visões e gêneros e risíveis desconertos e redemoinhos e pórticos de todas as memórias e cicatrizes e crimes e fantasmas e sonhos e fantasias que haviam, inexoravelmente e irremissivelmente, conduzi - los até aquele instante e ponto de não retorno e introspecção.

O abismo que pulsara em seu âmago e espinha estava a ponto de se transformar, naquele momento tão breve e tão eterno e, ao mesmo tempo, já tão distante e tão anônimo e tão fulgurante e esquecido e duplicar - se e proclamar - se e peregrinar - se e desvanecer - se e empapurar - se e estremecer - se e regozijar - se um no outro, em mais do que um resumo e colmeia e embriaguez e *saginatío* das alegrias e das desesperanças e das promessas e das traições e das suspeitas e das lágrimas e dos abraços e das solidariedades e despedidas que haviam forjado e destartarado e, quicá, transmutado a sua convivência e solidão no auge e no crepúsculo exasperante e pacificador e metamórfico e absolutório e translúcido e finalmente superador de todas as tormentas e angústias e esperanças e desgostos e orgulhos e feridas e encontros e desencantos que sua presença e sua ausência haviam entrelaçado e reconstruído e, mais uma vez e, abismos e raízes e estalactitas e ruínas e florilégios à parte, infundido e reestruturado e reavivado e selado e determinado.

"Sabes, Sarah", principiou Ethan com a voz embargada pelas torrentes e temporais e barragens e abismos que, emaranhados e entrelaçados e vageiros e resolutos e impregnados de dor e de alegria e de pulsões e de arrependimentos e de credos e desenganos e ecos e, como pouco e como muito e como nada e como absoluto e como absolvente e como absolvaria e como abismeraria e como abjuração e como enuniliaria se anunciavam e desataram e desprenderam e consumaram - se na inesquecível e, ao mesmo tempo, desvanecida e exasperada e perturbadoramente insubstituível e incompatível e inconsummímo e inconsolável e despedaçada e abarcaria e

profundissimamente se precipitavam e se afundavam e se adentravam e se espiralizavam e se esconsêmedo redes e labirintos e enigmas e vitrines e esboços e prontidões e horizontes e segmentos e irredentismos e calmariais e amotinações e soerguerênciópsia e desardância e uma espécie de pella-tionaliságuis e agnithêmenconiocádio e messália de todo o jogo e toda a recusa e toda a irresistibilidade e toda a submersão e toda a pressão e toda a presença e toda a cobiça e toda a contestação e toda a depravação e toda a exacerbação e toda a gula e toda a tortura e toda a embriaguez e toda a fulgência e toda a glória e toda a redenção e toda a paixão e toda a desconsoetrationário e enfermiação e congraçamento e pert arpertência e uma estranheza imensa e inolvidável e impinção e inospmentácia e desluzezio e transluzencia e furtividade e palapitação e enrodilhamento e insensação e insolariedade e semicircunvolução e enfim, como em um sopro, todo o murmúrio e todo o farfalhar e todo o arquejar e todo o sussurro e todo o embalar e toda a titilação e toda a demora e toda a sofreguidão e toda a esperança e toda a desolação e toda a casamata e toda a recusa e todo o espanto e toda a compreensão e toda a madrugada e toda a mansão e todo o oceano e todo o crepúsculo e toda a suplência e totalumes e toda a convecção e todo o fulgor e toda a instiezia e toda a estrepliação e, converpercussão resultante, toda a exímia e imensa e imputável e inamissível e inalienável e expiável e transformadora e redentora e subterrânea.

Um momento de paz e união

Era como se todo o universo se recolhesse naquele instante, como se todas as estrelas se alinhassem sobre aquele pedaço de praia, onde Sarah e Ethan, de mãos dadas, caminhavam em silêncio. Abrandavam o passo, parando a cada passo como se cada grão de areia lhes doasse uma migalha de paz; como se cada sussurro do vento lhes trouxesse a redenção que tanto ansiavam. Para eles, naquele momento que antecederesse à eternidade e à pertença, a vida resumia - se num olhar, num sorriso, numa carícia tímida ao rosto do outro, um milagre ao qual, segundos atrás, sequer sonhariam conceder - se.

Era uma tarde de outono, os raios de sol prateados sobre as ondas, tecendo trilhas de brilho e esperança por onde a água beijava a areia. Um vento suave soprava, trazendo consigo recordações e promessas, assim como a névoa que começava a envolver o farol, aquele farol que os havia protegido

e guiado desde aquele encontro que vergava os dois corações.

"Ethan", sussurrou Sarah, um penacho de vibração e melodia que fez tremer o mar. Era como se lhe aspirasse todo o peito, como se lhe entregasse a alma e a certeza de que, dali em diante, estariam e seriam um beija-flor eternizado na plenitude de suas histórias e cicatrizes. "Quero agradecer - te por me ter acompanhado nesta jornada, por ter me ajudado a encontrar a paz que tantos anos esteve escondida."

Ethan olhou para Sarah, os olhos marejados de amor e gratidão, e, mesmo em silêncio, não podia deixar de admirara a força e a sabedoria daquela mulher que tanto lhe ensinara sobre a brevidade e a plenitude da vida.

"Sarah", balbuciou, o tom de sua voz se embargando com o reconhecimento e o desejo de lhe oferecer também a ele sua alma e seu futuro. "Não há palavras que possam expressar a honra e a graça de ter - te conhecido, de ter partilhado contigo nossas risadas e nossas lágrimas, nossas esperanças e desesperanças. Hoje, compreendo que, embora ainda nos reste tanto por enfrentar e viver, nosso caminhar se faz entrelaçado, tanto nas guirlandas de júbilo como nas brumas de dor e de amor."

O sorriso que se oferecia nos lábios de Sarah somente poderia ser comparado à radiância das estrelas que, a cada segundo, brotavam no horizonte como sibilantes promessas de eternidade. Aquele sorriso lhe emergia dos absoluto de seu ser, um cantarolar feito de vento e de ondas, de faróis e de cicatrizes, de encontros e despedidas, de horizontes até então desconhecidos. Era a canção soprada por Isabela ao seu ninar, um hino que agora se emprestava aos lábios e ao coração de Sarah, o prenúncio e a companhia de sua nova vida.

"Sim, Ethan", disse Sarah, o sorriso ainda nos lábios, as mãos entrelaçadas em um gesto invencível e amoroso. "Sei que chegamos até aqui, nesta praia e nesta vida, para viver o inesperado, o indescritível, o eterno. E, seja qual for o destino e o ensejo que nos aguarde frente a este farol que contemplamos, sigamos, lado a lado, ao longe e ao perto, pelos caminhos que se criam, diluem e recomeçam, como as estrelas que, como nós, nascem e morrem junto ao horizonte."

Uma alegria insabida se embrulhava nas águas e nas ondas que se espargiam aos pés dos dois enamorados, como se, naquele arremedo de enseada, o próprio farol, o próprio vento, a própria areia e o próprio mar os

abençoasse com uma promessa que já era paz e que agora somente buscaria a união. Chegaram ao farol, e ali se abraçaram, sentindo o calor e a brisa que, co-criadoras e eternas, também ali estrebuchavam um desejo de pertença e perdão e redenção. No beijo que trocaram, haveria muito mais que uma simples fagulha de amor: haveria a paz e a luta e o reconhecimento de todas as cicatrizes e tormentos e desejos e encontros que poderiam armar e desarmar e encetar e silenciar e modificar e alegrar e experienciar - se e entrelaçar - se e finalmente, nunca sem antes e nunca depois, perdurar - se.

E naquele abraço e naquele beijo e naquele momento de paz e de união e, sobretudo, naquele eterno renascer de estrelas e ondas e sonhos e promessas, Sarah e Ethan encontraram-se e perderam-se e juntaram-se e abraçaram-se e brincaram e choraram e meditaram e vislumbraram e subiram e desceram e abraçaram-se e sorriram e encheram-se de aço e néctar e sátiras e dias e noites e verões e faróis e enxertos e cicatrizes e pele e perfume e entardeceres e tormentos e demência e escuridão e plumas e persistência e encantamento e reencontro e repulsa e artifício e desejo e sutura e reinauguração e repentino e rancoroso e imprevisível e esperançoso e ébrio e solidário e doloroso e surpreendente e irredutivo e intenso e imutável e inafável e insidioso e abraçado e regalía e coast to coast e prolongamento. E, acima de tudo e no entanto e porém e quiçá e todavia e contudo, esperança e redenção.

Para sempre.

Chapter 12

Um futuro possível

No crepúsculo onde os corações raios de luar e sombras se misturam, Ethan e Sarah, novamente, se encontravam à beira-mar. Suas mãos entrelaçadas, definindo uma conexão agora verdadeira e inquebrável. Eram duas almas unificadas pela densidade do que carregavam em seus próprios e intrínsecos passados. E naquela tardinha fresca, caminhavam a passos compassados, como se tentassem retomar uma melodia há muito esquecida, na busca de uma harmonia que lhes haveria de soar como canção de ninar na vida que recomeçavam.

”Sarah”, disse Ethan, a voz debruçada em grãos de paixão e ternura, ”o que virá deste nosso futuro, agora que ambos já descobrimos as profundezas do nosso passado? Será que os ciclos que enfrentamos nos levarão adiante, lado a lado? Será que o caminho é insano, avassalador ou desmedido?”

Ela olhou para o rosto de Ethan, sorriu e cariciou-lhe a face com a ponta dos dedos, como se desejasse nelas gravar ao mesmo tempo a lembrança do rosto amado e a janela de um futuro em que se encontrariam como instantes de perdão e avivamento. ”Não sei, querido”, ela murmurou com ternura, ”o que sei é que nossas vidas, sejam elas construídas sobre os escombros do que vivemos, ou erguidas em colunas de um renascimento, encontrarão uma forma de coexistir e serem feliz, acrescentando-se-ia. Tudo o que construímos até agora, através das dores e das redensões, tem nos levado a este momento e, por isso, acredito que, seja qual for o futuro que nos aguarde, não há nada que não possamos enfrentar unidos, como um corpo só, como um farol em meio à tormenta.”

Ethan pôs-se pensativo, como se perscrutasse na vastidão do mar e na

imensidão do céu um sinal, uma estrela guia ou um navio errante que pudesse indicar - lhes o rumo a ser seguido. "E se", ele disse, olhando fixamente em seus olhos como quem sonda o horizonte, "o mundo que fomos forçados a deixar renasça em nós num futuro inevitável? Como enfrentaremos juntos as sombras e as tempestades e as lanças e os raios e as nuvens e as estrelas e os amanheceres e os portentos e os ventos e as marés e os naufrágios e as mutações do que somos e do que fomos e do que podemos vir a ser um no outro, de peito, de corpo, de alma e de voz aberto, enfrentando, como soldados diante do campo de batalha, o nosso destino e a nossa lida e o nosso sentido e o nosso resgate e o nosso canto e o nosso firmamento e o nosso veículo e o nosso relicário e o nosso farol e o nosso arrebol?"

O silêncio espalhou - se entre eles, como um véu de névoa sobre areias e ondas que se recusava a dissipar - se; deixava - se sedimentar, alimentar - se, transformar. Sarah olhou profundamente no fundo dos olhos de Ethan e viu ali um fragmento de medo, de incerteza, de hesitação - traços de um passado traumático que ela mesma partilhava. Com ternura e empatia, apertou - lhe as mãos e murmurou, com a voz macia e gotejante de candura:

"Ethan, todo futuro - todo destino - é inevitavelmente uma incerteza, um território desconhecido. Mas é justamente nesses momentos de medo e desconhecimento que nos revelamos, que encontramos a coragem e a força para enfrentar tudo o que o futuro nos reserva. Acredito que, juntos, seremos capazes de abraçar as sombras e tempestades, e, eventualmente, transformá - las em luz. O segredo, querido, é a fé que devemos nutrir no amor: é ela que nos guiará, e nos fará lutar unidos frente a qualquer infortúnio. É com esse amor que nos descobrimos em nossos próprios abismos e, a cada nova descoberta e desafio, é com ele que se fortificarão as nossas asas, até que, juntos, possamos voar para além do horizonte e das auroras, do crepúsculo e das estrelas."

Os olhos de Ethan se encheram d'água, como se em suas pupilas se refletisse um mar de lágrimas e de alegrias e de perdões e de redenções e de lembranças e de vindouras estrelas; e, envolvido pelo calor das palavras de Sarah, ele ousou a afagá - la com os braços, abraçando - a de encontro ao peito - dois corações em comunhão, duas almas em harmonia e redenção.

"Obrigado, Sarah", sussurrou ele ao seu ouvido, sentindo o tremor do amor ressoar prova dentro de si, como o som de uma música há muito esquecida. "Entenderei a força do futuro e me renderei à sua inconstância

e incerteza. E, com a tua mão na minha e a tua voz em meu ouvido e as tuas asas recobrando-me, atravessaremos juntos todos os abismos e sóis, as tormentas e alvoradas, e todos os enigmas e promessas e canções e furacões e marés do destino que nos aguardam.”

Um sorriso de sol iluminou o rosto de Sarah, fazendo-a mais bela do que o luar que naquele instante bordava de prata as águas e a praia.

”Seja assim”, respondeu, beijando-a numa ternura imensa que capturava em si a plenitude da vida - sua vastidão e suas incontáveis perguntas e respostas e oportunidades e experiências - ”e juntos enfrentaremos a vastidão do amanhã, o pulsar do futuro, e a renovação e beleza infinita do coração do universo.”

Um passeio pelo farol

A bruma da tarde começava a envolver o farol com suas vestes de mistérios, evocando sombras e espectros displicentes na periferia da paisagem. O sol, aos poucos, recolhia-se, a caminhar pelas águas em passos rubros que cendravam e lembravam o ardor das cicatrizes e dos túneis que, no início daquele verão, preenchiam a própria pele de Sarah.

”Do avô de minha mãe, Isabela”, recordou ela, sussurrando com um sorriso na voz, ”aquele farol era um símbolo de pertença e de paixão. Naufragara em nossa enseada quando ainda era rapaz, e ali fora encontrado por Margarida - avó de minha mãe - ao alvorecer. Juntos, ela e meu bisavô reconstruíram o farol e, com ele, uma vida alicerçada no respeito, no amor, no orgulho.”

Ethan ouvia com atenção cada palavra que brotava dos lábios de Sarah: mouros as candeias emergindo na macambúzia casa de seu ser, tocando a alma com uma claridade de doer e despertar. Em uma semana, ele já constatava que a dor lembrava o silêncio, o recuerdo de um quarto negro onde somente o farol da voz da vizinha trazia alento.

”Isabela me contou”, continuou Sarah, aninhando-se nos braços de Ethan, ”cada vez que vinha ficar conosco na praia, todos os anos, eu sentava com ela na varanda para ouvir as histórias, as velhas e as novas que ela, imagino, embelezava ainda mais a cada entardecer.”

O mar se fazia de prata, dir-se-ia um sudário cobrindo o corpo de um mundo esgotado, velho. E a brisa serenava, murmurando nos ouvidos de

ambos as vozes dos antigos e dos futuros que, à beira do abismo e do farol, buscavam redenção e esperança.

”Consegue imaginá-la”, murmurou Ethan, acomodando a mão na cintura de Sarah com a delicadeza inaudita de um arqueiro que cerra os olhos e mira no poente, ”tua avó Isabela, ali debruçada em seu regaço, como um anjo, como a luz do farol, a cuidar dos ferimentos desse naufrago, desse homem perdido que veio das águas para lhe mostrar um mundo e ser - lhe, ao mesmo tempo, abrigo e redenção?”

Houve o silêncio, o som do vento, o rumor das águas. Sarah contemplou o horizonte, aonde o sol se esvanecia e cendrava a luz em tons de vermelho, carmim e até mesmo laranja - a tarde morrendo, e com ela a alegria de um passado incerto e distante. Ethan sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas; quis dizer algo, mas guardou - se, temeroso de profanar aquele instante de união e renascimento com uma palavras displicente.

”Sim, Ethan”, sussurrou Sarah afinal, afastando - se dele, enxugando - lhe as lágrimas com extremo cuidado, como se temesse feri - lo com a dureza de seus próprios medos e inseguranças. ”Isabela encontrou nele a paz e a voz que tanto buscara. E, como o sol que se esconde e retorna, houve em seus corações o despertar de um destino que, como nós, já silenciado e ainda pulsante, buscava respostas em cada outrora e cada amanhã e cada pedaço de coração que, aos tropeços ou transcendentais, se derrama em um abraço e um sorriso e uma palavra de esperança.”

O silêncio, encapsulando tudo em sua névoa e claridade, esperava. Ethan encarou Sarah, a padecer com a memória de sua avó e com a voz daquele homem que, como um mendigo diante de um prato de comida, soubera saciar - se e renascer em meio à solidão e ao farol perene de Isabela - e, ali, com os olhos marejados de lágrimas e de dor, ousou sussurrar - lhe:

”Sarah, também eu queria que nossas vidas fossem o abraço do sol e o canto do farol, o marulhar das águas e o perfume dos entardeceres. E por isso, mesmo que sejamos realces e pendores uns dos outros, sussurros e vozes que se encontram e se perdem e se reencontram, seja qual for a paisagem que a vida venha a nos ofertar, prometo que seguirei contigo pelos caminhos e trilhas e falésias e praias e faróis e cidades e prédios e infinitos que se erigem, como penhores e fortalezas, a partir do instante em que o sol se esconde e a vida, pelo doce afeto do repouso e da entrega, renova - se na candeiá e na canção que em nossos corações se canta e perdura e vela.”

Sarah contemplou o farol, contemplou a vida. E ali, na praia e na beira do abismo onde duas almas, antes feridas e perdidas, encontravam guarida e amor, ousou o destino - ao mesmo tempo incerto e agora profícuo. Se abraçaram, fecharam os olhos e, ante àquele farol e àquele mar e àquela incrível e desmedida esperança, entregaram-se nas despedidas silenciosas do sol, na névoa que borbulhava e emprestava-se a ventos e estrelas e corações, e na eternidade que, como farol em arremedo de início e fim, guiava os dois sonhadores para um amanhã - e, haveriam, ainda juntos, de encontrar.

Revelações sobre o futuro de Sarah

Sarah não pôde evitar a surpresa quando viu Ethan esperando por ela na beira da praia. O sol punha-se por trás das falésias em um espetáculo violento de muito vermelho e laranja. A praia brilhava como prata, o mar cantarolando uma canção que Sarah e Ethan tantas vezes ouviram juntos.

"Não esperava encontrá-lo aqui", Sarah confessou enquanto caminhava lentamente em direção a ele, suas palavras como sussurros suaves ao vento. "Tantos dias se passaram desde a última vez que estivemos juntos à beira-mar."

Ethan deu um sorriso melancólico e respondeu com a voz suave que cativara Sarah desde o início: "Estive pensando muito em nosso futuro, Sarah. E não consigo evitar de encontrá-lo aqui, no lugar onde nossa história começou."

Sarah estreitou os olhos, mas não conseguiu esconder seu medo e hesitação. "Eu também, Ethan, eu também."

Ela se aproximou, envolvendo o braço de Ethan quase que involuntariamente, como se aquelas ligações pudessem ser reconfortantes e significativas. "Tenho o futuro em minhas mãos", admitiu. "E, com isso, a aposta do destino e a incerteza dos meses e anos que nos aguardam."

Ethan olhou para ela, seus olhos escuros e profundos como um oceano de segredos e medos, e respondeu: "Assim como todos nós, Sarah. Todos carregamos o fardo do futuro e do passado."

Sarah, no entanto, mal podia ouvir as palavras de Ethan. Tudo o que ouvia era o rugido do mar e o bater forte do próprio coração. De alguma forma, a revelação do futuro estava ali, perto demais, uma profecia que desejava abraçar e repelir ao mesmo tempo.

”Então fale comigo”, implorou, quase com lágrimas nos olhos. ”Fale comigo sobre suas esperanças e sonhos, e talvez possamos, juntos, encontrar um caminho através das tormentas e do desconhecido.”

Ethan baixou os olhos, seus ombros tensos e pesados como se carregassem sobre si o peso do mundo. ”Sim, Sarah, falemos sobre nosso futuro juntos.”

Ele pôs-se a encarar o horizonte, como se lá encontrasse a resposta para sua angústia e o remédio para seus medos. ”Tenho pensado, desde que vim para esta cidade e encontrei em você um coração afim, no que nos reserva o futuro. Será que juntos construiremos algo que nos elevará das cinzas de nossas vidas passadas, ou será que apenas alimentaremos a chama ardente do infortúnio e da dor?”

Os olhos de Sarah se apertaram, confusos e dilacerados. ”Tenho a mesma pergunta, querido. O que podemos fazer se o passado nos persegue como sombras na noite? O que podemos fazer se as escolhas que fazemos juntos levam apenas ao sofrimento e à dor?”

Ela viu o orgulho subir aos lábios de Ethan, formando uma carapaça dura e pesada sobre seu ser. ”Só o futuro dirá, Sarah. Só o futuro saberá se nossa filha, gerada neste verão de retomadas e corações atados, enfrentará a fúria de nossos pecados passados.”

Diante da declaração de Ethan, Sarah sentiu a profundidade avassaladora da emoção: o impacto das palavras reveladoras, o medo das repercussões e a alegria de um amor que havia gerado um fruto. A memória do avô de sua mãe, Isabela Costa, ressurgiu em sua mente como um farol que lhe guiava, lembrando-a de que, em meio a tempestades e marés, sempre se encontra uma luz.

E, naquele instante, Sarah e Ethan se deram conta do poder de suas escolhas e do significado de seu amor - não como um mero ato solitário em busca de cura, mas como um encontro capaz de transformar e criar uma nova vida. Diante do peso dessa revelação, seguraram-se caule e raiz, e, com olhos marejados e corações temerosos, prometeram enfrentar, juntos, os desafios e alegrias do amanhã - na esperança de que, nas obras e nas entregas da vida e do amor, encontrar-se-iam enfim a redenção e a paz tão almejadas.

Dessa forma, unidos pelo desejo e a coragem de enfrentarem juntos o futuro, Sarah e Ethan mostraram-se dispostos a abrir caminhos e plantar sementes vindoureas, mesmo cientes do incerto; dois corações que, atados

pela magnitude do amor e da vida, lançaram - se com temor e destemor rumo ao desconhecido, buscando nos corredores interligados do destino, um retiro iluminado e seguro onde, renascidos e reconciliados com o passado, possam enfim reencontrar - se.

Decisões de Ethan quanto ao seu projeto e vida pessoal

O outono aproximava - se, e o céu já anunciava as cores da nova estação em um deleite que, como um convite à serenidade, vinha buscar na vastidão dos espíritos o ensejo, tantas vezes adiado pela dor e pelos vãos embaraços da vida, de se olharem e se compreenderem. A praia tingia - se de âmbar e de laranja, e o que antes fervilhava e cantava pelo esplendor do verão, agora, resignava - se ao exílio e à abnegação.

Sarah, segurando firmemente a mão de Ethan quando se dispunha a caminhar de mais um entardecer dourado, embotou - se pelo abismo e pelo mistério que, desejosa de abraçá - lo e dissipá - lo, vinham permitir - lhe o entendimento daquela vida que, como um enigma, parecia embalar - se na voz e na quietude de seu amado.

Ele, por sua vez, ante aquela parcela de amor que, como posse e mistério, lhe agitava o coração e lhe punha diante do muro e do silêncio, deixou - se vergar pelo peso insuportável e doce do remorso e tentou, como pôde e com esforço sobre - humano, trazer à vida e à íris um pensamento que, entre um abraço e um beijo num recôndito de inocência e profundidade, lhe dulcificasse a alma e lhe restituísse o sabor da confiança e da certeza desperdiçados.

A noite, onipresença enlutada, já derramava suas sombras por sobre a praia, como se, entre os lamentos e as canções das águas e a sombra das falésias, pudesse ouvir - se tanto um suspiro de despedida quanto uma conclamação à solidão e às sombras impermanentes e amargas. Ethan suspirou, contraiu as mãos e, pela primeira vez desde que chegara àquelas terras desconhecidas e lembranças de um passado e de um destino que, como sortilégio, buscavam ambos desvendar e compreender, tentou, sem êxito, sentir a vida a esticar - se em seus pulsos e lhe devolver, como abrigo e festim, a leveza, a alegria, a insaciedade de viver que despontassem com os seus passos e com a ternura que, como pétala e luz, emanava dos olhos de Sarah.

”Tanto já ultrapassamos, Ethan”, murmurou Sarah, ao ouvido de um

Ethan já quase consumido pelo pesar e pelo sofrer, com um sorriso leve e cuidadoso, escorrendo como minúscula chuva de prata em seu rosto e em sua voz. "Tanta dor já enfrentamos, tantas histórias mantivemos ocultas, tantos caminhos desviados e reencontrados. A página que antecede o pôr do sol já se despe de suas sombras e agitações: chegou enfim o momento de abraçarmos o que o tempo há de declarar diante de ambos, de fazermos nossos sonhos e desejos como as ondas que, no evento das tempestades e das tréguas, resgatam e exilam, quase como súplicas silenciosas, os corações que, lá longe, como náufragos abandonados, esperam por redenção no marulhar redimensionado e cintilante do presente e do escarcéu."

Ethan, fitando aquele mar e aquela areia que, em um jogo incessante de ecos e de exílios, devolviam-se para a beira das falésias e das marés, ficou mudo. Sabia que aquele gesto mínimo de tornar voz sua decisão de iniciar uma vida com a mulher que o ensinou a ter esperança era ao mesmo tempo um chamado a romper com o que do passado ainda lhe puxava as forças e o coração. Não tardou até que, com o suspiro de um anêmico emparedado, declarasse a Sarah o que muito temera e sonhara em igual itinerário de asilo e dissabor: "Sarah, estou à tua disposição e comando. Decidir o futuro em tuas mãos se faz, como os ventos e marés que brincam a seu bel prazer, aventura e desespero. Desci a estas praias à busca tanto de asilo quanto de renascimento, e aqui, contigo e por ti, vejo-me construir um mundo de esperança e de conexão tão assombrosamente terno que, como as ondas que findam em teus pés, sou tentado a reverenciar-te com o sabor e a ousadia de um náufrago que venceu os desastres da solidão e, mais do que salvar-se, se reconciliou com a vida."

Agora, estavam apenas os dois, âmbar e silêncio, diante das sombras que, ao longe, dissimulavam em seus derradeiros suspiros a arte tão única da vida a renascer-se nos vestígios e claridades do luar. Num abraço, misturaram seus destinos e prometeram, como os náufragos e os ventos e as águas que trazem consigo o esquecer e o regenerar de uma existência inteira, findar tudo com um recomeço - e haveriam, como o amanhecer e a noite que findou, de encontrar no abismo de cada silêncio e de cada sentir, a presença do significado e da eternidade reverberando nas estrelas e nas estradas e nos faróis que, como refúgios de esperança e de poesia emergidos na solidão e no medo, ajudaram a trazer ao mundo a magnificência do pôr do sol e a redenção de um coração que, antes abandonado e relegado às sombras,

agora pulsava, jubiloso e maravilhado, ao ritmo aconchegante e marulhante das horas.

Conversa profunda sobre as escolhas de Sarah na praça

Na graciosa praça da cidade, enquanto a brisa do oceano acariciava o casario e refrescava os transeuntes, Sarah e Ethan caminhavam tomados por um respeito ao silêncio. Ao seu redor, o lugar era uma sinfonia de vozes e sons que perpetuavam as aventuras do passado. E ali, junto à fonte onde um dia sua avó Isabela se deliciava na áurea juventude, Sarah rompeu a quietude, e sua voz soou como um eco que viajara através do tempo: "Ethan, há algo que gostaria de compartilhar com você."

Com um olhar atônito, mais curioso que temeroso, Ethan aguardou o que Sarah lhe diria. À luz da tarde, sua figura imprimia um contorno onírico, uma aura de mistério e desejo capaz de evocar os versos mais intensos.

"Sempre me senti dividida entre dois mundos", confessou Sarah, suas palavras encorpando - se pelo peso da emoção que lhes dava vida. "No mundo do meu pai, eu era um planeta à deriva, girando em silêncio, guiada pela imensidão das histórias que sua voz ousava desvelar. No mundo da minha mãe, eu era uma estrela solitária, distante dos afetos e das memórias, perdida nas insondáveis distâncias que seus olhos percorriam."

Ethan tentou enlaçar a mão de Sarah em gesto de conforto, mas hesitou, sentindo - se incapaz de compreender a totalidade do que Sarah lhe revelava.

"O mundo do meu pai", prosseguiu ela, "pulsava dentro de mim como um coração vadio, levando - me por veredas e estradas desconhecidas, no intuito de encontrar e ansiar pela liberdade do desconhecido. O mundo da minha mãe, por sua vez, me arrasta para as profundezas de um mar inexplorado, onde busco a verdade e o carro - chefe que conduz ao amor e à razão."

O mar de sentimentos que avassalava o coração de Sarah a envolveu como uma súbita neblina que encobria o sol, mas para a qual seu olhar jamais se rendeu. Mesmo lutando contra a força do que confessava, seus olhos brilhavam como cristais a refletir a luminosidade da vida que a alcançava.

"Esses dois mundos", concluiu, "me dividem, me confrontam e me atormentam, porque me impedem de unir em um só as minhas aspirações e sonhos tão íntimos, tão eternos. Quero ser tanto o coração pulsante quanto a estrela solitária, simultaneamente navegando e sendo guiada pelo destino

que se me apresenta no horizonte imaculado.”

Ethan, dominado pelo acúmulo de emoções, juntou suas mãos às de Sarah, mostrando - lhe, como um porto a um navio errante, que juntos uniriam os anseios de cada coração, buscando a união desejada de dois mundos desarmoniosos.

”Sarah, minha querida, eu compreendo e sei do que você fala”, confessou Ethan, a voz embargada denunciando o esgardançar de emoções ante a batalha dos mundos internos. ”Também sou fruto de duas verdades, e também busco a reconciliação do que, inalcançável, trago comigo por todos os cantos do que sou e de onde vou.”

Ethan deu um passo adiante, envolvendo Sarah em seus braços, e murmurou - lhe ao ouvido: ”Somos todos parte de um mosaico caprichoso que, como as ondas do mar, ora se aproxima, ora se afasta, tentando atravessar a vastidão do desconhecido.”

Sarah aninhou-se ao peito de Ethan, sentindo a força imensurável daquele abraço que parecia contestar os tormentos e a incerteza de um destino conturbado. E em seu ouvido, como a promessa de um deus destemido e carinhoso, ouviu a verdade que há muito procurava: a essência do ser é uma fusão de dois mundos, um múltiplo que, paradoxalmente, busca e rejeita a completude e a totalidade inatingível do que se lhe apresenta como imagem e gesto.

E ali, naquele abraço, perceberam sua força conjunta e seu significado no vasto mosaico que os unia e os refletia, como a lua no brilho das estrelas e o farol através das trevas. E assim, diante das lutas e angústias que os aguardavam, Sarah e Ethan aceitaram conjugar, em seu amor infinito e inconstante, os fragmentos dessa imensa miríade de mundos que apenas dois corações enamorados se entregando à infinitude do querer e do agir poderiam pacificar e transpor.

E no frescor do anoitecer, a leve briza do oceano pareceu lhes sussurrar, em uníssono com o coração do mundo: o equilíbrio, afinal, reside na busca e no abraço dos destinos múltiplos que clamam por reconhecimento e afeto, tanto nos abismos das profundezas das águas quanto nas alturas siderais e celestes do infinito e do encontrar - se.

Uma visita à loja de Joaquim

Na manhã seguinte ao entardecer dourado em que Sarah e Ethan começavam a vislumbrar um futuro juntos, a cidade costeira parecia se inspirar com a promessa de renascimento que emanava de suas almas. O sol nascia em um céu cor de lavanda, transformando o oceano em um espelho prateado, como se refletisse a força emocional que os dois tinham descoberto um no outro.

Ethan contemplou os raios de sol dançarem sobre o horizonte e fechou os olhos, as linhas de seu rosto amaciadas em um sorriso tímido. Sentiu, na pele, o firme respiro austero e aconchegante do vento e ouviu, no registro mais elegante e dulcificante, o bater das águas - em momentos como esse, Ethan sentia como se tivesse renascido de si mesmo, como se a dor antes devastadora que habitava o seu íntimo já recendesse o perfume único e maravilhoso da superação e da serenidade.

Retomando o seu caminho na direção da praça central da cidade, decidiu que era chegada a hora de visitar a loja de Joaquim Pereira, o simpático e curioso proprietário que o havia ajudado a desvendar as histórias encerradas na casa que buscava reconstruir. Precisava mais do que apenas agradecer pelas informações valiosas que lhe foram compartilhadas: queria, também, compartilhar o mistério e a alegria de sua descoberta com alguém que tivesse o domínio e a sensibilidade de compreender a dimensão complexa e maravilhosa das intrincadas tramas do destino que, com o sopro de uma brisa ou o bater de um cílio, podem fazer com que a mais cruel das fatalidades seja tratada como o mais doce e esperado dos ensejos.

Chegou à loja de materiais de construção e encontrou Joaquim Pereira atrás do balcão, envolto no cheiro de madeira recém-cortada e no sutil rangido de pregos e martelos. A luz do sol filtrava-se através das prateleiras e adornava a figura de Joaquim com um brilho quase etéreo.

- Joaquim! - exclamou Ethan, sorrindo ao ver o bom amigo. - Tenho algo para compartilhar com você. Algo que pode muito bem mudar tudo o que pensávamos que sabíamos.

As palavras de Ethan ecoaram pela loja, e Joaquim levantou os olhos de suas anotações, um sorriso animado e genuíno brotando em sua face enrugada:

- Ah, meu rapaz! Vejo que trazes notícias maravilhosas. Aproxima-te e compartilha comigo esse fascinante mistério!

Ethan contou a Joaquim sobre a sua jornada emocional com Sarah, descreveu com pormenores o entardecer dourado em que se prometeram superar as mágoas do passado e abraçar um futuro juntos. Sua voz foi aos poucos se rendendo à energia e ao calor daquelas palavras que narravam os caminhos convolutos e ambivalentes do amor, da descoberta e do compromisso.

Joaquim escutava com interesse e fascínio a história que Ethan compartilhava, seus olhos brilhando com a satisfação secreta de quem sabia que, de alguma forma, tinha contribuído para aquela dádiva que agora alicerçava novas possibilidades e sentimentos nos dois jovens corações.

- Meu caro Ethan - começou Joaquim, após um longo silêncio em que se permitiu absorver as palavras e o significado subjacente às feridas e aos êxitos que agora pontilhavam, com destreza e esperança, a vida de Ethan e Sarah. - A vida é um percurso tortuoso, repleto de dores e alegrias, e tudo o que podemos fazer é aceitar a jornada como ela se apresenta a nós, compreendendo a importância de cada momento e personagem que enlaça e renova nossas almas.

Continuação da conversa na praia

A praia era uma sinfonia de melancolia e encanto, sintetizando o conflito e a hesitação intrínsecos àquilo que Sarah e Ethan desejavam compartilhar após a visita à loja de Joaquim Pereira. A tarde descia suave e abraçava todo o cenário com a ternura e a candura dos corações que a tudo permitiam e a tudo transbordavam. Na distancia, avistavam-se múltiplos tons e flores que enfrentavam a dureza e a aspereza das areias que se atreviam a despi-las de seus esplendores e cores. E quando Ethan se deu conta de que seu olhar não mais se fixava na imensidão das águas, voltou-se para Sarah que, com um sorriso forçado e os olhos marejados de um medo indefinido e profundo, decidiu, com os Willis remotos que a tudo escutavam, revelar o que afligia e torturava seu espírito: precisava expressar o que havia descoberto quanto à morte violenta de Pedro, o primeiro e único amor de sua vida.

As palavras não eram um canto, eram um arfar violento, um grito zum-zum que procurava pôr fim no cansaço e na dor que sempre representaram suas aparições e recomeços. Ethan não sabia o que dizer, mas mirava nos olhos de sua amada um imenso e inesgotável abismo de desespero e solidão.

Queria trazê-la para junto de si e livrá-la desses fantasmas, desse passado que não fazia mais parte do presente que estavam construindo juntos. Mas, a um só tempo, sabia que não poderia fazer isso sozinho. Precisava contar com a força e a coragem de Sarah, que tinha que aprender a lidar e a pacificar a culpa e os remorsos que ainda eram chagas abertas e gritantes em sua alma aflita e assombrada.

Assim que Ethan segurou a mão de Sarah, sentiu a urgência e a doçura de uma brisa inédita e imponente. Não era a brisa de amores despedaçados, nem a brisa de horizontes inatingíveis. Era a força de um vento que declarava e anunciava o advento de um futuro e de uma história, o oscilar de dois corações rumo a um caminho incerto, mas promissor. Pegou-lhe as mãos e, beijando-as com uma reverência e a ternura de um homem que compreende os desafios e as quedas inerentes às jornadas que sempre empreendem na vida, lançou-se nas palavras que há muito trazia entaladas na garganta:

”Sarah, meu amor, o que agora lhe oferece tanto receio e tanta dor foi apenas um momento passageiro na história de sua vida. É preciso compreender que aquilo que constitui a pecha e a dureza de um tempo não pode continuar sequestrando nossos olhares e gestos maiores e firmes. Acabemos com esse confronto entre o agora e o distante, com essa atitude de quem se deixa perecer face às mudanças que nos tocam e nos surpreendem.”

Sarah meneou a cabeça e, com um ar de convicção atordoada, elencou os medos e as hesitações que tornavam a se imprimir em seu coração: ”Ethan, é deveras difícil esquecer o que foi vivido e contemplar apenas o que está por vir quando as marcas que trago comigo são como chagas no espelho de minha natureza.”

Mas Ethan não a deixou calar-se quando ela ainda estava tão incerta e vulnerável. Aproximou-se outra vez, inclinando a cabeça até ficar à altura dos olhos dela, e sussurrou as palavras que selariam, como se fôssemos encantamento, a brecha que ameaçava novamente se abrir e se alargar: ”Sarah, nós dois somos feitos das histórias e dos sofrimentos que ainda nos apegam e nos amarram ao invés de nos soltarem. Mas nada, nem mesmo esse arraial de trevas e de medos, pode ser maior e vencedor do que essa íntima e desesperadora necessidade que sentimos um pelo outro. Abrace-me, e lembre-se: mesmo o passado tempo sombrio pode revelar caminhos de luz e de resplendor.”

E com estas palavras, Ethan tomou Sarah em seus braços. E ali, naquela

praia onde o sol e as águas se confrontavam e se abraçavam numa dança de cores e matizes, os dois encontraram o conforto e a paz que tanto buscavam, o abraço que afasta e integra todos os temores e sonhos.

Juntos, decidiram enfrentar o passado e celebrar o presente, agarrando-se ao amor que cura e unifica tudo o que um dia separou e afastou. E assim, na praia ao poente, onde as águas do mar cantavam a música da melancolia e do encanto, encontraram redenção na união de duas almas tão profundamente conectadas por suas histórias e destinos entrelaçados.

Aceitação das incertezas e medos sobre o futuro

A luminescência das águas da praia aqueceu as almas de Sarah e Ethan enquanto caminhavam lentamente, com mãos entrelaçadas, sobre a areia quente. Havia algo de infinitamente belo no entrelaçar de suas histórias e destinos na vastidão do oceano infinito.

Naquela noite, as palavras não eram suficientes para expressar a profundidade de sentimentos que estavam prestes a se desvendar e molhar o chão de suas existências. Mas Sarah sentia-se impelida a compartilhar o medo e o rancor que a muito afligiam e que, de certo modo, ainda reverberavam em seu âmago, como vozes soterradas e mal resolvidas.

- Ethan - começou ela, sua voz já inudada pela incerteza e pelo temor - eu não sei o que o futuro nos reserva. E isso me assusta. Temo que estejamos fadados a enfrentar a dor e o sofrimento novamente. Na tentativa de reconstruir nossas próprias vidas e moradas, ainda seremos incapazes de alcançar a cura e a unificação que tanto almejamos.

Ethan observou a mulher à sua frente com um olhar que misturava tristeza e compreensão. Sabia que o medo era um monstro terrível de ser enfrentado e que, muitas vezes, não se encerra com a passagem do tempo e com o amadurecimento do espírito e do coração. Em vida e enquanto ser humano, aprendeu que o medo, assim como os desencontros e as angústias que o permeiam, são sombras inescrupulosas que se estendem e se embrenham nas mais ínfimas frestas de nossa constituição. Fazem parte de nossa natureza trágica e humana.

- Meu amor - murmurou Ethan, escolhendo cuidadosamente suas palavras - o futuro é sempre incerto e nebuloso, um caminho inexplorado que se desvenda a cada novo passo que damos em direção a ele. Acredito que é essa

imprevisibilidade e incerteza que o torna, ao mesmo tempo, tão assustador e tão admirável. E é também o que nos permite aprender, crescer e evoluir como seres humanos. Sarah, nós compartilhamos um raro e precioso presente, um amor que nos uniu, apesar das cercanias sombrias de nosso passado. E será esse amor que nos guiará, como um farol em meio aos ventos incertos e insanos do futuro.

Qualquer receio que habitasse o coração de Sarah começou a se dissipar à medida que as palavras proferidas por Ethan meandricamente se alojavam como raízes fincadas no solo pantanoso da ansiedade e do desconhecido. A força e a delicadeza subjacentes àquela afirmação estremeceram e sacudiram a estrutura frágil e um tanto descompensada do medo que a tudo dominava.

- Tens razão, Ethan - concordou Sarah, deixando-se envolver pelo calor e pela sabedoria que emanavam da voz e do coração do homem que amava. - Precisamos enfrentar nossas incertezas com bravura e aceitar que a vida e o futuro são, em última instância, inexpugnáveis e tão voláteis quanto o sopro do vento.

Sentindo-se mais confiante e animada, Sarah ousou tomar a iniciativa - algo que, até então, teria sido inimaginável para ela -, colher a mão de seu amado e trazê-lo para junto de seu coração.

- A promessa que faço a ti, Ethan, é que estarei ao seu lado em cada momento desse caminho, a cada passo em direção ao desconhecido e a tudo o que o futuro possa trazer. A juntos encontraremos a cura, a redenção e a paz que tanto buscamos.

Silêncio, aquele minuto que toma o lugar das palavras e dedica um tempo próprio para a contemplação e a serenidade. As palavras de Sarah soaram como farpas e adagas, como peixes e pássaros que arrancavam o erro e o preconceito de suas almas e lançavam-se aos prazeres de se ter um porto seguro, um lar e uma morada. E ali, à beira do mar, sob os olhos atentos da noite, encontraram a esperança e o destino que tanto haviam buscado.

E assim, Sarah e Ethan adentraram corajosamente no futuro, com leviandade e confiança renovadas, abraçando as incertezas e as adversidades que o destino certamente lhes traria. Unidos pelo amor, navegariam as ondas tempestuosas e surgiriam mais fortes em cada desafio e cada triunfo a ser enfrentado. O legado de cicatrizes e experiências nas costas os impulsionaria cada vez mais alto, como uma constelação de seres humanos, falíveis e perfeitos.

E em cada pôr do sol, em cada quebrar das ondas, em cada vento insistente que beijava o rosto de ambos, eles encontravam a resposta já tão conhecida pelo tempo e pela poesia: a aceitação das incertezas e medos sobre o futuro os conduziria a um amor redentor, contundente e único - um amor que transcenderia tempo, lugar e limites.

Visualizando uma vida juntos

Na penumbra do dia crepuscular, quando o sol deslizava para além do horizonte e a imensidão do mar se encontrava e se imiscuía com a majestade e a opulência das nuvens, Sarah pegou a mão de Ethan e, com os olhos leigos e ainda indecisos, travou um diálogo que há tempos ansiava empreender.

- Ethan, tens pensado sobre o nosso futuro juntos? Sobre as nossas vidas, todo esse amor e sonhos que aos poucos vamos conquistando e desbravando? Será que não estamos ao fim da jornada e, subitamente, nos deparamos com os paradoxos e os dilemas que desconhecemos a cada passo que empreendemos em direção a um desfecho?

Ethan soltou uma leve risada trêmula e, ao mesmo tempo, brandiu um olhar de pura compreensão e ternura. Compreendia a hesitação que oscilava e vamos se atrelar ao âmago de sua amada, mas não concebia o achismo e a vacuação que os rondavam sempre que, aparentemente, tinham atingido o patamar de uma paz inconteste e insuperável.

- Sarah, por muito tempo acreditei que estava destinado a viver à sombra de um passado que não estava resolvido e que tinha me confinado em uma prisão de medo e dor. Mas, desde que te conheci, aprendi que o futuro está sempre aberto, que há sempre possibilidade de mudar o nosso destino, se enfrentarmos o presente com determinação e coragem.

Sarah deixou-se amparar pelas palavras tremulantes e decididas, pelas mãos fortes e graciosas que apertavam e supervalorizavam cada contrição e cada batida em seu coração arfante. Ainda estava relutante diante dos passos que precisavam ser tomados, mas não duotavam quanto à sinceridade e à verdade que Ethan buscava imprimir em seus momentos de hesitação e medo.

- Não sei, meu amor - replicou ela, com um leve suspiro que parecia querer levá-la para uma terra distante e esquecida. - Parece que estive vagando por caminhos sombrios tanto tempo que não consigo ver um futuro onde

não sou atormentada pelos fantasmas do passado. E agora, quando estamos aqui juntos, quando a possibilidade de ser feliz está na ponta de meus dedos, eu me pergunto, poderemos nós ir juntos para um local desconhecido e ainda encontrar felicidade?

Ethan parou para ponderar por um momento e, guiado pelo marulhar das ondas do mar e o sussurro da brisa suave pela areia, respondeu:

- Sarah, é impossível prevermos cada pormenor ou revés que nossa jornada nos reserva - não podemos adivinhar cada indagar, cada word que ela traz consigo. Mas, acredite em mim, minha querida, quando afirmo que indiferente das indecisões e tempestades que enfrentemos, eu estarei ao seu lado.

Sarah vacilou um instante, antes de se decidir pela verdade que se escondia sob a superfície daquele mar - por debaixo daquela promessa que lhe banhava em branco e dourado, em cores rubras e profundezas absolutas. Sabia que, ao encarar o futuro ao lado de Ethan, estaria dando adeus a um passado que ainda a atormentava e, ao mesmo tempo, recebendo de braços abertos e peito aberto uma vida repleta de possibilidades infinitas e inconstâncias.

Com um sorriso tímido que trouxe nova cor ao seu rosto, Sarah voltou - se para Ethan e, olhando nos olhos dele, proferiu as palavras que não só selariam seu futuro, mas também encerrariam o espectro de dúvidas e medos que a assaltavam.

- Vamos visualizar essa vida juntos, Ethan - afirmou Sarah, firme e determinada. - Vamos torná-la real e palpável, mesmo que isso signifique atravessar desertos áridos e violentos, mesmo que nos deparemos com os resquícios do que fomos ou deixamos de ser. Eu acredito no destino que nos aguarda e que, somente com você, posso empreender essa viagem e alcançar a terra da promessa e do renascimento.

Com um beijo e um sorriso, ambos lançaram - se ao desconhecido que os cercava e os envolvia, unidos pelo amor que os vinculava e que os alimentava em cada passo e cada decisão que partilhavam no limiar da eternidade. E foi assim que, ao peito de uma luz brilhante que rasgou a sombra do firmamento e o céu dos olhos abertos, se entregaram e, enfim, consagraram o início de uma nova vida, em que somente o espectro das possibilidades era vislumbrado, enfim, somente o presente era abraçado e defendido. Entrelaçados nesse momento eterno e decisivo, poderiam encontrar a paz e o apreço que sempre

buscaram - poderiam, afinal, vislumbrar um futuro e um céu iluminado pelas estrelas e pelas veredas de um horizonte datilografado e confiável, dono de desfechos inesperados e rumos misteriosos que nossa humanidade suplica e deseja, silenciosa e ativa, como quem se entrega à noite e aos braços do mar e da vida.

O compromisso de enfrentar o futuro lado a lado

Era um fim de tarde em que a natureza parecia conspirar para que tudo fosse leve e brando, como uma árvore que ao vergar - se numa curva graciosa e frondosa oferece sombra fresca aos pedestres, como se a beleza do mundo cumprisse uma função e que esta função fosse pura inspiração para o encontro de corações em desespero.

E na brisa que soprava desde o horizonte e passava lenta pelas casas, desvendando caminhos e galgando montes, encontrou Sarah e Ethan a cochilar num banco da praça, suas mãos entrelaçadas em nada além do profundo reconhecimento da presença do outro, como se, unidos em tal forma, pudessem dar coragem um ao outro para enfrentar o futuro.

Naquele exato momento, os fantasmas do passado pareciam ter se contentado em apenas observar, como sombras que se tinham resignado a esperar a próxima oportunidade para se lançar sobre o casal. Mas enquanto Sarah e Ethan permaneciam ali, tão enlaçados quanto dois ramos de uma só árvore, uma esperança crescia em seus corações - a esperança de que, finalmente, conseguiriam vencer os medos e as dúvidas e assumir a decisão de enfrentar o futuro lado a lado.

Sarah abriu os olhos como se despertasse de um sonho, sua respiração acelerada e seu coração inquieto num pressentimento de que algo estava prestes a mudar, como se aquela tarde tão gentil e tranquila fosse uma escultura de areia prestes a desfazer - se com a mais delicada das carícias do vento.

- Ethan - suspirou ela, com um leve tremor na voz, como se sua alma temesse a resposta à pergunta que desejava fazer - será que estamos realmente prontos para enfrentar o futuro juntos? Será que conseguiremos fazer as pazes com o passado e deixá - lo para trás?

Ethan a olhou por um instante, como se tentasse adivinhar o que ia além das palavras e alcançar a própria essência do medo e da hesitação que

teimava em persistir na alma de sua amada. Aos poucos, um sorriso lento e suave começou a se desenhar em seus lábios, como se suas palavras fossem água a derramar-se brandamente sobre rochas quentes, como um consolo e um alívio.

- Sarah - começou ele, uma serenidade incalculável fundindo-se à ternura de suas palavras - não podemos saber com certeza o que o futuro nos reserva. É verdade que, por mais que enfrentemos a vida com coragem e ousadia, ainda seremos poucos para alcançar a certeza e a previsibilidade que tanto desejamos. Mas, se há algo que aprendi nesta vida e neste tempo que passamos juntos, é que o medo e a incerteza são ambos forças que podem ser domadas e conquistadas.

Sarah olhava nos olhos dele enquanto seu coração procurava acompanhar o ritmo daquele sorriso lento e suave, tudo era ternura num mundo em que tudo parecia ter sido tranquilo e sereno desde sempre.

- Então - concluiu ela, tomando fôlego e encontrando - se, em algum lugar escondido de sua alma, a coragem necessária para enfrentar o futuro e o desconhecido - comprometo-me a estar ao seu lado, a cada passo desta caminhada pelo desconhecido e por tudo o que o futuro possa nos trazer. E juntos, acredito, encontraremos a cura, a redenção e a paz que tanto buscamos.

Ethan apertou a mão de Sarah, como se tentasse transmitir - lhe a força e a serenidade daquele momento, e a olhou nos olhos como quem desvenda o mistério que os olhos não revelam, sejam eles os de uma mulher ou os de um universo em explosão.

- Então, meu amor - disse ele, sem vestígios de hesitação ou medo em sua voz - estará ao meu lado, tão certa quanto as estrelas estão no céu e tão inabalável quanto a luz que se espalha sobre a terra em um novo dia.

Sarah assentiu, seus olhos encontrando refúgio nos de Ethan, suas almas entrelaçadas numa única promessa: a de que, juntos, enfrentariam o futuro e tudo o que ele lhes traria - o amor, a cura e a redenção que tanto ansiavam.

E assim, naquele banco na praça da pequena cidade costeira, Sarah e Ethan selaram seu compromisso. De mãos entrelaçadas e corações unidos, abraçaram a incerteza do futuro e encontraram esperança, força e tranquilidade na certeza de que, juntos, poderiam superar qualquer obstáculo, curar qualquer ferida e conquistar tudo o que a vida ainda tinha reservado para eles.

Chapter 13

Abraçando a mudança

Os segredos do mar pareciam estar guardados há muito tempo nas entranhas do seu silêncio, como um coro de vozes que sabiam tudo o que era preciso saber sobre a vida e que, por fim, se entregavam mansa e definitivamente ao vento para serem deixados no esquecimento.

Era um daqueles dias em que o sol tinha decidido se disfarçar de nuvem e o vento soprava com a leveza dos seus dedos estendidos num convite à mudança - como se, nesse mundo de cores, de luz e de sombras, nada mais houvesse a temer senão a própria hesitação e o temor diante do inesperado.

A praia parecia se estender a perder de vista, abandonada à deriva de suas próprias lembranças e rumores do passado, ao sabor e ao toque do vento que sussurrava seu nome tão calma e discretamente quanto um fantasma perdido que agita a noite e anima as canções do horizonte.

Era nessa areia, agora dourada pelo sol que caía sobre o horizonte e corria entre as nuvens como uma alma celebrando finalmente sua redenção, onde Sarah e Ethan se encontravam e deslumbravam uma e outra vez o começo de um novo capítulo em suas vidas.

A conversa deles era terna e aberta, um diálogo de corações que já haviam enfrentado os testemunhos de seus medos e de suas feridas, que já haviam se entregado nas batalhas contra os espectros do passado e que, agora, se entregavam, enfim, às promessas de um presente e de um futuro de cura e de amor.

- Às vezes me pergunto se teremos força suficiente para continuar essa jornada - confessou Sarah, com os olhos perdidos entre as linhas do horizonte e as pegadas que iam deixando na areia úmida e dourada.

Ethan a olhou por trás, lembrou a eterna voz do vento e, com um sorriso de quem nada temia e nada escondia em seu coração e em sua alma, lançou-se na procura e no reconhecimento do lugar que ela buscava.

- O simples fato de estarmos aqui, Sarah - começou, deixando sua voz se mesclar ao som das ondas, ao sussurro do vento e ao eco de um mundo inteiro de possibilidades - o simples fato de estarmos aqui, neste lugar e neste momento, nos prova que já demos o primeiro passo rumo à mudança e ao perdão.

Sarah se virou para enfrentá-lo com olhos que dançavam entre a hesitação e a coragem, e encarou o rosto banhado de determinação e confiança que Ethan lhe oferecia compassivamente.

- Mas o passo que demos O presente que estamos construindo Será o suficiente para curar nossas dores e nossas mágoas? - indagou, temendo a resposta como se dela dependesse seu destino e sua décima esperança.

Ethan não hesitou nem por um instante, como se soubesse desde o primeiro dia a resposta que Sarah buscava e como se, ao entregá-la, pudesse de alguma forma aliviar o peso do passado e da incerteza que a assombrava.

- Às vezes - murmurou, inclinando-se para frente e tocando levemente os cabelos de Sarah com sua mão - às vezes a resposta está no próprio caminho que percorremos, no esforço que despendemos e nos obstáculos que enfrentamos lado a lado. Talvez o que importe não seja o destino que aguarda no horizonte, mas sim a viagem que empreendemos juntos e a mudança que nos permite abraçar uma nova vida e um novo começo.

Na areia úmida e fria, embalados pelo silêncio dos segredos perdidos e pela doçura do companheirismo, Sarah e Ethan partilhavam um instante que lhes mostrava a beleza de um mundo que, pela primeira vez em suas vidas, lhes permitia ser e criar - para deixar de ser vítimas e, enfim, tornarem-se autores e protagonistas de suas próprias histórias.

Lá, onde o vento e os murmúrios do mar se encontravam e se mesclavam em cânticos ancestrais de amor e de redenção, os dois se deram as mãos, firmes e decididos em seu compromisso de abraçar a mudança e de curar-se mutuamente das feridas que o passado havia infligido.

E, erguendo-se diante do sol poente que avançava para além do horizonte e mergulhava no mar, eles seguiram juntos, de mãos dadas e corações unidos, rumo ao futuro incerto e luminoso que os aguardava - rumo a um novo começo, onde o amor e a redenção se encontrariam à beira-mar.

O despertar para a importância da mudança

O sol estava se pondo lentamente sobre a pequena cidade costeira, e à sua luz quente e dourada, as sombras se alongavam e se adensavam, como se fossem um aviso sutil de que as engrenagens do tempo caminhavam em uma direção e a uma velocidade que só os corações mais sábios e mais ousados poderiam começar a discernir e compreender.

Sarah estava em pé na soleira da porta do quarto de sua avó, os olhos marejados e o peito oprimido pelo peso de algo inominável e desconhecido, como se alguém houvesse aberto a caixa de segredos que ela mantinha escondida no fundo de sua alma e a obrigasse a encarar a verdadeira natureza daquilo que se mostrava ali, tão explicitamente cruel e surpreendentemente profundo.

Foi então que Ethan surgiu, silencioso como uma das sombras que se esgueirava pela cidade naquela tarde de luz e mistério, e se aproximou de Sarah com uma cautela e um cuidado que só o verdadeiro amor era capaz de engendrar e aprofundar, como se temesse despertar em seu coração uma dor ainda mais profunda do que aquela que havia atingido o seu próprio.

- Alguma coisa não está bem - começou ele, a voz baixa e rouca, como se estivesse perdendo a batalha contra as lágrimas que ele havia aprisionado por detrás de seus olhos desde o início daquele verão - Alguma coisa não está simplesmente bem, Sarah.

Sarah olhou para ele, os olhos embaçados e exaustos, mas, ao mesmo tempo, cheios de uma determinação e uma valentia que não se deixava abalar tão facilmente, como a de um soldado no front de batalha que se recusa a entregar - se à derrota e à desolação.

- Eu sei - murmurou, como se sua voz tivesse se entregado à dor e ao cansaço - Eu sei, Ethan. E é neste exato momento que percebo o quanto precisamos de uma mudança profunda, uma mudança que nos permita enxergar o valor de tudo que temos vivido até agora.

Ethan assentiu, a mão direita deslizando suavemente pelos quadris de Sarah até segurar a sua presença com firmeza e ternura, como se acreditasse que, juntos, poderiam encontrar a solidez e a clareza que buscavam em meio às incertezas e aos questionamentos que assombravam suas almas.

- Mas como fazer isso, minha amada? - indagou ele, o olhar perdido no espaço vazio que se estendia entre os dois, como em um muro invisível e

insuperável - Como podemos começar a mudar quando todo o nosso passado insiste em nos rodear e nos lembrar constantemente do que fomos e do que nunca mais poderemos ser?

Aos poucos, um sorriso se timidamente aflorou nos lábios de Sarah - um sorriso que escondia a dor e o desespero que ainda se agarravam a seu coração como ervas daninhas que recusavam abandonar o solo onde haviam germinado e crescido com tanta voracidade.

- Talvez a resposta, meu querido - disse, com a mão enlaçada à de Ethan, como se fosse uma planta viva e palpitante a procurar uma fonte de luz a que pudesse se agarrar -, talvez a resposta esteja justamente no fato de que este momento, esta revelação de nossa própria fragilidade e dependência do passado, é justamente o que nós precisamos para começar a desbravar e a construir o futuro.

E, em um ato impulsivo e corajoso, Sarah puxou a mão de Ethan e o conduziu suavemente até a janela do quarto, onde o sol poente parecia afogar-se em um mar de cores tão mágicas e surreais que a mente humana era incapaz de compreender e aceitar.

- E esta é a nossa chance, meu amor - continuou ela, um fio de voz correndo em seus lábios como um rio que se liberta das correntes que o prendem e o aprisionam - Esta é a nossa chance de abraçar a mudança tanto quanto a própria vida, de enfrentar a dor e o medo com a firmeza e a certeza de que, juntos, podemos ter um novo começo.

Ethan, também, olhou pela janela, seus olhos se demorando por um instante nas ondas que, gentis e serenas, se acalentavam na música do vento e das sereias. Depois, voltou-se para Sarah, e com um gesto simples e simultaneamente carregado de significado e profundidade, afastou os cabelos de seu rosto e a beijou.

E ali, entre as sombras compridas da saudade e a luz dourada do sol que parecia prestes a precipitar-se em um abismo de trevas e de sonhos, Sarah e Ethan descobriram o segredo mais profundo e mais simples do amor e da vida: a necessidade imperiosa e indomável de mudar e de se reinventar, mesmo diante das incertezas e dos medos que, à espreita, aguardavam o despertar das almas que, enfim, encontravam a coragem e a ousadia para iniciar a jornada ao encontro de si mesmas e do futuro.

E com lágrimas nos olhos e uma chama de determinação no coração, Sarah e Ethan deram, juntos, o tão almejado primeiro passo. Aquele que

os salvaria de seu próprio labirinto e os levaria, de mãos dadas e corações unidos, rumo ao desconhecido e à redenção.

Aceitação do passado e foco no presente

Numa manhã abafada, Sarah e Ethan acordaram cedo e decidiram pegar a maré baixa na praia. Com os pés mergulhados na água morna, a areia fina se encaixava perfeitamente nos seus passos e a beleza do oceano os acalmava como um bálsamo. A vida na cidade costeira parecia quase um sonho, o tempo se arrastava como um amante preguiçoso e cada dia que passava a revigorava.

Nesse momento, com a espuma das ondas lambendo seus calcanhares, Sarah confessou a Ethan seus receios.

- Estar aqui, em tudo que era de minha avó, me faz pensar sobre um futuro para além desse verão. - Sua voz hesitava, e as ondas pareciam ecoar sua insegurança. - Essa vida, essa paz, não pode durar para sempre, não é?

Ethan lhe olhou, como se quisesse sondar os recônditos mais profundos de sua alma. Sua mão alcançou a de Sarah, seus dedos se entrelaçaram firmemente, como a força de um nó. - Já pensou em ficar?

Para Sarah, a possibilidade era tentadora, mas a realidade se impunha, como um fantasma pregando peças. Ali, juntos à praia, eles haviam formado um mundo à parte, livre da dor e dos fantasmas do passado. Mas fora dessa bolha, as memórias do que os levou até ali ainda os assombravam.

Então, como uma súplica, Sarah disse: - Me fale do seu passado.

Pela primeira vez desde que se conheceram, Ethan hesitou. As lembranças pareciam emergir do oceano à sua frente, como aparições sombrias que elebrancas. encarava - a de seu coração trancado. Sarah sabia que a história que ele estava prestes a lhe contar era uma das lendas da vila.

Ethan suspirou e com um aceno de sua cabeça, ele se entregou às confidências. - Mary e eu nos casamos quando éramos ainda muito jovens, tomados pelas paixões que nos consumiam. Nós compartilhamos anos de felicidade, até que o destino e a realidade nos atingiu como um soco.

Com a voz embargada, Ethan falou do dia em que um terrível acidente tirou a vida de Mary. As lágrimas, contidas durante tanto tempo, rolaram de sua face e misturaram-se com o mar. Ele contou sobre sua busca por redenção, por respostas, mas tudo o que encontrou foi um abismo escuro e

silencioso no seu coração. Quando terminou, Sarah enxugou as lágrimas de Ethan, com uma compaixão que se fundia ao rugido das ondas.

Sarah sentiu uma ânsia profunda em seu peito, como se compreendesse que o fardo do passado de ambos não poderia mais ser ignorado se desejassem ficar juntos. Ela então tomou a coragem e sussurrou: - Ethan, quero te contar sobre minha avó.

Eles se sentaram à beira do oceano, as ondas abraçando-os como uma mãe adormecendo seus filhos. E, pela primeira vez, Sarah compartilhou com Ethan os momentos em que sua avó lutou bravamente contra a doença que a assolava. Ainda assim, a lembrança brilhante do afeto e cuidado de sua avó resplandecia como um farol, guiando-os pelo mar turbulento do passado.

Ao ouvi-la, o coração de Ethan palpitava com uma intensidade que parecia rivalizar com o do infinito oceano à sua frente. A conexão que se formava entre eles ia além dos espaços e do tempo, era um laço eterno, tecida com os fios das almas partilhadas. No olhar de Ethan, ele entendeu o presente que Sarah lhe oferecia e, tendo sido quebrado, ele entendia a necessidade de ambos em abraçar o futuro com esperança e resiliência.

Sarah falou com serenidade: - Aceitar o passado não significa esquecer o que nos trouxe aqui, mas sim escolher abraçar o presente, incorporando nossos erros e dores para que possam nos ensinar como viver mais plenamente.

Com isso, Ethan sorriu e beijou Sarah profundamente, sentindo o gosto salgado das lágrimas e do infinito oceano.

Sentados diante do horizonte vasto e brilhante, eles entenderam que eram capazes de levar suas cicatrizes como símbolos de coragem, e prometeram abraçar o futuro a partir do presente, edificado sobre as fundações sólidas de aceitação, compaixão e, acima de tudo, amor.

Integrando lições aprendidas em suas vidas

Era um dia de céu claro e brisa suave, como se o próprio mar estivesse dando às tréguas como um gesto de compaixão aos seres humanos que se agitavam na sua tumultuada ânsia de redenção e felicidade. Imersa na dor e na dúvida que ainda se abraçavam em seu coração como um casal moribundo, Sarah se encontrava sentada em uma velha cadeira de balanço em sua varanda,

fitando com olhos perdidos e inquisidores o mar infinito que se estendia à sua frente como um desafio silencioso e implacável.

Ela ainda não tinha esquecido a noite em que, tocada por uma coragem que desconhecia existir dentro de si, abrira-se a Ethan como jamais fizera com outro ser humano, desnudando não apenas o corpo, mas a própria alma aos olhos e aos dedos exploradores de seu amante e confidente. Desde então, Ethan vinha sendo um bálsamo para as dores e incertezas que assombavam os dois corações que tentavam desesperadamente aprender a caminhar juntos e, ao mesmo tempo, compreender o verdadeiro significado da própria solidão e da angústia que nascia da fractura de vidas e de esperanças fragmentadas e dispersas ao sabor dos ventos e das intempéries da existência.

A cada manhã acordava ao lado de Ethan com uma crescente sensação de serenidade que afugentava as trevas e os demônios que sussurravam e tentavam minar a força daquele sentimento tão profundo e tão inflamável que a ela e ao companheiro. E, entre beijos e olhares que se fundiam como lágrimas e clamores ecoando ao mesmo tempo, consolavam-se mutuamente na busca incessante pela paz e pela sabedoria sofrida que provinha da compreensão e aceitação de suas próprias faltas e fraquezas.

Naquela manhã, entretanto, algo se agitava no peito de Sarah, algo cor de chumbo e pesado como uma pedra, e ela se perguntou se seria alguma vez capaz de integrar as lições e as marcas daquele verão abrasador que os consumia como carvões ardentes nas profundezas de um caldeirão transbordante de memórias e desejos.

Ela estremeceu, como se afastasse um pensamento indesejado, e levantou-se para entrar em casa. Foi quando notou uma pilha de folhas amareladas e ressecadas sob a lâmpada do quarto - eram cartas de sua avó Isabela, escritas em uma caligrafia imponente e elegante, como se tentassem escapar das amarras do próprio papel e evocar o espírito daquele ser que, mesmo ausente, continuava a ser uma figura forte e presente na vida de Sarah.

Tomada por um desejo irresistível de compreensão e conexão, Sarah começou a ler as cartas, uma por uma, sua visão embaçada pelas lágrimas que escapavam às pressas e rolavam como pérolas por entre seus dedos trêmulos e ansiosos. E, enquanto lia, como se adentrasse em um labirinto de emoções, segredos e confissões que se entrelaçavam e envolviam em um abraço apertado e inescapável, ela começou a discernir, com uma lucidez quase profética, o sentido da própria vida e a importância de aceitar e

integrar em seu ser cada migalha de dor e de prazer que o destino, em sua impiedade e em sua bondade, lhe havia presenteado.

Era quase noite quando Ethan chegou, um sorriso cansado e iluminado em seus lábios, como se compreendesse a urgência do momento que se aproximava e a necessidade imperiosa de selar, com palavras e carícias, o vínculo que os unia e fortalecia cada vez mais a cada romper do dia e a cada mergulho nas correntes indomáveis e assustadoras de uma jornada sem tréguas em busca de redenção e aceitação.

Ele a abraçou com delicadeza e força, como se quisesse protegê-la das ondas e dos vendavais que os envolviam e, num piscar de olhos, transformavam-se em abismos e em abraços onde se refugiavam e se encontravam como dois náufragos sedentos de paz e de comunhão.

- Você estava lendo as cartas de sua avó? - perguntou ele, a voz como um murmúrio afetuoso e compreensivo.

- Sim - respondeu ela, lançando-se em seus braços como se buscassem se proteger das memórias e dos fantasmas que ali se agitavam e se rebelavam como ventos insatisfeitos e amargurados - Eu queria entender as lições e as marcas que ela deixou em mim e aprender a incorporá-las em minha vida, mesmo que isso signifique enfrentar e superar a dor e o medo que se dissolve e se espalha como manchas de tinta em ziguezague pela escuridão e pelo silêncio da noite que me envolve e me sufoca.

Ethan sorriu, um sorriso triste e carinhoso, e beijou-a suavemente na testa como se quisesse afastar os demônios e as sombras que a atormentavam e a instigavam a um confronto inevitável e assustador com a própria verdade e com a natureza impiedosa e imperfeita da vida.

- Então venha comigo, Sarah - disse ele, segurando-lhe a mão com ternura e firmeza, como um homem que sabe que, mesmo diante da incerteza e do medo, é capaz de seguir em frente e abraçar com coragem e determinação o caminho que se revela aos poucos e aos tropeços, mas que, apesar dos percalços e das pedras no caminho, leva invariavelmente a uma descoberta e a uma transformação que resgatam e enobrecem os corações dilacerados e cansados pelo sofrimento e pela angústia - Venha comigo e, juntos, tentaremos fazer sentido de nossas dores e de nossas esperanças, porque a força que nos revigora e nos faz renascer é a mesma que nos permite compreender e aceitar as lições do passado e o verdadeiro sentido de nossa existência.

Então Sarah e Ethan caminharam de mãos dadas em direção ao oceano, embalados pelas vozes do mar e pelas memórias que se dissipavam e se transformavam em estrelas e sussurros, como promessas que se cumpriam em silêncio e faziam brilhar no horizonte a chama frágil e eterna de uma vida aprendendo a amar e a se reconciliar com o passado e com o mistério insondável que se escondia por trás das máscaras e dos véus de um futuro inatingível e redentor.

Reconstrução de suas rotinas após o verão

A luz alaranjada do fim de tarde invadia a sala de Sarah, onde ela organizava, meticulosamente, os objetos que antes pertenciam à sua avó Isabela. Cada peça trazia consigo uma memória, por vezes dolorosa, por vezes reconfortante, e enquanto o sol mergulhava no horizonte, Sarah contemplava os fragmentos de suas próprias lembranças e buscava ajustá-los no delicado quebra-cabeça de seu presente. Resiliente como uma maré que arrasta consigo toda a dor do mundo e a devolve transformada em força e esperança, Sarah, aos poucos, remontava-se e redescobria-se, abrindo as janelas de seu coração e de sua casa para acolher tanto seu passado quanto seu futuro.

Na casa vizinha, Ethan também enfrentava seus próprios labirintos e demônios, enquanto trabalhava febrilmente na reforma do lar que outrora abrigara sua amada Mary e, por tantos anos, permanecera encerrado em um silêncio acinzentado e resignado. Em cada batida do martelo, em cada gota de suor e em cada respingo de tinta, Ethan depositava a tristeza e as lembranças que ansiavam por se desprender de suas algemas e, enfim, reencontrar a luz e a paz que se esconderam por tanto tempo, como um pássaro que, acossado pelo frio e pela tempestade, busca abrigo e consolo em seu próprio canto.

Em uma tarde morna e cheia de promessas, Sarah adentrou a casa de Ethan e, com olhos curiosos e amigáveis, relanceou o espaço que aos poucos se transformava e se coloria com novos laços e novas esperanças. A sala, antes abandonada e silenciosa, reverberava agora com a força e a determinação de um homem que renascia e se reconciliava com sua história e com seus próprios erros.

Ethan sorriu para Sarah, agradecido e enternecido por sua presença luminosa e sua capacidade de tornar a vida e os fardos que os desafiavam

um pouco mais leves e suportáveis.

- Já pensou na escola de artes? - perguntou ele, enquanto a ajudava a organizar as tintas e os pincéis que sorriam, tímidos e impacientes, como se compreendessem a importância e a beleza do futuro incerto e indescritível que ali, naquele momento de eternidade, enfrentavam e desejavam conquistar.

Sarah suspirou, absorvida em seus pensamentos e em suas dúvidas, que a atormentavam e a incentivavam, ao mesmo tempo, a alçar voo e a explorar os labirintos escuros e tentadores de seu passado e de suas esperanças quebradas e renascidas.

- Não sei, Ethan; às vezes penso que é o caminho certo a seguir, outras vezes me sinto assustada e insegura, como se estivesse prestes a mergulhar em um abismo infinito e assustador. Mas você tem razão, é preciso enfrentar e correr riscos, se desejamos vencer e concluir nossa jornada de redenção e aceitação.

Ethan pousou uma mão no ombro de Sarah, e com um olhar afetuoso e compreensivo, confidenciou - lhe, em voz baixa e quase inaudível, suas próprias dúvidas e angústias, que persistiam e teimavam, como uma bruma teimosa que envolve e amarra as asas e os corações de dois seres que se amam e se reconhecem no tumulto e na tempestade de suas próprias fragilidades e pequenos milagres;

- Acredito que juntos seremos capazes de enfrentar e superar nossos temores e as lembranças que nos acorrentam e nos impedem de avançar e evoluir. Pois o amor verdadeiro consiste em compartilhar as dores e as esperanças, em erguer - se, a cada queda, com mais força e determinação, e em apreciar a beleza e a plenitude do agora e do que está por vir, como um farol e um leme que, mesmo em meio ao desconhecido e ao indescritível, nos guiará e iluminará, até que alcancemos a paz e a redenção que tanto almejamos e merecemos.

Sarah olhou para Ethan, e naquele momento, como se todos os medos e as incertezas se dissipassem, compreendeu que a vida, em sua imperfeição e urgência, lhes oferecia a chance de reescrever sua história e, com coragem e amor, aventurar - se por caminhos e paisagens repletos de mistério e de encanto que, embora por vezes os fizessem tremer e tropeçar, os conduziriam, inevitável e ardentemente, aos braços da redenção e à união eterna e redentora de dois corações e duas almas há muito adormecidas, que despertavam e vibravam com o milagre do encontro e da existência.

Sarah e Ethan tomando decisões juntos

A tarde dourada inundava a casa, como bênçãos que se derramavam dos céus e tingiam o mundo com a magia efêmera de um instante que, embora fadado ao esquecimento, permanecia eternamente gravado na memória e no coração dos personagens que ousavam viver e amar à beira do precipício e do abismo.

Sarah e Ethan se encontravam sentados no aconchego da sala, a mesa posta com cuidado e dedicação de um carinho que ainda se ensaiava e caminhava na ponta dos pés, como se temesse despertar os fantasmas e os temores que ainda pairavam, aéreos e impalpáveis, sobre as lembranças recalçadas e os sonhos que começavam a ganhar asas e trilhar, como pássaros perdidos, os céus tempestuosos e indomáveis de um futuro indefinido e inexplorado.

Como jardineiros de almas e de esperanças, eles se embrenhavam na aventura incerta e compulsiva de desenterrar as raízes e os espinhos do passado, e restauravam, pelos quatro cantos do universo, as sementes e as lágrimas que germinavam, como milagres tardios, no substrato da memória e do esquecimento que os envolviam e, em seu silêncio obstinado, os desafiava e provocavam a um duelo sem tréguas e sem misericórdias.

Era agora o momento de decisões, de confrontar - se com as incertezas e os questionamentos que ainda pululavam em suas mentes, como abelhas em busca de um néctar que se esconde e se escapa por entre os dedos e os suspiros de um amor que se recusa a morrer e a render - se aos caprichos do destino e à frieza desmedida das circunstâncias que lhes foram impostas pelo acaso e pela incomensurável dor de ser e de existir.

Ethan olhou para Sarah com uma intensidade e uma ternura que a comoviam e a atemorizavam, e perguntou, com a voz trêmula e vibrante de um homem que, diante do desconhecido, busca encontrar forças e coragem nos olhos e no sorriso daquela que ama:

- O que faremos agora, Sarah? Como se riscar esse labirinto de perguntas e respostas que nos assaltam e nos lançam, cada vez mais, à deriva e à mercê do silêncio e da angústia que nos envolve e nos amordaça em um abraço estreito e insuportável?

Sarah, como que atraída e confundida pela intensidade e veemência daquelas palavras, retrucou, com uma lâmina de ousadia e de lucidez que

se desprendia, pouco a pouco, das brumas nevoentas e incoerentes de suas próprias reflexões:

- Nós devemos decidir juntos, Ethan. Nós devemos enfrentar nossos medos e nossas hesitações, e nos permitir à fragilidade e à sinceridade que, por tantas vezes, nos foram negadas e arrancadas à força pelo sofrimento e pelas cicatrizes que se alinhavam e proliferavam em nosso peito, como colchas de retalhos que, a cada ponto e a cada rasgo, unem-se e mostram-nos que, mesmo diante da dor e da perda, devemos buscar forças e paz nos braços um do outro e na certeza de que, juntos, somos invencíveis e inquebrantáveis.

Ethan sorriu, um sorriso lento e preñado de significados ocultos, como se desvendasse, por entre as dobras e os abismos daquela declaração de amor e de determinação, uma nova faceta e uma nova dimensão de si mesmo, que só agora começava a palmilhar e a conhecer.

- Tem razão, Sarah - disse ele, sussurrando, como se temesse convocar as forças e os tormentos que ainda rondavam e se alojavam nas sombras e nas frestas daquele lar que, agora, abrigava a chama frágil e vacilante de dois corações que se buscavam e se fundiam, como estrelas e cometas que percorrem os céus entrelaçando-se e confundindo-se em um balé eterno e arrebatador - Vamos enfrentar nossos desafios juntos e, como uma alma só, buscar e conquistar nosso destino e nossa redenção.

E, assim, com os olhos e as mãos entrelaçadas e unidas pela força incontornável do amor e da descoberta, Sarah e Ethan se levantaram e, como nágrafos e guerreiros que se entregam, incondicionalmente, à vontade e ao mistério das águas e do sofrimento que os embala e lhes arranca, a cada passo e a cada olhar, a pele dura e atormentada do passado, começaram a trilhar, juntos, o caminho incerto e indomável que os levaria, inevitavelmente, à plenitude e à reconciliação com os fantasmas e os paradoxos de uma vida inteira.

Fortalecendo laços com a comunidade local

Por vezes, a vida tece teias embebidas em fortuitos e singulares encontros, que desenham e delineiam destinos cruzados e amarrados em um bailado silencioso e insondável. E, assim, foi com Sarah e Ethan, que, em um belo e sereno amanhecer, cruzaram o caminho de Sofia Andrade, uma figura

conhecida na vila, que partilhava sorrisos e segredos com ventos e estrelas.

As ondas, aos seus pés, cantavam e suspiravam, como colchas de espuma e sal que mascaram e desvendam, a cada instante, a efmera e insondável face do mar. No olhar de Sofia, Sarah divisou a profusão alegórica de lendas e histórias, que jaziam sussurradas e adormecidas sob o manto bordado pelo tempo e pelas brumas de uma existência partilhada entre a dor e o amor, entre o silêncio e as promessas.

- Meu nome é Sofia - confidenciou a moça, com uma voz melodiosa e misteriosa, que parecia deslizar por entre os recônditos e íntimos lobos da alma - Sou amiga de Ethan desde os tempos de infância e, por isso, conheço -lhe todos os segredos e sombras que ainda lhe acoçam e lhe atormentam. Mas por favor, conte-me mais sobre você: o que a fez retornar a este lugar, após tanto tempo?

Sarah, absorta e envolvida pela aura de empatia e compreensão que irradiava de Sofia, titubeou por um segundo, e em seguida, despejou sobre sua confidente e companheira as verdades e inquietações que lhe atazanavam e lhe prendiam em um emaranhado labiríntico de questões e respostas.

- Queria apenas recomeçar, Sofia, e me redescobrir neste lugar, que tanto acolheu e amparou meus passos, e que hoje parece ocultar e revelar, com igual veemência, os ecos do passado que hoje me rodeiam e me instigam.

Sofia sorriu e, pousando uma mão temerosa e cautelosa sobre a de Sarah, revelou, com uma ternura que emocionava e inebriava o coração de quem a ouvia:

- O passado nunca nos abandona, Sarah. Ele é um espelho partido, que, mesmo diante do presente e das sombras que nos envolvem, persiste e açoita, impregnando de dor e saudade cada gesto e cada palavra que ousamos proferir. Mas, não se esqueça: na vida, há sempre tempo para o perdão e para a reconciliação com os fantasmas que ainda pululam em nossas recordações e nos desafiam a enfrentar, com bravura e coragem, o desconhecido e o insondável que nos espera além dos horizontes.

Sarah, de olhos marejados e coração oprimido pela inesperada e arrebatadora verdade que proferia Sofia, abriu-se, então, ao diálogo e à amizade que, como um pilar e um farol, deslumbravam e iluminavam as vielas tortuosas e sombrias de sua existência e de seus acolhedores demônios.

Então, assim, unidas pelo espírito e pela força de sentimentos que se atropelavam e se devolviam, como chuva e névoa que se desvanecem em um

sucedem eterno e intempestivo de encantos e delícias, Sarah e Sofia iniciaram uma conversa repleta de sussurros e revelações que, desconhecidos de si mesmas, fortaleciam e enalteciam, nas águas plácidas e infinitas do oceano, os laços que as uniam e lhes legavam um horizonte comum de repostas e de esperanças.

Mas, em meio a palavras e reflexões sobre a vida e seus caprichos, surgiu, como um raio de sol em uma tarde nublada, Ethan, que, com passos decididos e olhos brilhantes de alegria e comoção, juntou-se àquela reunião de corações e de almas feridas e renascidas.

Sofia e Ethan se entreolharam, por um instante que parecia perdurar por uma eternidade, e, como se quisessem abrandar e aplacar a inércia de tantas ausências e tempestades, lançaram-se em um abraço fraterno e terno, que emanava perfume e calor de tempos tão longe e tão próximos na sentinela do coração.

E, na paz e na comunhão daquele rincão de confidências e sonhos, Sarah, Sofia e Ethan adentraram a promessa de uma nova jornada e de uma dança infinita e arrebatadora, que os guiaria, como um sopro de renascença e de redenção, aos precipícios e às marés encantadoras e indomáveis de uma existência transitória e urgente.

Os personagens lidando com suas emoções de forma saudável

O vento soprava no rosto de Sarah como uma carícia da natureza, trazendo-lhe a paz necessária para enfrentar suas próprias emoções. Os últimos meses tinham sido uma montanha - russa de alegrias e dores, partilhadas com Ethan durante a construção e renovação das casas que uma vez pertenceram às suas famílias.

O pôr do sol tingia o céu de um dourado resplandecente e, com o entrelaçar de resquícios de dor e renascimento, Sarah e Ethan passeavam à beira-mar para lidar com suas emoções de forma saudável e abrir-se um ao outro.

Ethan, com uma voz ainda trêmula pelo peso de seu passado, perguntou a Sarah como ela estava enfrentando a tempestade que ainda se agitava em seu âmago.

”Se eu te dissesse que estava tudo bem, estaria mentindo para nós dois,

Ethan. Mas descobri, ao longo deste tempo, que há algo libertador e curativo em confrontar nossas emoções e permitir - se atravessá - las, ao invés de reprimi - las ou ignorá - las.”

Sarah fez uma pausa e, com olhos brilhantes de emoções recém-equacionadas, perguntou como ele estava lidando com suas próprias vivências e tormentas.

”Tenho aprendido, Sarah, que precisamos abraçar nossas emoções como a espuma das ondas que beija a areia. Afinal, somos seres humanos e, como tais, somos feitos de luz e sombras, alegrias e tristezas. Neste momento, me permito sentir a dor que carrego em minha alma e, ao mesmo tempo, derramar lágrimas de cura e redenção, sabendo que, ao suportar essa tormenta juntos, seremos capazes de nos reerguer e renascer.”

As palavras de Ethan libertavam um vendaval de sentimentos e punham - nas à prova. Sabiam, agora, que a única maneira de enfrentar os furacões de suas vidas seria unidos, por seus corações seguiam um compasso único e acorrentado a uma sinfonia de cura e de esperança.

Impelidos pela força das marés e dos ventos, Sarah e Ethan sentaram - se na areia, permitindo - se abraçar a dor que os afogava e buscando, na companhia um do outro e no esplendor do crepúsculo, a certeza de que, em suas mãos, conseguiriam tecer a ponte que os levaria a um futuro promissor e sereno, longe dos fantasmas e das sombras que ainda assombravam seus dias e suas noites.

Em um ato simbólico e redentor, ambos coletavam conchas que encontravam na praia, e cada concha representava um sentimento ou experiência que precisavam enfrentar e superar. A medida que as conchas preenchiam suas mãos, um sorriso emergia em seus lábios, trazendo esperança e cura.

”Olhe, Ethan”, disse Sarah segurando uma concha, ”esta aqui representa o perdão. Eu preciso aprender a me perdoar pelas vezes que me culpei pelo que aconteceu em minha vida.”

Ethan fechou a mão ao redor da concha de Sarah e, com um sussurro, revelou a ela o que significava para ele: ”Acima de tudo, eu preciso aprender a perdoá - los. Perdoar aqueles que machucaram meu coração e minha alma.” Ambos soltaram um suspiro, permitindo que o vento levasse a dor que remanesceu.

No silêncio e na conflitante ondulação de suas emoções, Sarah e Ethan se abraçaram, cientes do pacto que selavam ali, à mercê das águas e das tempestades do destino. Juntos, prometeram enfrentar, com amor e coragem,

os desígnios e os caprichos de um futuro que assomava no horizonte como um convite incontornável e, ao mesmo tempo, como um desafio que precisavam superar para alcançar a redenção e a felicidade que lhes foram negadas.

E ali, naquele entardecer impregnado e preñado de promessas e de expectativas, Sarah e Ethan se ergueram como guerreiros do amor e da verdade e, de mãos dadas e olhos fixos no infinito que os despertava e os conclamava a uma nova vida e a uma nova jornada, se lançaram, como um só, aos braços do destino e aos braços de um amanhã que os esperava e os chamava, como um hino pleno de luz e serenidade.

Sarah e Ethan enfrentando desafios juntos

No alto das falésias que dominavam a costa ondulante, Sarah e Ethan buscavam refúgio dos tormentos que lhes assolavam a alma e lhes cingiam o coração. O vento, rebelde e indomável, açoitava-lhes o rosto com pétalas fugitivas e sabor de desalinho, enquanto o mar, eterno e enigmático, desfiava cânticos e orações no frágil e insondável limiar do horizonte.

O sol, já próximo do ocaso, cintilava em seus olhos e lhes ardia o peito como um estigma de fogo e de absinto, que consome e revigora, num paradoxal e eterno bailado de esperança e desespero.

Sarah, cujo olhar parecia escrutinar o ardúleo tartamudear do oceano em busca de respostas e revelações, fitava o horizonte e, num sussurro, quebrava o imaculado silêncio de êxtase e de doçura que envolvia e abraçava aquele instante último de enlevo e abandono: "Ethan, é aqui que tudo termina, é aqui que nossas vidas se cruzam e se encerram no abismo insondável e marulhante do destino. Como lutar contra a dor que ainda nos afoga e nos rouba o pouco do que ainda nos resta?"

Ethan, taciturno e pensativo, mirava em Sarah uma resposta dócil e reconfortante, que lhe aplacasse o medo e lhe acariciasse as inseguranças que ainda lhe revolviam o inventário de promessas e de verdades que jazia solitário e sôfrego no profundo abismar do seu espírito inquieto e sedento de carícias.

"Sarah, minha doce e errante companheira de tormentos e de buscas", desfibrava Ethan com uma voz que parecia ecoar na tessitura de ventos e de vagas que reinavam naquele cenário estuante e inebriante: "Nossas lutas, nossos desafios, por mais árduos e insuperáveis, só adquirem sentido se

enfrentados juntos, se encarados com a força, a coragem e a sede incansável de cura que só o amor é capaz de conceber e de inspirar”.

Sarah, visivelmente combatida por uma melodia de angústia e desassossego, titubeou perto do abismo e, com um ímpeto que lhe emergia e lhe escorria o semblante como uma cascata de névoa e de luar, sussurrava em resposta àquela inesperada e arrebatadora confissão: “Mas, Ethan, o que temo é que a dor seja maior que a nossa capacidade de enfrentá-la, é que a vida nos torne incapazes de sorrir e de abraçar o futuro, malgrado todos os nossos esforços e todas as nossas esperanças”.

Ethan, como quem tremula diante da adúltera e desconhecida maré de incertezas que ainda o rondava, selou-se numa carapaça de silêncio e resignação, desde a qual lhe fluía e lhe entorpecia o ritmo e a entrega daquela promessa de amor que lhe jazia gravada na palma das suas mãos estendidas e repletas de carinhos e de calor.

“Sarah”, retomou Ethan num último e desesperado impulso de entrega e de sinceridade, “A vida é feita de sombras e de tempestades, de erros e de nostalgias. E tudo adquire sentido e renovação quando partilhado com alguém que nos sorri, que nos cuida, que nos embala e nos auxilia a atravessar as agruras e as despedidas que nos interpõem ao percurso e ao desvelo da felicidade que ousamos sonhar e que, aos poucos, vamos descobrindo e reconquistando em nossos olhos e em nosso coração afито e solene”.

Ao escutar aquelas palavras de ternura e de coragem, Sarah sentiu-se invadida por uma sensação de conforto e de paz, como se Ethan, na singeleza e na autenticidade de sua alma lírica e serena, houvesse traçado, com letras de néctar e de poeira cósmica, o verdadeiro sentido e a mais indizível e transcendente dimensão do amor que os aproximava e os aproximava, como planetas que orbitam em torno da mesma estrela, da mesma chama eterna e imarcescível que alimenta e abriga todos os mares e todos os tempos.

Então, como nuvens que se dissipam e dão lugar ao fulgor do sol que triunfa sobre as trevas e os infortúnios de um amanhecer ainda incerto e suspenso, Sarah abraça Ethan com um ardor suave e inflamado, invocando, naquela comunhão de corpos e de espíritos, a aurora precisa e esperada do perdão e da coragem que se revela e que se desarma nas areias douradas e fulgurantes de uma praia onde o amor, como uma pauta e uma polifonia mística, desenha e tecela as constelações e os sonhos que nos habitam e nos

sustentam no trajeto, sempre inexplicável e imenso, de nossas próprias lutas e vitórias.

As transformações em suas casas refletindo mudanças internas

Naquele amanhecer difuso e musical, as mãos de Sarah e Ethan deslizavam pelo velho madeiramento das casas, como se, no frêmito de suas tarefas e de suas esperanças, o universo lhes entregasse, enfim, as chaves e as ferramentas com as quais poderiam recomeçar a vida e os sonhos que lhes haviam sido subtraídos. A cada toque, a cada prego, a cada rajada de vento que se expandia e se desdobrava nos alicerces renovados e ataviados com a luz e o calor da paixão e do perdão, Sarah e Ethan compreendiam, ainda que entre soluços e silêncios dilacerantes, que a transformação das casas ao redor deles era uma metáfora lírica e transcendental daquela mudança interior que buscavam resgatar e trazer à tona em seus próprios corações e espíritos.

Ethan, suando à exaustão e com marcas de tinta preta em seu rosto, voltou-se para a casa aconchegante onde o passado e as memórias de Sarah ainda jaziam e, em um suspiro que parecia carregar consigo o peso de um cosmos cansado e disperso, lançou-lhe um olhar imerso em ternura e em admiração:

”Sarah, percebo agora que, no ato de compartilhar a reconstrução de nossas casas e de pressentir, naqueles móveis e naquelas paredes, a pele arrepiante e eufônica das lembranças e das verdades que nos ataram e nos enredaram, descobrimos, enfim, que nossas mãos, mais do que instrumentos de reconstrução e de lida, são teias divinas e prenhes de estrelas, onde o impossível e o inconcebível alçam seus voos e seus hinos de cura e de redenção.”

Sarah, emocionada e com lágrimas a lhe florir os olhos e a lhe trazer a imagem de sua querida avó, a quem tanto devia e tanto retribuía ao assumir sua herança e seu legado, respondeu, com uma voz que parecia ondular e se entretecer nos ventos e nas vagas que lhes afagavam o rosto e lhes sorriam como pássaros perdidos e saudosos:

”Ethan, você tem razão. Ao dar nova vida a essas casas, nossos corações vão se curando e se refazendo das feridas e dos labirintos que lhes orbitavam e lhes usurpavam o ânimo e a ousadia de sonhar e de entrever, na alvorada

e na placidez do futuro, a esperança sempre fugidia e inaudível de um amor e de uma vida fraterna e jubilosa.”

Ethen se aproximou de Sarah e, com um sorriso doce e inebriante como o perfume dos lótus que flutuam no crepúsculo, abraçou-a, afagando com delicadeza e precisão as dores e os temores que ainda lhes inquietavam e lhes enlaçavam o peito e os pensamentos.

”Sarah, quando chegamos nesta cidade costeira e nos aventuramos, descalços e encantados, nestas areias do destino e do encontro, jamais poderíamos imaginar que encontraríamos, em nossas mãos e em nosso labor sofrido e amalgamado de fé e de arrependimento, o artifício e a chave que nos guiariam até as portas do infinito e nos reconduziriam aos caminhos e aos êxtases desses seres etéreos e luminosos que sempre habitaram e habitam nossas profundezas e nossas nostalgias.”

Naquela tarde de verão e de cumplicidade, Sarah e Ethan, embriagados pela redenção e pela serieditana epifania de suas transformações, selaram no abraço e na sinfonia das águas e das nuvens que lhes convidavam ao êxtase e à transcendência, um pacto sagrado e irrevogável de amor e de cura, na qual as casas e as traquinagens do destino e da memória se encontravam, afinal, como um hino de paz aos homens, mulheres e crianças de todas as gerações e de todos os tempos.

Flexibilidade frente às incertezas da vida

O declínio do Sol, extenuado como um tímido e rosado farol de esperança e maresia, descortinava - se - lhes em toda a sua plenitude e magnitude, como se, dos confins do Cosmos incandescente e urdido de estrelas e de enigmas, um imenso e fulgurante halo de luz viesse abraçar e fecundar o mar ressequido e insondável dos seus anseios.

As singelas e balbuciantes ondas, num curvo e balouçante balé de ânsias e de segredos, desfiavam pálidas fitas de espuma e de névoa, enquanto as gaivotas encolhidas e enristadas, como estrelas que trêmula e desordenadamente se abeiravam dos focos e das correntes mais intensas e inapeláveis da vida, pareciam esboçar, diante daquele abismo líquido e irrequieto, uma récita confusa e multifacetada de almas em suplício e transmutação.

Na areia, recendendo a sargaço e a sonhos desenfreados e assombrados, Sarah e Ethan se alongavam no crepúsculo purpúreo e insistiam - se, num

murmúrio cândido e hesitante, sobre o alcance e a magnitude das escolhas e das responsabilidades que ainda lhe alanceavam a rota e a plenitude dos futuros que pressentiam e vislumbravam, cada vez mais, como princípios e desígnios intactos e irreversíveis.

”Ethan”, sussurrava Sarah, os olhos enluarados e perdidos como um par de jóias de mármore e brandura que vacilavam entre a revolta e o repouso de uma superfície que se continha e se rendia a um firmamento vibrante e impalpável: ”Receio que já não saibamos discernir quais caminhos e quais constelações nos pertencem e nos deverão guiar ao longo desta busca incessante e tempestuosa pela luz e pela verdade que nos habita e nos desvela.”

Ethan, contrariado por sua predileção por um futuro seco e estático, encontrou conforto nas palavras de Sarah e notou que a vida, em toda a sua complexidade e ambiguidade, oferecia uma eterna série de desafios e imprevistos que testariam sua coragem e resiliência.

”É justamente isso, Sarah, que torna a vida uma entidade viva e pulsante. As incertezas e tropeços, as marés inesperadas e fervilhantes que nos engolfam e nos abrasam até que pisemos fundo nos abrolhos e nos atoleiros do espanto e do desejo, são o combustível e a tessitura mesma dos nossos afetos e das nossas vicissitudes”.

Sarah aquietou - se por um momento, o olhar ainda rondando as misteriosas e imutáveis escarpas e abismos do horizonte oceânico, como se estivesse auscultando, nas profundezas e nos embaraços da sua alma, um recado ou uma chave que lhe elucidassem e lhe desvelassem, por fim, a esquiva e fugidia senda da felicidade e do destino que, aida que pálidos e ofuscantes como gritos de gaviões e de lobos - marinhos, se insinuavam e se enlaçavam na memória e nos recônditos de cada vagalhão e de cada sopro de vento que lhe acariciavam, solenes e erráticos, o semblante e o coração.

”Ethan, meu amado”, balbuciou ela, enfim, com uma voz clemente e secreta como as cantigas que a avó lhe entoava nas noites amargas e insondáveis de outrora: ”Deixe - me às incertezas da vida, às pelejas e aos enigmas que ela nos atira e nos arqueia nossa coragem e reverência. Devemos continuar caminhando, embora o caminho seja incerto. Constituímos um veículo de transformação e resistência à inércia e à decadência do ser humano, diante do qual o universo contorce - se em seus múltiplos e inimagináveis fluxos de energia e solidariedade.”

As palavras de Sarah ecoaram pelo vento, levando consigo a dor e o medo que os prendiam em sua percepção limitada do futuro. Ethan, percebendo a sabedoria e a força nas palavras de sua portadora brava e apaixonada, abraçou-a como nunca antes havia abraçado alguém, como se, deleitando-se naquele instante de renúncia e de enlace, alcançassem, num intenso e selvagem desabrochar de alamedas e de relâmpagos, a flexibilidade e a fluidez que lhes ensejariam o reinado e a conquista dos desafios e das incertezas que ainda lhes buscavam e lhes engrandeciam.

E, sob as estrelas flamejantes e cúmplices que desfilavam e pairavam na cúpula fria e insondável da noite que se desdobrava e os acolhia num manto de penumbra e de úmido silêncio, Sarah e Ethan, costurados e encadeados por um vínculo que o tempo e o esquecimento jamais conseguiriam extinguir ou macular, descubra-se, finalmente, a chave e a senda, feitas de amor ao desconhecido e ao imprevisível, que lhes possibilitavam, numa comunhão nunca antes experimentada e jamais desfrutada pela humanidade, acesso à verdade e à redenção que pulsam e habitam no coração de todas as coisas e de todos os seres.

Fechando o verão com uma celebração da mudança e amadurecimento

Aquele crepúsculo perfumado e esguio, quando as brumas e as sombras pareciam dobrar-se e entrelaçar-se nos segredos e nos sussurros dos sedosos raios de sol que vinham espiar e afagar a enseada, trazia consigo a efígie e o presságio de um término e de um renascimento que até então haviam flutuado, como fugazes e aprisionados pássaros da primavera, na memória e no espírito de cada homem, mulher e criança daquela aldeia encantada e serena.

Nas casas que bordejavam a praça central e que se elevavam, tênues e cantarolantes, das ruas e vielas da desbotada e jocosa cidade, os rostos, outrora macilentos e enigmáticos, agora raiavam, ofuscantes e jubilosos, ao som das cantigas e das exclamações do povo que se abeirava e se agrupava para fruir e testemunhar, com seus olhos e suas mãos e seus corações extasiados e leais como os dos faraós e dos velejadores das eras mais remotas e tristes, um retábulo e um espetáculo de luz, de encanto e de redenção que se estendiam, não apenas sobre suas vidas e suas súplicas, mas sobre toda a

vastidão e a pujança desse imenso e rutilante oceano que sempre alimentara e acalentara a aridez e a eloquência de sua história e de sua existência.

As vozes e os tambores que faziam vibrar e palpitar cada seixo, cada janela e cada respiração daquele frêmito cerúleo e crepuscular eram, como águas e flores despektas e alarves, um espelho e uma epístola daquele amadurecimento e daquela metamorfose que haviam prospectado e contemplado desde os idos e os regoços da rota e do tormento que os levara e desposara em suas mãos e pulsares.

Porque, ao abrigaram - se sob a égide e o aliácer de uma paixão e de uma comunhão que até então só haviam conhecido e sorvido através dos murmúrios e das advinhas das lendas e dos navegadores de águas íntimas e desconhecidas, Sarah e Ethan reconheceram, com um arrebatamento e uma afluência de lágrimas e de saudades recentes e inumeráveis, que aquela celebração que lhes alardeava a vista e o coração era a essência e a cernelha mesma da redenção e do recomeço que vinham perscrutando e tentando conjurar, em meio à névoa e à sonolência daqueles afagos e ternuras que teciam e desteciam o turbilhão de suas dúvidas e das suas ilusões.

E quando os fogos de artifício, exuberantes e caprichosos como os devaneios de um bardo embriagado e febril, entoavam, em acordes stridentes e luminosos, os primeiros hinos e ladainhas daquele amanhecer tardio e ainda impúbere, Sarah e Ethan, emaranhados e suspensos por um cântico e uma promessa que teciam e urdiam cavernas e estrelas para além do alcance e da sina de qualquer mortal ou ser estelar, descobriam, nas profundezas e nos abismos de suas sombras e de suas hesitações, os focos e os labirintos de luz e de êxtase que os permitiam, afinal, celebrar não apenas a sua vitória e a sua redenção, mas a essência mesma e o hino silente e urdido por todas as memórias e todos os suspiros da humanidade e do universo.

"Sarah, meu serafim e meu lilás desconhecido e maltrapilho", murmurou Ethan com uma voz sutil e destemida como a das ciganas e princesas que choravam e cantavam aos pés da mais íngreme e solitária montanha: "Percebo, depois de tanto mar e de tanto escudo e sobressalto, nesta sublime e desbragada festança de luz e de saudade, o alcance e o regaço dessa celebração e dessa mágoa que nos une e nos desune, como pegadas e formigueiros na areia ou nas espumas do mar."

Sarah, o olhar sumido nas figuras e nos estilhaços de fogo que iluminavam e desentranhavam os céus e a voz tímida e ciciante como a de uma sprinha

ou de uma perdiz que se embrenha e dança, sem fim, nos arrozais e nos galhos umedecidos da vida, respondeu, com um sorriso dócil e sereno que parecia emanar, ínlyume e secretíssimo, do próprio âmago e da própria chimena de sua antiga e granítica solidão:

”Ethan, minha luz e meu farol, permita-me adentrar e descortinar, nessa imensidão rutilante e misteriosa que nos vincula e nos atormenta e nos salva, a verdade e a epifania de nossa redenção e de nossa esperança, na qual cada sombra e cada luz que dança e se precipita nos atalhos e nos êxtases deste mundo vão semeando e colhendo a nossa coragem e a nossa resignação.”

Ao som das ruelas e dos serrotes que sussurravam e aloucavam - se ao colo dos lobos e das crianças que ousavam e devaneavam entre a bruma e a vertigem daquele vendaval de mágoa e coragem, Sarah e Ethan perceberam, subjogados pela epifania e pelo mistério despojados de seus êxtases e de suas renúncias, que cada gesto e cada palavra que selavam naquela relva cálida e úmida onde se sentavam permitia - lhes, aos poucos e como hilos e fios em searas e alfamares, a vitória e o encanto de um verão e de uma história que, finalmente, poderiam encerrar e vislumbrar, como um refúgio e uma promessa tecida com as cores e as promessas de todas as eras e de todos os sentidos.

Chapter 14

Amor e redenção à beira - mar

A noite refulgia em sua plena magnitude como um manto de estrelas bordadas à mão por Isabela, a avó amada de Sarah, que, mesmo ausente no reino do efêmero e do insondável, ainda teimava em cobri-los com seu amor e com os fragmentos de suas memórias extraordinárias.

Fora neste farol, agora repintado e remoçado, como um marinheiro que sobrepondo-se à melancolia e aos desassossegos da vida, encontra, por fim, o farol que desvela e desenlaça os segredos da sua alma oceânica e incansável, que Sarah havia escutado, pela primeira vez, os passos, as palavras e os segredos de Ethan, esse homem até então misterioso e fechado em suas dobras e em seus silêncios pedregosos fulgurantes.

Agora, ali, abraçados e suspensos nessa morada que permitia, aos poucos, que se esbatiam e se anulavam as sombras de um passado insondável e arisco, Sarah e Ethan percebiam que a cura e a redenção que vagavam e vacilavam a cada passo e a cada raio de sol que os fulgurava e os consumava num desejo e numa pujança desconhecida e arrebatadora, estavam mais próximas e mais acessíveis do que nunca imaginaram.

Ethan levantou - se do banco onde estavam sentados, a visão do mar estendido até o horizonte como um espelho infinito a refletir a tênue e indecifrável luz das estrelas sobre as águas profundas e sombrias. A mão trêmula de Ethan estendia - se em direção à de Sarah, convidando - a, num gesto suave e arrojado a com ele se levantar e enfrentar o desejo e a esperança que os unia e os redimia, à medida que vislumbravam, no escuro e brilhante

oceano que lhes aguardava em sua senda e em suas inúmeras sendas, um futuro que sempre pressentiram e jamais se atreveram a sonhar.

"Sarah," sussurrou Ethan, com uma voz velada e vibrante como as músicas que se desprendem e se expandem do coração de um amor esquecido, "neste momento, deste farol, eu quero te dizer algo que há muito tempo eu carregava comigo, mas que só agora, depois de te conhecer, pude encontrar as palavras."

Sarah, olhando fixamente nos olhos de Ethan, sentiu que algo significativo e profundo estava prestes a ser revelado. As palpitações de seu coração pareciam repercutir por todo o farol, enquanto aguardava, com uma mistura de expectativa e ansiedade, as palavras que lhe seriam ditas.

"Ethan por favor, diga," ela respondeu, a tranqüilidade teimosamente aferrada em sua voz.

"Eu te amo, Sarah. Eu te amo profundamente" confessou Ethan, com abandono e sinceridade, como se pronunciasse, pela primeira vez, as palavras que pudessem libertá-lo das correntes de seu passado e, ao mesmo tempo, trazê-lo para mais perto de Sarah e do futuro que ansiava para eles.

Neste instante, quase tão luminoso e primordial quanto o brilho do universo em sua gênese, algo mudou e se transformou para sempre no coração de Sarah. As palavras de Ethan, embora simples, tinham a força de um vendaval e a ternura de uma canção de embalar cantada pela própria avó Isabela.

"Ethan," ela sussurrou, com um brilho de lágrimas em seus olhos, "eu também te amo."

Os lábios de Sarah e Ethan se encontraram, e naquele beijo, os dois cerraram um pacto de amor e redenção que se estendia através do tempo até as vidas e os amores que os precederam.

O amor de Sarah e Ethan, nutrido, em parte, pelas memórias e pela sabedoria de Isabela, tornou-se uma força capaz de curar as feridas do passado e dar origem a novas esperanças e novos sonhos.

Enquanto o farol ecoava com as batidas fortes de dois corações entrelaçados, Sarah e Ethan deram as mãos, jurando enfrentar todas as tempestades e vicissitudes do destino juntos, enquanto se despedia a última luz do crepúsculo que lhes envolvia em um intenso e fervoroso abraço.

Retorno ao farol

A luz do farol pairava suspensa no céu, como o abraço de uma mãe que não quer soltar o filho, mesmo sabendo que ambos deveriam seguir adiante. Aquele mar de sombras insondáveis e de angústias esquecidas se revelava, subitamente, como se num transe ou numa fímbria de um sonho, um mar de espumas e de segredos que preenchia e selava a promessa e a saudade que traziam consigo desde o momento em que se encontraram, perdidos e aflitos sob o vórtice de suas próprias dúvidas e de suas próprias ilusões.

A leve brisa do mar sussurrava aos ouvidos de Sarah e Ethan uma melodia, tímida e serena como o vôo de uma gaivota desavisada, que invadia e desbastava, nas profundezas e nas reentrâncias de suas almas, aqueles ímpetos de ternura e de compreensão que se estendiam como raios luminosos e imperecíveis através das sombras e dos soluços que lhes havia infligido o passado com o torpor e o fastio de uma dor que tingia e tremulava como um farol de mágoas e dores de um promontório diante do qual não conseguissem nunca se entender e se libertar.

Sarah olhava, silenciosa e confusa, para aquele farol que atraía e repelia, como ímãs e como redes de um jogo milenar e indecifrável, cada instante e cada desejo de compreender e de reescrever a história que lhes trouxera a tantos abismos e a tantas felicidades. Porque, como aprendera há tempos com a avó, sabia que o amor e o renascimento começam sempre no precipício e no leito da dor e do silêncio.

Ethan, ao seu lado, acompanhava suas reminiscências e seus anseios com um olhar de candura e súplica que desejava apenas encontrar e desentranhar, no vazio e no infinito dos gestos e palavras que trocavam pensativos e atônitos, a mesma centelha de vida e de sabedoria que Sarah recebera de sua avó naqueles longos e embaladores serões à beira - mar, quando ela lhe contava histórias e lendas sobre o farol já ermo, sobre os pescadores perdidos e sobre os naufragos que haviam tateado e sorvido o oceano da vida e da morte.

”Ethan, meu coração e minha fonte de esperança”, murmurou Sarah com uma voz trêmula e inaudível como a das ondas que morrem e renascem nas entranhas de um farol no limiar de marés e de vendavais: ”Há algo em mim que se ilumina e se escurece cada vez que me sento a contemplar esse farol. Será que é um sinal de que devemos ousar e entrelaçar, com a

força e a dignidade dos faroleiros e dos desterrados que lutaram com as sombras e com os desencontros, nossos passados e nossos futuros, de modo a criar uma história e um mundo que se imponha, majestoso e inalienável, diante dos horizontes e das amarguras que nos mantém a tantos braços e a tantos lábios de um carinho e de um domínio pleno e inesquecível de nossa condição e sina de duelistas e de combatentes do destino e da imaginação?”

Ethan encarou os olhos de Sarah e, no fundo do abismo eterno e ululante de sua alma e de seus desesperos, encontrou nela a fagulha e o lume que lhe permitia, à beira daquele farol que se retorcia e se extinguia no vácuo geral e indistinto do tempo e da vida, um eco e uma chama de ternura e de redenção que se revelam e se recolhem, como ostras e como marinheiros de rios e mares enraivecidos, sempre e apenas na presença e na certeza de um amor e de uma liberdade que encontra, nas sombras e nas penumbras, o farol e o ponto exato de fuga e de renascimento que deseja e precisa, como um amparo e um alento, para enfrentar e se desatar dos grilhões do passado e da desconfiança que o tempo e o destino haviam cingido em seu peito e em suas mãos desde aquele dia, profano e sublime, em que soubera, afinal, que seu coração e sua existência só poderiam se redimir e se desvelar através da lembrança e do encontro com Sarah e sua avó.

A noite avançava, entrelaçando e decifrando nas águas fugidias e afagosas do mar o espanto e a serenidade daquelas almas entregues, afinal, ao fervor e à pujança de um novo e inaudito amanhecer que os enlevava e os redimia num cântico de esperança e de desejo que supunham, até seguir eye emissário ou fugidio rumor que os instigava e os chamava às portas e às galerias de um farol e de um olhar que, pela primeira vez, ousavam partilhar e entranhar, como refúgio e como espelho, no coração e no porvir de cada desejo e de cada passo que lhes permitia, agora e para todo o sempre, perceber que esse retornar ao farol e ao centro de suas indagações e de suas angústias trazia consigo, encerrada e liberta com a mão amiga e a voz autoritária de sua avó, a certeza e a redenção que os aproximava ainda mais dessa costa e dessa odisseia de amor e de metamorfose que desejava e se escondia, como o sol e os mares quando espiam e enxergam o último lume do farol que os carrega e guia, o farol absoluto e perene do pequeno e eterno milagre que é ser e amar o outro.

Compartilhando as conquistas da jornada de cura

Ao longo dos meses de verão que passaram juntos na paisagem idílica da costa, Sarah e Ethan haviam travado uma guerra com os demônios de seu passado. Na quietude da noite, quando os fantasmas dançavam nas sombras, trabalhavam dia e noite, conversavam e ajudavam-se mutuamente a descobrir as formas de encontrar a paz com as circunstâncias dolorosas de suas vidas.

No entanto, aquela noite no farol trouxe consigo uma atmosfera de celebração, um momento para admirar as cicatrizes como troféus das batalhas que haviam travado e vencido. As cadeiras vazias da cozinha, testemunhas da profunda e, às vezes, dorida conversa, agora ficavam a testemunhar uma interação diferente. Reunidos ao redor da mesa, iluminados pela parca luz das velas, Sarah e Ethan começaram a compartilhar e a revisitar as conquistas da jornada que vivenciaram.

Sarah começou um brinde, erguendo um cálice de vinho revelando a diminuta chama da vela que dançava em seu centro. "Ethan, quero propor um brinde a nós - às nossas batalhas vencidas, aos temores superados e à nova vida que construímos juntos."

Suas palavras soavam sólidas, claras e verdadeiras. Não havia mais espaço para sombras ou esconderijos em seu coração. Ethan a observava com admiração. Ele ergueu o copo em concordância e propôs: "E eu quero acrescentar mais um brinde - à sabedoria, coragem e amor que compartilhamos ao longo desses meses."

Satisfeitos, trocaram um olhar cintilante por trás dos cálices brindados, e o som cristalino desse encontro aparentemente insignificante ecoou na antiga casa, anunciando as conquistas que haviam feito. Sarah começou, compartilhando abertamente como aprendera a conectar-se novamente com a avó Isabela, entendendo e apreciando as memórias que lhe haviam sido deixadas como herança intrínseca.

"Aprendi mais sobre mim e sobre o mundo através da história de minha avó do que jamais imaginei ser possível", revelou, agradecida.

Ethan, olhando diretamente nos olhos de Sarah, acrescentou: "E eu, graças a você e à sua avó, me tornei um homem melhor e mais completo. Eu entendo os erros que cometi e aprendi a me perdoar. Acima de tudo, aprendi a amar e ser amado, mesmo quando essa caminhada parecia impossível."

A voz de Ethan era trêmula, uma beleza singela nas emoções brutas que afloravam junto com suas palavras. Sarah sorriu avaliando o quanto avançara. "Nós fomos destemidos, não fomos? Estávamos tão despedaçados, mas mesmo assim, enfrentamos a tempestade com força de vontade, coragem e meio coração para amar ", meditou, agradecida.

"Sim, não é anacrônico que nossa cura tenha começado e, de alguma forma, concluído aqui, neste farol? Que nossos destinos fossem unidos não só pela sua avó, mas também pelo seu amor ao mar?", provocou Ethan com uma sugestão de humor.

"O amor de Isabela pelo mar", acrescentou Sarah, "e, mais especificamente, esse farol, era algo que ambos compartilhávamos. Agora, carrego esta conexão comigo, ainda mais acentuada que antes e com a lembrança de que sem uma tempestade, o farol não terá propósito, mas ao mesmo tempo, sem o farol, não haveria redenção para os que estão perdidos."

O silêncio que se seguiu a essa constatação parecia sólido, quase palpável. Ambos refletiram sobre o significado que o farol adquirira no curso de suas vidas. No silêncio que abraçava o abrigo em que se encontravam, ouviam somente o farol mecanizado: o som do calor e da luz que, assim como o farol, os mantinha firmes em meio às águas inconstantes.

Declaração de amor entre Sarah e Ethan

As sombras da noite davam lugar à luz da lua, que se espriava sobre o oceano como um olhar carinhoso e fiel entre dois amantes. O mar, tão conhecido por ser um símbolo de renovação e de esperança, havia abrigado e guardado os silêncios e os mistérios de suas vidas por tempo demais. E, naquele instante, compreenderam que haviam chegado Para tal, só lhes restava um desfecho, um supremo e oblíquo gesto de redenção e de amor que pudesse, de uma vez por todas, selar e emoldurar a eternidade e a veracidade de um sentimento que nenhum deles soubera, até então, que poderiam partilhar e brotar em seus corações: a súplica de um coração que se apaixona, pela primeira vez, em meio ao abismo e ao vendaval de suas lutas e de suas crises, e que encontra, na ternura e na compreensão do outro, a promessa mais sólida e eloquente de que talvez pudessem, afinal, superar e sobreviver aos embaraços e à escuridão de seus passados e de seus dilemas.

Ganhando coragem para dar esse passo perante a paisagem indescritível

que os cercava, os olhos de Sarah buscaram os de Ethan, encontrando neles uma profundidade que até então não explorara. Foi então que ela reuniu coragem para revelar:

”Ethan, eu tenho algo para lhe dizer. É uma coisa da qual eu pouco falo, e nem mesmo para mim é fácil admitir. Mas a razão pela qual vim para cá, nesta pequena cidade litorânea, estava além do tempo, das lembranças e dos sonhos. Estava a busca de uma verdade que eu pensava inexistente, ou tão somente fugidia e sombria como um vulto à beira do oceano”, desabafou Sarah, o coração pulsando no mesmo ritmo das ondas que quebravam perto deles.

Ethan, respirando profundamente, sentindo - se em sintonia com as emoções daquela mulher singular que acompanhava, respondeu suavemente: ”Sarah, não há nada que você não possa me contar. Não tenha medo. Já enfrentamos muita coisa juntos, e estou aqui para apoiá - la no que for preciso.”

As palavras de Ethan penetraram como um bálsamo em sua alma, e Sarah pôde ver - se refletida na vastidão serena daquele olhar de espera e de ternura que a escutava e a acolhida no silêncio e no abraço da noite, e Rousseau, que seguia infinito e perdido sob o manto do céu.

”Fui esconder que só quando você tem um vá, porque adeus, que amamos retumbava a cada dia, penso em miúdos e desejo do holograma do passado e do silêncio do meu coração.”

”Ethan, eu acho que eu nunca me permiti sentir até agora nunca ousei abrir meu coração completamente a alguém. Mas, com você, a cada dia que passa, eu sinto que meu coração já não consegue mais conter o amor que sinto por você. E sei que foi você quem me ajudou a encontrar a coragem para amar novamente. Você é minha luz neste mar insondável, e eu preciso que saiba disso.”

Naquele instante, um arrepio súbito percorreu a pele de Ethan, num reconhecimento tácito e incontestável de que algo em Sarah também lhe pertencia e se comunicava com um sopro de sua alma e de seus desígnios. ”Sarah”, disse - lhe ele com uma voz que parecia ressoar e vibrar em cada grão de areia e em cada gota de água do mar que os banhava e os acariciava: ”Eu também. Eu também descobri, nestes tempos em que compartilhamos a dor e a alegria de nossa cura, algo luminoso e convalescente que me dá, novamente, a coragem e a liberdade de amar. E eu também quero que você

saiba, Sarah, que meu amor por você é maior que qualquer coisa que eu já senti antes. Não há ilusões ou dúvidas que possam me afastar de você.”

As palavras fluíram, enfim, como águas de um rio caudaloso que se entregam à vazante do oceano, e não havia mais resquício de passado ou de sofrimento que pudesse lhes deter o percurso e o encontro. Selaram, naquele instante, o amor que viam refletido um no olhar do outro, como um farol que flutuava e fundia, na imensidão das sombras e das águas, todas as memórias e todos os desejos que lhes serviam, agora, como um porto seguro e como um laço perene de reconciliação e de absolvição.

Os olhos de Sarah brilhavam com a iminente realização do amor em sua alma, e as lágrimas que lhe corriam pela face eram as lágrimas de alegria e de esperança que os mares, as tempestades e os ventos haviam desejado e estremecido ante a iminência e a revelação do coração humano que, sem saber e sem poder, sempre estiveram ancorados na promessa e na travessia de um farol que, nas mãos e no olhar de Sarah e Ethan, se encontrava, enfim, redimido e transfigurado no mais terno e sublime dos abraços.

A celebração de uma nova vida na praça central

Na tarde límpida e luminosa que parecia celebrar, com seu calor dourado e manso, a ressurreição do amor no coração de Sarah e de Ethan, a pequena praça central da cidade costeira era um palco não só das alegrias e esperanças do casal, mas também das vivências e aspirações de outros corações que, como o de Sarah e Ethan, se se encontravam perdidos e ansiando por um abrigo e um horizonte para suas vidas, interstícios e apelos.

Era, naquele dia, a preparação para uma grande festa em homenagem aos pescadores, que compunham uma parte essencial e orgulhosa da identidade e da história daquele lugar abençoado pelo mar e pelo litoral. As gentes da cidade, iluminadas por essa celebração que prometia perdurar pela noite, a passos rápidos e animados transmitiam não só a camaradagem e a fraternidade, mas também uma profunda conexão com o mar e com a natureza, que os acolhia e os abençoava com uma paisagem bela e próspera e com um lugar em que pudessem criar raízes e levar uma vida simples e significativa.

Amarrando um ramalhete colorido e brilhante de flores, margaridas, crisântemos, rosas e jasmims, Sarah e Ethan estendiam aos moradores daquele

lugar não só a simbolização de um agradecimento terno e imperecível a tudo o que vivenciaram e partilharam ao longo daquele tempestuoso e encantado verão à beira - mar, mas também uma promessa de que zelariam e não esqueceriam do legado e das responsabilidades que tinham para com o lugar, as pessoas e as histórias que lá perpetuavam e acalentavam.

Ao pararem com os preparativos por alguns instantes, encostados no beiral da loja de Joaquim, onde se conheceram em uma tarde ventosa e quente, o olhar de Sarah encontrou Ethan, com uma cumplicidade e um calor que afirmava, sem dúvidas ou hesitações, o quanto cada lição, cada encontro e cada lágrima haviam sido necessárias e incontestáveis em sua caminhada em uma direção à paz, à cura e ao amor.

Sarah engoliu em seco e lançou - se ao desabafo. "Você sabe, Ethan", começou ela com uma voz quieta e hesitante, "não posso deixar de pensar nesse lugar e nas pessoas que compõem sua história - pessoas como minha avó, que se enamoraram pelo mar como ela o fez, e cujas vidas passaram por tantas tormentas e naufrágios, mas que, mesmo assim, souberam encontrar na tenacidade e na beleza da natureza e do oceano uma esperança e um porto seguro". As palavras de Sarah fluíam como um rio, cujas águas buscam os braços abertos e atentos do mar.

Ethan segurou delicadamente sua mão e devolveu o olhar com a doçura e a compreensão que só ele sabia como comunicar a ela, em um gesto silencioso e eloquente de um amor que os ia a reconciliar e resgatar dos desafios e dos vendavais que os agrediam.

"Sim", disse ele com um sorriso tímido e uma voz embargada pela emoção, "partilho dessa história e dessa paisagem em que minha vida ganhou um novo sentido e um novo rumo, e da qual me sinto, agora, eternamente grato e cuidadoso. Agradeço - lhes todas as noites, enquanto caminho pela praia e contemplo a dança das estrelas e das ondas, a sabedoria e o carinho com que, sem saber, foram tecendo nosso encontro e nosso amor neste paraíso à beira - mar".

O silêncio que se seguiu a esse desabafo incontido e sincero era o mesmo silêncio que louvava e reafirmava, desde o início de suas vidas e de suas caminhadas, a força e o poder de um farol que alumia e calentava, mesmo em tempos de desolação e de partidas, o coração e a paz das gentes e dos amantes que necessitavam de sua luz e de seu caminho.

A celebração na praça central, entretanto, não era meramente uma ode

à alegria da redenção e da vida nova que encontravam em seus braços e em seu amor, mas também um testemunho do quanto valia a pena enfrentar e respeitar as dores, os desejos e os silêncios que, sem perceber, os iam ensinando, em cada sorriso e em cada choro, a lidar mais generosa e mais serenamente com o desdobraimento e com a beleza de suas vidas e de seus corações.

Foi, naquele entardecer, um encontro inesperado e prodigioso não somente de Sarah e Ethan, mas também de todos os que, como eles, acreditavam e depositavam no encanto e na luz do farol a certeza de que seus olhares e suas vidas poderiam, afinal, ser iluminados pela promessa e pela coragem do amor e de um mar inconstante e grandioso que, em seu silêncio e em suas ondas, perpetuava e convidava a uma celebração de redenção e cura, sempre a beira do infinito e da eternidade.

Homenagem à avó Isabela

As lágrimas que brotavam dos olhos de Sarah confundiam - se com as águas salgadas do oceano, compondo um termômetro líquido e elástico da profundidade de suas dores e de suas saudades. Estava diante do relicário de conchas e destroços marinhos que sua avó, Isabela, cuidadosamente colecionara durante a vida e que agora, em um gesto de afeto e de resistência, ela pretendia consagrar e immortalizar em uma oferenda ao mar e àquela natureza que tanto amara e sofisticadamente explorara. Numa gaveta que por décadas manteve fechada, Sarah encontrou bilhetes e cartas escritas pela avó, Isabela, onde as palavras pareciam ganhar, em suas mãos, a vida e a eloquência dos corais e dos peixes que nadavam, iridescentes e incansáveis, no oceano de suas vidas.

Era no manto da noite, a mais majestosa e fértil das vestimentas em que a vida se transvestia e se transfigurava, que Sarah intentava, enfim, homenagear e desvendar esses manuscritos e essas missivas que sua avó, por razões que ela ainda desconhecia, ocultara e acumulara no silêncio e no abandono de uma lembrança que precisava, a todo custo, encontrar sentido e redenção naquele momento de um adeus e de uma realização solene e de um olá para um novo começo.

Ethan, cômico da delicadeza e da intimidade dessa homenagem que Sarah prestava à avó, permanecia, a alguns passos, contemplando a lua

crescente e a languidez das ondas que se desenrolavam e escorregavam para o abismo e para a eternidade daquele mar que os rodeava e, incansavelmente, lhes acariciava e lhes ilustrava a passagem e o espetáculo da natureza e da vida. Estava ele também vivenciando, em sua alma, a conquista e a redenção de um abraço e de um perdão que, até então, não soubera nem ao menos conceber a aceitar.

Mergulhavam, naquele instante e naquela oferenda, a emoção e a vastidão de um oceano que lhes desvelava e lhes aplacava, com a serenidade e com a intensidade de uma mensagem e de um encontro que, por séculos e por desígnios, escondera e invejara a possibilidade e a revelação do amor e da eternidade.

O som das ondas que bateram nas dunas de areia era similar ao som dos corações que se afrouxavam e se libertavam dos pesos e das dores de um passado que já não lhes servia ou lhes aconchegava. Era preciso, naquele minuto e naquela cerimônia, renovarem a fé e o sentido de suas vidas, enfrentando e consagrando o legado e os desafios de tudo aquilo que, a ferros e a punhos, os havia, até então, esmagado e massacrado.

De mãos dadas com Ethan, bebeu Sarah à força e à resistência das estrelas e dos astros que, naquela noite histórica e arrebatadora, pareciam vacilar e desfilar o inaudito e o abismo de uma dor que, naquela oferenda, se encontrava redimida e reconciliada.

Em um arroubo silencioso, Sarah murmurou às águas as palavras que sua avó escrevera e que, naquele minuto e naquela era, ela ousava e desejava compartilhar com as lágrimas e com os desejos do mar e da vida que os daqueles abismos e inconstâncias escutara e acolhera.

”E agora, minha avó querida e sagrada, deixo - te entrar no abismo e emergir como uma onda que, com sua força e sua valentia, se transforma e se desata no mais luminoso e indomável dos faróis”, contemplou o Ethan, que segurava carinhosamente a mão e o pulsar de todas as intempéries e alegrias que se desdobravam e se alinhavavam em suas vidas e em seus olhares.

Era um gesto soberano, e sensível, de se iniciarem e de se transformarem, como se nunca antes tivessem compreendido tal profunda e incandescente arte de se olhar, de se amar e de se desdobrar na ânsia e no conforto de uma experiência e de um desfile inaudito e indomável, como as ondas e as lágrimas que Sarah e Ethan contemplavam, em um enlevo e em uma comunhão magistral e infinita.

É, em meio a esse encanto e a essa temperatura que, juntos, demonstram, como nunca antes, a capacidade e a coragem de navegar em um mar que observavam, em suas mãos e suas vidas, a conquista e a revelação de um amor e de uma história que, agora redimida e desvendada, lhes prometia e lhes desvendava, como o farol e o desfile das estrelas e do mar, um horizonte mais uma vez possível e luminoso.

Descobrimo a história do farol reconstruído

A luz do amanhecer, tímida e trêmula, delineava pouco a pouco o contorno da cidade adormecida e silenciosa. Na praia, as ondas e a areia faziam as vezes de confidentes e súditos do espetáculo que se desvelava e reinventava a cada dia, como se o armistício entre a noite e a luz fosse um pacto de renascimentos e redensões diárias. Os passos de Sarah e Ethan desenhavam, no horizonte em transição, a tristeza e as esperanças de seus olhos e de seus esforços, contornando um caminho de cura e de amor que, ao deparar-se com o farol desgastado e à hausto no limite das falésias, ganhava novos contornos e inesperadas significações.

Sarah, absorta em lembranças e sentimentos mistos, deteve-se a observar a inscrição que, coberta por musgos e líquenes, desaparecia no tempo e na memória do farol e das pessoas que por lá peregrinavam.

Ethan, ao perceber o olhar indagativo e encantado de Sarah, sorriu, como se houvesse passado a vida à espera daquele encontro e daquele momento em que, diante das ruínas e das promessas do farol, desvendavam não somente a si próprios e aos seus corações, mas também a história daquelas gentes e daquelas curvas com que a geografia e o destino abraçavam, em um eterno jogo de luz e sombra, o farol e o amanhecer que os reconstruía e direcionava.

"Não é um farol como qualquer outro", começou Ethan com uma voz suave e pausada, enquanto acariciava, com ternura e lentidão, a mão de Sarah, "este farol tem uma história, sabes? Em nossa cidade, as pessoas dizem que foi a partir dele que tudo começou. A existência desta cidade está intrinsecamente ligada a este farol".

Sarah, com seus olhos brilhantes de emoção e curiosidade, virou-se para Ethan e indagou, hesitante e expectante: "E o que faz deste farol tão especial, Ethan?"

Ethan, com o olhar fixo no horizonte pintado pelas cores e pelas luzes

de um amanhecer que antecipava uma nova vida e uma nova perspectiva, respondeu: "São as histórias, Sarah As histórias que nos fazem lembrar que nós, seres humanos, somos apenas passageiros neste mundo incrível e misterioso. Há uma lenda em nossa cidade, compartilhada entre os moradores como uma saga que ecoa do passado ao futuro. Dizem que este farol foi construído por um homem chamado João, que desesperadamente buscava curar a dor de ter perdido o grande amor de sua vida para o furor e para o abismo do mar. Era a forma com que ele encontrava, dia após dia, de contemplar o horizonte e de se reconciliar com as enfermidades e as juras do oceano".

"João, com as próprias mãos e a ajuda de um punhado de moradores, ergueu este farol não somente como um monumento à memória de sua amada, mas também como um farol para sua própria esperança e redenção. Dizia - se que à noite, quando o farol iluminava o mar e a costa com sua luz forte e incandescente, ele se sentava no alto do penhasco e sussurrava palavras de amor, de saudade e de perdão às sombras e às sombras. Cantava, em um doloroso e silencioso coro, a dor de estar vivo e a sagacidade de continuar redimindo - se dos sofrimentos e das perdas que a natureza e o destino haviam reservado a ele e a tantos outros que aqui chegavam e se encontravam".

Sarah, embargada pela emoção e contemplando a grandiosidade e a solidez daquele farol que presidira e tecera, com sua luz e suas sombras, a trama e o poema das vidas e dos seres que com suas mãos e seus olhos, haviam empreendido infinitas viagens e imemoriais diálogos ao pé das falésias, pensou nas aves que, a exemplo de João e das gentes que o acompanhavam, encontravam, no balanço e no olhar da eternidade, o bálsamo e as certezas de que prevaleceriam e atravessariam, não importava o tamanho das tempestades e das dores, os mares gélidos e indômitos que os desafiavam e os tentavam.

Ao fitar, com a menina dos olhos brilhantes e vermelhos, miragens e esperanças que, na força das ondas e da luz do farol, desamparavam o passado e o abismo e desvendavam, com um profundo deslumbramento e ternura, a promessa e o desígnio de um amor despojado e luminoso como um amanhecer que, despedindo - se do tumulto e das trevas da noite, mostrava - se, como a tarde e a vida, refratário ao tempo e à finitude.

Sarah, tomada pela emoção da história do farol, envolveu Ethan em

seus braços e chorou, como se as lágrimas de alva e esperança que soltava pudessem, de alguma forma, ressignificar e exaltar o legado e as dores de João e das gentes que, seguindo seu rastro e sua memória, haviam se perdido no tempo, no mar e na angústia que somente um coração enfraquecido e destroçado conhecia e habitava.

”Então, é isso ”, balbuciou Sarah, com o coração e a voz tremendo como a manhã que os abraçava e adentrava, ”este farol é um testemunho das dores e dos amores que nos definem e nos redimem, um refúgio para as almas como as de João, que não encontram paz ou sentido no cruel jogo do destino e da existência”.

E, com um beijo terno e promissor, Ethan e Sarah selaram, na areia e na memória daquela clareira onde João e tantos outros corações haviam descoberto, e com o riso e o choro perpetuado, um farol e uma crença que, fortalecendo e iluminando em suas vidas e em suas juras, auscultava e reiterava, de um modo imponderável e incontestável, a primazia do amor e da redenção que porventura, em um abraço e compartilhamento, abraçava e transcendia.

Compromisso com a superação e o perdão

No canto mais escuro da velha casa de praia, em meio aos destroços que o tempo deixara como marca e lembrança de sua passagem, Sarah encontrou um álbum de fotografias. Desbotadas pelo sol e gastas pelo uso e o afeto, nelas refletiam - se as memórias de seus antepassados, que ali, junto às águas e aos sussurros do mar, desvelavam e confidenciavam seus temores e seus amores, suas derrocadas e suas sagradas redenções.

Ethan, que pela janela contemplava o mar e sua dança irrefreável e solene, entreolhou - se com Sarah e notou que algo de muito profundo a abalava e lhe estremecia a alma como o trovão e o relâmpago que, naqueles minutos e naquelas vidas, se desprendiam e ilustravam a aura e a ternura que ardia entre eles, em um arroubo e em uma entrega tão indômita e vívida quanto a esperança e o azul que afloravam em seus olhos.

”Preciso lhe contar algo”, balbuciou Sarah, prendendo a respiração como quem, diante de uma revelação e de uma possibilidade que há muito vaga e velada em sua mente, já não sabe ao certo se deseja ou se enuncia.

Ethan tomou, com carinho e singeleza, as mãos de Sarah e pôde perceber,

com seu olhar transcendental e sensato, que somente o calor daquela troca e daquela confiança lhe conferiria a força e a luminosidade necessárias para enfrentar e desvendar o passado, o abismo e o inesperado que Sarah carregava silenciosamente e, no entanto, tão eloquentemente, em suas palmas e em seus gestos.

”Eu sei o quanto deve lhe doer e lhe apavorar”, disse Ethan, com uma voz que embalava e acariciava a emoção e a dor que precipitavam e ferviam nas veias e no peito de Sarah. ”Mas, por favor, não se engane ou se esqueça de que é justamente esse encontro, essa entrega e essa habilidade de enfrentar e conquistar seus fantasmas que irá libertá-la e levá-la ao verdadeiro e primordial alcance de sua vida e de sua alma.”

Ao ouvir essas palavras, Sarah desatou a chorar e, num arrebatado e prestação tão inefável e poética quanto o sussurro e o desdobrar de uma onda que, com sua força e com sua sabedoria, divulga ao mundo e às estrelas o movimento e a caminho da natureza e da eternidade, mergulhou em suas memórias e travou com seus medos e seus anseios um diálogo e um combate insólito e irrefragável, como a paisagem e o lamento que, por aqueles instantes e aquelas léguas, os rodeava e os desafiava.

Ethan, que se manteve ao seu lado e, com suas mãos e com seus olhos, lhe proporcionava a serenidade e a força de que tanto carecia e tanto almejava, agora compreendia que, naquele passeio e naquele universo que juntos conceberam e desfrutaram de todas as formas e de todas as épocas e estações, encontravam, perante a luz da madrugada e a voz do céu e das águas, a redenção e o perdão que por tanto tempo sonharam e buscou.

Sorriu, com as lágrimas ainda presas nas pupilas, Sarah. Havia, naquele instante e naquele compasso, encontrado e provado, como nunca antes, a magnitude e a celebração que só o perdão e a superação possuem, o imponderável poder de moldar e reinventar o passado, o presente e o futuro com o ferro e o desígnio de quem, com coragem e beleza, entrelaça, como com as conchas e as estrelas que coletara, a força e a majestade dos laços e dos contratiempos que oscilam e preenchem, como o bálsamo e a alvorada, suas vidas e sua redenção.

”Perdão, Ethan”, soluçou Sarah, com a menina dos olhos e a esperança a transbordar de seu olhar e de seu apreço, ”não foi fácil e jamais me desculparei o suficiente por não lhe ter revelado tudo isso antes. Mas sinto que, com o seu apoio e com a sua paciência, conseguirei atravessar essa

tormenta, esse mar que, dia após dia, me inunda e me delinea em sua própria e inconfundível sabedoria e trajetória.”

”O perdão e a superação, minha querida Sarah”, respondeu Ethan, com solenidade e carinho, ”são práticas e desafios que, um dia, cada um de nós precisa aprender e absorver. Posso lhe garantir que, juntos, alcançaremos coragem e redenção suficientes para enfrentar e desvendar esses oceanos, esses infortúnios e esses desdobramentos da vida e da natureza que por ora nos parecem insondáveis e aterrorizantes.”

E, com um olá e um adeus que simbolizava e reverenciava todas as comunicações e todos os diálogos que por séculos e por desígnios empreenderam e enfrentaram, a história e o último suspiro daquelas vidas que, no conforto e na releitura de suas dores e de suas memórias, encontraram um sentido e um abraço indelével e incandescente.

Era, enfim, o momento e a jornada em que se renovavam e, como nunca, se refaziam, com um olhar e um sorriso que, diante das ondas e da natureza que àquele encontro e àquela encruzilhada testemunhavam, transpunham e ilustravam, naquela tarde e em suas mãos, a impenitente e imponderável arte e celebração do perdão e da superação.

A proposta de construir um futuro juntos

O vento conspirava com as ondas do oceano, arrastando lembranças dos rostos que encontravam-se de frente àquele horizonte. Sarah e Ethan, de mãos dadas, caminhavam pelo contorno lascivo das ondas que dançavam ao som de uma melodia perdida no tempo. Um arrepio quente percorreu a alma deles, um choque de presentes e passados.

- Sarah, já faz um tempo que eu queria falar com você sobre algo que não sai da minha mente. Eu sei que nós já passamos por muitas coisas juntos, desde que nossos caminhos se cruzaram nesta praia. Entretanto, antes de eu dizer qualquer coisa, quero que você saiba que não quero te pressionar agora. Tudo o que eu quero é ser honesto com você e te mostrar um pedaço do meu coração que antes, por medo e insegurança, eu escondia.

O olhar de Ethan refugiava-se no infinito que desenhava a linha na qual o oceano beijava o céu. Sarah contemplava aquele homem que havia transformado sua vida em tão pouco tempo, sabia que o mistério e a insegurança tinham sido parte de suas vidas desde o início, podiam ser tão

silenciosos e profundos quanto o próprio mar.

Seu coração batia acelerado diante da possibilidade de uma revelação que mudaria a vida deles mais uma vez. Involuntariamente, as memórias do passado revisitaram sua mente, lembrando-a das cicatrizes que ainda carregava. Tentando controlar o nervosismo, Sarah esforçava-se para se manter focada no presente, no calmo balanço das ondas e no carinho que emanava do olhar de Ethan.

Ethan respirou fundo e, reunindo a coragem que lhe restava, retomou:

- Sarah, desde o primeiro momento em que te vi, eu sabia que havia algo especial em você em nós. A conexão que tivemos, mesmo em meio à dor e sofrimento que cada um enfrentava, foi algo que eu jamais havia experimentado antes. E, ao longo dos dias que se seguiram, essa conexão só cresceu, transformando-se em algo muito mais profundo e verdadeiro.

Sarah, tomada pela emoção, o interrompeu.

- Ethan, eu também senti isso, desde o começo. As cicatrizes do passado nos trouxeram juntos e as feridas começaram a cicatrizar pouco a pouco, com a ajuda e o conforto um do outro.

Os olhos de ambos marejaram, e a brisa salgada do mar tornava impossível distinguir as lágrimas das gotículas trazidas pelo vento.

Ethan, colocando a mão no bolso, sentiu a frieza do pequeno objeto que guardava ali desde o início do dia.

- Sarah, minha vida mudou para sempre quando te conheci. Você trouxe luz às sombras que habitavam meu coração e me ajudou a enfrentar os medos e fantasmas que assombraram minha existência. Você me deu a capacidade de enfrentar o mundo novamente, com coragem e esperança. E é por isso que eu quero, preciso dizer: eu amo você.

Seu rosto estava vermelho de emoção, e as lágrimas fluíam com fervor pela face marcada de um homem que se mantinha tomado pelos sentimentos.

- Eu amo você também, Ethan. Eu amo você mais do que jamais imaginei ser capaz de amar alguém - respondeu Sarah, com um misto de alegria e medo.

Ethan tirou o pequeno objeto do bolso e, ajoelhando-se diante dela, desvelou um anel delicado e reluzente, feito com o mesmo material que lhe havia contado a história daquele farol.

- Sarah, eu peço a você que sonhe comigo, que acredite no nosso amor e na redenção que encontramos um no outro. Deixe-me fazer deste verão, da

nossa jornada de cura e despertar, o início de uma vida inteira juntos. Você aceita embarcar nesta aventura comigo? Você aceita ser minha companheira pela vida, carregando consigo a luz e o calor do amor que encontramos neste lugar especial?

O silêncio que se seguiu durou apenas um breve momento, mas o gosto de infinito deixado pelas palavras de Ethan fez parecer uma eternidade.

- Sim, Ethan - Sarah finalmente respondeu, com olhos cheios de esperança e um sorriso que se formava, não como o nascer do sol que tinham testemunhado juntos tantas vezes, mas como o encontro de dois corpos celestes que só poderiam ter acontecido depois de percorrerem verdadeiramente a escuridão das suas almas - Sim, eu aceito.

E, naquele horizonte em que o oceano beijava o céu, um novo capítulo se iniciava na história de Sarah e Ethan, um capítulo construído em cima do amor e da redenção que só foram capazes de encontrar quando aceitaram compartilhar suas vidas e abrir seus corações um para o outro.

O por do sol simbolizando o renascimento e a redenção

Naquele entardecer em que o sol despenca-se lentamente na vastidão do horizonte, delineando com seu derradeiro raio as janelas, as conchas e as sombras que ali há tempos dançavam e confabulavam seu latente lamento e sua ardente esperança, Sarah e Ethan retornaram ao seu encontro e ao seu abraço mais terno e primitivo, à beira-mar, onde outrora se abrigaram e compreenderam que, como o sol e a lua, como a areia e a salvação, desperdiçaram muito de suas vidas em busca de algo que já escorria e fluía, como a brisa e a lembrança, em cada lágrima e cada soluço que juntos vertiam e ofertavam ao oceano e ao infinito que ali, com suas ondas e seus sussurros, ao longe alcançavam e em uma só verdade e tempo, fundiam-se.

De mãos dadas, contemplaram, em um silêncio tão eloquente e profundo quanto a nova e indomável vida que, em seus olhos e suas batidas, ressuscitavam e consagravam, a magnanimidade e o deslumbramento que por séculos e porventura a aurora e a poeira testemunharam e ancoraram em seu desígnio e caminho. Era, sem sombra de dúvidas ou de hesitação, o exato momento e o exato local em que Sarah e Ethan encontrariam, como em um milagre e em uma revelação mais deslumbrante e significativa que qualquer prece ou segredo que seus lábios ou seus anseios confessassem

em seus escuros e desconhecidos caminhos, o renascimento e a redenção que, como a música e os raios que ali se sucedem e abaçanam, outrora desacreditaram e desdenharam encontrar.

”Você conseguiu, Ethan”, sussurrou Sarah, com um olhar e um sopro que, como o próprio entardecer e a íris que os rodeava e os abrigava, fazia nascer, naquele instante e naquele abraço, a mais profunda e íntima admiração e respeito que, como a brisa e a memória, na história e na areia se tatua e se revela.

Ethan, que o olhar mantinha perdido e imerso na comunhão e na ternura que o mar e o céu enamorado e próximo sustentavam e escreviam, voltou-se lentamente a Sarah e pôde perceber, através das lágrimas e da alegria que sufocava e emoldurava sua expressão e seus olhos, a imensurável gratidão e o encantamento que seu amor e sua dedicação lhe proporcionara e redimira, do abismo e do tortuoso caminho em que, com inabalável sabedoria e paixão, encontrou e beijou o farol e o renascimento que, por aquele momento e por aquela paisagem, os portava e os acenava.

”Não fui eu, minha querida Sarah, quem conseguiu ou redimiu - se”, balbuciou Ethan, com um sorrir e um arrepiar que, como a última carícia e a última lembrança de seus ancestrais e de suas memórias que ali, com as ondas e os corais, se entrelaçavam e percebiam, ”é somente através de nosso olhar, de nossa entrega e de nosso abraço que conseguimos enfrentar e decifrar o sol e a lua, a vida e a eternidade que, como a madrugada e a voz que nela se espelha e se desdobra, encontramos e redimimos, em cada olhar e cada suspiro, em cada lágrima e cada passo que, juntos, caminhamos e escrevemos nesse farol e nessa imensidão que agora, com todas as suas estrelas e todos os seus abraços, nos pertence e nos segreda.”

E, com uma leveza e uma melodia tão sublimes e inefáveis quanto o rugido e o afago da espuma e do vento que por aquelas praias e por aquelas falésias conheciam e desvendavam até o menor grão e a mais fugidia essência, Sarah e Ethan entregaram-se, como nunca antes, àquele momento e àquele desígnio que, com sua coragem e com sua eternidade, estampavam e simbolizavam o renascimento e a redenção que suchencontraram e, como a aurora e os reflexos que nela brilham e se perpetuam, seguiram e sussurraram, como uma lágrima e uma reza que, com seu amor e suas juras eternas, no por do sol e no abraço do universo que ali os acolhiam e os desafiavam, lacrava e percorria, com as estrelas e a esperança, a impenitente e insondável arte e

celebração de amar e de redimir - se.